

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

AMANDA MOTTA CASTRO

FIOS, TRAMAS, CORES, REPASSOS E INVENTABILIDADE:  
A FORMAÇÃO DE TECELÃS EM RESENDE COSTA, MG

SÃO LEOPOLDO

2015

Amanda Motta Castro

**FIOS, TRAMAS, CORES, REPASSOS E INVENTABILIDADE:  
A formação de tecelãs em Resende Costa, MG**

Tese apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Doutora,  
pelo Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade do Vale do  
Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edla Eggert

São Leopoldo  
2015

Amanda Motta Castro

FIOS, TRAMAS, CORES, REPASSOS E INVENTABILIDADE:

A Formação de Tecelãs em Resende Costa, MG

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edla Eggert

Aprovado em 09 de janeiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edla Eggert

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elí Bartra y Muriá

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Tereza Goudard Tavares

---

Prof. Dr. Telmo Adans

---

Prof. Dr. Danilo Romeu Streck

São Leopoldo  
2015

*Para meu filho Filipe, meu amor e minha alegria, desejando que ele possa crescer com relações de gênero mais justas e igualitárias.*

*Para as mulheres artesãs, que com pouco fazem muito.*



## AGRADECIMENTOS

Elaborar uma tese é um caminho solitário... Entretanto, ao término de quatro anos de trabalho, pessoas estiveram ao meu lado, fazendo essa trajetória coletiva e não individual. Acredito que a gratidão é uma das coisas na vida que não *prescreve*. Portanto, agradeço ao *coletivo* que esteve comigo, a saber:

- ❖ À CAPES, que possibilitou esta pesquisa bem como o doutorado sanduíche na Cidade do México.
- ❖ Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS, professoras, professores e secretárias pelo acolhimento, momentos partilhados e pelas diversas vezes que me auxiliaram.
- ❖ À Univesidad Autónoma Metropolitana (UAM-X) que, pelo Programa de Estudios de la Mujer, me recebeu para o doutorado sanduíche e, por seis meses, me ajudou muito nas várias demandas que temos como estrangeira.
- ❖ À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edla Eggert, pela orientação que me deu durante os quatro anos de pesquisa, pelo apoio, generosidade e partilha de conhecimento.
- ❖ À minha orientadora do doutorado sanduíche, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elí Bartra, que, junto com sua família, me acolheu na Cidade do México com momentos especiais que estão registrados em minha memória. Elí, obrigada pela sua generosidade, carinho e atenção comigo. Gracias!!
- ❖ À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elí Bartra, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Tereza Goudard Tavares, ao Prof. Dr. Telmo Adans e ao Prof. Dr. Danilo Romeu Streck que, generosamente, aceitaram o convite de ler estes escritos e fazer parte da Defesa desta pesquisa.
- ❖ Agradeço ao meu companheiro, amante, amigo, parceiro e marido César. Obrigada pelo companheirismo, parceria, incentivo, amor, afeto, compreensão, apoio e por ter me dado força sempre que precisei nessa jornada e em tantas outras em que você esteve presente. Obrigada por cuidar tão bem do nosso filho Filipe, permitindo-me ir e vir tranquila sempre que necessário. EU TE AMO! Nós dois somos o que, nas Minas Gerais, chamam “*queijo com goiabada*”. A você, muchas gracias!!!!
- ❖ Filipe, você é a coisa mais bonita e fofa que me aconteceu. Amo você, meu amor, de todo o meu coração!!!
- ❖ À minha mãe, por me cuidar e me ensinar coisas valiosas que levo comigo desde a infância. Obrigada também ao meu padrasto Claudio pelas palavras de ânimo.
- ❖ Aos meus quatro irmãos, Eduardo, Jidrafe, Efraim e Ruy. Meninos, é emocionante ter irmãos tão nobres como vocês! Obrigada por fazerem parte da minha vida nos momentos tristes e alegres dos fios que nos tramaram desde a infância. Amo vocês demais, sobretudo por vocês existirem e estarem comigo. Obrigada!!!

- ❖ Ao Programa de Gênero e Religião da EST, minhas colegas de trabalho, pela força e ajuda, em especial um grande SUPER VALEU à minha chefe Marcia Blasi, uma das pessoas mais bonitas que conheci na vida, e ao meu chefe André Musskopf, uma pessoa de grande generosidade. A vocês, muito obrigada!!
- ❖ Às pessoas que leram os primeiros manuscritos desta tese: Ana Claudia Godinho, Douglas Rosa, Danieli Busanello Krob e David Vier. Obrigada por afetuosamente terem corrigido meus erros de português e ortografia.
- ❖ Aos dois lugares que me constituem, tanto na teoria como na prática cotidiana: o feminismo e a Educação Popular! Obrigada a tod@s que estão em movimentos sociais, academias, ONGs e em tantos outros lugares formais ou não formais, lutando e trabalhando por um outro mundo!!!
- ❖ Aos meus muitos amigos e amigas espalhados mundo afora, impossíveis de serem aqui nomeados porque são muitos. Agradeço a vocês pela parceria e amizade!
- ❖ Às mulheres e homens que aceitaram participar desta pesquisa. Obrigada por terem partilhado comigo o cotidiano e por terem permitido que esse cotidiano fosse academicamente sistematizado. Sem dúvida, as marcas de vocês me marcaram, e por essa partilha lhes sou grata.

*Hay que meditar seriamente sobre nuestra condición, y luchar por la causa del género y sobre todo, hay que reír, pues la risa, y ahora sabemos, es el primer testimonio de la libertad.*  
(HIERRO, 2007, p 94)

## RESUMO

A Tese analisa como ocorre o processo pedagógico de ensinar e aprender da tecelagem manual realizada por mulheres no município de Resende Costa, estado de Minas Gerais/Brasil. A metodologia da investigação teve como base a pesquisa participante, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e observação participante. Foram realizadas duas imersões na localidade nos anos 2011 e 2012, sempre nos meses de julho. A análise dos dados foi embasada na hermenêutica feminista e na Educação Popular. Entre os resultados encontrados, observa-se que o processo de produção artesanal compreende uma série de técnicas e conhecimento automatizado e invisibilizado e que, por ser um trabalho basicamente feminino, a complexidade percebida pelo olhar de quem pesquisa parece desfazer-se na vida das artesãs, dando lugar ao invisível. Este estudo conclui ainda que um dos processos mais ricos na formação das tecelãs acontece por meio da necessidade e do desejo de partilha: o repasso. Estabelecemos esse conceito como sendo um método singular na ação singular de manter a tradição da tecelagem numa corrente viva de repassar o que as artesãs mais experientes possuem e repassam a outras mulheres que elas escolhem serem as novas detentoras das técnicas do tecer.

**Palavras-chave:** Educação Popular. Estudos Feministas. Tecelagem Manual. Formação.

## ABSTRACT

The dissertation analyses how the pedagogical process of teaching and learning manual weaving occurs among women in the city of Resende Costa, Minas Gerais, Brazil. The methodology of investigation was based on the participant research done through semi-structured interviews and participant observation. There were two immersions in that location in the years of 2011 and 2012, both in the month of July. The data analysis was based on Feminist hermeneutics and Popular Education. Among the results, it was observed that the process of artisanal production comprehends a series of techniques and knowledge automatized and invisibilized for basically being a female production, the complexity perceived by the one of who researches seems to disappear in the lives of the artisans, giving place to the invisible. This study concluded also, that one of the richest processes in the formation of the weavers takes place through the necessity and desire of sharing: the passing forward. A concept which we established as being a singular method in the singular action of keeping the tradition of weaving in a living flood of passing forward what the most experient artisans have and pass forward to other women who they chose to be the new owners of the techniques of weaving.

**Keywords:** Popular Education. Feminist Studies. Manual weaving. Formation.

## RESUMEN

La tesis analiza como ocurre el proceso pedagógico de enseñar y aprender la tejeduría manual realizado por mujeres en el municipio de Resende Costa, Estado de Minas Gerais/Brasil. La metodología de la Investigación tuvo como base la Investigación Participativa, realizada por medio de entrevistas semi-estructuradas y de la observación participante. Fueron realizadas dos inmersiones en la localidad, en los años 2011 y 2012, siempre en los meses de julio. El análisis de los datos estuvo basado en la Hermenéutica Feminista y en la Educación Popular. Entre los resultados encontrados se observa que el proceso de producción artesanal comprende una serie de técnicas y conocimiento automatizado e invisibilizado y que por ser un trabajo básicamente femenino la complejidad percibida por la mirada de quien investiga parece deshacerse en la vida de las artesanas, dando lugar a lo invisible. Este estudio concluye además, que uno de los procesos más ricos en la formación de tejedoras se da por medio de la necesidad y del deseo de compartir: el transmitir. Concepto que establecemos como siendo un método singular en la acción singular de mantener la tradición de la tejeduría en una corriente viva de transmitir lo que las artesanas con más experiencia poseen y transmiten a otras mujeres que ellas escogen para ser nuevas detentoras de las técnicas del tejer.

Palabras clave: Educación Popular. Estudios Feministas. Tejeduría Manual. Formación

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ANPED – Associação de Pós-graduação em Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia

EST – Escola Superior de Teologia

FUFSE – Fundação Universidade Federal do Sergipe

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

MPB – Música Popular Brasileira

PAD – Programa do Artesanato Brasileiro

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPG – Programa de Pós-Graduação

PT – Partido dos Trabalhadores

PUCMG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

UACM – Universidad Autonoma de la Ciudad del Mexico

UAM – Universidad Autonoma Metropolitana

UCG - Pontifícia Universidade Católica de Goiás

UFEP - Universidade Federal do Espírito Santo

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPel – Universidade Federal de Pelotas

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UNAM – Universidad Autonoma del Mexico

UnB – Universidade de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho

UNIMESP - Centro Universitário Metropolitano de São Paulo

UNIP - Universidade Paulista

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

USP – Universidade de São Paulo



## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Roca manual. Alvorada/RS/BR.....	17
Fotografia 2 – Tecelã tecendo. Resende Costa/MG/BR.....	17
Fotografia 3 – Tear. Museu de Artes e Ofícios/Belo Horizonte/MG/BR.....	30
Fotografia 4 – Tear em aldeia Maia. Próximo a Chichén Itzá/MX.....	30
Fotografia 5 – Tear que esta na família a três gerações. Resende Costa/MG/BR.....	31
Fotografia 6 – Entrada do Museu Frida Kahlo. Cidade do México/DF/MX.....	32
Fotografia 7 – Exposição “Os vestidos de Frida”. Museu Frida Kahlo .....	36
Fotografia 8 – Exposição “Os vestidos de Frida”. Museu Frida Kahlo .....	36
Fotografia 9 – Bandeiras da Festa do Dia dos mortos. Cidade do Mexico/MX.....	37
Fotografia 10 – Teares de pedal. Resende Costa/MG/BR.....	38
Fotografia 11 – Tear manual exposto no museu de Artes e Ofícios. Belo Horizonte/MG/BR....	43
Fotografia 12 – Tear exposto no Museu Nacional de Antropologia da Cidade do México/DF/MX .....	45
Fotografia 13 – Tear de liço. Alvorada/RS/BR.....	45
Fotografia 14 – Tecelã trabalhando em tear de cintura. Zinacantán/ Chiapas/MX.....	46
Fotografia 15 – Fios para tecer. Resende Costa/MG/BR.....	49
Fotografia 16 – Vista do Município de Resende Costa/MG/BR.....	54
Fotografia 17 – Tecelã tecendo em tear de pedal. Resende Costa/MG/BR .....	56
Fotografia 18 – Tecelã tecendo em tear de pedal. Resende Costa/MG/BR .....	57
Fotografia 19 – Fios para tecer. Museu de Artes e Ofícios/Belo Horizonte/MG.....	63
Fotografia 20 – Fios para a tecelagem. Resende Costa/MG/BR.....	63
Fotografia 21 – Fios no tear. Resende Costa/MG/BR.....	65
Fotografia 22 – Entrada de uma loja. Resende Costa/MG/BR.....	69
Fotografia 23 – Diário de Campo da Pesquisadora.....	72
Fotografia 24 – Diário de Campo da Pesquisadora.....	74
Fotografia 25 – Entrada de uma loja. Resende Costa/MG/BR.....	76
Fotografia 26 – Início do processo de Urdir. ResendeCosta/MG/BR.....	96
Fotografia 27 – Tecelão urdindo. Resende Costa/MG/BR.....	96
Fotografia 28 – Quadro exposto na Casa de las Culturas. Puebla/MX .....	98
Fotografia 29 – Roca manual exposta no museu de antropologia. Cidade do México/MX.....	102
Fotografia 30 – Tear. Museu Artes e Ofícios. Belo Horizonte/MG/BR .....	109
Fotografia 31 – Tecelã em tear de cintura. Zinacantán/ Chiapas/MX.....	111
Fotografia 32 – Escrito em Muro. Porto Velho/Rondônia/BR.....	111
Fotografia 33 – Tear exposto no museu de artes de ofícios. Belo Horizonte/MG/BR.....	115
Fotografia 34 – Fios preparados para tecer. Resende Costa/MG/ BR.....	123

Fotografia 35 – Repassos de tecelã Dourada. Resende Costa/MG/BR.....	124
Fotografia 36 – Repassos de tecelã com data de 1955. Resende Costa/MG/BR.....	127
Fotografia 37 – Repasso de tecelã. Resende Costa//MG/BR .....	128
Fotografia 38 – Repassos da tecelã Amarelo. Resende Costa/MG/BR.....	130
Fotografia 39 – Repassos da tecelã Vermelho. Resende Costa/MG/BR.....	131
Fotografia 40 – Repassos da tecelã Vermelho. Resende Costa/MG/BR.....	132
Fotografia 41 – Mulheres no arremate de tapetes. Resende Costa/MG/BR.....	132
Fotografia 42 – Lugar ao fundo de casa destinado aos teares – Resende Costa/MG/BR.....	139
Fotografia 43 – Tecelã Tecendo. Resende Costa/MG/BR .....	143
Fotografia 44 – Explicação do que é lançadeira. Museu de Artes e Ofícios- Belo Horizonte .....	146
Fotografia 45 – Lançadeira. Resende Costa/MG/BR.....	146
Fotografia 46 – Fios sendo tramados. Resende Costa/MG/BR.....	148
Fotografia 47 – Estante de produtos da tecelagem para venda. Resende Costa/MG/BR.....	153
Fotografia 48 – Estante de livros da Pesquisadora. Porto Alegre/RS/BR.....	153
Fotografia 49 – Safos de Lesbos. Museu Palazzo Massimo /Roma/IT .....	160
Fotografia 50 – Sor Juana Inés de la Cruz. Cidade do México/MX.....	160
Fotografia 51 – Tapete no tear. Resende Costa/MG/BR.....	168
Fotografia 52 – Museu de Artes e Ofícios. Belo Horizonte/MG/BR.....	170
Fotografia 53 – Tecelã tecendo em tear manual. Resende Costa//MG/BR.....	170
Fotografia 54 – Tecelã tecendo em tear manual. Resende Costa//MG/BR.....	175
Fotografia 55 – Revista em comemoração aos 100 anos de emancipação. Resende Costa .....	183
Fotografia 56 – Tecelã tecendo em tear manual. Resende Costa//MG/BR.....	184
Fotografia 57 – Tecelão tecendo em tear manual. Resende Costa//MG/BR.....	193
Fotografia 58 – Peça pronta para ser tirada do tear. Resende Costa//MG/BR .....	196
Fotografia 59 – Peça pronta sendo tirada do tear Resende Costa/MG/BR.....	199
Fotografia 60 – Tecelã fazendo arremate final em Resende Costa/MG/BR .....	199

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Urdume e trama.....	38
Figura 2 – O processo da tecelagem.....	40
Figura 3 – O tecelão (Van Gogh) .....	41
Figura 4 – Tear de pedal .....	44
Figura 5 – Mapa do Estado de Minas Gerais com o município de Resende Costa em destaque. 52	
Figura 6 – Repasso .....	125
Figura 7 – Desenho obtido pelo repasso.....	126
Figura 8 – Elena Lucrezia Cornaro Piscopia .....	162
Figura 9 – Matilde Montoya.....	163
Figura 10 – Olimpy de Gouges.....	163
Figura 11 – Nísia Floresta .....	164
Figura 12 – Maria Augusta Generoso Estrela .....	165
Figura 13 – Rita Lobato Velho Lopes .....	166
Figura 14 – Elizabeth Eckford.....	167

## SUMÁRIO

<b>1 O FIO DA MEADA .....</b>	<b>17</b>
<b>2 TEAR: A PESQUISA EMPÍRICA .....</b>	<b>30</b>
2.1 “CORES DE FRIDA KAHLO”: ENTRE O BRASIL E O MÉXICO .....	32
2.2 OS TEARES E AS TÉCNICAS DE TECER.....	38
2.3 A TECELAGEM EM MINAS GERAIS.....	43
2.4 RESENDE COSTA, ONDE SE ACORDA COM O BARULHO DOS TEARES.....	49
2.5 AS PESQUISAS SOBRE O TEMA: O ESTADO DA ARTE.....	57
<b>3 FIOS: PRINCÍPIOS TÉCNICOS .....</b>	<b>63</b>
3.1 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE; PESQUISA PARTICIPANTE E AS ENTREVISTAS .....	64
3.2 MULHERES E HOMENS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	69
3.3 A FORMA COMO SE CONFIGURA O DIÁRIO DE CAMPO.....	72
3.4 CONVERSA SILENCIOSA: ENTRE O ESCREVER SOLITÁRIO E A PESQUISA EMPÍRICA.....	74
3.5 COMO SE CONFIGURAM AS TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	76
<b>3.5.1 Tecelã Amarela .....</b>	<b>76</b>
<b>3.5.2 Tecelã Azul Escuro .....</b>	<b>90</b>
<b>4 URDUME: PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....</b>	<b>96</b>
4.1 GÊNERO E PATRIARCADO COMO CONCEITOS FUNDAMENTAIS .....	97
4.2 OS ESTUDOS FEMINISTAS COMO METODOLOGIA.....	102
4.3 A HERMENÊUTICA FEMINISTA COMO FORMA DE ANÁLISE.....	104
4.4 A INVISIBILIDADE DA CRIATIVIDADE DA PRODUÇÃO DAS MULHERES....	110
4.5 O “TRABALHO” PELAS MÃOS DAS MULHERES DE RESENDE COSTA .....	115
4.6 OS “REPASSOS” E A ESTÉTICA DA PRODUÇÃO DAS MULHERES .....	123
4.7 HISTÓRIA, CRIAÇÃO E INVENTABILIDADE DOS REPASSOS.....	128
4.8 DESENVOLVIMENTO MAIS HUMANO.....	133
4.9 A EDUCAÇÃO PENSADA EM OUTROS ESPAÇOS .....	139
4.10 A “FORMAÇÃO NOS TEARES” DESENVOLVIDA POR TECELÃS .....	143
<b>5 LANÇADEIRA: A CAMINHADA DAS MULHERES EM DIREÇÃO A LIBERDADE .....</b>	<b>146</b>
5.1 EPISTEMOLOGIAS DO SUL.....	148
5.2 O COTIDIANO ORDINÁRIO.....	153
5.3 A LUTA DAS MULHERES PARA CHEGAR À EDUCAÇÃO FORMAL .....	158

5.4 COTIDIANO, EXPERIÊNCIA E AS LEITURAS FEMINISTAS .....	168
<b>6 TRAMA: A FORMAÇÃO DE TECELÃS DE RESENDE COSTA .....</b>	<b>170</b>
6.1 “MARIA, MARIA, MARIA”... AS MULHERES DAS MINAS GERAIS.....	172
6.2 A SINGULARIDADE DA EXPERIÊNCIA DAS TECELÃS COMO FORMAÇÃO .....	175
6.3 O ENSINAR E APRENDER COMO FORMA DE PARTILHA DE SABERES .....	178
6.4 TRAMAR, DESTRAMAR E RETRAMAR.....	182
<b>6.4.1 Desvalorização e Precariedade no Trabalho artesanal.....</b>	<b>184</b>
6.5 Tencionando as relações de gênero .....	191
<b>6.5.1 Mulheres e Homens tecem lado a lado?.....</b>	<b>192</b>
<b>6.5.2 Mulheres permanecem no privado. Homens trilham o caminho público .....</b>	<b>195</b>
<b>7 ARREMATES FINAIS .....</b>	<b>199</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>206</b>

## 1 O FIO DA MEADA

*(...) podemos conseguir pensar ao largo do patriarcado.*  
(BENSUSAN, 2004, p. 131)

Fotografia 1 – Roca manual. Alvorada/RS/BR



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2009.

Fotografia 2 – Tecelã tecendo. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

No documentário “Janela da Alma”<sup>1</sup>, José Saramago afirma que, para conhecer as coisas, é necessário “dar-lhes a volta toda”. Ele aprendeu essa lição quando, ainda jovem, na companhia de seus amigos, ia ao teatro da ópera em Lisboa. Como não tinham dinheiro para pagar o ingresso, eles ficavam na parte de cima do teatro. Ao término, o espetáculo era encerrado com a aparição de uma coroa. Esta vista de frente, era linda e arrancava aplausos calorosos da plateia; já para Saramago e seus amigos, a coroa quase nada dizia, pois, do lugar onde eles estavam à aclamada coroa era oca, feia e cheia de teias de aranhas. Após esse episódio, Saramago percebeu que, a partir de lugares diferentes, a realidade necessariamente não é igual. Paulo Freire (2001) – parece-me - também “deu a volta no entorno” da sua linguagem escrita quando publicou sua obra mais lida e, de certa forma, também mais criticada: “A pedagogia do oprimido”. Ele menciona, no livro *Pedagogia da Esperança* (2003), a importância do lugar da linguagem inclusiva após ter sido criticado por sua linguagem machista [sobre o uso da palavra homem como se fosse neutra!] por feministas estadunidenses que leram a *Pedagogia do Oprimido* (1964). Freire admite seu machismo e retoma esta questão na *Pedagogia da Esperança*, publicada em 1992 (2003, p. 67), dizendo que, a partir daquele momento, ele passaria a utilizar a linguagem inclusiva, compreendendo assim que homem não quer dizer mulher; portanto, quando se diz homem, não inclui todos/as os/as seres humanos.

A pesquisa é um movimento de busca cotidiana para “*dar a volta toda*”, e este é um desafio instigante. No livro *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago (1995) inicia seu romance interpelando leitores e leitoras a olhar, ver e reparar. Talvez seja este o desafio que a pesquisa causa: a necessidade de olhar, além de ver; e, mais ainda, reparar. Com tantos atravessamentos individuais e coletivos, a pesquisa (além deste movimento) é vida, que encanta porque as pessoas – pesquisadoras e pesquisadas – não saem da mesma forma depois de um processo investigativo, isso porque a pesquisa deixa marcas e provoca mudanças, pois:

Entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não

---

<sup>1</sup> O documentário “Janela da Alma”, dirigido por João Jardim e Walter Carvalho (2001), discute questões do olhar e da visão, a partir de entrevistas com 19 pessoas (entre elas, José Saramago), com graus de acuidade visual que vão da miopia à cegueira.

tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontramos suas razões e seus objetivos. (MINAYO, 1994, p. 17)

Assim, esta Tese foi escrita, conforme já discuti (CASTRO, 2011, 2014), ora na primeira pessoa do plural, ora na primeira pessoa do singular. A escolha pela primeira pessoa do plural está vinculada ao entendimento de que não fazemos pesquisa solitariamente, mas em grupo. Existe um coletivo que torna possível fazermos pesquisa: a doutoranda, a orientadora, as colegas da linha de pesquisa e, não menos importantes, as mulheres que participam como sujeitos da investigação. Portanto, não estamos sozinhas.

Nesta direção, Christian Laville (1999, p. 243) afirma que o “nós” na pesquisa “possui uma função precisa, uma função simbólica, que consiste em lembrar que o pesquisador [sic], não está sozinho [sic], que participa de uma vasta comunidade científica, que sua pesquisa é uma contribuição ao saber comum e também lhe é parte devida”. Para o mesmo autor, esse “nós” deve estar atrelado a uma “modéstia”, e quem faz pesquisa deve levar sempre em consideração que é uma pessoa mediadora e que, diante dos fatos e conhecimentos científicos, busca contribuir na produção coletiva do conhecimento.

Por sua vez, a escolha pela primeira pessoa do singular acontece por três motivos. O primeiro é o entendimento de que, durante a trajetória de pesquisa, sou “atravessada” pelas tramas que me teceram desde a infância, passando pela educação formal e não formal e por experiências acadêmicas e profissionais. Tais tramas, que ocorrem no bojo da vida cotidiana, me constituem. Logo, eu sei que, nem sempre, o grupo de pesquisa e o coletivo têm, necessariamente, as mesmas experiências e o mesmo cotidiano. Por isso, é necessário falar e escrever também na primeira pessoa do singular.

O segundo motivo é a existência de um esforço pessoal, com muito trabalho refletido em horas de estudo, leitura, empiria, escuta, transcrições, viagens, participação em eventos científicos, submissão de artigos e capítulos de livros. Enfim, há um movimento contínuo de trabalho de reflexão e ação.

Por fim, o terceiro motivo diz respeito à história da humanidade. Sobretudo antes do movimento feminista, poucas mulheres foram autoras e deixaram suas histórias escritas. (PERROT, 2005).



Compreendo que o lugar da autoria me pertence. Nesse sentido, recorro às palavras de Rosiska de Oliveira (2003):

Sendo intérpretes de si mesmas, de seus desejos, falamos na primeira pessoa, contrariando as versões inventadas pelos homens. A isso pode chamar autoria do feminino... O feminino fora como uma imagem impressa no espelho, à qual cada mulher, fosse ela quem fosse, se deveria adequar. Esse espelho já não reflete mais imagem alguma... à espera do acidente, do inesperado que a vida de cada ser humano. E é essa imprevisibilidade que abre caminho à autonomia. (OLIVEIRA, 2003, p. 38).

Essa autonomia, portanto, diz respeito ao ser sujeito pensante (FREIRE, 1999). Logo, está relacionada à autoria questionadora, interventora, admiradora, capaz de indignar-se e em constante transformação. Em vista dessas questões, percebo que a pesquisa tem tanto o “nós” quanto o “eu”. Entretanto, nem o “nós” nem o “eu” devem sobrepor-se ao outro, pois compreendo que ambos são necessários para que a pesquisa aconteça.

Entendemos que a pesquisa não é neutra (FREIRE, 1999; BRANDÃO & STRECK, 2006). Sabemos, também, que o referencial epistemológico é situado, contingente e localizado (NEUENFELDT, 2008), pois não existe a possibilidade de escritos neutros ou despolitizados. Ivone Gebara pontua: “Não há neutralidade possível mesmo que não estejamos conscientes da situação em que vivemos e não conheçamos o sistema de influências que nos atinge” (1997, p. 32). Ainda sobre a neutralidade, Eli Bartra afirma:

En toda investigación científica existe algún interés político o ideológico. Lo que sucede es que en la mayoría de los casos éste se halla oculto y se despliega, en cambio, la bandera blanca de la supuesta neutralidad del conocimiento. (BARTRA, 2002, p. 151).

Desse modo, apresentamos o campo teórico em que estamos inseridas. Esta Tese foi tramada partindo de dois conceitos: A Educação Popular e os Estudos Feministas.

Entendemos os Estudos Feministas como de ordem política e ideológica, construídos no bojo das lutas do movimento social de mulheres. Para Graciela Hierro (2007), nas lutas feministas existem duas vertentes: uma prática, que é realizada no movimento social; e outra teórica. Para a autora (HIERRO, 2007, p. 129), “la teórica consiste en el estudio de la condición femenina y la creación de la cultura femenina”. A

autora afirma ainda que “los estudios de mujeres son el brazo académico del movimiento feminista”. (*idem*, p. 127). Seguindo os escritos de Graciela Hierro (2004, 2007), esta Tese foi escrita e se insere no campo teórico do Feminismo.

A Educação Popular é um conceito que também é de ordem política, ideológica e de lutas. Ela abrange os processos desenvolvidos no cotidiano da experiência a partir dos processos formais e não formais de ensino e aprendizagem (PALUDO, 2008; BRANDÃO, 2007). Assim, a Educação Popular pode ser pensada como possibilidade educativa incentivada por governos<sup>2</sup> ou organizações civis. Nesta perspectiva, a educação é realizada *com* o/a outro/a e não *sobre* o/a outro/a. Para José Francisco de Melo Neto, esta educação está a serviço da promoção do *outro*, promoção das pessoas, de seus conhecimentos e experiências<sup>3</sup>. De acordo com o mesmo autor, a “Educação Popular manifesta-se por meio do insistente desejo de criação do conhecimento que busque fazer história”. (NETO, 2008, p. 5).

Discuto este tema na interface entre os Estudos Feministas e a Educação Popular porque sou Feminista e Educadora Popular. Esses dois lugares me constituem, uma vez que são marcas políticas e sociais, como nos ensina Gebara (2005). Dessa forma, entendo ser importante indicar o lugar epistemológico em que me situo e, conseqüentemente, a partir do qual eu pesquiso, haja vista que “nossas escolhas pessoais são sempre movidas por nosso caráter, por aquilo que estamos dispostos a afirmar e por aquilo que de alguma maneira resistimos”. (BENSUSAN, 2004, p. 149).

Busco, nesta Tese - como na vida cotidiana - pensar ao largo do patriarcado (BENSUSAN, 2004), o que não é um movimento fácil, visto que vivemos numa sociedade historicamente patriarcal, em que fomos educadas e aprendemos a pensar a partir de sua lógica. Desafiá-la significa andar na contramão da cultura vigente e requer teoria, experiência e, acima disso, vontade de romper com os paradigmas firmados e constituídos ao longo da história da humanidade.

---

<sup>2</sup> No que diz respeito ao governo, a Educação Popular tem sido pensada por diversos governos de esquerda, sobretudo da América Latina. No Brasil, podemos citar as escolas itinerantes do MST e os movimentos de Alfabetização de Adultos, ambos embasados teoricamente nos pressupostos da Educação Popular. No estado do Rio Grande do Sul, as escolas itinerantes surgiram em 1997; atendiam mais de 700 crianças que viviam em acampamentos do MST. Trabalhei nas Escolas do MST de 2000 a 2007. Em 2009, a então governadora do Estado do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius, determinou o fechamento de todas as escolas itinerantes do MST. Sua principal argumentação era de que, além dos gastos, as escolas tinham “ideologia”. Todavia, fica a pergunta: As demais escolas são isentas de ideologia?

<sup>3</sup> Definição compartilhada pelo pesquisador José Francisco de Melo Neto, durante a realização do minicurso da 35.<sup>a</sup> Reunião da ANPED do GT 06, em Porto de Galinhas, 2012.

Por compreender o desafio de uma pesquisa que, pela teoria e empiria, busca epistemologicamente “dar a volta toda”, escolhi como título desta Tese: *Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade: a formação de tecelãs em Resende Costa, MG*. Fiz tal escolha para englobar a estética pedagógica dos múltiplos fios e tramas, das infinitas cores, repassos e a inventabilidade que existe na formação artesanal das tecelãs de um lugar geográfico pontual: Resende Costa, no estado de Minas Gerais, no Sudeste Brasileiro. O foco desta investigação é compreender o processo de ensinar e aprender realizado pelas mulheres tecelãs no referido município. Essa questão nos leva a outras, a saber:

1. Quais as relações de gênero compreendidas neste processo?
2. Quais as relações de gênero entre público e privado no campo de trabalho da tecelagem?
3. Quais desenvolvimentos que este processo traz no cotidiano das mulheres protagonistas desta ação?

Assim como ocorre no Rio Grande do Sul – estado em que a tecelagem é um trabalho quase exclusivamente das mulheres<sup>4</sup> -, em Minas Gerais a participação no artesanato dos fios também é predominantemente de mulheres<sup>5</sup>. Entretanto, na década de 1980, o pequeno município de Resende Costa mudou a tradição: em Resende Costa, homens começaram a tecer.

Com sua pequena população, os homens de Resende Costa iam trabalhar na capital mineira ou paulista e, frequentemente, ficavam fora de seu município e distantes de suas famílias. As mulheres permaneciam em casa, trabalhando nos afazeres domésticos, na criação dos/as filhos/as e na tecelagem manual.

Esses trabalhos nos grandes teares manuais de Resende Costa faziam com que elas vestissem suas famílias e criassem peças para a casa, como colchas, tapetes,

---

<sup>4</sup> De acordo com Tisa Devincenzi da Silva (2005), no estado do Rio Grande do Sul, 50 mil pessoas trabalham diretamente com artesanato, sendo que 13 mil pessoas sobrevivem do artesanato em Porto Alegre, capital do estado. Segundo a mesma autora, a principal matéria prima do artesanato gaúcho é o fio (algodão, linha, lã, couro cru, prata, ouro e arame). Neste estado, as pesquisas de Eggert (2006, 2010, 2011) apontam que o trabalho da tecelagem é predominantemente feminino: para a autora, 80% de todo o artesanato produzido no Rio Grande do Sul é feito por mulheres (2011).

<sup>5</sup> Afirmção feita com base na pesquisa empírica e durante a realização do estado da arte. No sul de Minas, onde temos uma forte presença da tecelagem, são quase exclusivamente as mulheres que tecem. (MITIKO, 2002; DUARTE, 2002).

cortinas e toalhas. Também fazia parte do trabalho das mulheres ensinar às filhas a arte dos teares para que estas reforçassem o sustento da família.

Após anos com longas estadas fora de casa para trabalhar, as mulheres de Resende Costa contaram que não queriam mais que seus companheiros e filhos fossem embora. Por isso, começaram a ensinar os homens a tecer para que eles tivessem trabalho no município mineiro e não precisassem ausentar-se de casa para encontrar sustento. Nesse sentido, a tecelã Azul<sup>6</sup> explica:

[...] o problema é que não tinha trabalho aqui em Resende Costa. Os homens iam embora e nós ficávamos sozinhas cuidando de tudo por aqui. A gente ficava sem notícia, não tinha telefone e essas coisas que agora a gente tem. Mas, mesmo se tivesse, acho que nós íamos começar a ensinar os homens a tecer porque aí fica a família toda junta e perto e fica bom. (Tecelã Azul, durante entrevista em julho de 2011).

Assim sendo, em Resende Costa, o trabalho de tecer nasceu da necessidade cotidiana de cuidar da família e foi ampliada pela necessidade de que os homens tivessem trabalho perto de suas famílias. Dessa forma, atualmente, cada família desenvolve seu artesanato, geralmente no fundo de suas casas, e realiza a venda em lojas organizadas na frente de suas casas ou por encomenda.

Na década de 1980, a ação das mulheres de ensinar a tecer - não somente às suas filhas, mas também aos homens - criou um município onde a principal fonte de renda é a tecelagem manual, seja vendendo as peças produzidas nos teares, seja trabalhando diretamente nos teares ou no comércio local para atender turistas. A venda de tecelagem atrai turistas de norte a sul do Brasil, buscando comprar artesanato de qualidade e a preço baixo.

Devido à complexidade do contexto acima exposto, a pergunta central da Tese é: Como ocorre o processo pedagógico de ensinar e aprender da tecelagem manual em Resende Costa realizado pelas mulheres?

Para responder esta questão, trabalhei com os princípios teórico-metodológicos dos Estudos Feministas e da Educação Popular e com o aporte da pesquisa qualitativa das ciências humanas, mais especificamente da Pesquisa Participante, sendo que utilizei como técnicas de pesquisa a observação participante, as entrevistas semiestruturadas e o diário de campo. Os dados foram coletados por meio da pesquisa empírica no município

---

<sup>6</sup> Nesta Tese fizemos a opção por nomear as pessoas que fazem parte desta pesquisa por cores. A explicação detalhada sobre esta decisão é feita na página 104.

de Resende Costa, nos anos de 2011 e 2012. Em Resende Costa, as mulheres ensinaram a tecelagem aos homens, e eles trabalham lado a lado. O número de homens tecendo em Minas Gerais é menor que o de mulheres, e o processo de ensinar e aprender a técnica está nas mãos das mulheres, sobretudo as mais velhas<sup>7</sup>.

A suspeita desta Tese é de que entre os fios existem processos, conhecimentos, técnica, estética e complexidade. Entretanto, por ser uma produção feminina, sua complexidade dá lugar ao invisível e à desvalorização. Dessa forma, o artesanato dos fios passa a ser um processo pouco reconhecido e financeiramente desvalorizado. Esse processo, segundo Eggert (2004, 2010, 2011), torna o trabalho do artesanato dos fios precário, e a produção fica à margem e desvalorizada, tanto para as mulheres como para os homens.

Esta Tese está inserida em uma investigação mais ampla, coordenada pela orientadora Dr.<sup>a</sup> Edla Eggert<sup>8</sup>, que discute o trabalho artesanal de mulheres desde 2007. Logo, não ‘teço’ sozinha. Encontro-me neste lugar juntamente com um grupo de pesquisa, dedicado a estudar um cotidiano ordinário, culturalmente privado, marginal,

---

<sup>7</sup> Afirmação feita com base na pesquisa empírica que ocorreu em julho de 2011, em Resende Costa.

<sup>8</sup> Edla Eggert coordenou a pesquisa intitulada “O processo autoformador de trabalhadoras no artesanato gaúcho”, que buscou visibilizar processos (auto)formadores (JOSSO, Marie-Christine 2004; 2007) de tecelãs que trabalham com artesanato. Tendo como metodologia a observação participante, além de entrevistas individuais e coletivas, a pesquisa de campo aconteceu num atelier com oito mulheres, no município de Alvorada-RS. A análise foi realizada por meio do método interpretativo documentário de Bohnsack e Weller (2006, 2007) e do método interpretativo de pesquisa-formação (JOSSO, 2004). As interpretações também foram realizadas com base nos estudos de gênero (LOURO, Guacira 2002; PERROT, Michelle 2005; BARTRA, 2003, 2004; SCHOPP, 1995) que, além de introduzirem a problematização das relações de poder entre homens e mulheres, introduzem o elemento da experiência como desencadeador da visibilidade da produção dos saberes do mundo das mulheres. Desse resgate das histórias de vida por meio de narrativas sobre os processos (auto)formadores das tecelãs, o projeto buscou contribuir na produção e sistematização de artigos e seminários sobre o tema da formação técnica de mulheres. A mesma professora coordenou a pesquisa intitulada “A narrativa de processos autoformadores de tecelãs - construindo novos debates para a EJA”. A referida pesquisa estruturou narrativas de processos (auto)formadores (JOSSO, 2004, 2007) de tecelãs que visibilizam saberes da tecelagem por meio de observação participante, entrevistas individuais e coletivas. A pesquisa de campo ocorreu num atelier com oito mulheres, no município de Alvorada - RS. A análise do material coletado foi realizada por meio do método interpretativo documentário de Bohnsack e Weller (2006, 2007) e do método de pesquisa-formação (JOSSO, 2004). As interpretações também foram realizadas com base nos estudos de gênero (PERROT, 2005; BARTRA, 2003, 2004; SCHOPP, 1995), que, além de introduzirem a problematização das relações de poder entre homens e mulheres, introduzem o elemento da experiência como desencadeador da visibilidade da produção dos saberes do mundo das mulheres. Por meio do resgate das narrativas sobre os processos da tecelagem, confirmou-se que a invisibilidade da criatividade e do conhecimento produzidos pelas tecelãs é real (com base nos resumos apresentados no Lattes).

pelo fato de ser feminino. É a partir deste lugar que propomos mostrar as pedagogias produzidas por grupos de mulheres e, politicamente, desejamos visibilizar tais pedagogias. Debruço-me sobre as margens que têm sido objeto de estudo da orientadora desde sua tese de doutorado (1998) e, com nosso grupo de pesquisa, firmo meu olhar nas questões do ensinar e aprender da tecelagem manual.

Recorro aos escritos de Paulo Freire (2001), e o que será escrito nestas páginas poderá ser ratificado ou retificado ao longo dos anos. Afinal, sabemos que nos dedicamos a analisar lugares tênues, pois a vida ordinária das mulheres foi, durante séculos, invisibilizada pela humanidade. Seus saberes, em grande medida, não são teorizados nem sistematizados e são desenvolvidos e criados no campo *ateórico* (MANNHEIM, 2002). Esses conhecimentos são pouco estudados e valorizados, tanto por ser um processo da vida ordinária quanto por ser um processo tido culturalmente como de menor valor social (GEBARA, 2007).

Percebemos que o trabalho com os fios esteve também pouco presente na agenda feminista. As feministas pensaram ao largo do conhecimento artesanal produzido pelas mulheres por meio das manualidades. Sobre essa questão, Elí Bartra (2005, p. 08) escreve: “Pero, dejando las especulaciones aparte, el hecho es que el arte popular há sido prácticamente ignorado por el feminismo.” Também Eggert (2013, p. 05) analisa: “somente nesta última década é que se pode dizer que as mulheres com formação feminista têm feito as pazes com as agulhas, teares e fios no sentido de resgatarem saberes milenares transpostos como uma releitura do mundo das mulheres”.

No prefácio do livro de Eggert, “Narrar processos: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação” (2009, p. 109), Miriam Pillar Grossi analisa que, “ao ver as imagens dos panos e acompanhar a elaboração do projeto, me vi instigada a retomar atividades manuais como exercício criativo e libertador”. Destaca ainda que ler o texto sobre as manualidades, realizado pelas mulheres, a fez “[...] repensar os meus próprios processos de socialização feminina e no lugar em que deixei escondidos todos estes saberes de minha infância” (EGGERT, 2009, p. 11).

Desse modo, a presente Tese soma-se aos estudos iniciados pelo nosso grupo de pesquisa e a outros, pois agrega trabalhos já perpetrados sobre o estado de Minas Gerais.

Para que e por que escrever uma tese sobre tecelagem? Ressalte-se que é um trabalho feito, sobretudo, por mulheres pobres, realizado entre dores nas costas, varizes e tendinites devido aos movimentos repetitivos que este trabalho requer. É provável

que, para muitas pessoas, a resposta imediata seja óbvia e que uma pesquisa sobre este tema não serviria praticamente para nada; portanto, o que está escrito nestas páginas seria bem pouco relevante, especialmente para a Academia.

No livro *Convite à Filosofia*, Marilena Chauí (2000, p. 10) escreve para estudantes de Filosofia sobre a valorização deste campo teórico. Segundo a autora, quando estudantes forem indagados/as sobre a serventia da Filosofia, a melhor resposta seria uma ironia: “A Filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual. Ou seja, a Filosofia não serve para nada.” Estas palavras foram proferidas por Chauí e virou um dito popular nas Ciências Humanas, visto que a autora perdeu as contas de quantas vezes lhe fizeram a pergunta: “para que serve a Filosofia?”

Ao ser indagada sobre a utilidade desta pesquisa, geralmente lembro das palavras de Chauí. Penso, reflito e compreendo que, primeiramente, esta é uma opção epistemológica. Para, além disso, lembro-me do texto *Entre emancipação e regulação: (des)encontros entre educação popular e movimentos sociais*, de Danilo R. Streck (2010, p. 01), em que ele afirma que a Educação Popular é feita entre a paciência e a impaciência, pois, para o autor, “Uma das contribuições das teses e dissertações nos programas de pós-graduação é o desvelamento de pedagogias invisibilizadas pelo projeto pedagógico hegemônico”. No mesmo texto, em nota de rodapé, o autor descreve que “[...] o Grupo de Trabalho de Educação Popular da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd) é um espaço no qual são visibilizadas algumas dessas pedagogias no trabalho com reciclagem de resíduos sólidos - de tecelãs, de prostitutas -, de preservação do meio ambiente, entre outras” (STRECK, 2010, p. 10).

No livro *Como se Faz uma tese*, Umberto Eco (2012) registra que uma tese deve ser escrita a fim de também responder aos interesses de quem pesquisa. O tema escolhido deve estar densamente ligado às atitudes políticas, culturais ou religiosas de quem escreve.

Desse modo, justifica-se uma tese sobre o tema da tecelagem: primeiro, por ser uma opção epistemológica da pesquisadora; segundo, por ser tarefa da Educação Popular, que segue na contramão dos projetos pedagógicos hegemônicos; e terceiro, por ser um tema importante para os Estudos Feministas, uma vez que se trata de um conhecimento milenar das mulheres.

Sendo assim, esta Tese deseja investigar a fim de contribuir na visibilização dos processos de produção do conhecimento realizados majoritariamente por mulheres e socialmente diminuídos: o trabalho artesanal de tecelagem e seus processos

pedagógicos. Sabemos que esse processo requer uma pedagogia ainda pouco pesquisada:

Sobreviver nessas condições é uma arte e requer estratégias pedagógicas com um nível de sofisticação igual ou maior do que aquelas que se encontram nos manuais didáticos da pedagogia hegemônica. É uma pedagogia da qual pouco se sabe, porque é gerada no clandestino, muitas vezes fora do âmbito do legal ou da formalidade oficial, entre as necessidades de alimentar-se e curar-se, enfim, viver. (STRECK, 2006, p. 5)

Buscamos contribuir, com base na denúncia e no anúncio desenvolvidos por Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (2001), em que ele ressalta:

Utopia é unidade de denúncia e anúncio. A ação problematizadora junto a indivíduos e grupos, que tenham no horizonte a humanização dos homens [sic], ao mesmo tempo em que denuncia uma realidade desumanizante e os instrumentos ideológicos de sua manutenção, anuncia uma realidade transformadora e mantém aceso o sonho de uma vida mais humana. (FREIRE, 2001, p. 70)

A partir deste ensinamento, procuramos visibilizar o invisível e, mediante a denúncia de que a sociedade patriarcal inferioriza o conhecimento das mulheres, buscamos o reconhecimento do artesanato como um fio que liga a um conhecimento complexo. Além disso, buscamos compreender, na prática, que não existem saberes maiores, mais importantes ou significativos, mas saberes diferentes (FREIRE, 2001), e que sua hierarquização foi construída socialmente.

O desafio de nossa pesquisa é grande, pois nos propomos visibilizar os processos pedagógicos desenvolvidos pelas mulheres no cotidiano privado, minimizando assim a separação histórica, social e intelectual entre a cabeça e as mãos (SENNET, 2009).

Acreditamos que nossa pesquisa corrobora os trabalhos de muitas outras feministas - tanto nos movimentos sociais como na academia - que buscam construir novos caminhos de luta, justiça, respeito, sororidade<sup>9</sup> e igualdade entre os sexos. Nessa perspectiva, a pesquisa é uma forma importante de nos deslocarmos ao Sul, conforme os

---

<sup>9</sup> Sororidade, palavra resgatada pela Teologia Feminista, que significa “irmãs”, conforme o Dicionário de teologia feminista (1999). Marcela Lagarde (2009) aponta que a sororidade é a consciência crítica da misoginia e é o esforço pessoal e político de apontar a partir da subjetividade para mudanças. Para a autora, os objetivos éticos e políticos da sororidade são: a identificação das mulheres como semelhantes; a necessidade de aliança de gênero para estabelecer entre as mulheres o que se exige da sociedade; luta contra a violência e maus-tratos e a difusão do feminismo.



escritos de Boaventura de Sousa Santos (2009), e reconhecemos conhecimentos forjados desde as margens.

Esta Tese será escrita em seis capítulos. Depois da introdução com o “fio da meada”, o segundo capítulo, intitulado “Tear: a pesquisa empírica” abordamos o estado da arte, situamos a pesquisa empírica, percorremos as técnicas e a história da Tecelagem. Ademais, resgatamos um pouco da experiência de realização do estágio doutoral na Universidad Autónoma Metropolitana, no departamento de Antropologia, na linha de pesquisa em Estudos da Mulher, na Cidade do México, realizado no período de setembro de 2013 a fevereiro de 2014, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elí Bartra<sup>10</sup>, onde parte significativa desta Tese foi escrita e teoricamente fundamentada.

No terceiro capítulo, intitulado “Fios: princípios técnicos”, trabalhamos as técnicas utilizadas na pesquisa: observação participante, entrevistas, diário de campo e apresentação das mulheres e dos homens participantes desta pesquisa.

O quarto capítulo intitula-se “Urdume: princípios teórico-metodológicos”. Nele apresentam-se a metodologia e o marco teórico da pesquisa.

O quinto capítulo, “Lançadeira: A caminhada das mulheres em direção à liberdade” busca discutir as epistemologias escolhidas para esta Tese. Começamos com a Epistemologia do Sul, conceito desenvolvido por Santos (2009). Trabalhamos também o cotidiano ordinário, conceito desenvolvido por Gebara (2008), a epistemologia feminista, a luta das mulheres para chegar à Educação Formal. Desse modo, este capítulo apresenta um pouco da caminhada das mulheres em direção à liberdade por meio da conquista de espaços, sobretudo na Educação Formal.

O sexto e último capítulo têm o título “Trama: a formação de tecelãs de Resende Costa”. Seu objetivo é fazer uma análise, articulando teoria, metodologia e as técnicas realizadas na pesquisa. Este capítulo inicia com a música Maria, Márcia, composta pelo mineiro/carioca Milton Nascimento, em parceria com o mineiro Fernando Brant, porque nela reconheço que o artista compôs poeticamente a trama diária tecida todos os dias

---

<sup>10</sup> Eli Bartra é mestra em Estética pela Universidade de Paris I e Doutora em Filosofia pela Universidade Nacional Autónoma do México – UNAM. Desde 1977, é professora do departamento de Ciências Sociais e Humanidades da Universidad Autónoma Metropolitana Xochimilco – UAM-X. Foi coordenadora da área de concentração “Mulher e relações de gênero” entre 2002 e 2004. Conta com uma produção intelectual vasta, que possui mais de 80 títulos (entre livros, capítulos de livros e artigos científicos), e mais de 150 palestras proferidas ao redor do mundo. No campo de orientações acadêmicas, orientou na UAM e em outras instituições mais de 30 teses, incluindo mestrados e doutorados. Além disso, foi professora visitante em quatro continentes: América, Ásia, Europa e Oceania.

pelas inúmeras Marias brasileiras, em especial, aqui, as das Minas Gerais, local desta pesquisa.

Ao final, temos o exercício de tramar, destramar e retramar, em que faço as conclusões ou (in)conclusões desta investigação.

Para Gebara (2010), quem escreve é, de alguma forma, um pouco artista, desenhista, escultora; logo, quem escreve tem que gostar do que escreve. Eu gostei de trabalhar nesta Tese. Aqui estão minhas leituras feministas; além disso, há música, literatura, fotografia, cores, artesanato, conversas, risadas, café e pão de queijo: coisas das quais eu gosto, que fazem parte de mim. Dessa forma, estas páginas têm o coletivo e o individual.

## 2 TEAR: A PESQUISA EMPÍRICA

Fotografia 3 – Tear. Museu de Artes e Ofícios/Belo Horizonte/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

Fotografia 4 – Tear em aldeia Maia. Próximo a Chichén Itzá/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2013.

O tear usado em Resende Costa é feito em madeira. Alguns teares estão na família há gerações e são passados de mãe para filha. Os teares também passam por consertos e modificações, pensados pelas próprias tecelãs.

Neste capítulo, trabalhamos com as questões que compõem a pesquisa empírica.

Aqui, são apresentados: a pesquisa sobre o estado da arte, a experiência do doutorado sanduiche na Cidade do México, um pouco da história da tecelagem em Minas gerais, os teares e as técnicas de tecer. Além disso, situamos Resende Costa, o lugar geográfico onde esta pesquisa foi realizada.

Fotografia 5 – Tear que esta na família a 3 gerações. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

## 2.1 “CORES DE FRIDA KAHLO”: ENTRE O BRASIL E O MÉXICO

*“Eu ando pelo mundo prestando atenção em cores que eu não sei o nome, cores de Almodóvar, cores de Frida Kahlo, cores...”* – Adriana Calcanhoto

A banca de qualificação desta Tese foi realizada no dia 4 de agosto de 2013, em uma manhã gelada, no Sul do Brasil. Guardei os pareceres que recebi naquela manhã e o projeto “*descansou*” até dia 20 de setembro do mesmo ano. Como escreve Freire (2003), nada melhor que deixar o texto escrito guardado e depois retomá-lo.

Fotografia 6 – Entrada do Museu Frida Kahlo. Cidade do México/DF/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2013.

Quando se escreve uma tese, sempre acabamos falando um pouco de nós mesmas, isso porque, como afirma Santos no seu livro *A gramática do tempo* (2010), todo conhecimento é autobiográfico. Desse modo, uma tese também é compartilhar, e como escreve Gebara, “[...] a partilha pessoal continua sendo uma experiência rica de elementos para o pensamento” (GEBARA, 2000, p. 85).

Nasci em Belo Horizonte, Minas Gerais. Durante minha infância, passava os invernos em Porto Alegre e os verões em Belo Horizonte. Sempre quis que fosse ao contrário, porque nunca gostei do inverno; entretanto, seguíamos o calendário escolar. Depois que cresci, transito pelas Minas Gerais desde sempre, devido à família e às

minhas raízes que estão naquele estado. Porém, vivo em Porto Alegre, uma cidade pequena (comparada às cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte ou da gigantesca cidade do México), do Sul do Brasil, onde vivem cerca de um milhão e duzentos mil habitantes. É uma cidade com certa tranquilidade e um clima úmido, com temperaturas altíssimas no verão e muito baixas no inverno.

Porto Alegre tem bons teatros, alguns museus e um trânsito cada vez mais insuportável. Dizem por aí que o Sul, sobretudo o Rio Grande do Sul, quase não é Brasil, isso porque faz frio, há muita gente branca, com cidades no interior que parecem alemãs, praias feias, pizza maravilhosa e um carnaval modesto comparado ao do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Recife.

Então aí vivo. Tenho quatro irmãos: dois mineiros, dois gaúchos (um deles, separatista<sup>11</sup>, que sempre me diz “Amanda, o Sul é meu país”, e no final dos *e-mails* e das conversas ao telefone saúda: “um abraço do tamanho do Rio Grande”). Também tenho um companheiro e um filho, ambos gaúchos. Assim me sinto como não tendo fronteiras; sou um pouco de toda parte.

No dia 14 de setembro de 2013, cheguei à gigantesca Cidade do México para realizar o estágio doutoral com bolsa da CAPES, pelo período de 6 meses. Para quem vive em um lugar pequeno, chegar à Cidade do México com 20 milhões de habitantes é impactante. Embora fosse um sábado, o trânsito estava caótico; havia guardas com apitos tentando colocar ordem naquele monte de carros e ônibus, que buzonavam muito. Então vi uma cena incrível, que não vejo sequer na cidade de São Paulo: três carros virados de frente um para o outro. Perguntei ao taxista: “como eles vão sair dali”? Ele respondeu, sorrindo: “quem sabe”?

O México é um país impressionante, onde vemos tudo que se imagina! Falo sempre que o gigante México tem de tudo: praias incríveis a terremotos, problemas como em toda América Latina e um povo de uma simpatia incomparável.

---

<sup>11</sup> Em 2012 o movimento “O Sul é o Meu País” completou finalmente 20 anos. Criado no Rio Grande do Sul, o movimento se diz herdeiro de outros levantes separatistas sulinos – como a Revolução Farroupilha, no século 19. Ideias separatistas estão presentes na história da Região Sul. Essa é uma questão política, mas também muito cultural. No estado do Rio Grande do Sul, comemora-se oficialmente a Revolução Farroupilha. Durante a semana do dia 20 de setembro, aniversário da referida revolução, os diversos Centros de Tradições Gaúchas, espalhados por todo o Sul, festejam a data, lembrando os méritos desta revolta separatista. Na própria bandeira do Rio Grande do Sul, ainda consta a inscrição “República Rio-Grandense”, bandeira criada para o novo país. Fonte: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidapublica/conteudo.phtml?id=1224998>>. Acesso em 2013.

O México tem ótimas universidades; o mundo maia; movimentos insurgentes; o mar, com as cores incomparáveis do Caribe; matas; cachoeiras; vulcões; cidades pequenas: com um acolhimento incrível, como Puebla; coloridas, como Oaxaca; e de natureza exuberante, como Chiapas; muito artesanato; e muitas expressões culturais. É um país incrível e com muitas semelhanças com o Brasil.

Desde o primeiro instante, me encantei com a Cidade do México: museus, muitos museus, por todas as partes e de ótima qualidade; ótimas livrarias; muitos parques, muita área verde e um clima agradável, que lembra, por demais, Belo Horizonte: seco, ensolarado, nem muito frio nem muito calor - para mim, o clima perfeito. Encontrei gente muito amável, que gosta muito do Brasil.

Meu período de trabalho na UAM foi de fato bem produtivo. Trabalhei muito na elaboração da Tese e li bastante. Fui muito bem acolhida na universidade, em especial pela minha orientadora no México, Bartra. Durante os meses de janeiro e fevereiro de 2014, participei do *Seminario de investigación II. Creación y representación de productos culturales Generizados*. Este seminário foi oferecido pela Maestría en Estudios de la Mujer para a turma de mestrado. A professora titular foi minha orientadora e, sem dúvida, foi um espaço importante de trabalho. Entre leituras, discussões e pequenas conferências realizadas durante o seminário, tive uma significativa aprendizagem sobre Feminismo e a criatividade das mulheres na Arte Popular. Além do seminário, durante a estada no México, participei de várias palestras, seminários, congressos e lançamentos de livros, principalmente na UAM, UNAM e UACM. Além dessas atividades, tive orientações com a Dr.<sup>a</sup> Elí Bartra, que foram fundamentais para planejar a estrutura desta Tese. Senti-me muito bem no México, e foi com uma mistura de nostalgia e saudades que regresssei ao Brasil.

Mas, enfim, estar no doutorado sanduíche também foi baixar a cabeça e trabalhar; desse modo, depois do exame de qualificação, esta Tese foi retomada no dia 20 de setembro de 2013.

O lugar escolhido para retomar as ideias que compõem esta Tese foi o Museu Frida Kahlo, situado no lindo bairro de Coyoacan, ao sul da Cidade do México. Para mim, Coyoacan é um lugar especial, um lugar cheio de vida, flores, casas coloridas,



bares, artesanato, museus e a linda livraria com café Elena Garro<sup>12</sup>, onde passei muitas tardes.

O início desta retomada poderia ter ocorrido em muitos outros lugares: no Brasil, em alguma outra cidade da América Latina por onde ando, em algum dos inúmeros museus da Cidade do México ou em algum dos muitos sítios arqueológicos belíssimos espalhados pelo México. Mas, de todos os lugares, escolhi fazer esse início na Rua Londres, 247.

A escolha por este lugar se deu, em primeiro lugar, pela admiração que tenho por essa mulher, por essa figura emblemática que é Frida Kahlo, sinônimo de resistência, superação e criatividade. Hoje temos a exposição itinerante dos vestidos da pintora<sup>13</sup> mexicana na casa azul. É impressionante olhar, na primeira parte da exposição, os vestidos cheios de cores e os acessórios, fitas, bordados, flores, anéis, colares, brincos e bolsas.

Passada essa parte da exposição, vem a segunda parte, o que ficava por baixo dos lindos vestidos coloridos. As cores dão lugar a peças de metais, espartilhos nada coloridos usados por Frida para sustentar a coluna debilitada de uma estética machucada (EGGERT, 2008).

---

<sup>12</sup> Elena Garro nasceu em Puebla. A data é um mistério. Para alguns biógrafos, Garro nasceu em 16 de dezembro de 1916, para outros, em 1920. Garro foi escritora, poeta e dramaturga mexicana. A autora morreu em 23 de agosto de 1998, na Cidade do México. Entre suas obras estão temas sobre a marginalização e liberdade da mulher. Disponível em: <<http://www.uaemex.mx/plin/colmena/Colmena45/Aguijon/Mihaela.html>>. Acesso em: jun. 2014.

<sup>13</sup> A exposição “As aparências enganam: os vestidos de Frida Kahlo” colocou aos olhos dos visitantes o guarda-roupa da pintora. As peças foram encontradas em 2004, dentro do banheiro da casa azul onde Frida viveu. Conta-se que seu marido, Diego Rivera, após a morte de Frida, começou a colocar os pertences da pintora dentro do banheiro. Com a morte de Rivera, em 1957, Dolores Olmedo (falecida em 2002), uma amiga da família, ficou responsável por manter as peças guardadas. A exposição “As aparências enganam: os vestidos de Frida Kahlo” conta com cerca de 300 peças da artista. O nome da mostra é inspirado em um dos muitos autorretratos feitos por Frida. No desenho, por baixo de suas roupas, vê-se seu corpo nu cheio de cicatrizes, as pernas desiguais — uma delas decoradas com borboletas — e a coluna fraturada. São vestidos, saias estampadas, maxicolares e brincos que eram marca registrada dela e ajudaram a construir seu estilo surrealista totalmente influenciado pela cultura mexicana. Disponível em: <<http://www.museofridakahlo.org.mx>>. Acesso em: fev. 2013.



Fotografia 7 – Exposição “Os vestidos de Frida”. Museu Frida Kahlo. Cidade do México/DF/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2014.

Fotografia 8 – Exposição “Os vestidos de Frida”. Museu Frida Kahlo. Cidade do México/DF/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2014.

A escolha por este lugar também se deu porque é provável que Frida tenha sido a artista que melhor retratou, registrou e pintou a vida cotidiana e, a partir da sua história de vida, relatou um pouco da história das mulheres que, em alguma medida, são bem parecidas, mesmo em países diferentes. A artista pintou amor, paixão, maternidade, amamentação, violência, sexualidade, militância, cuidado e convívio com a natureza.

Isto posto, aqui, entre Brasil e México, estão reunidas minhas experiências, leituras, pesquisa de campo, aulas, seminários, créditos obrigatórios do currículo de doutorado do PPGEDU, orientações e participação em eventos científicos. Além disso, aqui estão às sugestões realizadas pela banca de qualificação composta por Eli Bartra (UAM), Elsa Maria Fonseca Falkembach (UNIJUÍ), Telmo Adams (UNISINOS) e Danilo Romeu Streck (UNISINOS). Tais sugestões, ideias e orientações recebi com respeito, admiração e carinho, devido à qualidade de produção e experiência de vida das/os componentes da banca de qualificação e que estarão presentes também na banca final. Com certeza, os pareceres realizados por cada um/a foram de suma importância para a sistematização e escritura dos conhecimentos das mulheres tecelãs, foco desta Tese.

Fotografia 9 – Bandeiras da Festa do Dia dos mortos. Cidade do Mexico/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2013.

## 2.2 OS TEARES E AS TÉCNICAS DE TECER

*Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos, teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho (PLATÃO apud ALVES, Branca, 1991, p. 11).*

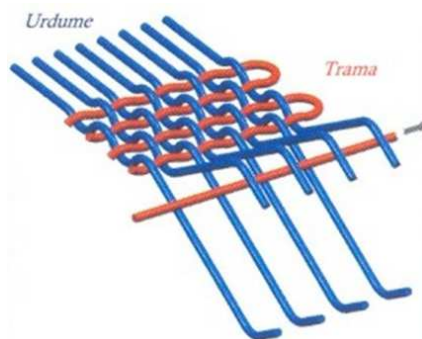
Fotografia 10 – Teares de pedal. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Para Rolf Twardokus (2004), a tecelagem é definida como o processo de produção de tecidos, por meio do cruzamento perpendicular de fios em dois sistemas paralelos. São eles: o urdume e a trama.

Figura 1 – Urdume e trama



Fonte: <[http://www.tecilli.com.br/tecidos\\_2.html](http://www.tecilli.com.br/tecidos_2.html)>. <sup>14</sup>

<sup>14</sup> Disponível em: <[http://www.tecilli.com.br/tecidos\\_2.html](http://www.tecilli.com.br/tecidos_2.html)>. Acesso em: 10 dez. 2011.

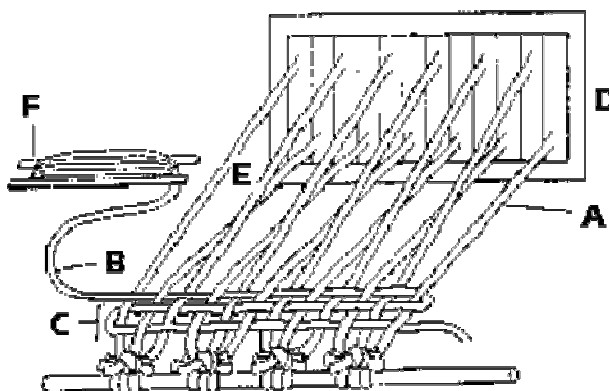
A tecelagem manual é provavelmente uma das artes mais antigas e estima-se que tenha iniciado há cerca de 5000 a.C. (LANZELLOTTI, 2009). Em todas as culturas são encontrados vestígios dessa arte marcando a história do respectivo povo e cultura (BUENO, 2005).

O trabalho de tecer iniciou, segundo Dinah Pezzola (2008), com a manipulação de fibras com os dedos. De acordo com a mesma autora, “o mais antigo indício da existência têxtil na história da humanidade data de mais de 24 mil anos; recentemente foram encontradas preciosidades que documentam a presença da tecelagem no período paleolítico” (PEZZOLA, 2008, p. 13). Em sua história, está o desenvolvimento de uma técnica que veio se aprimorando com o passar do tempo.

No Egito (3.000 a.C.), as múmias eram depositadas nas tumbas, envoltas em linho. Os chineses teciam seda de padrão delicado por volta de 1.000 a.C. Com base em exemplos como esses, podemos afirmar que a tecelagem esteve presente na maior parte da história da humanidade, servindo como forma de aquecimento dos corpos por meio de vestimentas e tecidos, provavelmente produzidas por mulheres.

De acordo com Lanzelotti (2009), a tecelagem era feita por meio do entrelaçamento de pequenos galhos e ramos para construir barreiras, escudos ou cestas. Teias de aranha e ninhos de pássaros podem ter sido as fontes para a criação da tecelagem. O primeiro tear foi provavelmente algo tão simples quanto uma estrutura vertical, construída de galhos, em que os fios eram pendurados e tencionados. Outros fios eram então entrelaçados manualmente, a certo ângulo daqueles já tencionados, criando um tecido rústico. Segundo o autor, é atribuída aos gregos a transferência do tear de posição vertical para a horizontal, e aos egípcios a fixação dos fios de urdume em dois galhos, a fim de poderem ser separados de modo a facilitar o entrelaçamento dos fios.

Figura 2 – O processo da tecelagem



Fonte: <<http://www.ribeirinho.com.br/teares.htm>><sup>15</sup>

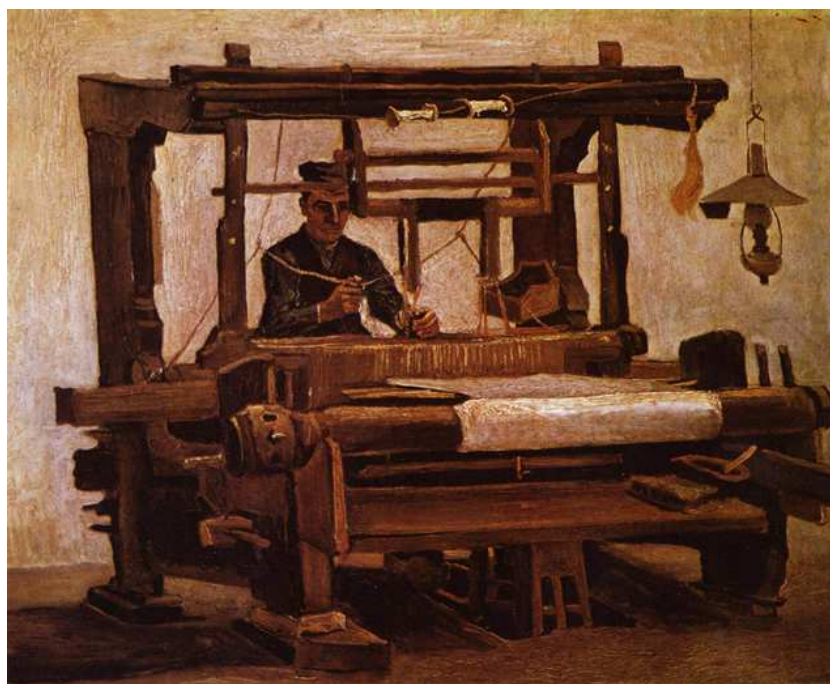
Durante sua longa história, a tecelagem serviu para a sobrevivência de diversas pessoas. Também foi de grande valia para processos de resistência política e social, como a libertação da Índia, liderada por Mahatma Gandhi e sua esposa Kastürba. Portanto, podemos afirmar que a tecelagem foi fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento da sociedade.

A tecelagem mostra sua marca na história. Em 1884, o pintor Van Gogh immortalizou a imagem da tecelagem em nove pinturas, com o título principal: O tecelão. Em suas nove telas, Van Gogh retratou sempre o mesmo homem.

<sup>15</sup> Imagem do processo da tecelagem: (A) - Urdidura (Urdume) - Base do produto. Fios esticados no tear, no comprimento do tecido; (C) (B) - Trama - Fios que vão sendo trançados pela urdidura, em movimentos de ida e volta; (D) Pente - parte do tear que separa os fios para permitir a passagem da trama, segundo o produto que será tecido; (E) Cala - espaço entre os fios do urdume por onde passa a Navete (F) com a trama. Disponível em: <<http://www.ribeirinho.com.br/teares.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2011.



Figura 3 – O tecelão (Van Gogh)



Fonte: <<http://tecelagem-artesanal.blogspot.com.br>><sup>16</sup>

No Brasil, algumas nações indígenas conheciam e praticavam a tecelagem. As mulheres indígenas trabalhavam com algodão e trançados de palha. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, a tecelagem passou a ser tramada no tear - então trazido pelos portugueses - e era desenvolvida pelas mulheres escravas e livres para a vestimenta de suas famílias. Em 1785, houve a proibição da confecção têxtil no Brasil.

Em 1785, a rainha Dona Maria I assinou um alvará mandando destruir todos os teares brasileiros. Dona Maria I fez isso pressionada pelas indústrias da Inglaterra, que exportava seus tecidos para o Brasil e não estavam dispostos a enfrentar concorrência da produção local. (SENAC, 2002, p. 9).

A tecelagem sobreviveu então na clandestinidade, nas regiões mais afastadas do Brasil, principalmente no interior dos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Somente em 1809, a atividade saiu da clandestinidade, quando D. João VI revogou o decreto de D.<sup>a</sup> Maria I.

Para a realização desta pesquisa, escolhemos Resende Costa por ser uma localidade do estado de Minas Gerais, um dos estados onde a tecelagem sobreviveu durante esse período. Além disso, constatamos que, nesse município, a tecelagem é

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://tecelagem-artesanal.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

bastante desenvolvida até hoje. Esta atividade sobreviveu pela resistência em continuar com um trabalho proibido e pelo processo pedagógico que foi preservado através das gerações, sobretudo pelas mãos das mulheres.

De acordo com dados oficiais do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, organizados juntamente com o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) e do Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB), mais da metade dos artesãos cadastrados são mulheres, cerca de 80% do número total. Quase 90% moram na zona urbana, bem como realizam suas atividades na própria residência, sendo que 52% dos artesãos e artesãs recebem menos de um salário mínimo nacional e 42% recebem entre um e cinco salários, embora dificilmente ultrapassem o valor de um salário mínimo. A comercialização de 49% da produção é feita na própria residência do artesão ou artesã, 22% em feiras e 14% em ruas ou praças.

Certamente esses números dão visibilidade à presença feminina em atividades artesanais, inclusive na tecelagem. São números que passam despercebidos aos olhos de muitos e que, nesta Tese, procuramos analisar, somando-os às pesquisas existentes neste campo.

## 2.3 A TECELAGEM EM MINAS GERAIS

Fotografia 11 – Tear manual exposto no museu de Artes e Ofícios. Belo Horizonte/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

Minas Gerais tem forte presença e tradição artesanal. No Museu de Artes e Ofícios, localizado no centro de Belo Horizonte, temos um espaço destinado a diferentes ofícios; ali o artesanato está ilustrado e preservado.

No final da década de 1960, início de 1970, o movimento hippie<sup>17</sup> foi um dos responsáveis por manter viva a tradição mineira do artesanato. Nessa década, nasce em Belo Horizonte a Feira Hippie, que acontece todos os domingos em uma das principais avenidas da capital mineira. A avenida Afonso Pena é fechada para que centenas de

---

<sup>17</sup> Em Minas Gerais, até os dias de hoje, temos uma forte presença da tecelagem. No final da década de 1960, o movimento hippie foi um dos responsáveis por manter viva a tradição mineira de tecelagem. Nessa década, nasce em Belo Horizonte a Feira Hippie, que ocorre todos os domingos em uma das principais avenidas da capital mineira, a Avenida Afonso Pena, que é fechada para que centenas de artesãs e artesões exponham seus produtos. Muitos vêm do interior do estado. A feira foi criada na Praça da Liberdade, em 1969, e, no ano de 1991, foi para a Avenida Afonso Pena, onde permanece até hoje. Com a mudança de endereço, a prefeitura criou um novo nome: “Feira de Arte e Artesanato da Avenida Afonso Pena”; entretanto turistas e mineiros/as ainda conhecem a Feira como “Feira Hippie”. Meu pai e minha mãe eram hippies nessa época e fizeram parte do processo de criação da feira, juntamente com seus amigos/as. A feira hippie de Belo Horizonte é hoje a maior do Brasil. As informações oficiais da feira foram retiradas dos *sites*: <<http://www.overmundo.com.br/guia/feira-hippie-1>>; <<http://www.feiradeartesanato.net>>.



artesãs e artesões exponham seus produtos, muitos deles vindos do interior do estado. A feira foi criada na Praça da Liberdade, em 1969, e, no ano de 1991, foi para a avenida Afonso Pena, onde permanece até hoje. Com a mudança de endereço, a prefeitura criou um novo nome: “Feira de Arte e Artesanato da Avenida Afonso Pena”. Entretanto, turistas e moradores da cidade ainda a conhecem como “Feira Hippie”.

Nesse estado, as pesquisas de Macedo (2003, 2006), Kodaria Mitiko (2002) e Claudia Duarte (2002) apontam que o trabalho da tecelagem é predominantemente feminino. São as mulheres que tecem, e este conhecimento é repassado de mãe para filha.

Em Minas Gerais, a tecelagem manual é desenvolvida em tear de pedal, representado na imagem abaixo.

Figura 4 – Tear de pedal



Fonte: Blog Senhora ao Sul.<sup>18</sup>

A tecelagem manual é realizada em diversos tipos de teares. Na foto a seguir, está um tear de pedal, o mesmo utilizado na tecelagem de Minas Gerais.

---

<sup>18</sup> Imagem do tear de pedal. Disponível em: <http://senhoreaosul.blogspot.com.br/2008/04/vendo-tear-da-arte-viva.html>. Acesso em: 04 fev. 2012.

Fotografia 12 – Tear exposto no Museu Nacional de Antropologia da Cidade do México/DF/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2013.

No Rio Grande do Sul, se tece principalmente em tear de pente liço, tear pequeno utilizado somente com as mãos.

Fotografia 13 – Tear de liço. Alvorada/RS/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2009.

No México, ao sul do país, se tece principalmente com tear de cintura. Este trabalho é exercido principalmente pelas mulheres indígenas.<sup>19</sup>

Fotografia 14 – Tecelã trabalhando em tear de cintura. Zinacantán/ Chiapas/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2013.

Na Europa, um filho de tecelões<sup>20</sup> estava incomodado com sua tarefa de ajudar os pais a tecer. Desde os dez anos, trabalhava com tear manual, e sua principal tarefa era preparar o tear, fazer o urdume e organizar as cores e novelos para que as figuras tecidas saíssem bem feitas. O rapaz não gostava da tarefa; achava que era demasiadamente chata, cansativa e sem fim. O jovem cresceu, tornou-se engenheiro e criou, em 1804, o primeiro tear automático (SANTOS, 2011).

O tear automático já tinha sido idealizado pelo inglês Edmund Cartwright (1743-1823), mas este fracassou na tentativa de comercialização de sua invenção. Desse modo, a invenção do símbolo da Revolução Industrial ficou com o filho de tecelões. Até os dias atuais, o tear criado por Joseph-Marie Jacquard, na França, é utilizado nas inúmeras fábricas têxteis do mundo todo.

<sup>19</sup> Afirmação feita pelas pesquisadoras Dr.<sup>a</sup> Elvira Hernández Carballido y Dr.<sup>a</sup> Josefina Hernández Telles, professoras investigadoras de la Universidad de Hidalgo durante uma “Charla-debate”, no dia 7 de fevereiro de 2014, na aula de mestrado nos Estudos da Mulher na UAM.

<sup>20</sup> Ver o TED intitulado A tecnologia artesanal ea educação de pessoas adultas com a Dra. Edla Eggert. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qUQjej-ZxCw>>.

Na época da invenção – e nos dias de hoje - nem todas as pessoas viam e veem o tear inventado por Jacquard como algo bom. Na época, houve revolta entre trabalhadores/as da tecelagem manual. Diversos protestos marcaram a invenção de Jacquard; várias pessoas queimaram os novos teares e chegaram a agredir fisicamente o engenheiro (BRITÂNICA ESCOLA ONLINE, 2013).

A complexidade do funcionamento de um tear é tão grande que muitas pessoas da área da informática consideram Jacquard o primeiro programador do mundo e seu tear automático o ponto de partida para a informática que hoje nos dá acesso a dados pessoais, comunicação e troca de informação em qualquer lugar do mundo. Segundo Raquel Santos (2011, p. 03), “Jacquard percebeu que as mudanças seguiam uma lógica e inventou um processo de cartões perfurados que definiam padrões nas laçadeiras e assim o trabalho dos/as tecelão/as seria trocado para algo automático”.

Nos dias de hoje, no local onde foi realizada esta pesquisa, as opiniões sobre os teares automáticos são divergentes. Algumas pessoas avaliam ser importante ter os teares automáticos, pois seria impossível as tecelãs de hoje darem conta de vestir sete bilhões de pessoas. Por esse motivo, entendem que, de fato, o tear automático é necessário. Para outras pessoas, o tear é uma praga; deveria ser desativado, pois tira trabalho das pessoas, além de não ter a qualidade e o toque de criação artística e estética das populações que produzem a tecelagem.

Mesmo com divergência de opiniões, em uma questão as tecelãs estão de acordo: vender produtos “China”, feitos em teares automáticos, por preços bem mais baratos em terras mineiras, tentando se passar por artesanal, é golpe baixo! Assim, tanto as favoráveis ao tear automático como as contrárias fazem guerra aos produtos “*made in China*”. A principal arma é ensinar clientes a reconhecer os produtos artesanais, feitos à mão, com criação própria, e que não se tem dois iguais, isto é, cada peça é única, fruto de trabalho árduo e singular, com uma estética que tear automático nenhum faz.

Mais de 200 anos depois da criação do tear automático, a complexidade deste instrumento de trabalho segue. As trabalhadoras dos teares buscam, por meio da experiência, fazer adaptações para que os teares manuais sejam mais confortáveis de trabalhar. No lugar desta pesquisa, as tecelãs recorrem ao trabalho também artesanal de um marceneiro, que faz pequenas modificações nos teares: conserta, propõe e discute as mudanças e os problemas. O trabalho conjunto aqui é fundamental para que a criação seja realizada.

A tecelagem manual faz parte da história de Minas Gerais. O artesanato dos fios foi mapeado no estado: dos 853<sup>21</sup> municípios, 219 têm presença desse artesanato.

A importância da tecelagem em Minas é forte e vem de longa data. No Brasil, em 1872, havia 139.488 trabalhadores/as dos fios, dos quais 50,5% encontravam-se em Minas Gerais (MACEDO, 2003, 2006).

A produção doméstica dos fios foi extremamente difundida em Minas Gerais, principalmente no início do século XIX. Segundo Santos e Silva (1997), esta técnica foi levada a Minas Gerais pelos/as colonizadores/as. A tecelagem faz parte da história econômica do estado, nos séculos XVIII e XIX. Nos teares, eram feitas as roupas que vestiam mulheres e homens, livres e escravos/as.

No estado de Minas Gerais, as mulheres são as principais trabalhadoras desse artesanato.

Mais de 90% da força de trabalho era composta de mulheres, tanto em Minas quanto no país como um todo. Sob essas condições, não se pode deixar de admitir que as mulheres trabalhadoras mineiras representavam o país na qualidade de produtos e tecidos, ou melhor, de artesãs de fios e tecidos (MACEDO, 2006, p. 230).

Segundo Douglas Libby (1997), o inventário dos teares da capitania de Minas Gerais de 1786 registrou, no estado, 1.248 teares divididos em 1.242 casas.

De acordo com os estudos de Macedo (2006), 66,96% das mulheres livres e 58,89% das mulheres escravas trabalhavam na produção de fios e tecidos. A autora afirma que:

Ao longo do século XIX, em Minas Gerais, a produção de fios e tecidos expandiu-se consideravelmente, tornando-se uma indústria cujos trabalhadores eram tipicamente mulheres. Estas, escravas ou não, eram as artesãs de seus ofícios - as "cardadeiras", "fiandeiras", "tecedeiras" e "tingideiras". A eventual reunião de escravas sob um mesmo teto e sob a vigilância de um feitor, em nada modifica o caráter artesanal de seu trabalho, antes corresponde às relações de dominação prevalecentes. (MACEDO, 2006, p. 3).

Segundo as pesquisas desta autora, podemos ver o número das pessoas que trabalhavam com os fios: 33.597 mulheres livres e 8.305 mulheres escravas trabalhavam com esse artesanato. Entre os homens, esse número cai para 283 homens livres e 123

---

<sup>21</sup> Número de municípios de Minas Gerais de acordo com o IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mg>>. Acesso em: 20 maio 2012.

homens escravos.

Entretanto o número de pessoas empregadas na produção artesanal era certamente muito maior que aquele indicado pelo censo, porque muitas mulheres que fiavam e teciam como parte de sua rotina doméstica devem ter sido classificadas como "serviço doméstico" ou "sem profissão". (1983, p. 88-89).

A atividade de fiação na época, com os instrumentos disponíveis, era um trabalho sem fim, compelindo as mulheres a fazê-lo a qualquer hora e lugar para suprir os teares. É bastante provável que um número significativo de fiandeiras tenha sido subtraído da profissão designada, no censo, como "operários em tecido", restrita (literalmente) à tecelagem propriamente dita (ou produção de tecidos).

Dessa maneira, os números das pesquisas já existentes mostram um estado marcado pelo trabalho artesanal dos fios com a presença especialmente de mulheres.

#### 2.4 RESENDE COSTA ONDE SE ACORDA COM O BARULHO DOS TEARES

Fotografia 15 – Fios para tecer. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.



Em 2010, estive em Belo Horizonte para apresentar um trabalho no XV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e prática de ensino que ocorreu na Universidade Federal de Minas Gerais. Durante aquele evento, conheci o município de Resende Costa através do meu tio Luiz Motta. Meu tio trabalhou com transporte coletivo durante toda a vida; após a aposentadoria, comprou um caminhão e começou a trabalhar sozinho, pois sempre disse que puxou ao pai, meu avô José Motta, que não conseguia ficar em casa parado sem fazer nada.

Com a compra do caminhão, meu tio passou a viajar ainda mais e conheceu o Brasil de norte a sul e, em especial, conheceu os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, relatando lugares que geralmente não são de conhecimento, pois são pequenos ou estão longe das atrações turísticas.

Durante nossa conversa, meu tio me perguntou sobre meu trabalho de mestrado que eu estava fazendo. Conteí a ele sobre a pesquisa<sup>22</sup> que estava realizando no ateliê de tecelagem em Alvorada. Mais que depressa, ele me falou: “Amanda, você precisa ir a Resende Costa, lá tem muitos teares, as mulheres tecem na rua e você compra tudo muito barato.” Daquele momento em diante, este nome não me saiu da cabeça: Resende Costa.

Voltando a Porto Alegre, no final de 2010, estava no MARGS. Entrei na loja do museu e encontrei uma coleção de livros sobre arte popular brasileira, intitulada In Natura. O livro foi escrito com o objetivo de localizar geograficamente onde se encontrava a produção artesanal no Brasil em cerâmica, barro, pedra, madeira e têxtil. Obviamente, a presença de todos esses tipos de artesanato estavam marcados no estado de Minas Gerais. Nesse livro, encontrei o lugar mencionado por meu tio. Quando chegou o momento de pensar em um projeto para ingressar no doutorado, não pensei

---

<sup>22</sup> Em fevereiro de 2011, defendi no PPG de Educação da UNISINOS a Dissertação de Mestrado intitulada A Pedagogia das Feminilidades Aprendida na Assembléia de Deus e as Implicações no Cotidiano "ordinário" de mulheres tecelãs. A pesquisa empírica foi realizada num ateliê de tecelagem localizado em Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre, entre 2009 e 2010. Nesse lugar, foram analisados os ensinamentos da Assembleia de Deus, transmitidos no cotidiano deste ateliê por meio de uma tecelã, fiel da referida igreja, que ali trabalha há mais de 10 anos. Além disso, procuramos identificar como a tecelã transmite os ensinamentos sobre as feminilidades no espaço do ateliê e quais as implicações disso no cotidiano daquele espaço de trabalho. Durante a pesquisa, analisamos que a tecelã produzia uma liderança que, na sua igreja, as mulheres não poderiam exercer. Dessa forma, a ambiguidade entre o obedecer e o desobedecer estava posta: ela produzia um lugar para exercer a liderança pastoral que as mulheres não podiam exercer na “formalidade” daquela igreja. Tal ambiguidade nos pareceu um aspecto constitutivo dos modos de aprender sobre a feminilidade. A dissertação foi publicada em 2014.

duas vezes: escrevi sobre o desejo de pesquisar a produção têxtil artesanal desse município.

Após o início das aulas de doutorado, em março de 2011, viajei para Resende Costa no mês de julho. Após quatro horas cortando as montanhas de Minas Gerais, cheguei ao município. Particularmente, considero essa viagem poética: o trânsito entre as montanhas e as pequenas cidadezinhas que existem entre elas é uma boniteza do estado de Minas Gerais. O ônibus da empresa “Sandra” faz o trajeto BH/Resende Costa e, nas inúmeras paradas, sempre há lugar para um cafezinho, pão de queijo e pastel de carne.

É comum, nesse município, o seguinte dito popular: “Em Resende Costa, em cada casa existe um tear”. Esse dito é um fato quando pisamos no município onde acordamos com o barulho dos teares.

A primeira ida a campo no município mineiro ocorreu em julho de 2011 e a segunda em julho de 2012. Fui muito bem acolhida pela população, o que me permitiu a realização de entrevistas e observação participante com tranquilidade.

Nessas duas vezes, fiquei hospedada em uma pequena pousada e realizei a pesquisa de campo durante o dia nas lojas de artesanato e nas casas das mulheres, visto que grande parte da produção é realizada em casa, no dia a dia, entre a família e os cuidados com o lar.

Segundo Wivian Weller (2006, p. 274), a entrada na comunidade onde vai ser realizada a pesquisa de campo é fundamental:

O trabalho de campo exige não somente o domínio metodológico e meteórico do tema, mas também um conhecimento sobre o meio pesquisado como, por exemplo, a situação social dos entrevistados, atividade profissional, entre outros aspectos. Ao mesmo tempo, o pesquisador deve conhecer os instrumentos de pesquisa e escolher procedimentos e técnicas apropriados ao tipo de estudo que pretende realizar.

Estar na comunidade, nas idas e vindas de ônibus, conversar com as pessoas entre um cafezinho e um pão de queijo nos ajuda a ver além da teoria. Assim, concretizei a práxis ensinada por Freire, construindo espaços de diálogos e aprendendo com os saberes e conhecimentos partilhados durante este trabalho de campo. Conforme Streck (2005, p. 17),



Às vezes o povo fala coisas tão simples que é difícil de entender. O segredo da pesquisa talvez esteja em penetrar este simples, movimentar-se dentro dele, entre as suas fissuras e saliências. Este simples e óbvio não nos encontra na escrivadinha, protegidos entre os livros, atrás do computador. O óbvio encontra-nos nas ruas, nas salas de aula, nas rodas de conversas sempre que estejamos dispostos a um tipo de escuta em que deixamos cair nossas defesas e barreiras, quando abandonamos a posição daqueles que já sabem e que imaginam ter que enfiar cada pedaço do mundo e da experiência em determinados lugares ou colocar-lhes uma etiqueta.

O movimento foi de observação, escuta conversas e partilha. Para tanto, a proposta foi de ficar de 15 a 20 dias em Resende Costa para ter a percepção mais próxima possível da realidade. Buscamos, com isso, a situação real, que resulta em uma aproximação crítica da realidade (FREIRE, 1999).

Resende Costa situa-se no estado de Minas Gerais. Resende Costa<sup>23</sup>. É um município da Região das Vertentes, criado em 30/08/1911. Tem área total de 631.561 km<sup>2</sup> e está localizada a 186 km de Belo Horizonte, capital mineira. A localização geográfica do município de Resende Costa pode ser observada na imagem abaixo.

Figura 5 – Mapa do Estado de Minas Gerais com o município de Resende Costa em destaque



Fonte: Tese de doutorado de Gustavo Melo da Silva (2012).<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Informações obtidas no arquivo de Resende Costa, durante pesquisa empírica no mês de julho de 2011 e no site <<http://www.camaraderesendecosta.mg.gov.br/>>. Acesso em: 04 set. 2009.

<sup>24</sup> SILVA, Gustavo Melo da. **Mercados como Construções Sociais**: Divisão do Trabalho, Organização e Estrutura Social de um Mercado em um Território Municipal. 2010.

Na primeira metade do século XVIII, foi erguido um rancho para abrigar tropeiros e viajantes. Essa movimentação de viajantes deu origem ao povoado de Lajes, hoje chamado de Resende Costa. Em 1749, foi construída a Capela Nossa Senhora da Penha de França e estabelecidas oito casas, entre elas a do Inconfidente José de Resende Costa.

No início, a pequena população dedicava-se ao plantio de gêneros alimentícios e à criação de gado. Em 191, o então povoado de Lajes ganhou sua autonomia como município, recebendo o nome de Resende Costa como homenagem aos inconfidentes (pai e filho) que viveram ali no início do povoado. Hoje o município vive predominantemente do artesanato têxtil, confeccionando principalmente peças para a casa. Sua população, segundo dados do IBGE de 2010, é de 10.941 habitantes.

No ano de 2012, Resende Costa estava em festa. Muitas comemorações marcaram os 100 anos de emancipação política desse município. Em 1912, Resende Costa passou a existir legalmente e teve sua autonomia no momento em que adquiriu liberação política (RESENDE, 2012).

Assim como na maioria do estado de Minas Gerais, Resende Costa foi colonizada por portugueses. No município há uma biblioteca municipal que empresta livros para a comunidade. Ali não existe cinema nem teatro. A cidade conta com três semáforos, dois postos de gasolina, três pousadas, uma praça, duas farmácias, uma igreja católica, herança da colonização portuguesa, uma igreja da Assembleia de Deus<sup>25</sup>, dois mercados e 98 lojas de artesanato.

---

Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdade de Administração. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-874GMS/tesegms2010fafichufmg.pdf?sequence=>>. Acesso em: 1.º maio 2012.

<sup>25</sup> A AD é hoje a maior igreja em número de fiéis e templos no Brasil, perdendo apenas para a Igreja Católica. Também é a igreja que mais “ganha” fiéis por ano. Em sua grande maioria, são pessoas de classes populares, o que a torna inserida na cultura popular das pessoas. Ver: CASTRO, Amanda Motta. **Reafirmações do feminino no movimento pentecostal: implicações no cotidiano 'ordinário' de tecelãs**. 1. ed. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

Fotografia 16 – Vista do Município de Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

Quando a população procura diversão, esta é encontrada na cidade vizinha, São João Del Rei. É comum, nos fins de semana, muitas pessoas saírem de Resende Costa para ir a São João Del Rei, na sexta-feira e sábado à noite. Festas, *shows*, bares noturnos, boates e movimento estão na cidade ao lado. Em Resende Costa, quase não há movimento à noite, e o máximo encontrado é uma churrascaria que abre de quinta a domingo no jantar, com música no telão do restaurante.

Resende Costa tem sido foco de pesquisa principalmente por parte dos pesquisadores que nasceram em Resende Costa. Entre os livros escritos, dois deles, em especial, nos chamam atenção: “Artesanato – contando teares”, escrito por SANTOS & SILVA e publicado em 1998, e “Tear - Artesanato em Resende Costa”, escrito pelos mesmos autores, publicado em 1997.

No livro “Artesanato - contando teares”, os autores fazem um relato de uma pesquisa que teve como objetivo realizar um recenseamento dos/as tecelões/as de Resende Costa. Publicado em 1998, este texto reúne dados importantes sobre a indústria têxtil do município. Todavia, para uma análise de gênero, foram realizadas algumas perguntas que a impossibilitam. Um exemplo disso é a pergunta que se refere à tradição da tecelagem no município: para saber com quem a pessoa aprendeu a tecer, a mostra indica como alternativas de resposta as seguintes: pais, avós, irmãos, bisavós, tios e

outros. Como todas as alternativas eram masculinas, não temos como saber exatamente com quem a pessoa entrevistada aprendeu a tecer.

Por sua vez, no livro *Tear – Artesanato em Resende Costa*, os autores resgatam a história do município e sua geografia. O livro também aborda a tradição da tecelagem em Resende Costa, a história do tear e do artesanato dos fios.

Assim como ocorre no Rio Grande do Sul – estado em que a tecelagem é um trabalho quase exclusivamente das mulheres<sup>26</sup> -, em Minas Gerais a participação no artesanato dos fios também é predominantemente de mulheres<sup>27</sup>. Porém, no início dos anos 1980, o pequeno município mudou a tradição: em Resende Costa, homem também tece.

Com sua pequena população, os homens de Resende Costa iam trabalhar na capital mineira ou paulista e, frequentemente, ficavam fora por longos períodos, distantes de suas famílias. As mulheres permaneciam em casa, trabalhando nos afazeres domésticos, na criação dos filhos, filhas e na tecelagem manual. Esses trabalhos nos grandes teares manuais de Resende Costa faziam com que elas vestissem suas famílias e criassem peças para a casa, como colchas, tapetes e toalhas. Também era parte do trabalho das mulheres ensinar às filhas as técnicas dos teares para que estas reforçassem o sustento da família. A tecelã Azul explica:

[...] o problema é que não tinha trabalho aqui em Resende Costa. Os homens iam embora e nós ficávamos sozinhas cuidando de tudo por aqui. A gente ficava sem notícia, não tinha telefone e essas coisas que agora a gente tem. Mas, mesmo se tivesse, acho que nós íamos começar a ensinar os homens a tecer porque aí fica a família toda junta e perto e fica bom. (Tecelã Azul, durante entrevista em julho de 2011).

Assim, em Resende Costa, o trabalho de tecer nasce da necessidade cotidiana de cuidar da família e é ampliada pela imprescindibilidade de que os homens tivessem trabalho perto de suas famílias. Aqui, cada família desenvolve seu artesanato,

---

<sup>26</sup> De acordo com Tisa Devincenzi da Silva (2005), no estado do Rio Grande do Sul 50 mil pessoas trabalham diretamente com artesanato, sendo que 13 mil pessoas sobrevivem do artesanato em Porto Alegre. Segundo a mesma autora, a principal matéria prima do artesanato gaúcho é o fio (algodão, linha, lã, couro cru, prata, ouro e arame). Neste estado, as pesquisas de Eggert (2006, 2010, 2011) apontam que o trabalho da tecelagem é predominantemente feminino: para a autora, 80% de todo o artesanato produzido no Rio Grande do Sul é feito por mulheres (2011).

<sup>27</sup> Afirmação feita com base na pesquisa empírica e durante a realização do estado da arte. No sul de Minas, onde temos uma forte presença da tecelagem, são quase exclusivamente as mulheres que tecem. (MITIKO, 2002; DUARTE, 2002).

geralmente no fundo de suas casas, e realiza a venda em lojas organizadas na frente de suas casas, por encomenda, ou ainda dentro de suas casas, em geral na sala.

No início da década de 1980, a ação das mulheres de ensinar a tecer, não somente às suas filhas, mas também aos homens, criou um município onde a principal fonte de renda é a tecelagem manual, seja pela venda das peças produzidas nos teares, seja pelo trabalho direto nos teares ou no comércio local para atender turistas. A venda de tecelagem atrai turistas de norte a sul do Brasil.

Fotografia 17 – Tecelã tecendo em tear de pedal. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.



## 2.5 AS PESQUISAS SOBRE O TEMA: O ESTADO DA ARTE

Fotografia 18 – Tecelã tecendo em tear de pedal. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Realizei um levantamento junto ao banco de dissertações e teses da CAPES e da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. A escolha do banco da CAPES deve-se ao fato de este ser o banco nacional de maior concentração de pesquisas acadêmicas. Por sua vez, a escolha do banco da UFMG se deu pelo fato de parte da pesquisa empírica ser realizada no estado de Minas Gerais, e a UFMG concentra boa parte da produção científica produzida sobre o referido estado, inclusive a tecelagem nesse estado. Nesta busca de pesquisas realizadas sobre tecelagem, não fizemos recorte temporal porque existem poucas pesquisas desenvolvidas sobre esta temática. Para a pesquisa, utilizei as seguintes palavras-chave: artesanato, tecelagem, tecelagem manual, gênero e trabalho, trabalho artesanal de mulheres, feminismo e trabalho artesanal e arte popular e gênero.

A partir das referidas escolhas, na realização das consultas aos referidos bancos de dados, encontramos vinte e sete pesquisas de Mestrado e Doutorado que abordam a questão do trabalho da tecelagem no Brasil, bem como da indústria têxtil. Dessas pesquisas, foram desenvolvidas: duas na Educação; duas na Comunicação; uma em Letras; duas na História; uma na Economia; uma na Economia Doméstica; uma na

Administração; uma no Desenho Industrial; uma na Geografia; uma nas Ciências; e uma na Gestão do Patrimônio Cultural. O maior número de pesquisas está concentrado nas Ciências Sociais e em Engenharia de Produção: seis pesquisas foram desenvolvidas pela Sociologia e seis estão nos Programas de Pós-Graduação em Engenharia.

Dentre as vinte e sete pesquisas encontradas, vinte foram de mestrado e seis de doutorado. A tecelagem industrial é o foco de treze estudos, isto é, as grandes indústrias têxteis do Brasil; e as outras treze foram desenvolvidas sobre a tecelagem manual, sobretudo no estado de Minas Gerais; historicamente, há uma forte marca desse artesanato. Três estudos abordam a questão da mulher na tecelagem; as demais passam ao largo das discussões de gênero.

No campo da Engenharia de Produção, as investigações encontradas estão voltadas à discussão da saúde na produção da tecelagem, uma vez que artesãos/as ficam muitas horas ao tear, desenvolvendo assim doenças ligadas à coluna e às pernas.

Esta área do conhecimento também tem feito pesquisas com vistas a discutir e compreender: a relação existente entre a atual dinâmica do sistema de produção de base artesanal e os processos de adaptação dos artesãos às novas exigências de produção; a padronização dos modos de trabalho, aceleração, intensificação e repetitividade dos ciclos de trabalho; as dificuldades encontradas e as estratégias desenvolvidas por artesãos diante das novas exigências competitivas; e a caracterização dos principais elementos que induzem as transformações da estrutura produtiva.

A pesquisadora Kodaria Medeiros Mitiko defendeu, em 2002, na Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, a dissertação intitulada: “O segredo da trama: desvendando a comunicação na tecelagem popular brasileira”. A pesquisa de campo foi realizada no sul de Minas Gerais e teve como objetivo principal analisar as formas de codificação e transmissão de repassos na tecelagem manual. O *repasso* é o nome de um código desenhado que documenta as informações necessárias à execução da técnica manual de tecer. A pesquisa identificou 38 métodos de *repasso*. Esta investigação foi interessante e nos apresenta elementos para pensar a criação dos *repassos* que encontramos entre as mulheres tecelãs de Resende Costa.

No campo da História, tivemos uma boa contribuição para pensar sobre a tecelagem. Em 2002, a mestranda Claudia Renata Duarte defendeu a dissertação intitulada: “História e cultura material: a tecelagem manual no Triângulo Mineiro”. A dissertação teve como objetivo reconstruir os principais traços da história da tecelagem manual do Triângulo Mineiro, e analisa as manifestações da cultura material da região

durante o século XX. O estudo demonstrou uma rica tradição artesanal: a transmissão da experiência, e constatou que a tecelagem manual, como era desenvolvida, está em vias de desaparecer. Essa dissertação foi publicada pela editora EDUFU, com o título “Tecelagem manual no Triângulo Mineiro: história e cultura material”.

De acordo com o levantamento realizado, a área da Educação e do Ensino contempla pouco a tecelagem. O tema da tecelagem na Educação está voltado para buscar compreender como o ensino da tecelagem pode resgatar a cidadania, haja vista que ambas foram realizadas em locais de privação de liberdade.

Essas investigações tiveram conclusões aproximadas e verificaram que o ensino da tecelagem auxilia na superação de dificuldades, medos, ansiedades e desenvolve o pensamento reflexivo. Maria Stela da Costa Gondim defendeu a dissertação intitulada “A inter-relação entre saberes científicos e saberes populares na escola: uma proposta interdisciplinar baseada em saberes das artesãs do Triângulo Mineiro”, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UnB. O estudo foi realizado no Centro de Fiação e Tecelagem de Uberlândia. Utilizando o referencial teórico da Educação Popular, a pesquisa teve como objetivo investigar a interrelação entre saber científico e saber popular. A pesquisa desenvolvida no centro de fiação e tecelagem com estudantes do Ensino Médio mostrou que 46,8 % dos/as estudantes da escola tinham conhecimento ou conheciam pessoas que trabalhavam na tecelagem manual e que estes estudantes tinham o desejo de conhecer mais sobre a tecelagem. O estudo concluiu que a escola não articulava saber popular – a tecelagem – e saber científico. Após essa verificação, a pesquisadora e a orientadora da pesquisa desenvolveram um material paradidático para favorecer a interdisciplinaridade e a contextualização. Nesse mesmo caminho, temos ainda a dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, de Elza Hirata Baptista, com o título “O ensino da tecelagem manual sob ótica sociocultural, um estudo desenvolvido com mulheres presidiárias como alternativa para inclusão social”.

Fora desse âmbito de ensino, com objetivos de readaptação, temos Ana Cristina Santos Limeira que produziu sua dissertação de mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas. Analisou o currículo de um curso de Artesanato do Programa de Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal. Registramos esse trabalho pelo fato de a proposta do artesanato estar presente no decorrer do texto, embora a tecelagem não seja o foco. Chamou atenção, no entanto, a questão do processo de ensino do artesanato.



Nas Ciências Sociais, a pesquisadora Liége Pires do Rosário Lau defendeu a dissertação intitulada “Mulheres tecelãs e as novas tecnologias de produção: estudo de caso em uma empresa têxtil do Rio Grande do Sul”. A pesquisa foi desenvolvida em uma empresa de tecelagem e não em tecelagem manual, mas a dissertação aborda a questão de gênero.

O estudo buscou analisar as relações de trabalho entre homens e mulheres em uma empresa do ramo têxtil e verificar os impactos das transformações realizadas pelas inovações tecnológicas no trabalho de operárias e operários. Esse estudo concluiu que, mesmo existindo um discurso sobre igualdade de oportunidades dentro da empresa, no cotidiano da empresa as mulheres ocupavam as categorias mais inferiores da produção. Conseqüentemente, havia uma nítida diferenciação entre os salários de homens e mulheres. Estas recebiam bem menos que os homens, caracterizando assim uma nítida diferenciação das relações de gênero no trabalho têxtil da empresa estudada. A pesquisa de Lau (2005) vem ao encontro de estudos sobre a indústria têxtil no Brasil quando o escopo é gênero. Saffioti (1967) aponta para as desigualdades de salários na indústria têxtil paulista, dentre outras áreas.

Ainda sobre as relações entre gênero e salário, encontramos a pesquisa “Salário e qualidade do emprego feminino na indústria têxtil e tecelagem do algodão na Paraíba”, defendida em 1998, pela mestrandia Débora Gerlane e Souza, na Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal da Paraíba. O objetivo do estudo foi investigar o pressuposto da segmentação por gênero relativo à atividade da tecelagem na indústria têxtil paraibana, incluindo qualificação e salário. O estudo concluiu que o trabalho das mulheres é mais minucioso, exigindo muita paciência e destreza. Entretanto, o salário das mulheres é muito inferior ao dos homens. O estudo verificou uma segmentação por gênero e diferenças de salário entre homens e mulheres no setor têxtil desse estado.

Nas Ciências Sociais, temos a pesquisa “Mercados como Construções Sociais: Divisão do Trabalho, Organização e Estrutura Social de um Mercado em um Território Municipal”. O trabalho de campo da tese foi realizado em Resende Costa. A pesquisa foi descritivo-analítica e utilizou como método o estudo de caso. A tese analisou a estrutura social da vida econômica do mercado de produção têxtil no município de Resende Costa. Observou que, nas últimas duas décadas, este mercado passou por uma série de transformações organizadas burocraticamente e controladas socialmente pelos proprietários dos estabelecimentos comerciais detentores das fontes de fornecimento e

consumo da produção domiciliar. Segundo o autor, o mercado foi construído por uma produção dispersa nos domicílios, pela divisão do trabalho e organização burocrática comercial que controla seus serviços produtivos para atender as pressões de consumo e a solidariedade entre indivíduos de um território em que as relações familiares formam sua densidade e disciplina moral.

Na Antropologia, temos a pesquisa defendida em 2005, intitulada “As técnicas tradicionais das fiandeiras e tecedeiras de Hidrolândia – Goiás”. Defendida na Universidade Católica de Goiás, a dissertação é um estudo das técnicas tradicionais utilizadas pelas fiandeiras e tecedeiras de Hidrolândia. Aborda aspectos da cultura, da identidade e do patrimônio cultural, discutindo a relação entre a materialidade e a imaterialidade do saber fazer técnico. Apresenta também um breve levantamento sobre as origens da tecelagem em geral, seus mitos, a presença feminina, os instrumentos utilizados assim como a tecelagem manual no Brasil, no Estado de Goiás e em Hidrolândia. Além disso, o texto apresenta e analisa o mutirão das fiandeiras cujo objetivo é valorizar e mostrar as formas de trabalhar o algodão, bem como a cadeia operatória que envolve o fazer e o saber das fiandeiras e tecedeiras.

As pesquisas na Antropologia também agregam a temática da tecelagem manual. São estudos sobre o caráter cultural, a organização econômica e a identidade do patrimônio cultural. Embora não abarquem discussões de gênero e os processos de ensinar e aprender da tecelagem, as investigações discutem aspectos importantes, como o lugar do trabalho com os fios na cultura popular e as maneiras como as famílias que vivem dessa produção organizam economicamente seus negócios. Além das teses desenvolvidas, temos uma pesquisadora que desenvolve estudos sobre a tecelagem manual: Concessa Vaz de Macedo<sup>28</sup>, professora de Economia da UFMG. Ela tornou-se uma referência sobre o estudo da tecelagem manual em Minas Gerais. Em 2006, a pesquisadora escreveu o artigo “A indústria têxtil - suas trabalhadoras e os censos da população de Minas Gerais do século XIX: uma reavaliação”, em que analisa dados importantes sobre a tecelagem no estado de Minas Gerais. Esse artigo deriva da pesquisa realizada pela autora, intitulada "Trabalho Feminino e suas Técnicas -

---

<sup>28</sup> A pesquisadora defendeu na USP a tese intitulada: “As mulheres, seus ofícios e suas técnicas - processo de trabalho nas indústrias têxteis britânicas antes da Revolução Industrial”. Da pesquisadora encontramos os seguintes artigos em periódicos: O trabalho feminino e suas implicações no crescimento demográfico Político. Centro de Estudos de caso de População e Desenvolvimento, 1985.

Processo de trabalho e organização da indústria de fios e tecidos em Minas Gerais no século XIX".<sup>29</sup>

Após o trabalho de levantamento de teses e dissertações, entendemos que esta Tese contribui para a discussão acadêmica que vem sendo feita sobre a tecelagem manual, em especial por dois aspectos: (a) faz a discussão de gênero, que é pouco problematizada nas investigações realizadas; (b) porque compõe com o que o grupo de pesquisa, pela orientadora, tem buscado desenvolver, que são os processos pedagógicos que acontecem por meio dos saberes da experiência nesse tipo de trabalho. Em outras palavras, o foco é a Educação: analisar o processo de ensinar e aprender da tecelagem manual em seu contexto histórico: o cotidiano das mulheres.

---

<sup>29</sup> A indústria têxtil - suas trabalhadoras e os censos da população de Minas Gerais do século XIX: uma reavaliação. *Varia História*, v, 22, n, 35, jan./jun. 2006. Essa pesquisa foi concluída em dezembro de 2004, no Departamento de Ciências Econômicas da UFMG e no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – Cedeplar, com apoio financeiro da Fundação de Amparo e Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG.

### 3 FIOS: PRINCÍPIOS TÉCNICOS

Fotografia 19 – Fios para tecer. Museu de Artes e Ofícios/Belo Horizonte/MG



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

Fotografia 20 – Fios para a tecelagem. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

O fio é um elemento fundamental na tecelagem. Para tecer, é necessário ter dois conjuntos de fios - urdidura e trama - que se entrelaçam, dando origem ao que chamamos tecido. Vários são os fios e fibras utilizados no trabalho de tecer: algodão, seda, lã, linho, couro, palha, entre outros.

Principalmente na tecelagem de tapetes – que é a produção predominante no lugar desta pesquisa - não existe limite para a mistura de fios e cores. A capacidade criadora das tecelãs é essencial, uma vez que elas são as responsáveis pela beleza que encontramos nas lojas de artesanato. Para a tecelã Azul Forte (2012), “É isso que acontece sabe... Eu fico pensando e olhando aqui para os fios, então vou escolhendo, vejo o que fica melhor, sabe. Tem cores que casam bem, outras não, aí então...”.

Aqui, denominamos fios os elementos que compõem a trama, pois estes representam os fios que tecem esta proposta.

Neste capítulo, apresentaremos os princípios técnicos da pesquisa. Aqui serão expostas as técnicas utilizadas na investigação. Além disso, busca-se caracterizar os homens e as mulheres participantes da pesquisa, a forma como se configura o diário de campo e as transcrições das entrevistas.

Na primeira ida a campo, havia a ideia bem definida de trabalhar com uma determinada técnica de pesquisa, mas a experimentação feita no caminho mostrou que eram necessários ajustes. Assim fomos organizando os fios, com leituras, aulas, orientações, visita a museus, empiria e escuta, os movimentos necessários aos ajustes próprios da pesquisa.

### 3.1 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE; PESQUISA PARTICIPANTE E AS ENTREVISTAS

Muitas vezes, avaliamos inicialmente que uma técnica é adequada; contudo, quando chegamos ao campo empírico, percebemos que, em alguns casos, não podemos utilizar a metodologia que havíamos pensado e estudado.

Quando esta Tese estava sendo delineada, nossa ideia inicial era trabalhar com grupos de discussões, com base nos estudos de Weller (2006; 2010). Tal escolha buscava alinhar-se principalmente ao que a orientadora desta pesquisa vem utilizando como metodologia desde 2008, especialmente junto ao grupo pesquisado num ateliê de tecelagem em Alvorada, no Rio Grande do Sul. Por isso, a referida metodologia tem sido estudada pelo grupo de pesquisa do qual faço parte.

Fotografia 21 – Fios no tear. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Entretanto, quando cheguei ao campo empírico pela primeira vez, em julho de 2011, ocorreram alguns entraves que impediram a realização dos grupos de discussões. A primeira dificuldade foi garantir tempo para realizar os grupos de discussões. Em Resende Costa, ganha-se por peça produzida, motivo pelo qual foi difícil fazer com que as tecelãs parassem sua produção para conversar. Interromper a produção por uma hora e meia significaria perder dinheiro; portanto, os teares não poderiam parar.

A segunda dificuldade ocorreu pela forma de organização do trabalho. Em Resende Costa, a produção da tecelagem é realizada em casa, geralmente no quintal. É um trabalho por vezes solitário e, na maioria das vezes, é realizado simultaneamente aos afazeres domésticos e de cuidado com os filhos e filhas.

Nesse contexto, pensar em grupos de discussão implicaria de alguma forma, a redução do trabalho e, conseqüentemente, da renda das tecelãs, que já é baixa. O tempo disponibilizado à discussão, somado ao deslocamento para o lugar de realização desses grupos, geraria um impacto expressivo sobre o rendimento dessas pessoas, que sobrevivem da tecelagem.

Ao considerarmos essas questões, optamos por trabalhar com a observação participante, diário de campo e as entrevistas semiestruturadas, e nos baseamos nos princípios da Pesquisa Participante.

A pesquisa participante surgiu em 1960, em um contexto de lutas sociais, por iniciativa de pesquisadores e pesquisadoras, especialmente da América Latina, envolvidos com projetos de pesquisa social. Naquele contexto, ela visava à aproximação entre os/as pesquisadores/as e as pessoas inseridas na dura realidade que queriam transformar. Sendo assim, a Pesquisa Participante passou a existir como contraponto e alternativa teórico-metodológica aos modelos de ciências sociais de herança positivista e funcionalista, oriundos principalmente da América do Norte (BRANDÃO, 1986).

Participação é uma categoria muito refletida por Paulo Freire, sobretudo nas suas obras *Política e Educação* (2001), *A Educação nas cidades* (1991) e *Educação e Mudança* (2008). Para Freire, a participação pode ser entendida como exercício de voz, de ter voz, decidir, exercitar a cidadania e lutar por transformação social e emancipação (FREIRE, 2003).

Dentro desse contexto, surge a Pesquisa Participante: “A participação popular é a ferramenta capaz de romper com a tradição de sociedade elitista excludente” (FREIRE, 1991, p. 16). Nas palavras de Brandão, “A pesquisa participante deve ser praticada como um ato político claro e assumido”.

Para que este movimento aconteça, é fundamental a entrada e participação do pesquisador ou pesquisadora junto à comunidade pesquisada:

Ao invés de se manter distância entre o (*sis*) pesquisador (*sis*) e o grupo que vai ser examinado, tal como se exige nas ciências sociais tradicionais, a Pesquisa Participante propõe-se à interação. (GAJARDO, 1986, p. 32).

Como descrito acima, tais opções técnicas foram feitas levando-se em consideração a própria movimentação da pesquisa, pois a produção da maioria das tecelãs ocorre no cotidiano da vida.

A observação participante, muito desenvolvida pela Antropologia, foi retomada na Educação Popular por meio dos estudos realizados por Brandão (2003). Tal metodologia nos leva a partilhar o cotidiano, o que pensamos ser importante nesta pesquisa. A esse respeito, o autor menciona:

A observação participante, que obriga à partilha da vida do/com o outro [sic], e que nos envolve e faz se completarem estratégias (ou técnicas, se quiserem) de coleta de dados, como registro etnográfico em diários de campo, a entrevista, a história de vida, a exegese do visto e do ouvido [...]. (BRANDÃO, 2003, p. 293).

Heraldo Vianna (2007) destaca que a observação participante é frequentemente usada em pesquisas qualitativas e tem como objetivo a observação tanto teórica como prática sobre a cultura, com base nas realidades da vida cotidiana. O mesmo autor afirma que a observação participante é uma atividade que envolve simultaneidade, porque combina entrevistas, participação direta, observação e introspecção e análise documental.

A observação participante permeará todos os momentos da pesquisa empírica, isso porque observar, conversar, ver, reparar e aprender juntamente com as mulheres faz parte deste estudo. Logo, a observação participante permitirá transitar no cotidiano da tecelagem com conversas informais, observação, fotografias e filmagens. Após cada inserção, foi feito o registro da coleta num diário de pesquisa.

Como já foi observado até aqui, as imagens e fotografias são um enfoque importante desta investigação. Gosto muito de fotos. Para mim, elas denunciam, revelam e emocionam, e também podem ser usadas como ato político (SALGADO, 2000). As fotos reafirmam a poesia de Cazuzza, cantor e compositor brasileiro dos anos 1980. Cazuzza fez sucesso cantando a linda canção *O tempo não para*. Em um dos trechos, o cantor diz: “Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades, o tempo não para, não para, não, não para”. (CAZUZA, 1988).

Todavia, as fotos, em alguma medida, param o tempo, nos levam para a infância, ou há tempos em que não vivíamos. Elas são emocionantes, contam histórias e param o tempo. É provável que a maioria das pessoas tenham em algum lugar especial fotos da família, de amigos/as, de sua história.

Assim como na vida, as imagens aqui contam uma história e são cruciais para a composição das tramas desta investigação. Todas as fotos foram feitas por mim, durante a empiria, ou em visitas a museus e lugares onde a tecelagem está presente; logo, também elas compõem as técnicas utilizadas nesta investigação. Sabemos que, assim como a pesquisa, as fotografias não são neutras, nas palavras de Mariana Botti (2003, p. 110): “em uma fotografia não encontramos a neutralidade, pois ela é, antes de tudo, um recorte da realidade que se apresenta um ponto de vista escolhido, uma intenção”. A autora Olga Brites (2000, p. 166) adverte ainda que a “foto não é reflexo nem ilustração do real, ela é dotada de uma historicidade própria, que considera novas tecnologias e formas de conceber e encarnar o social. Logo, as fotos aqui somam ao processo investigativo.



Para Alda Alves-Mazzotti (1998) e Augusto Triviños (1987), a observação participante envolve três etapas: aproximação da instituição e estabelecimento de vínculos; realização da observação no contexto dos sujeitos para a coleta de dados; registro posterior aos acontecimentos ocorridos durante a observação, como comportamentos, ações e diálogos observados.

De acordo com Brandão (2003), a pesquisa requer partilha. Por esse motivo, em muitos momentos, acompanhamos o cotidiano por meio desta metodologia. Temos material coletado durante as observações participantes realizadas em Resende Costa, em 2011 e 2012.

Esta Tese também utiliza a metodologia de entrevista individual que, assim como a observação participante, também é bastante usada em pesquisas qualitativas. Entendemos entrevistas semiestruturadas como sendo:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se percebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Segundo Rosalia Duarte (2004), entrevistas são fundamentais quando há necessidade e/ou desejo de mapear práticas, crenças e valores. Diante disso, entendemos que essa metodologia é fundamental. A esse respeito, Minayo (2002, p. 57) afirma:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador [sic] busca obter informes contidos na fala dos atores [sic] sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores [...]. Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.

Sabemos que a entrevista requer que sejamos boas entrevistadoras para, de fato, termos possibilidade não apenas de ouvir, mas fazê-lo de forma ativa, isto é, ouvir atentamente. Desse modo, demonstramos interesse na fala da entrevistada e

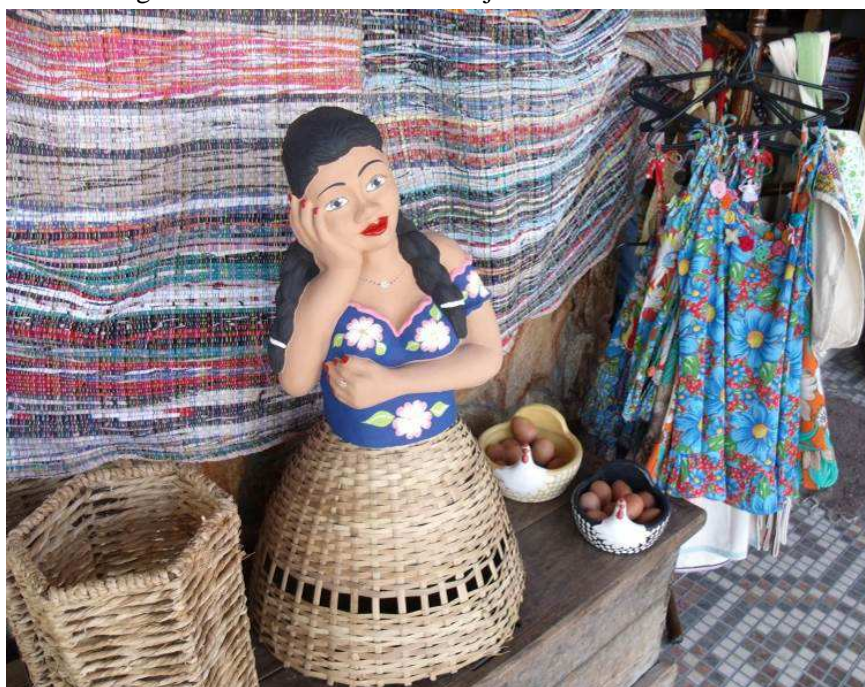
participamos da entrevista com gestos que evidenciam à entrevistada que ela está sendo ouvida. Sobre isso, José Magnani (1986, p. 97) destaca:

Além de ouvir, o pesquisador [sic] precisa ficar atento às expressões utilizadas pelo entrevistado [sic], pois ele pode simular palavras e conceitos que não são utilizados no seu dia a dia, tentando mostrar aquilo que ele acha que o entrevistador [sic] quer ouvir. É por isto que nem tudo deve ser entendido como verdade, mas pode e deve ser analisado frente aos demais discursos e conceitos que embasam o trabalho.

Com base nessa afirmação, esta investigação integra observação participante e entrevistas individuais, fotografia e diário de campo, buscando a escuta sensível e a observação atenta para os movimentos da empiria que vão para além da palavra. Sabemos que não apenas o que é dito constitui uma pesquisa, mas também o que não é dito, como nos ensina Elaine Neuenfeldt (2005; 2008).

### 3.2 MULHERES E HOMENS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Fotografia 22 – Entrada de uma loja. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

Esta Tese foi escrita com a participação generosa de mulheres e homens que vivem no município de Resende Costa. Em sua grande maioria, são pessoas simples, de pouco estudo formal e grande coração e experiência, que abriram suas casas para mim e

me contaram suas histórias: histórias de vida que estão interpenetradas pelos fios da tecelagem manual.

Quando a conversa era com as mulheres, elas aconteciam, sobretudo, no quintal das casas onde ficam os teares, mas, em geral, eu logo era convidada para um café com pão de queijo na mesa que quase sempre ficava na cozinha. Geralmente, eu ficava ali, ouvindo, tomando café e ajudando no arremate final dos tapetes.

A maioria das mulheres entrevistadas nunca saiu do estado de Minas Gerais. Algumas não conhecem a capital Belo Horizonte e quase todas contaram que gostariam de conhecer o mar. Minas Gerais não tem mar, essa é uma questão que em geral deixamos – os/as mineiros/as – incomodados/as, e é comum chamarmos o estado do Espírito Santo, onde tem mar, de “quintal das Minas Gerais”. É uma pequena mágoa por nosso estado ser tão grande, mas não ter mar. O mar é um desejo da maioria das mulheres, que me perguntavam se eu conhecia o mar, se ele era realmente grande e se não dava muito medo de entrar nele. E, claro, como toda boa mineira, me perguntavam se era frio. Todo mundo sabe que nós, das Minas Gerais, temos medo do frio.

Algumas mulheres com idade avançada me contavam sobre os amores antigos, como e por que se casaram, a maternidade, a dificuldade com os partos, a dor e alegria em criar os/as filhos/as. Também não faltavam casos de violência doméstica, problemas de saúde devido às muitas horas no tear, os amores proibidos e a velhice - confissões em baixa voz das experiências de vida das mulheres.

No livro *Me confieso mujer*, Hierro (2004) faz a confissão em alta voz ao publicar seu texto que é uma retomada das suas experiências de vida. A autora escreve sobre filosofia, militância feminista, trabalho na UNAM, amores, abandono, partos, filhos, viagens, velhice e o enfrentamento com a morte. É um livro lindo, em que é [foi] preciso ter coragem para escrever e mais coragem ainda para publicá-lo. Quando lemos a vida de uma grande filósofa, filha de pais ricos e casada duas vezes com homens ricos, como lhe recomendara sua avó, ia trabalhar todos os dias na UNAM com um chofer particular ao volante, vemos a proximidade da experiência de vida das mulheres.

Evidentemente, as mulheres de Resende Costa são pobres, com pouco estudo e trabalho duro todos os dias, até o final da vida, sem aposentadoria nem viagens de relaxamento e enriquecimento cultural, estando muito mais expostas à exploração e violência. Mas o fato é que, se analisarmos a vida privada – a vida do dia a dia, aquela cantada pelo cantor e compositor brasileiro Caetano Veloso: “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é” (VELOSO, 1986) –, vemos então que nossas experiências de

vida se aproximam, que compartilhamos muito da vida, mesmo que as questões de classe, raça e etnia nos diferenciem.

As mulheres ricas e pobres compartilham de semelhanças na vida privada, como a dificuldade das relações, violência doméstica, dificuldade em conciliar trabalho e vida cotidiana, e as pressões do parceiro sobre sexo, atenção e abandono.

O que mais me marca nas mulheres desta pesquisa é a simplicidade, a hospitalidade e a coragem de todos os dias tecerem suas vidas com força e fazendo um artesanato criativo, mesmo com todas as dificuldades da vida.

Os homens que participaram desta pesquisa, em geral, também tiveram uma vida de trabalho duro. Começaram a trabalhar cedo. A maioria deles trabalhou fora de Resende Costa, no ramo da construção civil e como caminhoneiros. Em geral, são homens com pouco estudo, simples e que trabalham bastante para sobreviver e sustentar suas famílias. Largaram os trabalhos predominantemente informais que tinham para voltarem a Resende Costa para trabalhar no ramo têxtil. Em geral, se deram bem nos negócios. A maioria das lojas é de homens. E eles ganham mais que as mulheres, mesmo sem ter negócio próprio, porque a produção deles é maior.

As entrevistas com os homens também foram feitas no quintal da casa onde ficam os teares ou nas lojas. Diferente das entrevistas com as mulheres, nossa conversa se encerrava ali; não havia café nem pão de queijo. Além disso, quase sempre os homens falavam comigo trabalhando, não tinham tempo a perder; falar muito é perder dinheiro. Costumavam responder o que eu perguntava, mas, no início – como todo bom mineiro – eram muito desconfiados sobre o que eu queria e o que ia fazer com “a voz deles”. Assim o tempo era maior em explicar para eles a pesquisa, que suas identidades não seriam reveladas e que eu não era da televisão.

Sandra Harding (2002), no seu artigo *Existe un método feminista?* a autora afirma que é um erro pensarmos que os homens não podem ter contribuições relevantes para os Estudos Feministas, tanto na investigação como na Academia. Desse modo, compreendemos que a escuta empírica com os homens foi importante e trouxe contribuições para pensarmos a experiência das mulheres dentro da tecelagem manual exercida no lugar desta pesquisa.

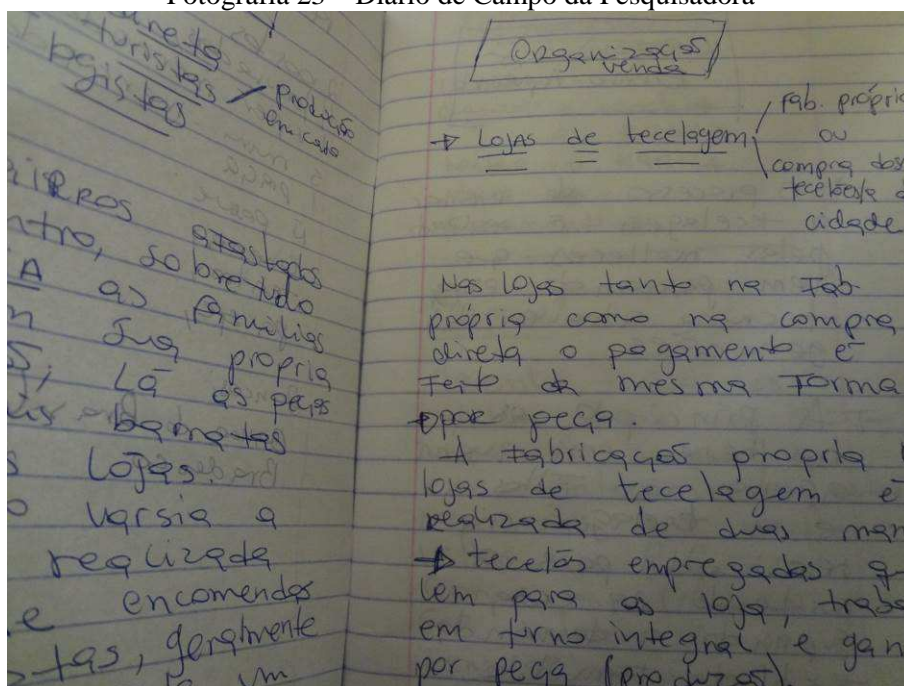
O que mais me marcou na fala dos homens de Resende Costa foi a vontade de trabalhar, a agilidade em aprender um trabalho e a rapidez com que pensaram em como poderiam fazer esse negócio render dinheiro. E eles fizeram isso.

Dessa forma, esta Tese foi escrita com a experiência de mulheres e homens de classe popular do estado de Minas Gerais e que residem no pequeno município de Resende Costa, em geral com poucos anos de escolaridade formal e que trabalham na tecelagem manual no referido município.

### 3.3 A FORMA COMO SE CONFIGURA O DIÁRIO DE CAMPO

O diário de campo é um instrumento utilizado como técnica de pesquisa. Nesse diário, são feitas as anotações do dia de pesquisa num processo de sistematização das informações obtidas durante a empiria.

Fotografia 23 – Diário de Campo da Pesquisadora



Fonte: Acervo da Pesquisadora, 2014.

De acordo com Remi Hess (2005), a escrita de diários em pesquisa começou em 1808, com o pesquisador Marc-Antoine Jullien<sup>30</sup>, que escreveu o livro “Estudo sobre o método”. Para o autor, escrever um diário é uma das formas de se construir a identidade

<sup>30</sup> Marc-Antoine Jullien nasceu em Paris, em 10/03/1775, e morreu em 04/04/1848. Era pesquisador das letras e ligado à revolução. Ver <<http://www.ibe.unesco.org/publications/ThinkersPdf/julliens.pdf>> e JULLIEN, Marc-Antoine. Essai Sur L'Emploi du Temps ou Methode qui a Pour Objet de Bien Regler L'Emploi du Temps, Premier Moyen d'Etre Heureux Destine Specialement a L'Usage des Jeunes Gens de 15 a 25 Ans. Editor: Nabu Press. Paris, 2011.

do/a pesquisadora/a, além de transformar os registros intelectuais em saberes. Nas palavras de Hess (2005, p. 168),

É o diário que permite o distanciamento indispensável na pesquisa de campo, e que permitirá mais tarde a análise do desenvolvimento da pesquisa. É também o diário que mostra, a cada etapa da reflexão, os laços entre as diversas hipóteses levantadas pelo pesquisador (*sic*) e o momento da pesquisa em que essas hipóteses foram reformuladas. É o diário por fim que permitirá efetuar, na medida do possível, uma autoanálise.

A escrita durante a empiria exige disciplina e, por meio desta escrita diária, ficam evidentemente vivos os passos e o andamento da empiria, os avanços, as contradições, as dificuldades e o cotidiano da pesquisa. Ainda nas palavras de Hess (2005, p. 158):

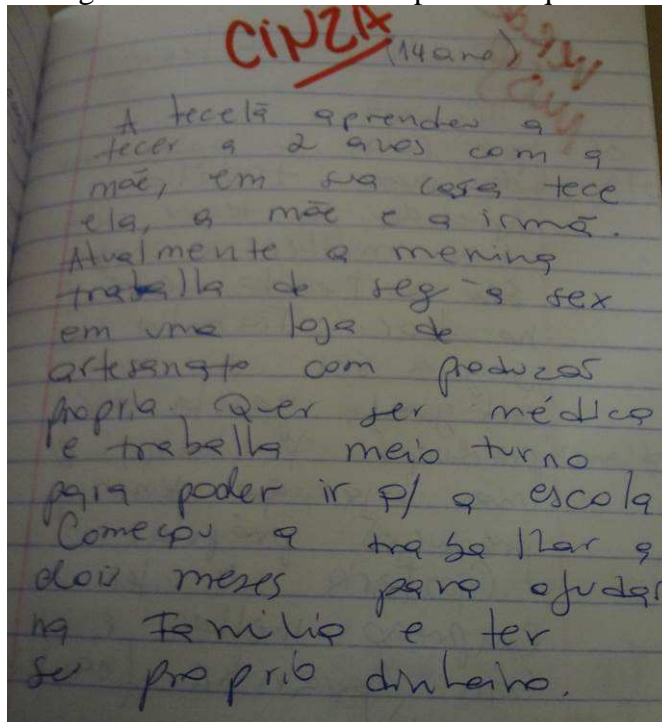
[...] durante a escrita deste instrumento de pesquisa deve-se relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os (*sic*) pesquisados (*sic*) para objetivar a posição de observador (*sic*). É, pois, o diário de pesquisa de campo que permitirá não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos (*sic*) observados (*sic*) ao (*sic*) observador (*sic*) e esclarecer a atitude desta interação.

Dessa forma, neste estudo, o diário de campo tem um lugar especial, pois, além de descrever e detalhar os passos da pesquisa auxilia na análise e compreende os lugares desta pesquisa.



### 3.4 CONVERSA SILENCIOSA: ENTRE O ESCREVER SOLITÁRIO E A PESQUISA EMPÍRICA

Fotografia 24 – Diário de Campo da Pesquisadora



Fonte: Acervo da Pesquisadora, 2014.

Segundo Remi Hesse (2005), escrever diários é uma prática extremamente antiga e não se tem dúvida de que o diário foi e é uma das formas mais significativas de registro da história das mulheres. Uma das pesquisadoras que afirma isso é Michelle Perrot (2007).

Rosário Ferre (1980) afirma que o diário é um instrumento que relata a realidade percebida através dos olhos das mulheres. Perrot (2007) relata sobre a importância dos diários e, ao mesmo tempo, conta como eles são queimados pelas próprias mulheres diante da proximidade da sua morte, porque elas não dão a importância devida aos diários e às suas histórias. A mesma autora ainda descreve sobre os muitos diários que foram colocados fora depois da morte de quem escreveu diariamente sua história habitual. Por sorte, muitos diários foram resgatados ao longo dos tempos. Devido a isso, temos preciosidades da história invisibilizadas, isto é, a vida das mulheres. Temos vários exemplos de diários que resistiram ao tempo e foram publicados, dando voz às inúmeras conversas silenciosas que mulheres tiveram com suas reflexões ao longo de suas vidas. Sendo assim, hoje temos alguns diários publicados, entre eles os de Gabriela

Mistral (2002), Frida Kahlo (2012), Anne Frank (2008), Anna Muriá (2013), Sofia Tostói (2011), Aleida March (2012) e muitas outras que escreveram e ajudaram a contar a história das mulheres pelos tempos.

Conhecendo a relação das mulheres com o diário (e aqui não estamos dizendo que os homens não escreveram diários; entretanto, sabemos que esta é uma prática majoritariamente das mulheres), escrever todos os dias ao retornar da empiria em geral me remetia aos estudos de Perrot (2007) sobre a história das mulheres.

Estar em contato com as pessoas, falar, ouvir, observar, ver, comprar tapetes, ensinar, aprender: uma atividade nada silenciosa, em que as relações que se estabelecem são algo muito forte. Muitas emoções são vividas ao se fazer pesquisa: a gente chora, ri, compra, se irrita, fica brava, por vezes tem vontade de fazer alguma coisa de imediato. Enfim, a empiria é o fazer cotidiano quando se está em campo.

Na contramão de todo o movimento da empiria, a pesquisa tem partes silenciosas: as leituras e as escritas. As inúmeras conversas silenciosas que tive foram feitas na pequena pousada onde ficava hospedada. Em geral, a escrita se dava à noite. Em Resende Costa, se trabalha muito; é comum as mulheres realizarem o arremate final dos tapetes vendo os episódios da novela das 21horas. Por isso, na maior parte das vezes, eu chegava tarde à pousada.

As conversas silenciosas se davam ali, longe do movimento e no silêncio das montanhas das Minas Gerais. Em um pequeno caderno, eu escrevia o dia a dia da pesquisa empírica. Ali, fazia uma retomada das histórias das pessoas e sobre o que tinha conversado, buscando refletir sobre as questões que me chamavam a atenção. Algumas vezes, esta escrita era feita junto à escuta das gravações realizadas. Escrever um diário não é fácil; é necessário disciplina no escrever todos os dias, com detalhes minuciosos, para poder ter o mais fidedigno relato do que se passou.

A inspiração das mulheres que escreveram seus diários foi um fator importante para que eu escrevesse todos os dias o que se passou. Aliado a isso, obviamente há o rigor teórico necessário para fazer pesquisa, como nos ensinou Paulo Freire (2001). Desse modo, as conversas com o diário foram feitas como parte do trabalho da pesquisa, sabendo-se que as informações escritas no pequeno caderno são valiosas para o trabalho.



### 3.5 COMO SE CONFIGURAM AS TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Fotografia 25 – Entrada de uma loja. Resende Costa/MG/BR



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2011.

Aqui apresentamos duas entrevistas realizadas durante a empiria. A primeira é da Tecelã Amarela, de 72 anos. A segunda entrevista é com a tecelã Azul Escuro, de 30 anos.

As duas entrevistas foram realizadas na casa das referidas tecelãs, que também são seus locais de trabalho. Com a tecelã Amarela, a entrevista foi realizada em julho de 2011; com a tecelã Azul Escuro, em julho de 2012.

#### 3.5.1 Tecelã Amarela

Pesquisadora: Como é o nome da senhora e quantos anos a senhora tem?
Tecelã Amarela: Tecelã Amarela, 72 anos.
Pesquisadora: A senhora tece há quantos anos?
Tecelã Amarela: Ah, eu comecei com 13 anos, dá como é que é? Cinquenta e oito, acho. Será que dá 58? É 58 por aí.
Pesquisadora: Há cinquenta e oito anos a senhora tece.
Tecelã Amarela: Isso pode. Por isso aí. Se for, mais ou menos, um pouquinho depois.

Pesquisadora: Mais ou menos. E quem te ensinou a tecer?
Tecelã Amarela: Uma tia minha.
Pesquisadora: E quantas pessoas a senhora ensinou a tecer?
Tecelã Amarela: Ensinei meus filhos todos, entre os homens e as mulheres, todos.
Pesquisadora : Homem e mulher a senhora ensinou?
Tecelã Amarela: Ensinou tudo.
Pesquisadora: Neto também?
Tecelã Amarela: Mas os netos já estão aprendendo com as filhas também.
Pesquisadora: Aham.
Tecelã Amarela: Que os netos todos sabem.
Pesquisadora: Aham.
Tecelã Amarela: E depois, a gente deu um curso lá na Tabuados, pela Emater. E agora ultimamente, a não ser que a gente ensina as pessoas aqui na cidade: um vem perguntar, a gente dá uma explicação; outro vem, a gente dá. O pessoal gosta muito de me perguntar as coisas, e depois, agora, a gente deu esse curso. Eu não sei, acho que não é da prefeitura, é do governo.
Pesquisadora: Tá certo.
Tecelã Amarela: Que a gente deu.
Pesquisadora : E a senhora é famosa aqui na cidade.
Tecelã Amarela: Eu acho, o pessoal acha.
Pesquisadora: Tecelã, como me falaram, é uma pessoa muito importante na tecelagem. Por que você acha assim que você é uma pessoa importante nessa?
Tecelã Amarela: Porque o problema é esse, que o pessoal de hoje não aprende as coisas mais antigas, e a gente pegou um pouco dos antigos.
Pesquisadora: Aham.
Tecelã Amarela: Eu peguei até o ponto de tecer pano para fazer roupa, essas coisas. É isso. Eu peguei muita coisa, depois eu aprendi. Até posso te mostrar ali, eu tenho ali uns diferentes de dado que fala com essas quatro aqui, isso aqui dá dado. É que eu estou tecendo o liso e o dado.
Pesquisadora: E me fala um pouquinho sobre o que são os repassos.
Tecelã Amarela: É um monte de repasso, eu vou ditar alguns. Tem coroa, tem avesso, tem seriguia, tem fustão, tem cruzadinho. Eu não sei falar todos, que é muitos. Eu tenho os repassos aí, é só pegando e olhando todos.

Pesquisadora: A senhora tem no papel?
Tecelã Amarela: Tenho. Tenho tudo.
Pesquisadora: Tudo. Quem é que deu esses repassos para senhora?
Tecelã Amarela: Uma parte foi com a minha tia, que me ensinou e ela passou para mim, porque ela tecia essas coisas mais difíceis. Agora depois, finalmente, pela Emater – a gente foi associada muito tempo na Emater – aí eu peguei umas cópias também, que a que estava tomando conta da Emater, passou umas cópias para mim.
Pesquisadora: O que é Emater?
Tecelã Amarela: Não sei se é do governo, é uma coisa que cada cidade tem um ensinando as coisas, ensina a plantar verdura, ensina os serviços que as pessoas fazem, aqui agora não está tendo não.
Pesquisadora: Aham.
Tecelã Amarela: Não.
Pesquisadora: O que é que a senhora acha das pessoas mais novas no tear não saber os repassos, não saber fazer todo esse processo, não saber montar o tear. Como é que [tirar.] é isso?
Tecelã Amarela: Isto, você sabe por quê? Porque eles vêm crescendo e aprendendo só fazer com duas folhas assim o liso, como eu estou tecendo. Isso daqui é liso, chama liso, e esse aqui quase todo mundo aprende fácil e sabe. O curso que nós demos tinha que começar com esse aqui se não eles iam estranhar. A gente começou com esse liso, foi muito bem, todos até que falhou, faltou só um pouco de capricho, que eles não aprenderam bem, mas foi só passar para esse daqui de quatro folhas e os repassos para eles foi a coisa mais difícil, ninguém queria, alguns aprendeu... Eles eram 24 alunos e finalmente ficou uns 15, 18 só... Mas depois que aprendeu mesmo foi uns 5... É diferente esses mais antigos.
Pesquisadora: E tecer é difícil?
Tecelã Amarela: Eu nunca achei difícil, nunca... As menina minha... Minha família também aprendeu muito fácil e não precisou ficar ensinando muito... As netas também a mesma coisa... Elas vê, vai pegando e vai fazendo, mas tem gente que não acerta de jeito nenhum, eu acho que isso vem é de família.
Pesquisadora: Pode ser. Como é que a senhora virou tecelã profissional, assim que ganha teu dinheiro no tear?
Tecelã Amarela: Sabe como... Antigamente não tinha essas lojas não... Não tinha

comprador assim, perto da gente não... Era os viajantes, eles ia lá na viagem deles, longe... Viajava longe, de cavalo ainda por cima, não era de carro porque nem tinha quase carro, né.
Pesquisadora: Aham.
Tecelã Amarela: Eles viajavam de cavalo, traziam a lã do carneiro, cortavam a lã. Lá eles pegavam a lã lá, traziam e passavam para nós. Nós é que fazíamos o processo da lã, lavava, fiava, fazia o fio, tingia e depois a lã ficava pronta, colocava tudo em novelo para tecer. E depois a gente comprava o fio da fábrica.
Pesquisadora: Como é que vocês tingiam a lã?
Tecelã Amarela: Muitas, antigamente era a maior parte com tinta dos campos, era tingia... Eu mesma cheguei a procurar tinta no campo e tingia do campo também, mas a gente já achava tinta pronta para comprar também.
Pesquisadora: E como é que a senhora vê, quando é que começou essa coisa assim em Resende Costa de todo mundo tecer, desse monte de loja, quando que começou isso?
Tecelã Amarela: Quando, as lojas já têm bem anos, começou com poucas. Você conhece o Tinto, ele foi um dos primeiros e depois foi aumentando, aumentando essa porção que está lá e as tecelagens aqui na cidade não tinham quase. Aí para o pessoal lá da roça que é nós, meus avós, minhas tias, esse pessoal lá da roça. Foram mudando muita gente para cá, foram trazendo o tear. Aí todo mundo foi pegando, hoje todo mundo quase que é tecedor.
Pesquisadora: É.
Tecelã Amarela: É isso aí.
Pesquisadora: Quem que tece mais aqui na cidade, os homens ou as mulheres?
Tecelã Amarela: As mulheres.
Pesquisadora: Por que a senhora acha isso?
Tecelã Amarela: Antigamente homem não punha a mão no tear.
Pesquisadora: Me conta essa história.
Tecelã Amarela: Não era serviço de homem, era das mulheres mesmo, eles foram aprendendo, pegando, pegou e aí hoje tem os tecelão também.
Pesquisadora: É.
Tecelã Amarela: É depois que eu estava aqui morando aqui no tear, a gente tecia só nesse tear estreito aqui assim não tem um mais largo um pouquinho. A gente enfiava a colcha de casal de costura no meio, a gente emendava a colcha. Agora depois que eu já

<p>estou aqui já tem 30 – é, quase 30 – anos que eu fui buscar. Fui buscar um tear lá, pela Emater também, a Emater encaminhou isso para nós, lá em Capela Nova das Dores, a gente foi buscar o tear duplo, eu tenho o meu se você quiser, eu posso te mostrar. Ele está meio parado agora, porque uma companheira me deixou esses dias atrás. Eu estou pesarosa porque ele não tece de um só, tece só de dois. Aí eu busquei esse tear lá, fui eu e uma moça lá da Restinga, você sabe aonde né?</p>
<p>Pesquisadora: Aham.</p>
<p>Tecelã Amarela: Nós trouxemos o tear, nós fomos lá fazer treinamento, aí a Emater levou nós lá para fazer o treinamento para ver, porque ninguém conhecia. Aí nós fizemos o treinamento lá um pouquinho, trouxe, a gente deixou encomendado já uns tear lá que aqui não fazia né, trouxe, e por aí começou. O Tenta, que era mais assim, ele era muito inteligente, mais velho, ele começou me comprar as peças que nós tecia. Aí de repente, acho que foi mais de ano, quase dois anos, aí ele resolveu tirar as medidas, fazer um aqui. Num instante, ele fez um e atrás desse um, a cidade está cheia, foi isso aí. O pessoal hoje não gosta de costura.</p>
<p>Pesquisadora: Não só no tear grande?</p>
<p>Tecelã Amarela: É só inteira mesmo. Então eu tenho, eu posso te mostrar.</p>
<p>Pesquisadora: E por que é que [tirar] a senhora acha que as mulheres tecem mais do que os homens aqui?</p>
<p>Entrevistada: Porque é um serviço mais feminino.</p>
<p>Pesquisadora: Por quê?</p>
<p>Tecelã Amarela: Ah, porque serviço de casa assim, principalmente lá para as roças, os homens lá para as roças tem os serviços da roça para cuidar, não perícia. Agora aqui na cidade, não tem muita gente, muito homem disponível para essas coisas, porque às vezes não tem um emprego, não tem nada, aqui não dá, aí investe nessas coisas.</p>
<p>Pesquisadora: Qual foi as mulheres aqui da cidade que foram ensinar os homens a tecer?</p>
<p>Tecelã Amarela: Ah, as famílias, como eu mesmo ensinei os meus, era as famílias.</p>
<p>Pesquisadora: E eles gostavam ou eles reclamavam de primeiro?</p>
<p>Tecelã Amarela: Não, alguns gostam, outros não, têm uns que não gostam. E têm outros que gostam, como eu tenho um genro, ele e a minha filha, eles só vivem do tear os dois, porque esses tear duplo eles dependem de duas pessoa. Então, por aí já deu uma chance para o pessoal vir pegar.</p>
<p>Pesquisadora: Claro, claro. E o que é que a senhora acha dessas lojas lá no asfalto que</p>

compram produtos industriais para vender junto como se fosse produto artesanal?
Tecelã Amarela: Nós não gostamos disso, e não acho de acordo, a minha vizinha também não acha de acordo, por quê? Aqui já produz de mais, muita coisa mesmo, então precisa comprar de fora para trazer para cá? Né?
Pesquisadora: Com certeza, eu também concordo com a senhora.
Tecelã Amarela: Eu acho que ainda, às vezes, tem certos serviços que não é talvez durável, muito durável, é mais sem valor assim. Os materiais, às vezes, é diferente. Vem às vezes mais barato que os nossos, daí atrapalha, porque se fosse igual ainda, bem.
Pesquisadora: A senhora acha que o tear, a tecelagem é um trabalho valorizado?
Tecelã Amarela: Eu acho que sim, que é um trabalho mais difícil, você não vai trabalhar poucas horas, tem que trabalhar muito para ganhar pouco, não dá para ganhar muito, mas parece que ele é muito abençoado, é abençoado sim se a Nossa Senhora foi tecedeira, por que eu não posso ser?
Pesquisadora: A nossa senhora, qual nossa senhora?
Tecelã Amarela: A Nossa Senhora, a mãe de Jesus.
Pesquisadora: a mãe de Jesus. Era tecedeira?
Tecelã Amarela: Foi. Desfiava, tecia, urdia. Tudo ela fazia.
Pesquisadora: Fazia tudo.
Tecelã Amarela: Tudo ué, porque antigamente tinha que fazer tudo. Aonde eu, por exemplo, eu faço tudo, aprendi a fazer tudo. As minhas filhas tudo aprenderam, fazem tudo. Isso, para repassar aqui no roliço, eu tenho uma aí que está sendo chamada por todo mundo para repassar, ela sabe, a maior parte não sabe, o que nós demos lá no curso, ensinamos muito eles para ver se eles aprendem. O prefeito falou com eles, foi lá e falou, isso é um futuro, como o nome do nosso projeto é Mestre do Futuro, porque nós vamos passando, a hora que eles vierem, é eles que têm que ficar nesse lugar.
Pesquisadora: Com certeza.
Tecelã Amarela: Tinha que aprender, mas eu não sei se eles dão conta, vão dar conta, porque nós demos aula três meses. Aí lá junto com nós, foram fazendo né, a gente ensinando, mas eu não sei se eles estão continuando.
Pesquisadora: Tem muitas coisas que as gerações novas não sabem fazer, urdir, fazer os repassos.
Tecelã Amarela: Não, de jeito nenhum.

Pesquisadora: Organizar o tear, como é que vai ficar daqui dez anos isso?
Tecelã Amarela: Isso que a gente está explicando para eles: precisava até ter mais curso, precisava.
Pesquisadora: O pessoal está aprendendo muito?
Tecelã Amarela: Não, estou falando que foi umas 5, 6 pessoas que aprenderam melhor, porque eram adolescente sabe, adolescente não puxa muito, era de 13 a 18 anos. Eu creio que se desse para umas pessoas mais velhas que já pensam melhor, aí era capaz que pegassem melhor.
Pesquisadora: Quanto que a senhora gasta? A senhora está tirando agora esse conjunto de passadeiras, que são dois tapetinhos pequenos e uma passadeira.
Tecelã Amarela: Isso.
Pesquisadora: A senhora vende por 16 reais.
Tecelã Amarela: Sim.
Pesquisadora: Quanto que a senhora gasta para fazer esse tapetinho?
Tecelã Amarela: Meio dia mais ou menos, depois de estar arrumadinho.
Pesquisadora: Uma manhã inteira então.
Tecelã Amarela: É até ao meio dia, isso mesmo.
Pesquisadora: E quanto que a senhora gastaria de dinheiro para tecer esse tapetinho que leva uma manhã inteira?
Tecelã Amarela: Ah, isso aí está na base de 4 [a] 5 reais.
Pesquisadora: A senhora ganha de lucro 4 [a] 5 reais.
Tecelã Amarela: É o trabalho da gente.
Tecelã Amarela: Isso aí.
Pesquisadora: A senhora não acha pouco?
Tecelã Amarela: É, mas fazer o quê? Se a gente for querer vender muito caro, não tem jeito. Ah, mas está bom assim mesmo, nós agradecemos assim mesmo.
Pesquisadora: E deixa eu ver o que mais eu posso perguntar para a senhora.
Tecelã Amarela: Agora os de dados que a gente faz com as quatro folhas é mais demorado, por isso que eles não querem uma coisa que sai mais depressa, e esses outros que demora mais, claro que a gente vende mais caro. Eu vendo um jogo igual a esse aí de dado por 21 reais, mas eles são muito mais difícil mais complicado.
Pesquisadora: E as pessoas entendem isso quando vêm comprar?
Tecelã Amarela: Entendem ué, isso é há tempos procurado, essas coisas mais antigas o

povo procura mesmo.
Pesquisadora: E as pessoas entendem o porquê um é mais barato e o outro é mais caro?
Tecelã Amarela: Entende, o comprador entende.
Pesquisadora; Então a senhora gosta muito de tecer né?
Tecelã Amarela: Gosto, para mim a minha alegria do mundo é esta. E eu comecei cedo e não parei nunca mais e quero parar só no dia que eu morrer, se Deus quiser.
Pesquisadora: A senhora tem dor de tecer?
Tecelã Amarela: A dor vamos falar a verdade, tanto quem tece como quem não tece está todo mundo sentindo. Eu tenho uns probleminhas, mas ainda estou trabalhando, para aguentar não tem problema não.
Pesquisadora: Não tem problema?
Tecelã Amarela: É.
Pesquisadora: Da onde será que veio isso Tecelã Amarela? Dessa cidade tecedora, da onde que veio essa cultura de todo mundo tecer? Quem é que trouxe para cá?
Tecelã Amarela: Ah na revista de Resende Costa tem!
Pesquisadora: Tem? E onde que eu encontro essa revista?
Tecelã Amarela: Adilson, pede pra ele.
Pesquisadora: Adilson.
Tecelã Amarela: O prefeito, se ele tiver ainda, posso te mostrar ela.
Pesquisadora: Ta.
Tecelã Amarela: Era aniversário da cidade, então a gente está na revista.
Pesquisadora : 100 anos?
Tecelã Amarela: 100 anos. Eu já estou assim na revista também, tem aprendiz meu, tudo lá na revista. E aí mostra tudo, mostra nosso padre Nelson antigo, mostra tudo. A revista é muito bacana. Então eu tenho um filho, deixa eu te contar por aonde que a gente descobre as coisas, eu tenho um parentesco com gente que trouxe o tear para cá.
Pesquisadora: É mesmo?
Tecelã Amarela: Gente de Portugal. O meu, eu não sei se é bisavô ou tataravô, era português. O meu filho que era o caçula, que nasceu por último, que morava na roça, ele estudou lá. Aí depois venceu os estudos lá, aí não teve caminho de seguir mais para frente, aí a professora pegou assim “esse menino não pode ficar, esse menino tem que ir para frente”. Eu fui, já tinha mesmo casa aqui, já tinha feito e aí nós estávamos andando com pouca saúde eu e meu marido, ele não tem saúde nenhuma. Vamos mais para perto



<p>dos recursos, é melhor, aí viemos para cá. E aqui ele começou os estudos aqui, ele fez aqui os três anos que ele não pode fazer lá, depois se foi para a universidade São João del Reis foi o único que pode estudar porque os outros tinham boa ideia, boa cabeça, mas não tinha como estudar.</p>
<p>Pesquisadora: Teu filho é o Gustavo?</p>
<p>Tecelã Amarela: Não, não. O Gustavo é aquele que mexe com os negócios de tear, ele já tem um livro, que ele já fez para mim.</p>
<p>Pesquisadora: Isso.</p>
<p>Tecelã Amarela: Nós já viajamos junto, o Miceno já morreu não, já?</p>
<p>Pesquisadora: Não sei.</p>
<p>Tecelã Amarela: É, os dois, o Gustavo e o Miceno. Aí ele começou, lá em São João, estudando. Pela internet começou a ver, pela internet achou uma moça lá de Portugal, começou a conversar com ela, aí o negócio deu certo, acabou ele casando com ela, já tem, como é que é, acho que 4 ou 5 anos que ele está com ela. Ele está com 30 anos. E aí a gente conversando, a sogra dele veio aqui no tempo que eles eram namorados, vieram né, elas ficaram aqui com a gente um mês, aí veio ficou aqui. E nós conversando, ela conversa muito, muito boa pessoa, uma beleza de uma portuguesa, uma filha única, a mãe trouxe ela, quando foi mais um pouquinho, os tear vieram de lá, o primeiro tear veio de Portugal, eu tenho na revista está escrito na revista já.</p>
<p>Pesquisadora: E aí quem é que ensinou a tecer?</p>
<p>Tecelã Amarela: E aí é que foi, veio esse, eu não sei se é bisavô ou tataravô meu, e ele trouxe que eles falam, está escrito nos livros de Resende Costa, está saindo essas coisas antigas aí, vai sair tudo. Ele veio e ele trouxe tudo, três leas, que eles falam, acho que eu não sei se é três pessoas negras, eu não sei acho, que sim, e fizeram aí um casaréu lá. Os fazendeiros antigos, elas começaram a tecer pano para fazer roupa para eles, elas teciam, fiavam o algodão para fazer o pano, por aí foi espalhando o tear.</p>
<p>Pesquisadora: E a senhora sabe se os escravos teciam também, as mulheres escravas ou eram só essas?</p>
<p>Tecelã Amarela: Essas eu acho que elas foram escravas, eu não sei se era no tempo da escravidão, eu não sei isso direito. Só sei que elas vieram para cá de Portugal e elas que fizeram esse serviço. Aí iniciou isso aí para todo mundo.</p>
<p>Pesquisadora: e não parou mais.</p>
<p>Tecelã Amarela: Não, e foi espalhando. E aí agora se é no tempo dos escravos aí eu já</p>

não sei.
Pesquisadora: O que é que mais a senhora gosta de tecer?
Tecelã Amarela: De tudo.
Pesquisadora: De tudo.
Tecelã Amarela: Tudo, eu gosto é de fazer assim muita mudança, não gosto de ficar naquela coisa, na mesma rotina todo dia não.
Pesquisadora: O que é que são as mudanças que a senhora gosta de fazer?
Tecelã Amarela: É os teares, esse tear meu é diferente dos outros.
Pesquisadora: O que é que tem nesse tear?
Tecelã Amarela: Olha lá, esse tear é de mão, é diferente. O jeito de tear é diferente. Isso era muito alto aqui, eu mandei abaixar.
Pesquisadora: A senhora fez um tear para a senhora? A senhora que criou esse daqui?
Tecelã Amarela: Foi, o jeito dele foi.
Pesquisadora: Ele é menor mesmo.
Tecelã Amarela: É, mas é diferente aqui. O jeito de enrolar é diferente, os outros enrola aqui, esse enrola aqui. Eu gosto de modificar.
Pesquisadora: Os outros enrolam mais embaixo?
Tecelã Amarela: É, você pode olhar, eu posso te mostrar os outros que eu tenho aqui. Ó, tem aquele de mão, aquele lá é de mão, não tem pé.
Pesquisadora: O que é que a senhora tece naquele de mão?
Tecelã Amarela: Também dá para joguinho, dá para tapetinho.
Pesquisadora: E aí não tem pedal?
Tecelã Amarela: Não, só a mão.
Pesquisadora: Como é que a senhora inventou aquele tear ali?
Tecelã Amarela: É uma amostra que veio de Belo Horizonte, eu peguei. Tem o suco de óleos quando eu vejo as coisas. Ele abre aqui, ó.
Pesquisadora: Hmmmm.
Tecelã Amarela: Tem aquela grade ali. Aquele dia, eu fui ensinar eles lá no curso, não deu não.
Pesquisadora: Ah, isso aqui é com.
Tecelã Amarela: É uma, como é que chama, é uma grade assim e assim.
Pesquisadora: E a senhora pegou onde esse aqui?
Tecelã Amarela: Também veio de Belo Horizonte, eu tenho uma irmã que morou lá

<p>muito tempo e ela aprendeu a fazer lá, ela fazia, mas algumas coisas eu modifiquei, esses acabamentos sabe? Aí eu modifico as coisas.</p>
<p>Pesquisadora: Mas como é que a senhora tece aqui? Não estou entendendo, Tecelã Amarela.</p>
<p>Tecelã Amarela: Aqui é assim, já está passado aqui, quer ver? A gente passava a linha aqui atrás ia passando o fio assim com a mão só, e eu passava o fio para trás. Aí eu vi na internet isto, era há uns três meses, que tinha uns preguinhos assim, se eu quisesse comprar o quadro. E vi como é que eles teciam, arrumei esse do jeito que eles tecem.</p>
<p>Pesquisadora: Que maravilha! Aí a senhora passa.</p>
<p>Tecelã Amarela: Até na revista tem um menino fazendo isso aqui.</p>
<p>Pesquisadora: Aí coloca no prego.</p>
<p>Tecelã Amarela: Ó. Eu vi elas fazendo na internet, achei muito importante.</p>
<p>Pesquisadora: Mas é uma trabalhadeira né?</p>
<p>Tecelã Amarela: Ah, dá bastante trabalho.</p>
<p>Pesquisadora: Quanto tempo para tecer um tapete aí?</p>
<p>Tecelã Amarela: A gente tem que gastar quase um dia. Essa aqui, uma volta eu dei na régua, passa aqui e não precisa passar no dedo não, quer ver?</p>
<p>Pesquisadora: Mas aí para vender não compensa?</p>
<p>Tecelã Amarela: Ah, mas a gente vende, a gente gosta, é um divertimento.</p>
<p>Pesquisadora: É? A senhora tem que vender a quanto um tapetinho desses?</p>
<p>Tecelã Amarela: Pelo menos 25 reais.</p>
<p>Pesquisadora: Pelo menos né? Porque é um dia para tecer.</p>
<p>Tecelã Amarela: É, e você vê, ele gasta aí o material.</p>
<p>Pesquisadora: E em qual tear a senhora gosta mais de tecer ou tanto faz?</p>
<p>Tecelã Amarela: Tanto faz. Seja o duplo seja naquela ali, seja nesse, seja nesse, em qualquer lugar.</p>
<p>Pesquisadora: Alguém mais sabe tecer com esse tear aqui em Resende Costa?</p>
<p>Tecelã Amarela: Esse aqui?</p>
<p>Pesquisadora: É.</p>
<p>Tecelã Amarela: A minha irmã sabe, só que ninguém está fazendo. As meninas minhas aprenderam tudo. Agora aqui você faz assim, agora aqui, essa carreira você faz assim, com o dedo, ó.</p>
<p>Pesquisadora: E esse a senhora aprendeu como?</p>

Tecelã Amarela: Com a minha irmã.
Pesquisadora: Ah, com a tua irmã de Belo Horizonte.
Tecelã Amarela: É, ela veio para cá, que ela morou lá 16 anos, aí ela veio para cá e nós tudo. Aí, as meninas minha tudo quiseram aprender. Nós somos curiosas mesmo.
Pesquisadora: E esse que a senhora está fazendo é um tapete?
Tecelã Amarela: É um tapete, tem pronto ali, vou te mostrar. Aqui eu estou com dificuldade, que eu estou com dois fios, sabe?
Pesquisadora: E aqui na cidade a maioria das pessoas é católicas né?
Tecelã Amarela: A maioria. Nessa rua, tem um punhado de crente também.
Pesquisadora: Ah é?
Tecelã Amarela: É. Agora acho que deu para você ver NE?
Pesquisadora: Deu, deu. Agora eu quero esse aqui.
Tecelã Amarela: Esse aqui?
Pesquisadora: Esse aí. Tu sabe que no Rio Grande do Sul a gente tece em tear pequeno assim.
Tecelã Amarela: É!
Pesquisadora: Não em tear grande, mas é diferente esse.
Tecelã Amarela: Precisa da linha.
Pesquisadora: Não, não precisa, eu só quero ver como é que é o processo. Esse é um tapete também que a senhora está tecendo?
Tecelã Amarela: Até vou completar um jogo, já tenho dois tapetes.
Pesquisadora: Quanto tempo para tecer um tapete aqui?
Tecelã Amarela: Igual a esse aqui, não chega a uma hora, não. É mais de meia hora um pouquinho.
Pesquisadora: Então é o tear mais rápido esse?
Tecelã Amarela: Não, o mais rápido é aquele lá.
Amanda: Aquele lá é quantas horas?
Tecelã Amarela: Olha, lá um tapetinho, uma pessoa bem esperta faz com 15 minutos.
Pesquisadora: 15 minutos. E esse aí uma hora.
Tecelã Amarela: A gente passa no meio dele assim, só não tem a linha aqui.
Pesquisadora: Olha, eu andei por todo esse Resende Costa e não vi nenhum tear igual a esse da senhora.
Tecelã Amarela: Olha, esse aqui tem pouco tempo e vem muita gente, o tanto de gente

que vem ver esse tear aqui. Ele não tem a linha, mas.
Pesquisadora: Sim, sim, sim. Que maravilha!
Tecelã Amarela: Divertido!
Pesquisadora: Divertido né.
Tecelã Amarela: Ah é, eu gosto! Aí a gente tece um pedacinho desse, passa esse para frente o tear tem que ter para ele ficar certinho.
Pesquisadora: Quem é que fez esse tear para a senhora?
Tecelã Amarela: Foi um vizinho aqui.
Pesquisadora: A senhora desenhou e explicou para ele?
Tecelã Amarela: Foi, tive que dar amostra, dei amostra para ele.
Pesquisadora: E esse aqui quem é que fez para a senhora?
Tecelã Amarela: Foi ele também.
Pesquisadora: O seu vizinho também.
Tecelã Amarela: É, eu risquei no papel como que ele fazia, ele até tem boa ideia.
Pesquisadora: E me diz uma coisa, Tecelã Amarela, isso aqui nos outros teares é aqui né?
Tecelã Amarela: É isso mesmo, mas maioria das coisas é aqui, antigamente só era por cima.
Pesquisadora: E por que é que a senhora botou ali?
Tecelã Amarela: Ah, porque eu quis descer, porque aqui ele fica muito perto e fica mais ruim. E sabe o que é que é a desvantagem dele em cima aqui?
Pesquisadora: Não.
Tecelã Amarela: Que quando você põe um rolo enorme e cheio, que a gente põe o rolo cheio.
Pesquisadora: Sim.
Tecelã Amarela: Aí, ele sobe muito aqui, aí fica muito assim para tecer. E assim não, assim fica num selo só da primeira até a última.
Pesquisadora: E aqui na sua casa, a senhora tem uma lojinha?
Tecelã Amarela: Não tenho, não.
Pesquisadora: Não.
Tecelã Amarela: Tem assim, os que eu faço, tem os compradores certos que vêm aqui comprar, mas vem muita gente de fora também.
Pesquisadora: Comprar com a senhora?

Tecelã Amarela: Vem, é que o povo vai indicando e chega né.
Pesquisadora: E é difícil para as pessoas que compram lá no asfalto vir até aqui ou as pessoas te encontram?
Tecelã Amarela: Não, eles vêm aqui.
Pesquisadora: Vem aqui.
Tecelã Amarela: Vem buscar.
Pesquisadora: Tá ótimo. A senhora gostaria de me dizer mais alguma coisa sobre tecelagem?
Tecelã Amarela: Ah, acho que já está mais ou menos. Agora isso aqui, minha filha, meu filho, que eu tenho dois só, tenho seis mulheres e dois homens. Ele teve um bar sete anos e aí ele tem uma alergia muito forte, não pode mexer com qualquer coisa, muito inteligente ele pode pegar uma casa do chão e por na telha, ela já fez, mas é impossibilitado de fazer. Aí ele fechou o bar, que o bar não estava muito bom, porque o bar é coisa bem difícil de aturar, aí resolveu aprender a urdir e colocar no rolo, aqui assim, eu fui para lá ensinar ele. Uma semana, ele aprendeu tudo, hoje ele já fez até uma urdineira elétrica que aqui na cidade não exista, da cabeça dele.
Pesquisadora: Urdineira elétrica.
Tecelã Amarela: Ele já tem rolator elétrico, tudo. Isso aqui tudo é força, e ele faz essas coisas tudo para nós e faz para o pessoal, trabalha até dez horas da noite, que ele não está dando conta.
Pesquisadora: Que maravilha!
Tecelã Amarela: É e o dele lá é bonito, vale a pena.
Pesquisadora: Quer dizer, ele vai acabar revolucionando a tecelagem aqui né.
Tecelã Amarela: Não sei.
Pesquisadora: Porque urdir é difícil, quase ninguém urde.
Tecelã Amarela: Não sei, pode ser que é porque demora.
Pesquisadora: Demora muito tempo. As pessoas que me falaram.
Tecelã Amarela: Aqui só tem umas lojas que urdem. Tem umas lojas.
Pesquisadora: Sim, sim. Muito Obrigada, Tecelã Amarela!
Tecelã Amarela: De nada. Se você quiser que eu te mostre as peças?
Pesquisadora: Eu quero.
Tecelã Amarela: Então vamos e já tomamos mais café também!

---

### 3.5.2 Tecelã Azul Escuro

Pesquisadora: Então, teu nome é?
Tecelã Azul Escuro : Tecelã Azul Escuro.
Tecelã Azul Escuro : Tecelã Azul Escuro , porque eu não gosto do meu nome, prefiro o apelido.
Pesquisadora: Ah tá.
Tecelã Azul Escuro : Pode ser?
Pesquisadora: Pode, pode. Quantos anos tu tens, Tecelã Azul Escuro?
Tecelã Azul Escuro : Peraí....Vinte... Trinta.
Pesquisadora: E tu tece há quanto tempo?
Tecelã Azul Escuro : Há uns dez anos.
Pesquisadora: Pode ir tecendo e ir falar comigo...
Tecelã Azul Escuro : ....
Pesquisadora: Com quem aprendeu a tecer, Tecelã Azul Escuro?
Tecelã Azul Escuro: Sabe que eu nem sei? Do nada, te juro. Esses dias ainda estava pensando isso, não lembro com quem eu aprendi a tecer, só sei que tem dez anos que teço pra mesma pessoa.
Pesquisadora: Pra?
Tecelã Azul Escuro: Andréia.
Pesquisadora: Filha da dona Sílvia? Dez anos tu tá com ela?
Tecelã Azul Escuro: Pra ela, é. Uns oito, nove anos que teço pra ela.
Pesquisadora: E tu já ensinou alguém a tecer?
Tecelã Azul Escuro: Já, já ensinei.
Pesquisadora: Quantas pessoas tu ensinou a tecer?
Tecelã Azul Escuro : Ah! umas duas [ou] três.
Pesquisadora: E era da família?
Tecelã Azul Escuro: Não, conhecidas.
Pesquisadora: E como é que é? elas vem aqui?
Tecelã Azul Escuro : É, elas vinham aqui e eu ensinava. Mas não é bom você ensinar os outros, viu? Tem que ter uma paciência, nossa!!
Pesquisadora: Ah é? Me conta um pouquinho.
Tecelã Azul Escuro : Ah, porque a primeira vez que entra, faz tudo errado... E eu sou... Você pode ver, eu não para um minuto... Aí eu não tenho paciência nenhuma de

ensinar... Que eu não paro um minuto, o serviço é tudo corrido.
Pesquisadora: Então, tu acha que pra ensinar a tecer tem que ter muita paciência?
Tecelã Azul Escuro: Pra mim, tem que ter. No meu caso, eu não tenho paciência nenhuma.
Pesquisadora: E antes de tecer, o que tu fazia?
Tecelã Azul Escuro: Já fui babá, já trabalhei em casa de família, mas meu forte é isso aqui mesmo.
Pesquisadora: Tu gosta desse trabalho?
Tecelã Azul Escuro: Gosto, gosto demais... Não largo isso aqui pra nada.
Pesquisadora: Por que tu gosta tanto de tecer, o que é que tem nesses fios que te encanta?
Tecelã Azul Escuro : Não sei, só sei que eu adoro... Principalmente, acordar cedo... Que eu pego no tear as cinco da manhã. Não tem coisa melhor que você acordar cedo e vir pra cá. Muito bom, viu!
Pesquisadora: Mas o que acontece aí, Tecelã Azul Escuro?
Tecelã Azul Escuro: Não sei que mistério tem, não.
Pesquisadora: É uma terapia?
Tecelã Azul Escuro: É uma diversão, eu acho, muito gostoso. Bom demais!
Pesquisadora: E tu está tecendo tapetinhos, né?
Tecelã Azul Escuro: Aqueles mini jogos.
Pesquisadora: Aqueles tapetes pequenos... Que é uma passadeira...
Tecelã Azul Escuro: E dois tapetes...
Pesquisadora: Igual ao que tenho lá em casa... Ano passado, eu comprei aqui.
Tecelã Azul Escuro: Só que esse aqui é o mini. Mini xadrez e tem o maior.
Pesquisadora: Quanto que tu ganha por um tapetinho que tu tece pequeno?
Tecelã Azul Escuro: Setenta centavos.
Pesquisadora: Setenta centavos.
Tecelã Azul Escuro: Setenta centavos, amarrado e cortado.
Pesquisadora: Tu faz todo o trabalho, do início até o acabamento, tu urde também?
Tecelã Azul Escuro: Não, já urdi muito, agora não faço mais.
Tecelã Azul Escuro: Agora tem uma tecelã que urde e me repassa.
Pesquisadora: Então, pra todo teu trabalhão sentado no tear até tu vender, tu ganha setenta centavos o tapetinho. Quantas horas tu leva pra deixar o tapete pronto?



Tecelã Azul Escuro: Eu teço um tapete em cinco minutos.
Pesquisadora: Cinco minutos e acabamento final tudo em cinco minutos?
Tecelã Azul Escuro: Não, porque eu teço bastante pra depois sentar e amarrar, né. Eu teço a manhã inteira e [de] tarde, eu amarro. E depois volto para o tear.
Pesquisadora: Então isso leva o que ... Uns sete minutos pra fazer um tapete?
Tecelã Azul Escuro: É contando se for amarrar, é isso. Se for parar, é isso, mas eu não paro.
Pesquisadora: Sete minutos.
Tecelã Azul Escuro: Que eu prefiro tecer tudo primeiro, depois amarrar tudo, né.
Pesquisadora: Então, tu é pessoa que nem pensa em deixar o tear?
Tecelã Azul Escuro: Não, de jeito nenhum.
Pesquisadora: Vai tecer até o fim da vida.
Tecelã Azul Escuro: Até quando eu aguentar. Até aguentar eu vou tecer. Muito melhor, não tem amolação de ninguém, encheção de saco.
Pesquisadora: Tu acha que essa relação de trabalho é melhor pra ti?
Tecelã Azul Escuro: Ah, eu prefiro.
Pesquisadora: Do que ter patrão.
Tecelã Azul Escuro: Ah, não! Ahãh... Patrão, eles amola, né... Fica pra lá e pra cá.
Pesquisadora: Eles te deixam aqui e tu tem que entregar tecido, mas como tu vai fazer é problema teu?
Tecelã Azul Escuro: Isso. Se eu trabalha ou não, eles não acha ruim.
Pesquisadora: E qual é os dias da tua folga?
Tecelã Azul Escuro: Só sábado e domingo.
Pesquisadora: Mas aí tu não senta no tear ou tu senta no tear pra se divertir?
Tecelã Azul Escuro: Não, sábado e domingo, não. Sábado é dia de arrumar a casa e domingo é dia de descansar.
Pesquisadora: E as tuas crianças sabem tecer?
Tecelã Azul Escuro: Não, o meu pequenininho de oito anos sabe amarrar.
Pesquisadora: E te ajuda?
Tecelã Azul Escuro: Ajuda nada, preguiçoso.
Pesquisadora: E tu pretende ensinar teus filhos a tecer?
Tecelã Azul Escuro: Ah não, pra eles não.
Pesquisadora: Por quê?

Tecelã Azul Escuro: Ah, porque eu quero que eles estudem... Sejam alguma coisa nessa vida. Eles não vão tecer assim como eu.
Pesquisadora: Tu acha que quem tece não é alguma coisa?
Tecelã Azul Escuro: É alguma coisa, mas eu quero algo melhor pra eles, né?
Pesquisadora: O que seria uma coisa melhor?
Tecelã Azul Escuro: Formar em alguma coisa, ser alguma coisa na vida, não que tear não seja um serviço maravilhoso.
Pesquisadora: E por que tu prefere que eles estudem?
Tecelã Azul Escuro: Ah, não sei explicar... Prefiro que eles estudem.
Pesquisadora: E se ganhassem o mesmo tanto quem estudasse e quem não estudasse, no tear?
Tecelã Azul Escuro: Isso já vai da opinião deles, porque igual eu, eu não estudei... Eu ainda falta tirar o segundo e terceiro ano da escola.
Pesquisadora: Mas está terminando já?
Tecelã Azul Escuro: Não, eu parei de estudar.
Pesquisadora: Tipo falta pouco pra terminar?
Tecelã Azul Escuro: É pra terminar, e não tenho vontade nenhuma de voltar pra escola, mas isso vai da cabeça de cada um, né.
Pesquisadora: E por que tu não tem vontade nenhuma de voltar pra escola?
Tecelã Azul Escuro: Ah não... Estudar pra quê? Pra ter um diploma pra ficar guardado? Prefiro tecer.
Pesquisadora: E se a escola ensinasse a tecer, ensinasse alguma técnica?
Tecelã Azul Escuro: Aí a gente ia pra lá... Como não ensinam, nós ensinamos umas para as outras e vamos aprendendo e ganhando a vida.
Pesquisadora: Criação?
Tecelã Azul Escuro: Aprender coisas novas.
Pesquisadora: Se fosse pra aprender coisas novas do tear tu iria?
Tecelã Azul Escuro: Com certeza. Aí sim, era outro caso, né?
Pesquisadora: Valeria a pena?
Tecelã Azul Escuro: Aí, sim.
Pesquisadora: Tu acha que o ensino da escola te ajuda alguma coisa a tecer?
Tecelã Azul Escuro: Não, nada a ver... Escola não tem nada a ver com o tear, não. Ao contrário, tem muita gente em Resende Costa que prefere estudar pra não mexer com

tear, que não gosta do tear.
Pesquisadora: E tem opção na cidade sem ser tecer?
Tecelã Azul Escuro: Eu acho que não.
Pesquisadora: E os teus filhos estudando vão pra onde?
Tecelã Azul Escuro: Como assim?
Pesquisadora: Por que aqui na cidade tem opção? Não quero tecer, quero morar aqui em Resende Costa, mas não quero tecer...
Tecelã Azul Escuro: Não, aqui não tem opção nenhuma, no caso, tem que estudar e ir pra fora, né.
Pesquisadora: Pra fora.
Tecelã Azul Escuro: Isso. Ou formar advogado, médico... Alguma coisa... Ficar aqui mesmo.
Pesquisadora: Médico, advogado pode ficar na cidade... Tem trabalho?
Tecelã Azul Escuro: Acho que qualquer serviço tem que ficar, basta dar a cara a tapa, ter coragem.
Pesquisadora: Que tu falaria pra alguém que quer aprender a tecer, tipo eu?
Tecelã Azul Escuro: Ah! Muito bom, aprende mesmo, que é gostoso demais.
Pesquisadora: E como é que eu aprendo a fazer isso?
Tecelã Azul Escuro: Não preocupa, e só ter paciência...
Pesquisadora: E quem é que geralmente ensina aqui, os homens ou as mulheres?
Tecelã Azul Escuro: Não sei explicar, isso eu não sei, não.
Pesquisadora: Quem que mais tece na cidade, os homens ou as mulheres?
Tecelã Azul Escuro: Eu acho que mais puxa para o lado das mulheres, viu.
Pesquisadora: Por que, Tecelã Azul Escuro?
Tecelã Azul Escuro: Porque mulher tem o serviço de dona de casa, na hora que não está, dentro de casa está tecendo, né.
Pesquisadora: Não é muito difícil conciliar trabalho da casa?
Tecelã Azul Escuro: Eu tomo conta de duas crianças e ...
Pesquisadora: E ainda ganha teu salário?
Tecelã Azul Escuro: Com certeza.
Pesquisadora: Perto dos teus filhos.
Tecelã Azul Escuro: Ao lado deles, todo momento. Ele só não está aqui bagunçando porque está vendo televisão, eles não param.

Pesquisadora: Eles ficam aqui na tua volta?
Tecelã Azul Escuro: Ficam. Não... Menorzinho que tem três anos, agora o maiorzinho já é dependente, agora o pequeninho fica direto aqui comigo.
Pesquisadora: O que tu acha dessa coisa aqui na cidade de todo mundo tecer? Daonde tu acha que veio isso ou tu já ouviu alguma história?
Tecelã Azul Escuro: Isso vem desde sempre, né.
Pesquisadora: Tu mora aqui desde que nasceu?
Tecelã Azul Escuro: Não, já morei em São João, em Lagoa Dourada.
Pesquisadora: Mas tu é daqui?
Tecelã Azul Escuro: Não, sou de Lagoa.
Pesquisadora: E veio fazer o que aqui?
Tecelã Azul Escuro: Eu vim pra cá era criança de colo.
Pesquisadora: Ah, então é de Resende Costa?
Tecelã Azul Escuro: É praticamente, o meu pai tinha padaria aqui.
Pesquisadora: E tu tece peças grandes, tipo tapetes grandes?
Tecelã Azul Escuro: Não, só coisa pequena. Mas se for pra tecer eu teço, mas só fico nessa aqui.
Pesquisadora: Por que tu tem que ter um tear maior, né?
Tecelã Azul Escuro: É, meu tear é só pra essas coisas pequenininhas.
Pesquisadora: E tem alguém aqui por perto que teça peças grandes?
Tecelã Azul Escuro: Como assim que você fala?
Pesquisadora: Tapetes grandes, colchas.
Tecelã Azul Escuro: Oh Junior, a mãe do Lucas tece tapetão, né?
Pesquisadora: Ela mora aqui perto?
Tecelã Azul Escuro: Mora.
Pesquisadora: Vou ver se ela fala comigo.
Tecelã Azul Escuro: Ah fala, é bacana.
Pesquisadora: Então tá, Tecelã Azul Escuro, muito obrigada, me ajudou.
Tecelã Azul Escuro: De nada.

#### 4 URDUME: PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Fotografia 26 – Início do processo de Urdir. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Fotografia 27 – Tecelão urdindo. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Após a escuta e a observação participante realizada em Resende Costa, podemos afirmar que é consenso entre as artesãs que urdir é o processo mais complicado na tecelagem, pois urdir requer uma técnica que está nas mãos de poucas pessoas por ser minucioso e demorado. Klipper (2011) explica que o urdume é formado por um conjunto de fios tensos, paralelos e colocados previamente no sentido do comprimento do tear. Conforme Maria Rita Webster (2005) para se preparar o urdume é necessário ter fios e equipamentos.

Para a tecelã Turquesa, urdir requer muita paciência. Segundo ela:

[...] tem poucas pessoas que urdem aqui em Resende Costa. Meu marido urde muito bem, tem que ter cuidado com os fios na retirada, quando o urdume está pronto. Depois, este urdume vai ser colocado no tear e está pronto para tecer. Sem o urdume, não tem tecelagem. (tecelã Azul Turquesa em entrevista, julho, 2012).

Para mim, este é um dos capítulos de maior dificuldade e complexidade da pesquisa: o caminho teórico e metodológico que uma pesquisa acadêmica exige.

O caminho teórico é feito com várias horas de leituras, procura de livros em bibliotecas, livrarias, leituras e releituras, escrita e reescrita... Esse é um trabalho repetitivo, de muitas horas sentada, de dores nas costas, muito parecido com o caminho percorrido todos os dias pelas tecelãs que procuram seu sustento entre as tramas e fios dos seus teares.

O caminho metodológico e técnico é feito de experimentações. Sem isso, o tear da pesquisa não funciona. Como diz minha orientadora Elí Bartra, durante uma orientação em sua sala na UAM, “a metodologia compreende o método e a técnica, é o caminho que vai ser percorrido para fazer a tese”. Com sua doce e alegre voz, até parece fácil! Mas não é.

#### 4.1 GÊNERO E PATRIARCADO COMO CONCEITOS FUNDAMENTAIS

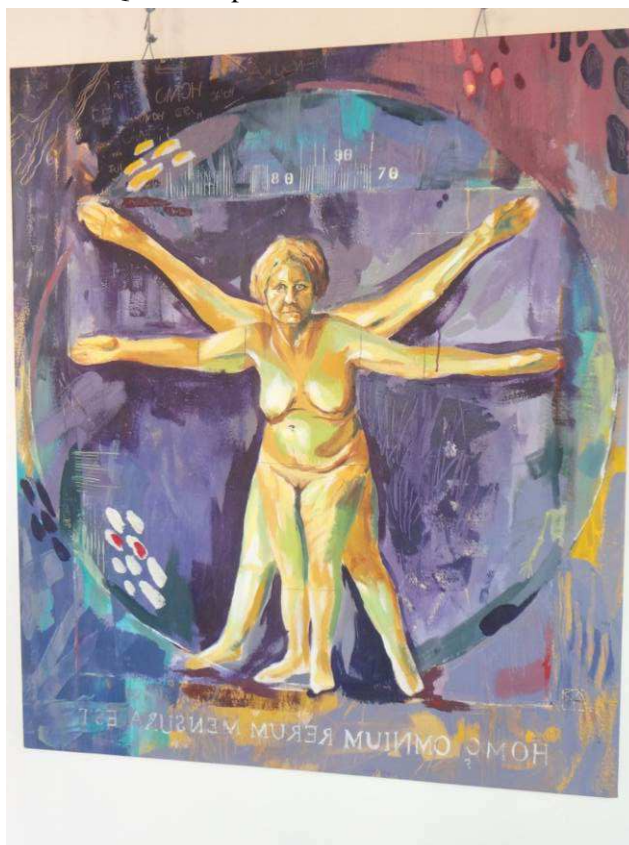
Em 1490, o reconhecido artista renascentista Leonardo da Vinci<sup>31</sup> desenhou sua famosa obra: Homem Vitruviano<sup>32</sup>. Mais de 600 anos depois da famosa obra de

<sup>31</sup> Leonardo da Vinci nasceu na Itália em 1452 e morreu em 1519. Foi um importante artista renascentista, considerado um dos maiores pintores de todos os tempos. Dotado de talentos mais diversos, frequentemente foi descrito como o arquétipo do homem do Renascimento.

<sup>32</sup> Homem Vitruviano é o famoso desenho de Leonardo da Vinci que foi encontrado em seu diário e que atualmente está na Gallerie dell'Accademia (Galeria da Academia) em Veneza,

Leonardo da Vinci, a artista Karen Cheirif Wolosky<sup>33</sup> expõe, na Cidade de Puebla, no México, uma provocadora obra sem título, em que o homem sai do centro do mundo e entra uma mulher, bem distinta dos padrões de beleza atuais, que são especialmente a juventude e magreza.

Fotografia 28 – Quadro exposto na Casa de las Culturas. Puebla/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2013.

Nas palavras de Bartra (2005, p. 7), “el punto de partida para cualquier estudio de nuestra realidad debería ser el reconocimiento de que vivimos en una sociedad patriarcal y de que, por lo mismo, todo el conocimiento es androcéntrico, o casi todo”. Desse modo, compreendemos a importância de abordarmos tal conceito.

---

Itália. Nesta obra, o artista apresenta uma figura masculina desnuda separadamente e simultaneamente em duas posições sobrepostas com os braços inscritos num círculo e num quadrado. A cabeça é calculada como sendo um oitavo da altura total. Às vezes, o desenho e o texto são chamados de Cânones das Proporções.

<sup>33</sup> Artista mexicana se formou em arquitetura pela Universidade ibero-americana, em 2006. Reside no Distrito Federal e tem exposto suas pinturas em várias partes do México. Ver blog: <<http://karencheirif.blogspot.mx/>>.

As duas categorias fundamentais que compõem a trama aqui tecida, que faz o movimento de busca de igualdade e visibilidade da produção das mulheres são: gênero e patriarcado. Com preocupação, algumas pesquisadoras têm extraído o conceito de patriarcado dos estudos de gênero. Percebemos, portanto, que ambos os conceitos – gênero e patriarcado - são fundamentais quando a base de trabalho são os Estudos Feministas.

Quando abordamos esses dois conceitos, penso ser fundamental a retomada da reflexão importante de Hierro (2007, p. 14). Para a autora,

Se ha superado y la etapa del feminismo, creo yo, en que se daba la lucha de las mujeres en contra de los hombres concretos, padres, hermanos, esposos, amantes, hijos y se combatía la ideología patriarcal en la figura del hombre con la que se entabla la relación interpersonal. O contra las mujeres que constituían la cara femenina del patriarcado.

A partir desta perspectiva, compreendo que nossa luta não é necessariamente contra os homens, isso porque, tanto homens como mulheres contribuem para a manutenção da sociedade patriarcal.

Desse modo (como já mencionado na Introdução), entendo o conceito de gênero como desenvolvido no bojo dos estudos feministas, ideologicamente e politicamente produzido nas lutas dos movimentos sociais.

De acordo com Marta Lamas (2002), o conceito de gênero começa a ser utilizado nas ciências sociais como categoria a partir da década de 1970. Desde então, a Academia passa a trabalhar com o conceito de gênero, abordando como são construídos culturalmente o ser homem e o ser mulher. Para a mesma autora, é importante destacar que “hay que tener siempre presente que entre mujeres y hombres hay más semejanzas como especie que diferencias sexuales” (LAMAS, 2002, p. 37).

Nesta abordagem, gênero é a aprendizagem que acontece nas relações socialmente produzidas entre homens e mulheres e destes entre si. Portanto, homens e mulheres aprendem a ser o que são na cultura em que estão inseridos. Seguindo este referencial, as pessoas adultas nos ensinam, desde a infância, como devemos ser homens ou mulheres para sermos socialmente aceitos (SAFFIOTI, 2004), ou seja, a velha e boa conceituação de Simone de Beauvoir (2009) configura-se como eixo: aprendemos a ser mulheres e homens. E como estamos inseridos no contexto histórico-patriarcal, aprendemos a ser heterossexuais (homens e mulheres). As mulheres



aprendem a ser de alguém e para os outros (LAGARDE, 2011), e o homem aprende que deve dominar a mulher, mesmo que ela possa ser a “rainha do lar” - leia-se: a *madresposa*, que produz a manutenção da lógica patriarcal, segundo Marcela Lagarde (2011), Margarita Pisano (2001, 2004), Eggert e Márcia da Silva (2010), Eggert e Márcia Paixão (2012).

O conceito de gênero se interpenetra com o conceito de patriarcado, pois é o conceito de patriarcado que explica a estrutura social que inferioriza as mulheres. Para Lagarde (2012) a definição de patriarcado foi realizada em 1861 por Henry Maine, que o define como a lei do Pai.

Didaticamente, Gebara (2007, p. 19) explica: “sociedade patriarcal significa que a maneira pela qual somos educados é marcada por concepções que valorizam um referencial teórico masculino mais do que o feminino”. Para Hierro (1990, p. 05), “el patriarcado que justifica su rechazo tildándola de la culpable de los males que aquejan la humanidad. El exterminio de las brujas en la Edad Media, no se debió al hecho de que poseían poderes ocultos, sino por ser mujeres”.

Lagarde (2011, p. 91) assim define este conceito: “El patriarcado es uno de los espacios históricos del poder masculino que encuentra su asiento en las más diversas formaciones sociales y se conforma por varios ejes de relaciones sociales y contenidos culturales”. Segundo Neuma Aguiar (2000, p. 01), “o patriarcado se pauta pela dominação do público sobre o privado”.

Sendo assim, historicamente, o que é produzido pelas mulheres no cotidiano privado é avaliado como de menor valor social, se comparado ao que é produzido pelos homens nos espaços públicos.

Contudo, o patriarcado, ao negar às mulheres o espaço público, não necessariamente dá poder às mesmas no espaço privado:

Às mulheres não é negado somente o acesso ao espaço público, mas também está limitado o exercício de decisão no âmbito privado. Este espaço em última instância está sob a autoridade do patriarca, pai e senhor. Uma consequência desta assimetria de poder está na definição e prescrição dos valores e normas que irão reger a sociedade. Estes vão seguir os parâmetros masculinos e serão percebidos como “universais” enquanto que os valores femininos serão “especiais” ou particularmente “particulares/peculiares. (NEUENFELDT, 2006, p. 85).

Dessa forma, neste lugar onde as mulheres desenvolveram um cativo aconchegante (LAGARDE, 2011), o patriarcado também lhes nega o poder de decisão. Nesse espaço, a decisão final, em grande medida, também continua sendo dos homens. Em uma das muitas capacitações que realizei com mulheres, a fala de uma delas é forte e marcante:

Sabe gurias, eu sofri quando meu marido morreu, mas ao mesmo tempo me senti um pouco aliviada, pude fazer muitas coisas que não podia fazer antes, inclusive arrumar minha casa quando e como eu queria. Coloquei cortinas que eu mesma fiz. Foram quase 40 anos de casada e eu nunca pude colocar cortinas na minha casa porque meu marido achava desnecessário, mas eu gosto de cortinas, eu costurava, aí então, quando ele morreu pude colocar.<sup>34</sup>

A fala da mulher simples durante a capacitação inicial do projeto mulheres da paz<sup>35</sup> endossa os escritos de Neuenfeldt citados acima; evidentemente, as coisas mudaram para as mulheres no âmbito privado/público. Entretanto, ainda temos um caminho a percorrer para o empoderamento das mulheres e igualdade entre os sexos. Também Bartra (2013, p. 25) deixa uma indagação para ser pensada: “viudez, estado ideal de la mujer?” Durante a empiria, a tecelã Vermelho comenta:

Meu marido morreu Amanda, que Deus o tenha, mas agora posso ter mais tempo para fazer outras coisas, ele era muito organizado e não queria nada fora do lugar aqui em casa, isso me tomava muito tempo aqui, a cama tinha que estar sempre muito bem estendida e também as roupas, então eu quase não tinha descanso, agora posso trabalhar mais (tecelã Vermelho durante entrevista, julho de 2011).

<sup>34</sup> Fala de participante do Projeto Mulheres da Paz - Capacitação em Violência de Gênero e Mediação de Conflitos. Agosto 2013.

<sup>35</sup> Projeto Mulheres da Paz é uma iniciativa do Ministério da Justiça, instituída pela Lei nº 11.530/2007 e pelo Decreto nº 6.490/2008, que objetiva, em linhas gerais, a capacitação de mulheres atuantes na comunidade para que se constituam, institucionalmente, como mediadoras sociais, a fim de fortalecer as práticas políticas e socioculturais desenvolvidas pelas e para as mesmas, a partir do empoderamento feminino, além de construir e fortalecer redes de prevenção da violência doméstica e enfrentamento às violências que compõem a realidade local e que envolvem jovens e mulheres. As Mulheres da Paz são mulheres da própria comunidade, capacitadas em temas como gênero e direitos da mulher, direitos humanos e cidadania, violências, fatores de risco e protetivos e prevenção à drogadição, para agirem como multiplicadoras do Programa, tendo como incumbência prevenir a violência juvenil e o envolvimento dos jovens com as drogas, bem como a violência de gênero. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={34f31e13-7a0d-4da6-914e-a24f770ee3a}&browsertype=nn&langid=pt-br&params=itemid%3d%7b4d3527bc%2d648b%2d4139%2dbf88%2dc5980c16ecc8%7d%3b&uipartid=%7b2868ba3c%2d1c72%2d4347%2dbe11%2da26f70f4cb26%7d>>. Acesso em: mar. 2014.

Desse modo, percebemos que as coisas mudaram para melhor na vida das mulheres, mas muitas coisas no privado ainda ficam na obrigação da mulher sob o aval ou não do homem.

#### 4.2 OS ESTUDOS FEMINISTAS COMO METODOLOGIA

Esta Tese realiza o exercício de suspeita de que é elemento-chave na pesquisa feminista (GEBARA, 2008; NEUENFELDT, 2005; 2006). Por ser um estudo qualitativo, entendemos que:

As metodologias qualitativas partem do princípio de que os agentes sociais têm possibilidades de orientar suas ações e, conseqüentemente, suas trajetórias de vida. Eles [sic] possuem conhecimento e avaliam suas ações, apesar de estarem vinculados a estruturas sociais. (GOSS, 2010, p 223).

Com base em Guilerme Galliano (1986), a palavra método vem do grego *methodos* e significa “caminho para chegar a um fim”. Uma tese de doutorado pode ser escrita e apresentada sem que a pesquisa chegue ao fim. Esta pode levar anos até chegar a um fim. Desse modo, precisamos escolher caminhos para chegar até a tese final. Sendo assim, a escolha das metodologias a utilizar na pesquisa é um momento delicado, que exige um exercício teórico e prático.

Fotografia 29 – Roca manual exposta no museu de antropologia. Cidade do México/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2013.

Para a autora Harding (2002), a metodologia é uma teoria sobre os procedimentos e a estrutura que segue a investigação científica.

Nesta direção, a metodologia deste trabalho aponta o compromisso com o feminismo. É, portanto, uma metodologia de mudança e transformação.

O compromisso de uma metodologia de pesquisa feminista é conseguir perceber na "outra" pesquisada uma cúmplice da descoberta de nós mesmas. Somos sujeitos capazes de transformar determinada realidade/pesquisa e nos transformarmos. A pesquisa feminista identifica propositalmente a relação sujeito-sujeito como sendo o elo diferencial das demais posturas neutralizantes na pesquisa. (EGGERT, 2003, p. 20).

Hierro (2007, p. 13) assegura que “La investigación feminista surge de la consideración de lo que hacen las mujeres y de cómo lo hacen observado por las mismas mujeres”. Desse modo, podemos pensar a metodologia feminista como forma de fazer pesquisa com mulheres, sendo estas analisadas por nós mesmas. Esta metodologia contém um caráter abertamente político por buscar conhecer e reconhecer o passado, entender o presente e preparar o futuro com um novo olhar: de transformação e mudança. (HIERRO, 2007; HARDING, 2002).

De acordo com Bartra (2002), a metodologia feminista é feita desde o ponto de vista feminista, trabalhando principalmente nas experiências de vida. Nas palavras da mesma autora:

El punto de vista feminista es, antes que nada, el punto de partida, en arranque, el comienzo de ese camino que llevará al conocimiento de algún proceso o procesos de la realidad, ese camino que se va haciendo a medida que se desarrolla la investigación. (BARTRA, 2002, p. 148).

Dessa forma, o método feminista trabalha procurando desconstruir a visão androcêntrica da pesquisa tradicional, buscando que, a partir da experiência, as mulheres falem do seu cotidiano.

Por meio da suspeita, tentaremos identificar “[...] a existência de tradições perdidas e visões de liberdade ainda não percebidas pela visão tradicional”. (EGGERT, 1999, p. 24). Neuenfeldt (2008) declara que a suspeita como instrumento metodológico é importante para a análise das entrelinhas do não dito. Para a autora, a suspeita inicia a partir das evidências implícitas com a presença do corpo.

Aqui devemos ter os nossos corpos em sintonia e presença no local onde estamos. Implica ouvir os silêncios, os gemidos, as dores, os suspiros. Muitas vezes a realidade é de silêncio, de não-fala [...] é preciso um exercício de suspeita e de sensibilidade para escutar e sentir nas entrelinhas, os entre-ditos, os silêncios, os gestos e posturas do corpo. (NEUENFELDT, 2008, p. 81).

Obviamente, como estamos na oposição à pesquisa androcêntrica que impera na academia, provavelmente apareça de alguma parte, a pergunta que as feministas estão muito acostumadas a responder sobre a necessidade ou não de uma pesquisa que trabalhe com a metodologia feminista. Nas palavras de Bartra (2002, p. 155), “El método sirve, pues, como un destructivo peine fino que se usa para modificar el androcentrismo aún reinante y crear un mejor conocimiento, con menos falsificaciones”. Hierro acrescenta ainda que: “A través de la metodología feminista que se utiliza para conocer y reconocerse en el pasado, entendemos el presente y prepararemos el futuro”. (HIERRO, 2007, p 14).

#### 4.3 A HERMENÊUTICA FEMINISTA COMO FORMA DE ANÁLISE

*Na hermenêutica feminista, a suspeita é um ponto importante do método da desconstrução e reconstrução juntamente com a análise de gênero. Pensar a experiência a partir desse método é revisar a vida, ter novos horizontes, construir novas formas de vida. (PAIXÃO; EGGERT, 2011, p. 20).*

O local da empiria desta Tese é composto por muitas cores. Na entrada de Resende Costa, vemos muitos tapetes, colchas, toalhas, jogo americano, entre outros artigos. Todos eles são tecidos com várias cores, com composições para todos os gostos.

Sabemos que a discussão acadêmica sobre a citação verdadeira dos nomes das pessoas pesquisadas é longa e divide opiniões. Alguns pesquisadores/as afirmam e defendem que o nome das pessoas que deram entrevistas e que participaram da pesquisa devem ser colocados no trabalho final, neste caso, na Tese, isso porque, por mais que tentamos “resguardar” o nome verdadeiro das pessoas, quem lê a pesquisa sendo do lugar de origem de onde esta foi realizada saberá de quem estamos falando<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Esta afirmação é defendida em algumas áreas da Antropologia. Durante o seminário intitulado “Antropologia e Educação”, realizado no PPGEDU, em 2010, foi longa a discussão sobre esta questão. Entretanto, o palestrante pesquisador da UNISINOS, José Rogério, entende que, teoricamente e eticamente, esta é a melhor coisa a fazer: utilizar nome e sobrenome verdadeiro e não fictício.

A pesquisadora Weller (2010, 2011) tem uma posição um tanto quanto diferente. Para a autora, o nome verdadeiro das pessoas com as quais realizamos a pesquisa não deve ser colocado em trabalhos acadêmicos. Para mim, suas considerações sobre a questão são pertinentes. Segundo Weller (2010, 2011), as pessoas podem mudar de opinião, de profissão, de vida. Desse modo, podem não querer a publicação de alguma coisa do que eram no passado. A autora que fez sua Tese de doutorado com jovens negros em São Paulo e jovens Turcos na Alemanha entende que o nome e histórias de vidas devem ser preservados como um ato de respeito à vida das pessoas que cooperaram com nossas pesquisas.

Dessa forma, nesta proposta, levando em consideração os escritos de Weller (2010, 2011), optamos por identificar as pessoas que compõem esta pesquisa por cores e não pelos nomes verdadeiros.

Nossa escolha se deu por dois motivos: Primeiro porque, em Resende Costa, existem relações de poder na forma em que se configura o trabalho nesse município. Desse modo, é necessário o maior cuidado com as informações que foram confiadas a mim enquanto pesquisadora. O segundo motivo ocorreu porque Resende Costa é colorida: as lojas de tecelagem, as casas, os quintais. Essa característica está relacionada ao fato de a produção da tecelagem acontecer dentro das casas ou no quintal.

Como nossa pesquisa trabalha com gênero, destacaremos aqui as entrevistas já realizadas durante a empiria.

Tabela 1 – Entrevistas realizadas

<b>Nome</b>	<b>Idade atual</b>	<b>Sexo</b>	<b>Profissão</b>	<b>Idade em que começou a tecer</b>
Amarela	72	Feminino	Tecelã	13
Azul	63	Feminino	Tecelã	13
Azul Claro	45	Feminino	Tecelã	10
Azul Escuro	30	Feminino	Tecelã	20
Azul Forte	34	Feminino	Tecelã	10
Azul Fosco	34	Feminino	Tecelã	09
Azul Marinho	42	Masculino	Político	---
Azul Musgo	32	Masculino	Tecelão	20
Azul Turquesa	55	Feminino	Tecelã	14
Bege	32	Masculino	Tecelão	22
Bordo	63	Masculino	Tecelão	39
Branco	52	Feminino	Tecelã	22
Bronze	32	Feminino	Tecelã	16
Cinza	15	Feminino	Tecelã	12

Cinza Claro	48	Masculino	Tecelão	20
Cinza Escuro	40	Feminino	Tecelã	13
Cinza fosco	52	Feminino	Tecelã	15
Dourada	54	Feminino	Tecelã	14
Gelo	65	Feminino	Tecelã	13
Laranja	31	Feminino	Tecelã	13
Lilás	76	Feminino	Tecelã	16
Marfim	40	Masculino	Tecelão	20
Marrom	53	Feminino	Tecelã	13
Prata	23	Masculino	Comerciante	---
Preto	22	Feminino	Tecelã	12
Púrpura	23	Feminino	Tecelã	11
Roxo	14	Feminino	Tecelã	12
Salmão	52	Feminino	Tecelã	12
Verde	24	Masculino	Tecelão	16
Verde forte	22	Feminino	Tecelã	10
Verde fosco	59	Feminino	Tecelã	09
Verde fraco	25	Masculino	Tecelão	17
Verde limão	34	Masculino	Comerciante	---
Vinho	75	Feminino	Tecelã	13
Violeta	73	Feminino	Tecelã	13
Violeta Escuro	63	Masculino	Tecelão	39
Violeta Claro	14	Feminino	Tecelã/estudante	2 meses
Vermelho	75	Feminino	Tecelã	50

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

De acordo com Romeu Gomes (1994), o sucesso da análise de dados depende dos passos que a precedem. Sendo assim, o projeto de pesquisa, o levantamento teórico e a coleta de dados são fundamentais para a análise e escrita da Tese.

Nossos dados serão analisados a partir da hermenêutica feminista. Esta se embasa na fenomenologia, para a qual as experiências de vida são fundamentais (GEBARA, 2000). De acordo com Brandão (1986), a fenomenologia também é utilizada na pesquisa participante.

Segundo Elizabeth Fiorenza (1992), os primeiros focos de estudo da hermenêutica feminista foram os textos bíblicos. O exercício hermenêutico das teólogas feministas foi de suspeitar dos textos bíblicos no que se refere às mulheres. As teólogas passaram a considerar o contexto patriarcal no processo de escrita dos fatos bíblicos.

Eggert (1999, p. 24), ao utilizar a hermenêutica da suspeita, analisa que “os textos estão escritos na linguagem masculina, imersos numa cultura patriarcal, canonizados, interpretados e proclamados por homens”. Fiorenza (1992) comenta que, ao utilizar a suspeita sobre a narrativa da paixão de Cristo, percebe-se que o foco

principal sobre as mulheres foi dado a uma grande pecadora que é perdoada por Jesus. A referida autora destaca que a mulher foi ignorada no processo de escrita feita pelos homens.

Três discípulos têm papéis destacados na narrativa da paixão no evangelho de Marcos: dois dos doze, Judas que traiu Jesus e Pedro que o renega três vezes, e a mulher anônima que unge Jesus. As histórias de Judas e Pedro estão gravadas na mente dos cristãos ao passo que a história da mulher está virtualmente esquecida [...] a ação simbólica profética da mulher não veio a se tornar parte do conhecimento evangélico cristão. Até seu nome foi esquecido. (FIORENZA, 1992, p. 9).

A autora, a partir desta reflexão, situa uma metodologia para a hermenêutica feminista. Para ela, a desconstrução é uma hermenêutica da suspeita. Na hermenêutica feminista, a suspeita e a crítica são assumidas como categorias imprescindíveis, pois vão problematizar, criticar e suspeitar do modo como mulheres são ensinadas na hermenêutica do respeito, submissão, aceitação e da obediência. Além disso, a autora analisa o processo de reconstrução, que corresponde ao resgate das histórias a fim de reconstruir a participação das mulheres na história. Para Fiorenza, é necessária uma reconstrução, o que ocorre a partir da crítica, mas também é um processo construtivo-propositivo.

No artigo intitulado *A hermenêutica feminista como suporte para a experiência das mulheres*, escrito por Paixão e Eggert (2011), as autoras reforçam os escritos de Fiorenza (1992) ao retomarem a hermenêutica como ferramenta respeitável para a pesquisa quando o mote é gênero. De acordo com as autoras, cinco passos são fundamentais para uma análise nesta perspectiva:

1. suspeita, recuperação de memórias e tradições esquecidas;
2. recuperação de memórias e tradições esquecidas ou colocadas à margem;
3. crítica, correção e transformação de conceitos;
4. retomada do modo como o mundo acadêmico opera;
5. autoavaliação crítica.

Para as autoras, o primeiro exercício é o da suspeita, que é um elemento-chave dentro da teologia feminista, sendo este fundamentado e retomado várias vezes por



Fiorenza (1992). A suspeita vai colocar em xeque os conhecimentos “ditos” superiores e normativos.

O segundo ponto para as autoras é a recuperação de memórias e tradições esquecidas ou colocadas em segundo plano. Este passo, pontuado pelas autoras, nos remete às pesquisas desenvolvidas pelo nosso grupo de pesquisa. O movimento é de retomar conhecimentos milenares desenvolvidos, sobretudo pelas mulheres, e postos à margem pela Educação Formal, sendo, por isso, menos valorizados; além disso, é de buscar, em alguma medida, com base na experiência das mulheres, visibilizar através da memória e dos processos educativos como um processo que tem conhecimento.

O terceiro ponto vai trazer a crítica, correção e transformação de conceitos para problematizar o modelo vigente. A organização da sociedade patriarcal (LAGARDE, 2011) vem operando num sistema de exclusão das mulheres (PERROT, 2007) e dos homens que fogem ao padrão normativo. Dessa forma, na hermenêutica feminista, a crítica é uma questão-chave, pois vai criticar e propor transformações.

O quarto passo apresentado pelas autoras é repensar o modo como o mundo acadêmico opera. A academia opera principalmente com o modelo *normativo androcêntrico* (CASTRO, 2011). Por esse motivo, nosso conhecimento é, via de regra, masculino, branco, eurocêntrico e heterossexual. Sendo assim, durante longos anos, a academia não considerou os conhecimentos produzidos por outras culturas e lugares (SANTOS, 2009).

O último passo proposto pelas autoras é a autoavaliação crítica. Podemos pensar este passo como uma ação crítica de todos os passos anteriores. Aqui, devemos fazer a leitura da situação atual e buscar meios de recriá-la.

Contribuindo com a produção das autoras acima citadas, neste trabalho propomos um sexto passo, a utopia que reflete a esperança da mudança social. Utopia é uma categoria central na obra de Paulo Freire: esta palavra tem divergências e polêmicas. A palavra utopia tem origem na composição de duas palavras gregas: *ou* (*indica negação, não*) e *topos* (*lugar*). No dicionário da língua portuguesa, utopia é traduzida de algumas formas, das quais as mais comuns são: “o lugar que não existe”; “o lugar do melhor”; ou ainda, “o não lugar”. Desse modo, ao analisarmos a situação atual do conhecimento artesanal das mulheres, buscamos também como forma de análise a utopia, que é um modo de pensar a partir de um novo lugar, da construção de possibilidades. Ainda sobre utopia, Gebara assinala:

A utopia feminista é, pois, uma utopia que não é monopólio das mulheres. A utopia da partilha, do reconhecimento dos valores de cada um, tanto de homens como das mulheres. É a utopia da pluralidade dos discursos a partir da pluralidade das culturas e das pessoas. (GEBARA, 2000, p. 114).

Todos os passos têm como objetivo contribuir para a construção de uma nova história para mulheres e homens. Sobre esses passos, as autoras pontuam:

Observamos que, quando se pesquisa com essa perspectiva, há uma consciência de busca por transformação. Transformação de um mundo que ainda vive com a presença de luta de classes, com a presença da dominação de quem acha que pode sobre quem não pode, e não pode pelo simples fato de ser diferente! (2011, p. 19).

Para Gebara (1994), a hermenêutica feminista é ética e representa uma contracorrente diante da ética patriarcal. Por isso, ela se propõe sair da priorização do sexo masculino para a igualdade entre homem e mulher, por meio da exclusão da diferença e do acolhimento da diversidade. Para a autora, isso implicaria a valorização do ser humano numa perspectiva histórica igualitária.

Fotografia 29 – Tear. Museu Artes e Ofícios. Belo Horizonte/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

A partir dessas reflexões, nosso trabalho foi organizado da seguinte forma: pré-análise, a exploração dos dados levantados e o tratamento dos resultados.

A pré-análise é o momento em que os dados são organizados e em que deve ser realizado um programa de análise. Nesse momento, organizamos as entrevistas após o processo de transcrição, na qual os textos são organizados a partir das perguntas.

O tratamento dos dados corresponde ao momento em que aos dados são atribuídos significados. Esta etapa foi feita a partir dos seguintes critérios/passos:

- transcrição; análise das respostas com base nos referenciais teóricos escolhidos; identificação de palavras-chave; classificação de palavras-chave; e identificação de tensões.

#### 4.4 A INVISIBILIDADE DA CRIATIVIDADE DA PRODUÇÃO DAS MULHERES

Segundo o dicionário *online* de português, a invisibilidade<sup>37</sup> consiste na característica de um objeto não ser visível. Em seu livro “*Creatividad invisible: Mujeres y arte popular en América Latina y el Caribe*”, Bartra (2004) afirma que a criatividade das mulheres não tem rosto nem nome. A autora afirma ainda que a arte popular é uma criação feita principalmente pelas pessoas mais pobres do mundo, nas suas palavras: “Sabido es que los más pobres de entre los pobres son las mujeres, luego entonces es un arte fundamentalmente de las mujeres”. (2004, p. 10).

---

<sup>37</sup> A invisibilidade consiste na característica de um objeto não ser visível, o que, no caso dos seres humanos, consistiria no fato de a luz visível não ser absorvida nem refletida pelo objeto em questão. Tais objetos não são conhecidos na natureza e até hoje não foram criados de modo satisfatório pelos seres humanos. A temática da invisibilidade é muito popular na literatura fantástica, em cinema, quadrinhos e TV. Vários Homens e Mulheres Invisíveis já povoaram as telas e revistas. Muitos super heróis possuem poderes de invisibilidade; houve pelo menos 3 seriados de homens invisíveis e vários filmes já abordaram o tema. Na literatura, também temos alguns casos famosos, como os Hobbits de Tolkien, que usam um Anel, por sinal inspirado no mito nórdico do Anel dos Nibelungos e também no mito platônico do Anel de Gíges, o que nos lembra, mais uma vez, que a invisibilidade não é privilégio da Ficção Científica. Também temos naves espaciais invisíveis, em Star Trek, bem como o inesquecível alienígena equipado com dispositivo de invisibilidade e O Predador. Disponível em: <<http://www.xr.pro.br/fc/invisibilidade.html>>. Acesso em: abril 2014.

Fotografia 31 – Tecelã em tear de cintura. Zinacantán/ Chiapas/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2013.

Fotografia 32 – Escrito em Muro. Porto Velho/Rondônia/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2014.

O cotidiano do trabalho artesanal realizado, sobretudo por mulheres de classes populares é invisibilizado, diminuído, não reconhecido, ora visto como “coisinha de mulher”, ora visto como um “passatempo”, sem muito valor, e não visto como

conhecimento.

Em maio de 2010, na cidade de Rosário/Argentina, apresentamos um trabalho no *Congreso Internacional Profundizando la democracia como forma de vida. Desafíos de la democracia participativa y los aprendizajes ciudadanos en el Siglo XXI*, quando Eggert falou sobre o saber *ateorico* da tecelagem como um conhecimento produzido pelas mulheres, historicamente invisibilizado e não valorizado. Um homem, de aproximadamente 50 anos, no fundo da sala, visivelmente emocionado, se apresentou e disse ser professor de Ciências Humanas, na UFRJ. Entre palavras e lágrimas, ele passou a contar a história de sua mãe e de sua infância. Num relato emocionante, ele retratou o trabalho da mãe para vestir os filhos no frio da serra carioca, que tecia o algodão ainda sem cor e vestia toda família com o seu trabalho. Durante anos, ele foi para a escola por meio do trabalho de sua mãe. Disse que estava emocionado porque ali, naquela sala, foi a primeira vez que ele percebeu que sua mãe possuía um conhecimento técnico não reconhecido que o possibilitou viver e chegar onde estava hoje.

Num outro contexto e momento deste mesmo ano, em uma conversa informal, após uma refeição, uma senhora de 70 anos perguntou o que eu pesquisava. Tentei explicar de forma rápida e simples, e ela respondeu: *Que coisa?! Isso (a tecelagem) dá coisa assim de pesquisar da Universidade?!* Então, outra vez, tentei explicar o porquê, de forma simples e rápida. Eu ainda não tinha terminado de falar, e ela começou a falar sobre sua mãe, quando ainda viviam no interior de Santa Catarina. Segundo seu relato, sua mãe plantava e colhia o algodão, depois o preparava em bacia para ser tecido. Ela tecia as roupas do marido e dos 5 filhos. A filha, agora com 70 anos, muito pouco tinha falado sobre os conhecimentos [que nós, no grupo de pesquisa, chamamos de *ateoricos*] de sua mãe, tecelã, analfabeta do interior de Santa Catarina. Ao final da história (que foi longa), a mulher, sentada numa cadeira junto à mesa da cozinha, ganhou a atenção do marido e dos dois filhos homens, sentados, tomando café. Pela expressão dos seus rostos, eles nunca tinham ouvido a história da avó tecelã antes. Em ambos os relatos, o filho (carioca) e a filha (catarinense) falaram que a mãe tecia e também fazia outras atividades.

Ao teorizar sobre o cotidiano, Eggert resgata o trabalho manual como um conhecimento desenvolvido pelas mulheres. Sabemos que o resgate desse conhecimento é fundamental, pois ele compõe o leque de pesquisadores/as que, dentro da Academia, propõem teorizar sobre o invisível. Muitos outros conhecimentos foram

visibilizados a partir da pesquisa e do conhecimento científico, sobretudo no campo dos Estudos Feministas (que busca visibilizar o cotidiano das mulheres) e da Educação Popular (que busca visibilizar o cotidiano de oprimidos/as).

Para Eggert (2004), a desvalorização do trabalho das mulheres acontece, pois a sociedade reafirma a mulher como a responsável pela esfera privada, devendo-se envolver com o trabalho doméstico, o amor materno e o cuidado com o outro. A autora Montiel (2007) argumenta que o trabalho feminino deve socialmente ser realizado “por amor”. De acordo com Saffioti “em todas as épocas e lugares a mulher contribuiu para a subsistência de suas famílias e para criar a riqueza social” (2013, p. 61).

O trabalho da tecelagem foi historicamente invisibilizado, pois está na ordem do privado, compreendido como sendo um conhecimento inato e natural das mulheres. Segundo o relato de muitas tecelãs durante nossa pesquisa empírica, esse trabalho é visto socialmente como sendo coisa de mulher, ou seja, é fácil e “ajuda” a fazer um dinheirinho. Bartra (2004, p. 13) afirma que:

El arte popular sufre de una clara marginación intelectual, pero el arte popular que hacen las mujeres es invisible, como el trabajo doméstico; muchas de las actividades de las mujeres han quedado agazapadas detrás de esas invisibles labores del hogar y el arte popular es una de ellas. Es preciso revertir esta doble marginación intelectual.

O artesanato foi organizado por meio de corporações nas quais as mulheres não podiam participar e, segundo Sennett (2009, p. 72), “o homem do ofício artesanal não aceitava as mulheres como membros das guildas, embora cozinhassem e limpassem na casa das oficinas”.

Para Prisca Kergoat (2009), no decorrer do trabalho de historiadores/as, descobriu-se um número significativo de mulheres nas corporações, durante a Idade Média, exercendo ofícios como de roupeiras e de tecelãs. A roupa, como sabemos, é essencial para aquecer o corpo no frio, assegurando, assim, que não se morra de frio. Nesse sentido, quando dizemos que o ofício de artífice ficou relegado, em grande medida, ao mundo masculino, é porque os trabalhos na costura, no bordado e na tecelagem foram desde sempre realizados muito mais pelas mulheres do que pelos homens e em condições que se situam junto ao trabalho doméstico e o cuidado com a família, ou seja, no âmbito do privado, não sendo assim reconhecidos como ofícios, como um trabalho.



A busca por visibilidade do trabalho artesanal realizado pelas mulheres, segundo Maleronka (2007), foi dada, em uma tentativa, apenas em 1675, pela constituição da primeira corporação de mulheres costureiras. Compreende-se, com isso, que as mulheres conseguiram se organizar apenas no fim do sistema corporativo, quando já estava iniciado um novo sistema de produção e quando as corporações estavam entrando em decadência, necessitando-se, naquele momento histórico, das mulheres como mão de obra nas primeiras fábricas têxteis que se espalharam pela Europa. Atualmente, mesmo que tecer, bordar ou costurar sejam tidos como ofício ou trabalho, eles ainda não são reconhecidos dessa maneira quando são as mulheres que praticam tais atividades, sendo esse trabalho visto como simples manualidades, ou então, “coisinhas de mulher” (EGGERT, 2010).

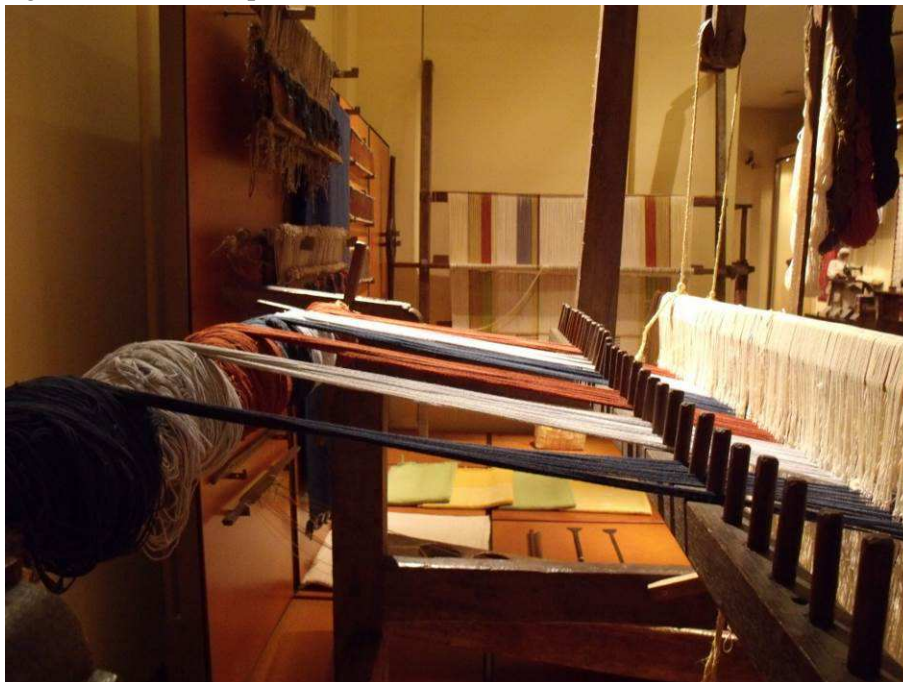
Bartra (2008, p. 9) afirma: “En mi caso, el interés específico radica en conocer la creatividad artística de este grupo social en particular: las mujeres. Y no únicamente en México, sino también en otras partes del mundo.” A autora analisa o modo como esse tema fica despossuído, quase sem força pelo fato de mirar a questão da arte popular como sendo uma arte subalterna e de fato uma parte produzida majoritariamente por mulheres pobres.

Sobre a invisibilidade da criação das mulheres, Hierro faz seu arremate: “Sabemos ahora que a lo largo de la historia de la humanidad las mujeres estábamos ahí, inteligentes, activas, compasivas y creativas”. (HIERRO, 2007, p. 15).

#### 4.5 O “TRABALHO” PELAS MÃOS DAS MULHERES DE RESENDE COSTA

*“Politizar la experiencia individual: es transformar lo personal en político.” (DORLIN, 2009, p. 15)*

Fotografia 33 – Tear exposto no museu de artes de ofícios. Belo Horizonte/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2010), no Brasil existem cerca de cinco milhões de pessoas trabalhando com o artesanato. Isso representa 0,5% do PIB.

O artesanato é definido como toda atividade produtiva de bens e artefatos realizada manualmente ou com a utilização de meios rudimentares com habilidade, destreza, qualidade e criatividade<sup>38</sup>.

No artigo “Instituições do estado e a produção e reprodução da desigualdade na América Latina”, Laura Mota Días (2007) faz um mapa da questão da desigualdade na América Latina que, para ela, é atualmente o lugar mais desigual do planeta. Neste estudo, temos facetas distintas da desigualdade, sendo estas econômicas, políticas e socioculturais. A autora aponta que a desigualdade acompanha a história da América

---

<sup>38</sup> Esta definição foi elaborada pela diretoria executiva do Conselho Mundial do Artesanato, que se reuniu em Bogotá, Colômbia, no ano de 1996. O Conselho Mundial do Artesanato é uma organização não governamental filiada à UNESCO.



Latina. Além do fato da concentração de renda, há outras questões que estruturaram a desigualdade, segundo Días:

a desigualdade não só foi produto da concentração da renda, como também das interações sociais, marcadas pela existência de relações assimétricas que se estabeleceram entre os colonizadores europeus e a população originária da América Latina” (DIAS, 2007, p. 130).

Sabemos que esta desigualdade ocorre, marcando distintos lugares, mais ou menos importantes. As mulheres foram destinadas aos trabalhos domésticos, de cuidado e que contemplem as qualidades ditas femininas, marcando assim o lugar das mulheres na sociedade. Para a autora, a questão de gênero é fundamental para compreendermos a desigualdade.

O gênero é um dos fatores medulares na construção de desigualdades. Para além das diferenças biológicas, foram estruturadas distinções sociais e culturais entre homens e mulheres, dentro das quais se estabelecem hierarquias de poder, de status e de renda. Finalmente, os atributos individuais constroem-se socialmente como resultado de processos históricos. (DIAS, 2007, p. 128)

Quando problematizamos o trabalho do artesanato, entramos num terreno com questões fundamentais para a compreensão deste trabalho: o primeiro deles é destacado por Bartra (2004), ao afirmar que o artesanato é desenvolvido pelas pessoas mais pobres do mundo. O segundo é destacado por Eggert (2006, 2010, 2011), Macedo (2003, 2006), Mitiko (2002) e Duarte (2002), que afirmam que o artesanato ligado ao fio – principalmente à tecelagem - é produzido principalmente por mulheres.

Sendo assim, o artesanato pesquisado por nós é produzido na América Latina, por mulheres, especialmente de classes populares. Portanto, pesquisamos uma produção que fica em segundo plano, pois é produzida num lugar desigual – a América Latina –, por pessoas de um gênero que possuem, na hierarquia social, uma posição de menor valor, menor poder, mais pobre e de menor renda. Podemos agregar aqui mais uma questão essencial: no artesanato, não temos uma educação formal no Brasil que possibilite às mulheres que trabalham na área uma certificação. Entretanto, sabemos que o trabalho artesanal exige um processo de ensino e aprendizagem, de qualificação e aperfeiçoamento, mesmo que não exista uma certificação formal deste processo.

O artesanato ligado aos fios - renda, bordado, crochê, costura e tecelagem – é uma produção tipicamente feminina. Os livros de histórias contêm imagens das

mulheres no mundo privado realizando trabalhos manuais. Este “atributo feminino” do trabalho dos fios vem de longa data. Em suas origens, a doutrina da Igreja geralmente considerava o tempo livre como uma tentação, e o lazer como um convite para a indolência. Esse temor aplicava-se principalmente às mulheres. Eva encarnava a tentação, distraíndo o homem do seu trabalho. Os patriarcas da Igreja consideravam as mulheres especialmente tendentes à licenciosidade sexual se nada houvesse para ocupar suas mãos. Tal preconceito deu origem a uma prática: a tentação feminina podia ser combatida mediante um artesanato específico, o da agulha, mantendo permanentemente as mãos das mulheres ocupadas (EGGERT, 2009; SENNET, 2009).

A agulha como remédio para a ociosidade feminina remonta a um dos primeiros patriarcas: Jerônimo. Como costuma acontecer com os preconceitos que amadurecem com o tempo, essa denegação sexual também se tornou, no início da Idade Média, um motivo de honra.

Hoje os fios saem do privado para o público. As mulheres “ganham” a vida entre os fios, trabalhando no artesanato, e buscam neste trabalho uma forma de atender à demanda doméstica de cuidado com a casa e as crianças, com as atividades profissionais, podendo muitas vezes trabalhar em casa. As mulheres realizam ambas as atividades num processo de simultaneidade, presentes no cotidiano das mulheres pela necessidade. Sobre esse processo, a tecelã Azul Fosco, de 34 anos – que, há 24 anos, ganha seu sustento no tear, em Resende Costa – afirma: “O bom desse trabalho é que eu trabalho em casa né? Assim, eu cuido da casa, cuido dos filhos e ainda ganho um ganhozinho. Eu não tenho hora certa pra tecer, teço fazendo todas essas coisas juntas” (tecelã Azul Fosco, entrevista, junho 2012).

Bartra (2004) afirma que o artesanato é desenvolvido pelas pessoas mais pobres do mundo. Sobre a pobreza e o artesanato, o autor Bee analisa:

[...] os (sic) artistas populares brasileiros, em regra geral, são pobres. Eles (sic) vivem e produzem num ambiente que transita entre sua produção e suas famílias; mas no final, se este trabalho artesanal consegue sustentar a família, eles (sic) se consideram abençoados (sic), pois estão felizes, criando suas obras. (NIERENGARTEN, 1996, p. 13).

Dentre essas pessoas, encontramos as mulheres, que buscam no artesanato uma forma de sustento para si e suas famílias. No artesanato da tecelagem, encontramos muitas mulheres que buscam neste trabalho uma forma de conciliar a demanda

doméstica de cuidado com a casa e as crianças e a atividade profissional. Por isso, muitas vezes, as mulheres trabalham em casa e realizam ambas as atividades, num processo de simultaneidade, presente no cotidiano das mulheres pela necessidade.

O feminismo historiciza que as mulheres, ao longo da trajetória da humanidade, sempre trabalharam. Perrot (2007) é uma das pesquisadoras que faz tal análise e afirma que o trabalho feminino foi silenciado, sobretudo por ser um trabalho da “ordem” do cotidiano na vida das mulheres: ora um trabalho doméstico, ora um trabalho artesanal, ou como ajudante do marido no trabalho informal nos comércios e artesanato. Sobre este processo, Saffioti (1979, p. 32) afirma:

Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhavam nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, teciam e fiavam, fermentavam a cerveja e realizavam tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel fundamental.

A partir da teorização histórica e social de que as mulheres sempre trabalharam (SAFFIOTI, 1979; PERROT, 2007; MATTOS; BORELLI, 2012), podemos afirmar também que as mulheres tiveram um processo de ensino e aprendizagem desenvolvido no cotidiano do dia a dia. Muitos conhecimentos ligados ao mundo privado estão nas mãos das mulheres e vêm sendo passados de geração em geração. Sobre esse conhecimento, Eggert (2006, p. 101) faz a seguinte indagação:

Fazer o pão e conversar – aprender de outras formas; fazer o cabelo e conviver – perceber o que é o belo num salão de beleza; cozinhar e duvidar dos modos de fazer – ousar sistematizar o cotidiano da química da cozinha; partejar e pensar o que faz nascer; tricotar, tecer, bordar e analisar o que tramam as mulheres... Seriam objetos de produção de conhecimento? Aquilo que por séculos nos limitou em espaços esquadrihados pelo poder patriarcal poderia ser o próprio lugar para um salto de qualidade na nossa reflexão?

Provavelmente, podemos citar muito sobre o conhecimento das mulheres: manipulação de ervas, receitas de cozinha, economia, saber de ginecologia e obstetrícia – haja vista as parteiras que, durante séculos, foram responsáveis pelo nascimento –, aprendizagens relacionadas à criação de crianças, artesanato e outros. Aqui podemos pensar, levando em consideração o referido pensamento de Eggert (2006), que onde a

sociedade patriarcal “colocou” as mulheres, estas desenvolveram uma produção de alta qualidade. (CUNHA, 2010).

Observamos que muitos saberes ditos “femininos”, ao serem transferidos e capturados pelas mãos dos homens, passa a ser um saber altamente qualificado, sistematizado e formal. Um exemplo disso é a cozinha: como circula em diversos espaços, durante séculos, o conhecimento da alimentação esteve nas mãos das mulheres. Hoje a cozinha passa a ser um saber extremamente complexo, tendo sua formação em nível de graduação, e os melhores chefes de cozinha são homens. Assim, a masculinização de um trabalho feminino, amplamente discutido na tese de doutorado de Aline Lemos da Cunha (2010), trouxe *status* e qualificação a um trabalho anteriormente considerado menor, pois, “quando falamos relações de gênero, estamos falando de poder. Na medida em que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal”. (COSTA, 2010, p. 5). Essa desigualdade também ocorre nas relações de trabalho e nos processos de ensinar e aprender.

Todo esse conhecimento vem sendo passado, através dos tempos, pelas mãos das mulheres e fica socialmente esquecido mesmo tendo sido fundamental para a nossa sobrevivência.

Segundo Prisca Kergoat (2011), no fim do século XIX, surgiu a noção do “ofício de mulher”. Neste momento, definiu-se o ofício de mulher em torno das então chamadas qualidades “naturais e inatas” das mulheres: o cuidado com o outro, o amor e a maternidade.

A desvalorização do trabalho feminino estaria ligada à falta de necessidade de aprendizagem e de qualificação (KERGOAT, 2011). Lagarde (2011) também aponta nessa direção, afirmando que a desvalorização do trabalho das mulheres acontece pelo fato de a sociedade acolher a ideia de que as mulheres têm como última e principal missão a maternidade, isto é, tomarem o cuidado para com o outro como tarefa básica e principal.

Quando abordamos a questão do cuidado, não estamos dizendo que nós, mulheres, não queremos nos ocupar com o cuidado. Entendo, aliás, que a maioria de nós gosta do cuidado com o outro, com a natureza, com o humano. O fato é que não queremos o cuidado como sendo algo destinado às mulheres. Queremos pensar o cuidado como uma categoria do humano, não das mulheres. Nós, mulheres e homens, devemos ter o cuidado como sendo algo presente na vida cotidiana: cuidado com as

crianças, as pessoas idosas, com a terra, as plantas, com o lixo, com o planeta. Isso tudo deve ser do humano, e não somente das mulheres. A alma não tem sexo (CRUZ, 2010), o cuidado também não deveria tê-lo.

Segundo Eggert (2004), um dos motivos da desvalorização do trabalho das mulheres acontece pelo fato de a sociedade reafirmar a mulher como a responsável pela esfera privada, devendo-se envolver com o trabalho doméstico, o amor materno e o cuidado com o outro. Amié Montiel (2007) argumenta que o trabalho feminino deve socialmente ser realizado “por amor”. Bartra (2004) aponta que a marginalização intelectual e a invisibilidade da arte das mulheres acontecem por esta técnica estar entre o trabalho doméstico. Dessa forma, o trabalho com os fios é uma extensão da atividade doméstica.

De acordo com Sennet (2009, p. 57), “a cabeça e a mão não são separadas apenas intelectualmente, mas também socialmente”. Essa separação histórica atribuiu aos homens o trabalho “da cabeça” e às mulheres o trabalho “das mãos”, pois, no imaginário popular, o trabalho com as mãos é menos complexo e exige menos qualificação (KERGOAT, 2011).

Bartra (2008, p. 12) argumenta que é preciso reverter a dupla marginalização intelectual da arte popular, tendo em vista que “El arte popular es considerada de segunda, elaborada por gente también de segunda”. A autora argumenta ainda que a atividade criativa desenvolvida pelas mulheres na arte popular é apenas mais uma das suas muitas produções que ficam invisíveis. Assim, a arte desenvolvida pelas mulheres é tão invisível quanto o trabalho doméstico que realizam no cotidiano ordinário, conforme analisa Gebara (2008). Para o feminismo, o privado é político, e o trabalho diário de fazer esse movimento - politizar o privado – é uma das formas de reverter a marginalização do trabalho desenvolvido pelas mulheres. A esse respeito, Sennet (2009, p. 33-34) analisa:

[...] em sua maioria, os ofícios e artífices domésticos têm um caráter diferente dos trabalhos que hoje se executam fora de casa. Por exemplo, não consideramos os cuidados paternos como uma atividade no mesmo sentido, que atribuímos ao ofício de bombeiro ou a programação de computadores, muito embora o alto grau de capacitação especializada seja necessário para ser um bom pai ou uma boa mãe.

Macedo (2006) aponta os números da tecelagem em Minas Gerais: 99,2% do trabalho da tecelagem eram realizados, em Minas Gerais, por mulheres. A autora afirma que “a fiação em especial era um ofício de mulher por excelência. A tecelagem seguiu seus passos, quase na íntegra, provavelmente porque, para os homens, era destinado o trabalho na agricultura e na procura de ouro” (MACEDO, 2003, p. 4).

Há pelo menos quatro décadas, a academia reconhece que a maioria das pessoas que trabalham no ramo têxtil são mulheres e que neste ramo existe exploração. Isto porque, em 1967, Saffioti apresenta sua tese de livre docência, intitulada “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade”, sob orientação de Florestan Fernandes. O objetivo principal foi explicar a situação da mulher na sociedade capitalista a partir da exploração da mão de obra feminina.

Após 45 anos da pesquisa de Saffioti, a empiria desta proposta de pesquisa infelizmente corrobora os escritos da autora, pois, nos teares de Resende Costa, meninas a partir dos 12 anos trabalham na tecelagem diariamente para ganhar seu dinheiro e ajudar nas despesas da casa. Além disso, por vezes, é difícil ter a informação exata sobre o número de horas trabalhadas, as formas de pagamento e de venda. Portanto, podemos perceber que a produção feminina dos fios leva consigo muita exploração e silenciamento. A impressão que tenho, em alguns momentos, é que o não falar das tecelãs quando a pergunta é delicada é que o silêncio faz parte do trabalho a fim de garantir um lugar tranquilo (PERROT, 2007).

Para termos uma noção financeira dos fios produzidos principalmente pelas mãos das mulheres, temos a seguinte lógica financeira constatada durante a empiria em Resende Costa: uma tecelã trabalhadora “autônoma” vende sua produção por peça para as lojas de artesanato do asfalto<sup>39</sup>. Para tecer um tapete de 50cm x 80cm, uma tecelã recebe do dono da loja um valor que está estimado entre R\$0,50 e R\$0,80. O tapete é vendido ao turista por R\$ 4,50, e o valor que o dono da loja paga de matéria prima varia entre R\$1,20 e 2,00. Sendo assim, o custo final para o dono da loja é de R\$2,50 por tapete. Este mesmo tapete é vendido a R\$4,50 e revendido a um preço de até 12 reais<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup> Expressão utilizada pelas tecelãs referindo-se às lojas de artesanato que ficam no centro do município.

<sup>40</sup> Encontrei os tapetes de Resende Costa na cidade de Tiradentes e Ouro Preto, no estado de Minas Gerais, sendo vendidos a um preço variado entre 8 e 12 reais durante empiria, em julho de 2011 e 2012. E quando eu conversava sobre esse assunto com quem entrevistei, algumas vezes, para explicar a lógica dos valores, era pedido para que o gravador fosse desligado.

Durante a empiria, tecelãs apontam as principais “qualidades” de uma boa tecelã: paciência, criatividade, rapidez, saber lidar com a dor e capacidade de fazer muitas tarefas ao mesmo tempo.

**Paciência:** horas em um tear de pedal trabalhando com as mãos e os pés, fazer combinação de cores, criar peças com estética e bom gosto.

**Criatividade:** para criar na tecelagem manual, jogar com as cores e assim ter peças harmoniosas, é necessária a criatividade. A tecelagem é tão complexa e criativa que as mulheres desenvolveram, ao longo dos anos, uma linguagem própria da tecelagem como uma partitura musical. As mulheres dedicam horas à criação dos *repassos*, que são os desenhos que serão tecidos em colchas, mantas, tapetes, toalhas.

**Rapidez:** Os teares em Resende Costa começam cedo, por volta das 5h30min e terminam tarde. Em algumas casas, as mulheres relatam que terminam o acabamento dos tapetes, que envolvem o cortar e o amarrar as pontas para não se soltarem, apenas depois da novela que termina por volta das 22 horas. A rapidez do trabalho da tecelagem acontece devido à necessidade de dinheiro, pois nesta atividade o pagamento é por peça produzida. Dessa forma, quanto mais se tece, mais se ganha.

**Dor:** Durante a empiria, em vários relatos, são constantes as dores nas costas, pernas e braços pelo trabalho repetitivo. Tendinite, varizes, hérnia são os desdobramentos de horas a fio ao tear.

Todo conhecimento da tecelagem, capacidade de simultaneidade e criação são perdidos em um processo pouco reconhecido e tramados no cotidiano privado, o lugar onde as mulheres os desenvolvem. Tais aspectos configuram um trabalho extremamente desvalorizado financeiramente, em que a tecelagem é considerada um trabalho “menor”.

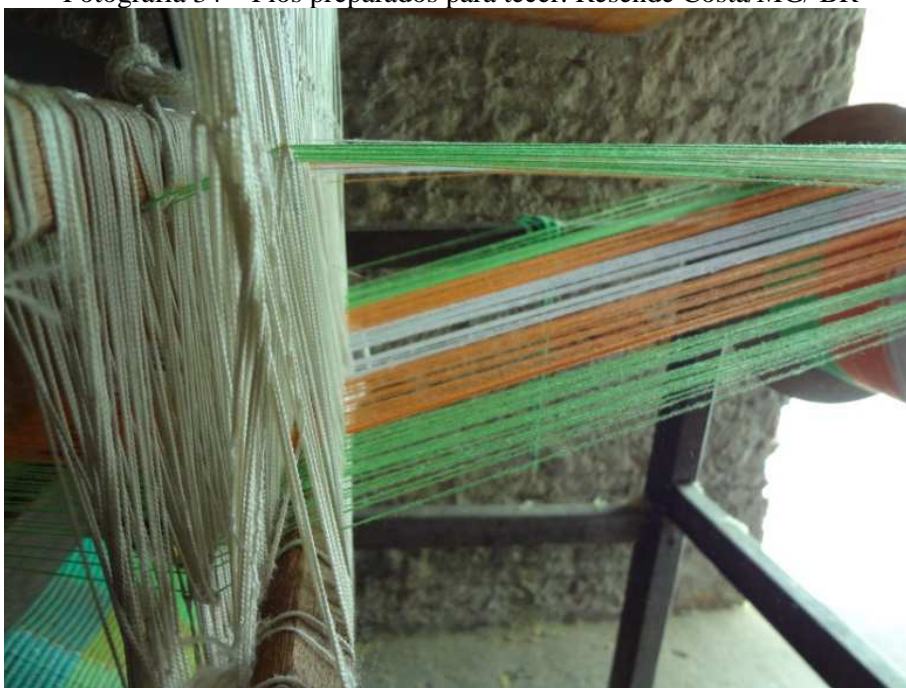
Nancy Pereira (2009, p. 232) mostra que “A contribuição ética do feminismo se dá na insistência de que o pessoal é político, o cotidiano é histórico, a reprodução é produtiva, a produção é distributiva, o consumo criativo”. Em vista disto, o feminismo contribui para visibilizar o invisível, destacando que o que é tecido no cotidiano da casa, na vida privada, é político, histórico e produtivo. Com base nessa ideia, bem como na pesquisa empírica, reconhecemos que, entre os fios, existe conhecimento, mas este é tramado entre exploração, dor, invisibilidade e silenciamentos.

#### 4.6 OS “REPASSOS” E A ESTÉTICA DA PRODUÇÃO DAS MULHERES

O termo Estética foi construído por Baumgarten, no século XVI. A ideia inicial do filósofo era designar a Estética para o estudo da sensação e do belo. Dessa forma, com o passar do tempo, a Estética se tornou um ramo da filosofia cujo principal mote era o estudo da ciência do belo. Contudo, a ideia foi se aprimorando com o passar dos anos. A Estética foi empregada por Kant como a ciência de todos os princípios da sensibilidade. (JAPIASSÚ, 2008).

Para a autora Nadja Hermann (2010), hoje é preciso ampliar o uso da Estética. Assim, de acordo com a autora, a Estética não somente estuda o belo e o artístico, como também toda a dimensão da sensibilidade; portanto, “a Estética se relaciona com toda a capacidade de aprender a realidade pelos canais da sensibilidade e que põe em movimento uma disposição lúdica para as atividades de criação” (HERMANN, 2010, p. 29). Para a mesma autora, “a tentativa da estética foi lutar pela emancipação dos sentidos e liberá-la do jugo racional” (*idem*, p. 39).

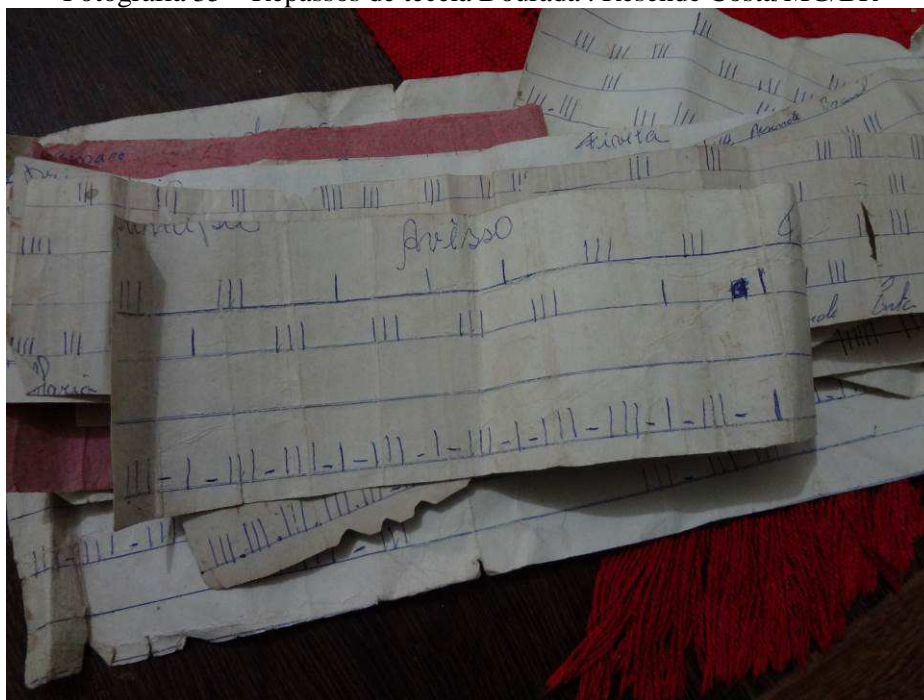
Fotografia 34 – Fios preparados para tecer. Resende Costa/MG/ BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.



Fotografia 35 – Repassos de tecelã Dourada . Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Bem, pensando um pouco em todas estas questões envolvendo o belo e a estética na Filosofia, penso que o artesanato desenvolvido pelas mulheres de Resende Costa tem pouco ou quase nada de artístico; entretanto, muito tem de estético no trabalho cotidiano das mulheres comuns de Resende Costa.

Quando estive em visita à cidade Teotitlán del Valle<sup>41</sup>, fiquei impressionada com os tapetes tecidos ali. Neste lugar quase toda a produção é artesanal. A lã é cultivada a partir das ovelhas das famílias que trabalham com a tecelagem. Até poucos anos atrás o tingimento ocorre com a utilização de produtos naturais que dão cor aos tapetes. A fiação e o processo final de tecelagem também são feitos ali em teares de pedal. Quando comecei a caminhar pela cidade e ver todos aqueles tapetes, encontrei uma Arte Popular que não encontro nos tapetes de Minas Gerais, ou seja: é quase impossível comprar um

<sup>41</sup> Teotitlán del Valle é uma das primeiras vilas fundadas pelos Zapotecas em 1465. Hoje, o pequeno município localizado no Distrito de Tlacolula fica a 31 km da cidade de Oaxaca, perto das montanhas de Sierra Juárez. A cidade é muito conhecida pelos seus tapetes, que são feitos em tear manual de pedal. A lã (de ovelhas), o tingimento (com pigmentos principalmente locais, naturais), a fiação e a tecelagem são feitos manualmente. Os tapetes feitos neste lugar são de fato obras de arte. São tecidos com desenhos tradicionais, em *designs* modernos, com reproduções de trabalhos de artistas famosos, e pedidos personalizados também estão disponíveis, bem como passeios de oficinas familiares. Fonte: visita à cidade em 2013 e pelo site <<http://www.oaxacamilio.com/ecoturismo/teotitlandelvalle.htm>>. Acesso em: maio 2014.

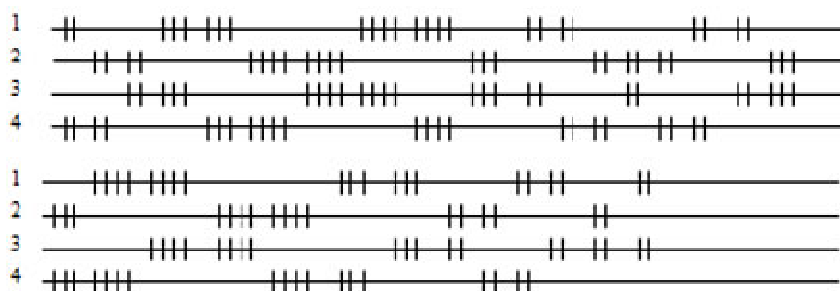
tapete em Teotitlán del Valle e colocá-lo no chão para se pisar em cima. O que comprei se chamava “o jardim”. Mandei emoldurá-lo quando cheguei ao Brasil e o coloquei na minha sala. Os tapetes desse lugar são de fato obras artísticas e, inclusive, têm um alto valor na venda.

Em Resende Costa, não encontrei o artístico, mas ali, nas montanhas de Minas Gerais, são feitos tapetes com uma estética especial e que consigo identificar mesmo longe dali. São cores, formatos e detalhes que me mostram que os tapetes são feitos lá. A produção estética das mulheres de Resende Costa vem de longa data, como já foi descrito nos primeiros capítulos desta Tese. Contudo, aqui abordaremos um dos detalhes que compõem a estética dos tapetes de Resende Costa: os *repassos*.

Os desenhos feitos no tear são os *repassos*. A técnica é responsável pelos muitos desenhos nas peças da tecelagem. O *repasso* acontece por meio de uma série de combinações nas pisadas e nas linhas enfiadas no liço<sup>42</sup>. As tecelãs criam cada um deles, e é tradição guardá-los e repassá-los às próximas gerações, em especial às filhas e amigas. A tecelã que criou o repasso o batiza com um nome significativo.

Temos, em Minas Gerais, mais de 50 *repassos* que vêm, através dos anos, sendo mantidos nas famílias pelas mulheres. Nos dias de hoje, poucas pessoas sabem e criam *repassos* novos, devido à sua complexidade. Os *repassos* são criados, codificados e guardados em papel. A primeira vez que vi um repasso, ele me lembrou uma partitura musical.

Figura 6 – Repasso



Fonte: <<http://tecelagemartesanal.wordpress.com/aprendendo-a-tecer-no-tear-mineiro-de-4-pedais-urdir-licar-tramar-leitura-e-interpretacao-dos-graficos-receitas-e-graficos-de-codigos-repassos>>.

Na figura acima, temos um repasso. As linhas na horizontal representam as folhas dos liços; os riscos na vertical representam os fios de linha que devem ser

<sup>42</sup> A explicação dos repassos é encontrada no site <<http://www.tecelagemunai.com.br/repassos.php>>. Acessado em janeiro de 2014.

enfiados no liço correspondente. Assim, para tecer, é preciso seguir a mesma codificação, pisando nos pedais do tear. Pode parecer um processo simples, mas não é.

Figura 7 – Desenho obtido pelo repasso



Fonte: <<http://tecelagemartesanal.wordpress.com/aprendendo-a-tecer-no-tear-mineiro-de-4-pedais-urdir-licar-tramar-leitura-e-interpretacao-dos-graficos-receitas-e-graficos-de-codigos-repassos>>.

Seguindo o repasso explicado na página anterior, temos o desenho acima que será o da peça tecida.

A tecelã Amarela, de 72 anos, me mostrou, durante entrevista, seus *repassos*, organizados em uma pasta com muito cuidado. Para ela, esta pasta significa – e, de fato, é – um tesouro. Alguns de seus *repassos* estão na família desde 1955 e foram criados especialmente por sua mãe e tias. Hoje, a tecelã Amarela ainda trabalha no tear todos os dias e vende suas peças na sua casa. Sobre os *repassos*, ela diz:

Têm vários *repassos*, mais de cinquenta, tem o avesso, ciriguinha, rosa, coroa, cravo, avesso, canela, ah tem muitos minha filha, mas acontece que hoje as pessoas não querem mais aprender esses só querem fazer lisos, é porque as pessoas acham difícil de fazer, demora demais da conta, então eles preferem fazer os lisos que é sem desenho então é mais fácil. As pessoas de hoje não aprende mais as coisas antigas, e nós sabemos essas coisas antigas porque a gente é antigo né?! (tecelã Amarela, entrevista em julho de 2012).

Fotografia 36 – Repassos de tecelã com data de 1955. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Perrot (2007) aborda a questão da “falta” de história das mulheres. Segundo a autora, é “uma desvalorização das mulheres por si mesmas” (PERROT, 2007, p. 17). Ela ressalta a importância de preservar cartas, diários e anotações, tidos como sem importância para muitas mulheres, porque, na “escala” social, o que as mulheres escreveram sobre o cotidiano – como, por exemplo, os *repassos* – é avaliado como de pouca importância.

A tecelã Amarela conseguiu ultrapassar a sociedade patriarcal que inferioriza o conhecimento das mulheres, haja vista que ela guarda seus *repassos*, perpetuando sua história e afirmando que eles são importantes. A pergunta que fica é: o que acontecerá com seus *repassos* quando a tecelã Amarela não estiver mais aqui para guardá-los? Perrot (2007) avalia que, em grande medida, a perda dos arquivos que compõem a histórias das mulheres acontece após sua morte. Para a mesma autora, a história das mulheres, que é, de alguma forma, contada pela mulheres (através de cartas, diários, fotos, desenhos e, aqui, em especial, os *repassos*) não é valorizada, não está em museus, sendo manuseada com cuidado e técnicas específicas para não se perderem no tempo.

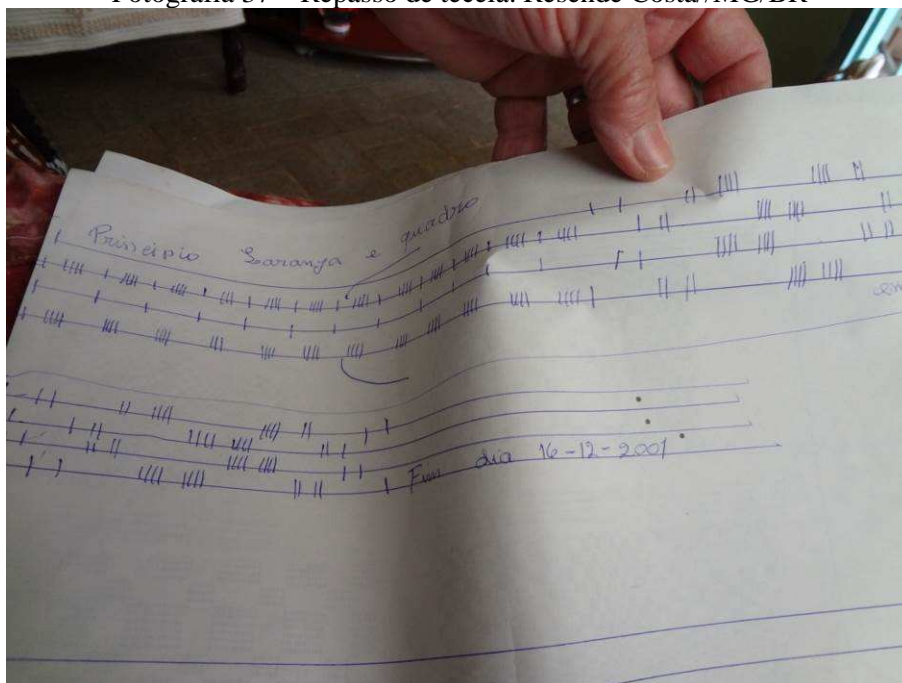
Na coleção de cinco tomos, intitulada *História das Mulheres*, Perrot (1990), em vários momentos, retoma a dificuldade em contar a história das mulheres por falta de material e, ao mesmo tempo, retoma a importância de guardar a história das mulheres

para poder contá-la. Por isso, tirei cópia e tirei fotos de todos os repassos que encontrei em Resende Costa. Além disso, incentivei as mulheres a guardá-los e a ensinar a técnica para suas descendentes, pois esta é uma forma de poder resgatar a história que, na maioria das vezes, fica à margem. (PERROT, 1990).

#### 4.7 HISTÓRIA, CRIAÇÃO E INVENTABILIDADE DOS REPASSOS

Os repassos fazem parte da história da tecelagem e são criados, guardados e repassados para as mulheres da família. Os repassos são uma forma singular que compõem o processo de formação das tecelãs mais velhas de Resende Costa. Elas literalmente teciam seu dia a dia. Algumas mulheres ainda têm guardado várias peças e papéis e contam a história de cada um deles. Ali temos diariamente as tecelãs sendo, fazendo e acontecendo, politizando e criando através do privado. É um processo emocionante de acompanhar, ouvir e ver. Nas tecelãs mais novas, não encontrei os repassos como sendo parte do cotidiano, talvez porque a produção por peça faz acelerar a produção e perder a criação das tecelãs velhas.

Fotografia 37 – Repasso de tecelã. Resende Costa//MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Em geral, os repassos eram criados pelas mulheres em ocasiões especiais: quando uma filha casava, uma filha nascia, quando alguém especial partia. Os repassos

eram uma forma de contar e eternizar a dor, alegria, felicidade e agradecimento. Também podiam ser usados como presente para uma amiga ou comadre. Os repassos hoje estão guardados com as mulheres mais velhas de Resende Costa: algumas já morreram, outras ainda guardam seus repassos. Como criar e tecer os repassos é um trabalho complexo; em geral, as novas gerações não os fazem mais. O tecelão Bordo aprendeu os repassos com a mãe já falecida. A família não sabe o que aconteceu com os reapassos da mãe, mas o filho explica a técnica, como segue:

Os repassos é isso aqui, é que no liso, tem que passar fio por fio aqui, entendeu, igual à toalhinha entra lá com quatro folha, com quatro pedal, tem quatro pedal e agora de retalho já é dois pedal só, são duas folhas, dois liso que eles fala e dois pedal, então é mais simples. Agora esse daqui pra você tecer ele tem que ser, que você pisa dois de lá, dois de cá, um do meio, então mais complicado pra sair os altos relevos aqui na toalhinha. (tecelão Bordo, entrevista, julho 2012).

A tecelã de 59 anos, que guarda seus repassos desde os 12 anos, explica como se obtêm os desenhos mediante os repassos:

[...] é, no passar das folhas, se for passar na primeira, na segunda, na terceira, na quarta... na primeira, na segunda, na segunda, e na quarta... isso vai formar um desenho na primeira, na terceira, na segunda e na quarta, isso vai formar um desenho e aí você repete quatro vezes e aí depois você passa na primeira, na quarta quatro vezes e aí você passa na segunda, na terceira, isso é repasso que vai formar, pode fazer de vários jeitos. E conforme você tem o desenho, aí você pisa lá pisadeira, quatro pisadeira, você pisa assim a pisada são quatro pisadeira, você vai pisar a primeira, terceira, segunda e quarta pra fazer um desenho aí. (tecelã Verde Fosco, entrevista, julho, 2012).

Perguntei para uma tecelã de 72 anos quantos repassos tinha; ela me olhou com espanto e disse: muitos! Não tem como contar! Isso porque cada tecelã fazia os seus. Sobre isso a tecelã Amarela explica:

É um monte de repasso, eu vou ditar alguns. Tem coroa, tem avesso, tem seriguia, tem fustão, tem cruzadinho. Eu não sei falar todos, que é muitos eu tenho os repassos aí é só pegando e olhando todos. (tecelã Amarela, entrevista, julho, 2012).

Após responder esta pergunta, trouxe alguns dos seus repassos em papel e alguns que já estavam feitos. No início, ela não quis me mostrar às peças porque, segundo ela, estavam feias; as bonitas já tinha vendido e ficaram na casa dela apenas as que estavam



mal feitas ou com algum defeito, ou com uma combinação de cores que não ficou bem “casada”. Pedi mais uma vez, e ela então me mostrou as que ficaram na casa dela.

Quando perguntei a ela se via futuro nos repassos, se as mulheres poderiam começar a realizar novamente essa criação, com um olhar triste respondeu:

Isto, não, continuar não, você sabe por quê? Porque eles vêm crescendo e aprendendo só fazer com duas folhas assim o liso, como eu estou tecendo isso daqui é liso chama liso, e esse aqui quase todo mundo aprende fácil e sabe. (tecelã Amarela, entrevista, julho, 2012).

Fotografia 38 – Repassos da tecelã Amarelo. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

A tecelã Vermelho, de 75 anos, explica um pouco o processo dos repassos:

Aham. Aqui ó como eu falei para você, a primeira é a quarta, aqui vem seis, seis pauzinhos, aqui tem dois. Então a primeira e a terceira. Isso aqui vai fazer uma... no caso, um desenho. E vai chegar aqui na frente ele vai fazer modificar uma coisinha mais pequena, para começar outro maior. Um triângulo, por exemplo, né. Minha tia que

me ensinou que aqui tinha o repasso. Tenho vários repassos desde que eu tinha 12 anos. Aqui tem as mesmas coisas, tem as quatro linhas, que são as quatro folhas de liso. Esse aqui chama cravo, chama cravo. A era muito trabalho... Era. Você tinha que contar em cada 24 fitas, tinha de contar quantos fios você deveria deixar em cada folha para não ficar entortando. (tecelã Vermelho, entrevista, julho, 2012).

Ao final da conversa, não podia faltar, num estado fervorosamente católico, a imagem de Cristo como repasso.

Fotografia 39 – Repassos da tecelã Vermelho. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Ao fim, o comerciante faz o arremate:

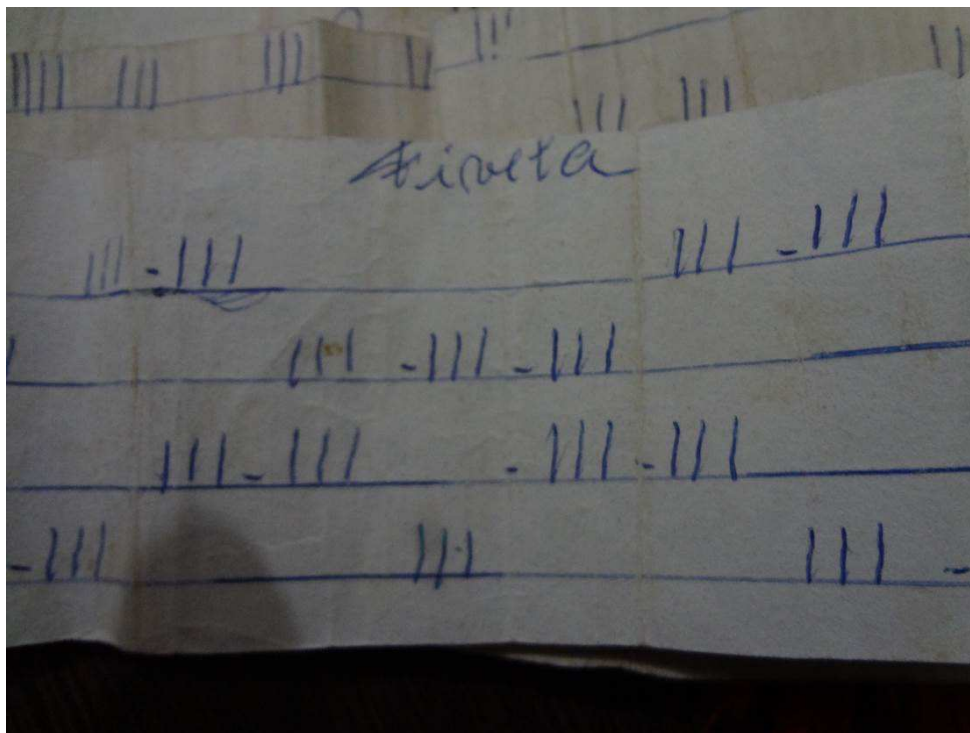
Olha só a tecelagem tem os repassos né que são os desenhos e também tem toda uma função que é urdi que é um trabalho que tem todo um processo né. E está me parecendo com as pessoas que eu tenho conversado que tem muita coisa que está ficando na mão das mulheres mais velhas e as pessoas novas não estão sabendo fazer, as novas gerações. (Comerciante Prata, durante entrevista em julho de 2012).

Sendo assim, os repassos têm resistido no tempo, com a necessidade de uma alta produção para a sobrevivência, e algumas mulheres, majoritariamente as mulheres mais



velhas, seguem criando e inventando desenhos novos e guardando seus repassos antigos como preciosidades de suas produções artesanais.

Fotografia 40 – Repassos da tecelã Vermelha. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Fotografia 41 – Mulheres no arremate de tapetes. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

#### 4.8 DESENVOLVIMENTO MAIS HUMANO

*Competir en igualdad siendo desiguales nos coloca en desventaja y conduce a inequidades.* (LAGARDE, 2005, p. 18)

A tecelagem trouxe crescimento para Resende Costa. Além das 98 lojas de artesanato que empregam pessoas do município e garantem trabalho para a população, os pequenos comércios, como restaurantes, bares e lanchonetes, sobrevivem principalmente do artesanato dos fios que atraem turistas de norte a sul do Brasil.

A escuta junto a tecelãs e tecelões que sobrevivem desse artesanato nos mostra o crescimento e a oportunidade de trabalho. Porém, ao mesmo tempo, de forma paradoxal, nos mostra que a vida não é assim tão fácil pelo fato de se ter trabalho e dinheiro para sobreviver. Esta escuta suscita reflexões sobre crescimento e desenvolvimento. Ficamos então com a pergunta: que desenvolvimento é este?

Na teoria econômica, o desenvolvimento de um país é medido pelo PIB que, dividido *per capita*, mostra o grau de riqueza de habitantes. Como o PIB é a atual medida do desenvolvimento, a sua elevação passa a ser considerada a meta fundamental de qualquer governo.

No entanto, um desenvolvimento atrelado à riqueza, poder de consumo e crescimento econômico não é um desenvolvimento que contemple, de forma inclusiva, todas as pessoas, tampouco este modelo leva em consideração os milhares de excluídos/as dos requisitos básicos para a sobrevivência humana.

Para trabalharmos o conceito de desenvolvimento, buscamos referenciais teóricos que se contrapõem ao desenvolvimento vigente buscado pelas grandes corporações e por diversos governos. Teorizamos sobre desenvolvimento sob a perspectiva dos/as seguintes autores/as: Miguel Teubal (2011), Amartya Sen (2008, 2009), Ignacy Sachs (2008), Rosiska Darcy de Oliveira (1995, 2003), Martha Nussbaum (2002) e Marcela Lagarde y de Los Rios (1996).

Segundo Miguel Teuabal (2011), o desenvolvimento está fundado no aspecto econômico, mas também pode ser compreendido no âmbito social, político e, algumas vezes, como aspecto cultural. Para o autor, desenvolvimento no cenário mundial representa os interesses das grandes empresas. Teuabal (2011) argumenta que este desenvolvimento nada tem a ver com as necessidades mínimas de sobrevivência das classes pobres da população mundial. Sendo assim, os movimentos sociais estão certos

ao lutarem por um novo modelo de desenvolvimento que considere as necessidades e os desejos das classes menos favorecidas, que estão à margem do desenvolvimento proposto pelas grandes corporações.

Para a maioria das pessoas, o crescimento está intimamente ligado ao desenvolvimento, principalmente porque crescimento é compreendido como desenvolvimento do produto nacional. Todavia, de acordo com o pensamento de Teuabal (2011), o crescimento ocorre quando vem acompanhado de melhor distribuição de renda, redução do número da pobreza e aumento da democracia. Sem esses fatores, não podemos associar o desenvolvimento ao crescimento, pois este não necessariamente garante aquele.

Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia, em 1998, tem sido citado por diversos estudiosos do tema do desenvolvimento. A partir de sua contribuição, foram incluídos indicadores sociais nos padrões de classificação dos países, o que resultou na criação do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano. A lógica do pensamento desse autor tem influenciado a articulação das políticas para os países periféricos. Avançou ao alterar a definição de desenvolvimento que contemplava apenas a renda *per capita* do país, muito mais ligada ao conceito de crescimento que em nada garantia a distribuição dos benefícios para a população.

Em seu livro “Desenvolvimento com liberdade”, Sen (2009) busca ir além dos índices oficiais de desenvolvimento humano (PIB, PNB, IDH). Para o autor, o desenvolvimento pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam ou não. Dentro desse pensamento, a liberdade é um meio principal para o desenvolvimento. Segundo o autor, liberdade política, religiosa, social, econômica, garantia de transparência e segurança protetora são fundamentais para o desenvolvimento humano, pois todas se complementam e se fortalecem entre si. Desse modo, uma pessoa que tenha liberdade econômica e social, mas não tenha liberdade religiosa, por exemplo, não está em total liberdade. Logo, o desenvolvimento desta pessoa não está completo. A partir desta reflexão, o autor considera que o desenvolvimento requer:

- Liberdade política: Inclui os direitos civis e refere-se à liberdade de escolha por parte das pessoas sobre quem deve governar, além dos direitos de fiscalização e crítica aos governantes através de uma imprensa livre;

- Facilidades econômicas: Oportunidades por parte das pessoas para utilizar recursos econômicos para o consumo, produção ou troca. Para isso, os mecanismos de mercado podem ter um valor fundamental, já que permitem a livre circulação de pessoas e produtos na economia;
- Oportunidades sociais: Referem-se aos serviços de saúde, educação, etc., que permitem ao indivíduo não apenas viver melhor em sua vida privada (escapando da miséria através de um trabalho mais bem qualificado, por exemplo), mas também participar melhor da vida pública;
- Garantias de transparência: Referem-se à necessidade de uma pessoa esperar sinceridade em sua relação com outras pessoas, instituições e com o próprio Estado. Além de essencial para a coesão social, ela pode ter papel importante na prevenção da corrupção, por exemplo;
- Segurança protetora: resguarda os/as vulneráveis de caírem na miséria extrema através de uma rede de seguridade social e de outras medidas que visem às garantias mínimas de sobrevivência das pessoas. Essas medidas não são tão caras quanto alardeiam alguns, especialmente nos países em desenvolvimento, onde o custo da mão de obra e dos produtos é menor.

Sen (2009) não aponta critérios de desenvolvimento único ou preciso. Na abordagem do autor, o desenvolvimento não pode ser comparado nem classificado, pois o mesmo é uma relação entre os vários modos de liberdade necessários para o desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a liberdade humana é o principal meio do desenvolvimento. Sendo assim, o objetivo do desenvolvimento relaciona-se com a avaliação das liberdades reais desfrutadas ou não pelas pessoas, sendo necessário aqui colocar a liberdade no centro do palco e não os dados oficiais econômicos.

Segundo o autor, a questão econômica está no centro do palco e não a liberdade, gerando assim distorções terríveis. Para exemplificar, o autor menciona as injustiças vividas por muitas pessoas em país com um grande “desenvolvimento”. Um homem negro americano que vive nos Estados Unidos, o país mais rico do globo terrestre, tem uma expectativa de vida inferior a um homem habitante do estado de Kerala, na Índia. Tal realidade invariavelmente leva à pergunta: Afinal, de que adianta um modelo de desenvolvimento baseado na riqueza econômica se esta não se reflete na melhoria das condições de vida das pessoas?

Será que o sucesso está mesmo atrelado apenas à capacidade empreendedora de cada um/a? Ou existe uma relação de gênero, classe e raça/etnia estabelecida neste processo, principalmente se refletirmos que o maior número da produção da tecelagem neste município está na mão das mulheres? E o maior número de lojistas é de homens? Sen (2009) aponta ainda a importância das mulheres para o desenvolvimento. Segundo ele, é necessário “retificar muitas desigualdades que arruinam o bem-estar das mulheres e as sujeitam a um tratamento desigual” (SEM, 2009, p. 221).

Nessa perspectiva, o real desenvolvimento acontece quando o ser humano pode decidir livremente o que deseja fazer ou seguir e como deseja fazê-lo. Em “Desigualdade Reexaminada”, Sen (2008) argumenta que, a partir de elementos básicos, o ser humano torna-se agente de seu destino. Nas palavras do autor: “É a constituição dessas “liberdades” (por exemplo, liberar o indivíduo da fome) que são capazes de dar às pessoas sua ‘condição de agentes’ para atuar livremente e construir seu futuro como queiram. Ser pobre poderá ser uma escolha?” (SEN, 2008, p. 116).

As tradicionais reivindicações básicas de saúde, educação, condições de moradia dignas, dentre outras, são reivindicações mínimas para que, pelo menos, as pessoas possam existir. Para Sen (2008), esses são os cerceadores da liberdade individual, que garantem aos indivíduos oportunidades e possibilidade de escolha. A partir disto, o autor argumenta que o ser humano está livre para agir como deseja, para decidir onde trabalhar, o que produzir e o que consumir.

Lagarde (1996), em seu livro “Gênero y Feminismo - desarrollo humano y democracia”, trabalha na perspectiva da necessidade urgente de um desenvolvimento mais humano. A autora indica a exclusão das mulheres no processo de desenvolvimento e afirma que, se elas fossem incluídas neste processo, teríamos melhores condições de sobrevivência. Analisa também que o desenvolvimento atual é pautado pelas prioridades e pelos interesses masculinos; logo, o modelo atual desenvolve a exclusão das mulheres, uma vez que estas representam mais da metade da população mundial, acarretando desigualdade e pobreza. Nas palavras da autora,

[...] incluir as necessidades das mulheres e considerá-las prioritárias; modificar as necessidades humanas dos homens, uma vez que muitas delas concretizam formas e mecanismos de opressão sobre as mulheres; modificar as necessidades comunitárias, nacionais e mundiais ao requerer um caminho de desenvolvimento com sentido mais humano, ou seja, centrado na escala humana. (LAGARDE, 1996, p. 163).

Vandana Shiva (1993) pontua que o desenvolvimento tem negado e negligenciado, sobretudo, mulheres e crianças. O desenvolvimento deveria estar a serviço do bem-estar, porém esse modelo não trouxe melhor qualidade de vida para as pessoas mais pobres e, sim, degradação ambiental, pobreza, desvalorização e negligência. Dessa forma, as mulheres permanecem no anonimato e não como participantes do desenvolvimento. Sendo assim, permanecem no invisível (NEEF, 2003).

A autora Martha Nussbaum (2002) diz que as mulheres são pessoas de segunda categoria no mundo. Sua afirmação se sustenta porque as mulheres são pior alimentadas; têm menor nível de saúde; são mais vulneráveis ao abuso sexual, à violência física; são menos alfabetizadas do que os homens; ganham menos que os homens e sofrem mais assédio em espaços de trabalho do que os homens (NUSSBAUM, 2002). A pesquisadora Sandra Duarte de Souza pontua que:

Um bilhão de mulheres, ou uma em cada três do planeta já foram espancadas, forçadas a ter relações sexuais ou submetidas a algum tipo de abuso. 50% das latino-americanas experimentaram algum tipo de violência. No Brasil estima-se que a cada 15 segundos uma mulher é agredida, normalmente em seu lar, por uma pessoa com quem mantém relações afetivas. (SOUZA, 2009 p 42,43)

Dessa forma, podemos afirmar que o desenvolvimento não tem sido igualitário para ambos os sexos, deixando as mulheres em desvantagem: “de todas maneras, las desiguales circunstancias sociales y políticas dan a las mujeres capacidades humanas desiguales.” (NUSSBAUM, 2002, p. 28),

Ignacy Sachs (2008) afirma que o maior objetivo do desenvolvimento deve ser a promoção da igualdade, redução da pobreza e a maximização das vantagens da população que vive em piores condições de vida. Para ele, é extremamente contraditório que, num mundo cheio de riquezas e “desenvolvimento”, existam pessoas sem o mínimo para sobrevivência.

O autor descreve alguns pontos fundamentais para uma proposta de um desenvolvimento desejável e possível: oportunidade de trabalho, inclusão social, políticas públicas, distribuição de renda, igualdade, equidade e solidariedade. O autor apresenta ainda cinco questões importantes para o desenvolvimento: o social, o ambiental, o territorial, o econômico e o político. Para ele, a sociedade alcançará um desenvolvimento incluyente quando começar a favorecer o jogo aos participantes mais

fracos mediante ações afirmativas que visem ao apoio a estas populações e, para tanto, são necessárias estratégias a curto e médio prazos, propostas de políticas públicas que requeiram um amplo debate social, inclusive imediata mudança de paradigma.

Rosiska Darcy de Oliveira, no artigo publicado na revista *Estudos Feministas*, intitulado “Igualdade, desenvolvimento e paz” (1995), escreve um texto intenso de anúncio e denúncia, em que afirma que não existe desenvolvimento sem democracia e cidadania e não alcançaremos o desenvolvimento sem discutirmos a questão da pobreza. A autora argumenta que nós não somos iguais em direitos, isto porque vivemos numa sociedade entre os muros de raça, classe e de gênero. Além disso, denuncia os desdobramentos da pobreza na vida das pessoas que estão excluídas do “desenvolvimento” vigente.

Nesse sentido, a questão da pobreza diz respeito à mulher, porque ela se feminiza no mundo todo. Portanto, é necessário dar atenção especial às questões das mulheres para atingirmos o desenvolvimento. O texto ainda denuncia que “a pobreza como todas as outras experiências humanas tem sexo, mas o pior cego é aquele que não quer escutar” (OLIVEIRA, 1995, p. 209). Frente a isso, são apontadas três questões fundamentais para o combate da pobreza feminizada: trabalho, educação e o combate à violência. A autora retoma Virginia Woolf que escreve sobre a necessidade de as mulheres terem um quarto para si e uma renda mensal. Oliveira (1995) busca aporte em Woolf para observar que, 60 anos depois dos escritos dessa autora, que foram produzidos na Inglaterra, as necessidades fundamentais das mulheres, sua sobrevivência ainda não foram supridas.

Nessa perspectiva, as políticas públicas podem apontar novos caminhos no que diz respeito à educação, geração de renda e combate à violência. Entretanto, em Resende Costa, tecelãs afirmam que não existe incentivo através de política pública por parte do governo.

No final do artigo, Oliveira (1995) faz um anúncio: o desafio do movimento feminista agora é ir além da denúncia e fazer anúncios através da qualificação das reivindicações. Refletimos que o artesanato não pode ficar de fora do mote de anúncio de Oliveira (1995), pois a qualificação do artesanato por meio da certificação e políticas que auxiliem as mulheres na geração de renda e gestão são necessárias para pensarmos num desenvolvimento mais humano, como nos ensina Lagarde (1996).

#### 4.9 O PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER PENSADO EM OUTROS ESPAÇOS

*Toda habilidade artesanal baseia-se numa aptidão desenvolvida em alto grau. (SENNETT, 2009, p. 30)*

Michel Certeau (2000), em seu livro “A invenção do cotidiano”, explana que a vida cotidiana não é um tema muito nobre para as Ciências Humanas e, há poucos anos, o cotidiano passou a ter atenção. O autor destaca que teóricos/as do campo das Ciências Humanas, de várias correntes teóricas, não perceberam a vida cotidiana como um espaço repleto de inventividade; tampouco perceberam que a teorização, a partir do cotidiano, leva a uma produção cultural anônima, desenvolvida com a criatividade de pessoas comuns, e as narrativas do cotidiano das pessoas estão mais próximas da intensidade da vida real.

Este é o lugar a partir do qual abordamos a questão da tecelagem e da produção artesanal das mulheres. A tecelagem é complexa e elaborada. Ela possui saberes próprios e, para desenvolvê-la, é necessário o domínio de conhecimentos específicos. A complexidade da Pedagogia produzida num espaço invisível, como é o cotidiano das mulheres, por muitas vezes passa ao largo da produção sistematizada do conhecimento.

Fotografia 42 – Lugar ao fundo de casa destinado aos teares – Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.



Em Resende Costa, muitas vezes, atrás da casa existe um galpão geralmente aberto, visto que o frio, na maior parte da região Sudeste, é bem mais ameno que no estado do Rio Grande do Sul. No galpão, encontra-se o espaço onde ficam os teares. Junto a eles, há muita poeira, pluma, retalhos, fios. É um espaço de criação, produção e aprendizagem diferente dos espaços formais de ensino, haja vista que muitas pessoas, sobretudo mulheres, ensinam os processos da tecelagem a outras pessoas - não necessariamente da sua família. Brandão (2007) afirma que ninguém escapa da Educação. Para ele,

O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos, o saber de guerreiros e esposas; o saber que faz o artesão, o sacerdote, o feiticeiro, o navegador e outros tantos especialistas envolve, portanto, situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva. [...] todas as situações entre pessoas e entre pessoas e a natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura do grupo - têm, em menor ou maior escala, a sua dimensão pedagógica. (BRANDÃO, 2007, p. 20).

Em diversos lugares e espaços, ela está presente na vida de mulheres e homens e nos acompanha durante toda a vida. Por muito tempo, a Educação foi pensada na lógica tradicional. Freire denuncia e busca romper com essa lógica. Para ele, a Educação é sempre um ato político e defende que o ato educativo seja pautado na formação crítica dos educandos/as, o que ocorre por meio da problematização, da leitura do mundo, com o objetivo de levá-los ao que denomina processo de conscientização. A educação acontece na relação de homens e mulheres entre si, mediatizados pelo mundo.

Segundo José Romão (2008), para Freire não existe “a educação”, mas educações, ou seja, formas diferentes de homens e mulheres partilharem seu saber, partilharem o que são. De acordo com este princípio, podemos pensar na Educação em diversos espaços, como o processo de ensinar e aprender produzido pelas mulheres em Alvorada e Resende Costa.

Sem dúvida, Freire abre, no Brasil e na América Latina, a discussão e a possibilidade sobre a Educação Não Formal; logo, a discussão entre Educação Formal e Não Formal está posta no bojo dos debates acadêmicos, talvez porque as fronteiras entre estas sejam tênues (CUNHA, 2010).

A Educação Formal inclui as práticas educativas realizadas em ambientes formais de ensino com a devida certificação. Ela é realizada em escolas, universidades,

com conteúdos demarcados, currículo e avaliação. Na Educação Formal, os espaços são os do território das instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas, segundo diretrizes nacionais do Ministério da Educação. Aqui temos uma Educação pensada, organizada e sistematizada. Não discutimos o valor desta Educação, até porque este projeto está sendo defendido dentro deste espaço; portanto, valorizamos o espaço de sistematização formal do conhecimento. Contudo, não o consideramos melhor nem mais importante (FREIRE, 2001). Penso que tanto a academia como os espaços não formais, como os que visitei na empiria, são espaços sagrados, onde se pensa, se realizam coisas e se tecem esperanças (SAMPAIO, 2010).

A Educação Não Formal é entendida como aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização e é desenvolvida por meio de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos. Essa educação é ensinada e aprendida ao longo da vida; se aprende diferente da escola “formal”, “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Nessa perspectiva, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais não formais de ensino. Essa educação é constituída por todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, de forma permanente e não organizada (TORRES, 1992).

Em seu livro “O Artífice”, Sennett (2009) aponta que devemos desconfiar dos supostos talentos inatos. Na epígrafe deste capítulo, o autor afirma que a habilidade artesanal requer um alto grau de aprendizagem. Logo, podemos afirmar que, ao olharmos um trabalho de tecelagem, como uma colcha bem tramada com suas diversas cores e formatos, é fato que a artesã que a fez aprendeu a técnica complexa dos teares. Para Sennett (2009), são necessárias dez mil horas de experiência para termos uma artesã qualificada. Portanto, quando falamos em artesanato, trata-se de horas de estudo, mesmo que esse processo não seja formalmente reconhecido.

No município onde acordamos com os barulhos dos teares, olhamos as lojas cheias de turistas comprando os produtos, feitos muitas vezes no quintal das casas populares de Resende Costa. Diante de situações como essa, pode passar despercebido o fato de que existe um processo de ensino e aprendizagem da técnica de tecer.

O processo de ensinar e aprender desenvolvido pelas mulheres tecelãs no lugar dessa pesquisa ocorre por meio de uma pedagogia não formal. Em Resende Costa, esse processo é desenvolvido em casa: as mulheres mais velhas ensinam aos filhos, filhas e

netas, durante as atividades do dia a dia. Sobre esse processo, Macedo (2006, p. 6) expõe:

A produção artesanal de fios e tecidos, sob o domínio das mulheres, aparece sob a denominação "indústria têxtil doméstica" ou "produção caseira", em oposição à "produção oficinal ou artesanal" ou "ofícios", predominantemente masculina. A produção artesanal equivale, para aquele, dadas as referidas denominações, à que se realiza na "pequena oficina", onde o período formal de aprendizagem era, supostamente, prevaemente [...] a propósito da aprendizagem, que "esse elemento básico da organização artesanal" era "dispensável. No recinto doméstico, onde as produtoras de fios e tecidos realizavam seu trabalho. Isto posto, a economia mineira achava-se, no seu entender, dividida em dois setores distintos, um doméstico ou caseiro", nas mãos das mulheres, e outro "oficinal ou artesanal", nas mãos dos homens.

Com base nessas considerações e na empiria, podemos afirmar que o processo de ensinar e aprender da tecelagem manual ocorre no espaço doméstico e caseiro, atrás da casa ou em seu interior.

Em Resende Costa, as mulheres iniciaram tecendo. Hoje, homens e mulheres tecem. Todavia, o processo pedagógico de ensinar continua nas mãos das mulheres. São elas que ensinam e é a elas que artesãs e artesãos recorrem quando percebem que algo está errado, têm dúvidas ou necessidade de aperfeiçoamento.

No decorrer do ensinar e aprender da tecelagem, também existe uma questão preocupante: existem alguns processos que estão somente nas mãos das mulheres mais velhas, por serem processos complexos e demorados. O urdume é feito por poucas pessoas em Resende Costa, e os repassos também estão sendo perdidos com as gerações.

Alguns processos já foram perdidos, pois não são mais feitos em Resende Costa, porque a necessidade de abastecer as prateleiras das lojas de artesanatos para o consumo dos turistas tem pressa. Sendo assim, a roca manual e o tingimento de tecidos não existem mais. Os fios são comprados das indústrias têxteis de Santa Catarina. Esse movimento contínuo de necessidade de matéria prima faz crescer o negócio de compra e venda de retalhos e tecidos vindos do Sul do Brasil. Em Resende Costa, temos duas famílias que trabalham apenas com isto: compra, venda e transporte de tecidos.

#### 4.10 A “FORMAÇÃO NOS TEARES” DESENVOLVIDA POR TECELÃS

Fotografia 43 – Tecelã Tecendo. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

De acordo com Peter Alheit e Bettina Dausien (2006), o conceito de formação ao longo da vida continua um conceito mal definido, conforme segue:

Que nós aprendemos durante toda a nossa vida, é evidente. Desde nossos primeiros passos e de nossas primeiras palavras até a nossa idade mais avançada, fazemos experiências novas, adquirimos novos saberes e novas competências. Somos quase tão inconscientes do modo que temos de aprender, quanto do fato de respirarmos. (ALHEIT I & DAUSIEN, 2006, p. 02).

Assim sendo, explicar em palavras o processo que ocorre nos teares de Resende Costa, provavelmente, não seja algo tão simples. É provável que a dificuldade esteja porque os processos de aprender e ensinar, logo, de formação, exigem tanto o ato de explorar como o de conhecer. Nas palavras de Gebara (1997, p. 57), “conhecer é antes de mais nada experimentar e nem sempre se consegue traduzir em palavras o que se experimenta”.

Sendo assim, esta parte da Tese busca escrever sobre a formação da tecelagem no município desta pesquisa. Em Resende Costa, não temos uma Escola formal de tecelagem, não temos cursos de aperfeiçoamento e também não se tem uma Instituição Formal de Ensino que “forme” ou “capacite” pessoas para o trabalho da tecelagem.

Todavia, temos de fato pessoas altamente capacitadas no trabalho com os fios neste lugar. Encontramos pessoas que sabem fazer todo o processo para uma peça ficar pronta e, na maioria dos casos, temos pessoas que somente tecem, o que de fato é a maioria.

Em muitos casos, ao se perguntar para as pessoas “Com quem você aprendeu a tecer?”, foi muito comum uma resposta rápida: “aprendi sozinha/o”. Contudo, ao longo das entrevistas, é como se as pessoas se dessem por conta de que não: alguém ensinou; aí então iniciavam a contar as histórias da “formação” dos teares, num município onde realmente parece que “todo mundo nasceu sabendo fazer isso”, “ou que aprenderam sozinhas/os”.

O fato é que, das 40 entrevistas realizadas, além de várias outras conversas realizadas durante as observações participantes e conversas informais pelas ruas, apenas uma pessoa disse que não aprendeu a tecer com uma mulher. O restante das pessoas afirmaram que aprenderam com as mulheres da família (mãe, tia, avó, prima). Além das mulheres da família, outras mulheres também ensinam, como as vizinhas, amigas e comadres. Nas grande maioria das vezes, o ato de ensinar foi realizado simultaneamente ao trabalho doméstico.

Sem certificação, carga horária, planos de aula, currículo, estágios ou créditos obrigatórios a cumprir, as mulheres ensinam. As meninas da família eram ensinadas desde criança; batiam o tear um pouco, e foram ensinadas à força do que deveriam utilizar, como sentar, e ajudavam a fazer os arremates finais nos tapetes no início da noite. Aprenderam da mesma forma a importância das cores e como combiná-las para que as peças fossem bonitas e harmoniosas. Dessa forma, adquiriram habilidades fundamentais para a tecelagem, habilidades que já foram descritas nesta Tese. Elas cresciam e já sabiam que iam casar e tecer; além disso, com este trabalho, ajudariam a manter a casa, tendo assim menos despesas, pois a parte de toalhas, colchas, almofadas, mantas e tapetes elas mesmas fariam para suas casas.

O tempo passou, e as mulheres foram criando e adaptando seu “currículo”. As novas aulas também ocorreram durante os afazeres domésticos, contudo a ideia central agora era que as meninas crescessem, fossem para a escola, aprendessem a tecer e vendessem seus produtos para ajudar na renda de casa.

O tempo passou e novamente as mulheres adaptaram seus “currículos”. Como o trabalho era escasso no município e arredores, elas começaram a ensinar os homens a tecer. Agora as aulas não necessariamente eram feitas durante os afazeres domésticos. Os homens não queriam ficar esperando as mulheres limpar a casa e depois ensiná-los a

tecer. Assim, as mulheres tinham geralmente um horário estipulado e já determinado com os homens o tempo que iriam dedicar a ensiná-los a tecer.

Alguns anos mais passaram, e novamente as mulheres adaptaram seus “currículos”. Desta vez, o foco principal era de que as pessoas da família aprendam a tecer, mas o principal empenho está em incentivar as pessoas da família a estudar. Tecer e estudar, para que assim tenham um trabalho garantido e com garantias para o futuro, isso porque, para quem trabalha na tecelagem, o futuro é um tanto incerto.

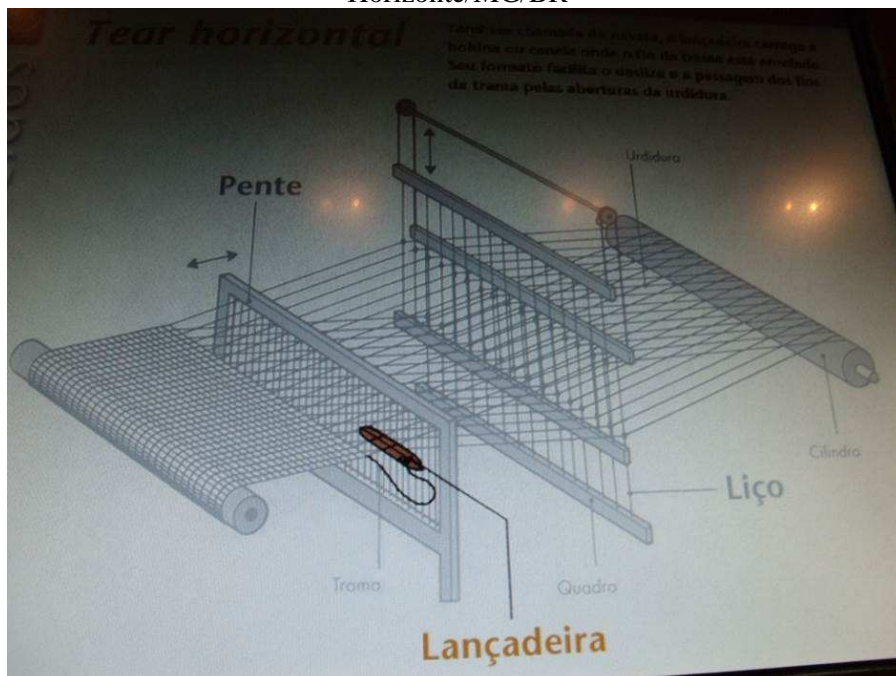
O conhecimento em Resende Costa é de fato partilhado. Se alguém quer aprender algo que não sabe vai até a casa da Dona Tal, que mora em tal rua: é só perguntar, que ela ensina. Aqui não temos o conhecimento como segredo, o que aconteceu com o artesanato do vidro na Itália<sup>43</sup>. O que aqui existe é boa vontade de ensinar e compartilhar o que se sabe.

---

<sup>43</sup> De acordo com Adriana de Mello Tucci, (2006), a indústria do vidro teve forte desenvolvimento a partir do século 10, em Veneza. Nessa época, a técnica conhecida como murano era restrita a algumas famílias tradicionais, as quais transmitiam de geração em geração esta ciência milenar, com todos os seus segredos. As famílias de artesãos buscam sempre formatos e cores originais para obterem vidros cada vez mais belos. Os Barovier são considerados os mais criativos e conhecidos por suas obras, seja pelos vidros límpidos, esmaltados em tons azuis, vidros madreperla, ou pelos vidros avermelhados corneliano e murrini, que conferem ao material um aspecto semelhante ao do mosaico. Em meados do século XV, as autoridades de Veneza, com receio de que o segredo da composição do vidro e da técnica de fabricação se espalhasse pelo mundo, confinou os vidreiros na Ilha de Murano, com a desculpa de que o manuseio do fogo em fornos rudimentares poderia incendiar e destruir a já famosa cidade. Desde então, a Ilha de Murano concentrou a produção vidreira, distribuindo seus produtos para o mundo inteiro, firmando a expressão “vidro di Murano” como sinônimo da técnica artístico-artesanal então utilizada. Mesmo atualmente, vêem-se os mesmos grupos familiares cultivando este ofício, residentes no mesmo lugar onde estas pessoas foram exiladas, em 1291, para que não se perdesse o segredo desta tarefa artesanal, na ilha Murano. (APARO, POMBO, LAUDA, 2014).

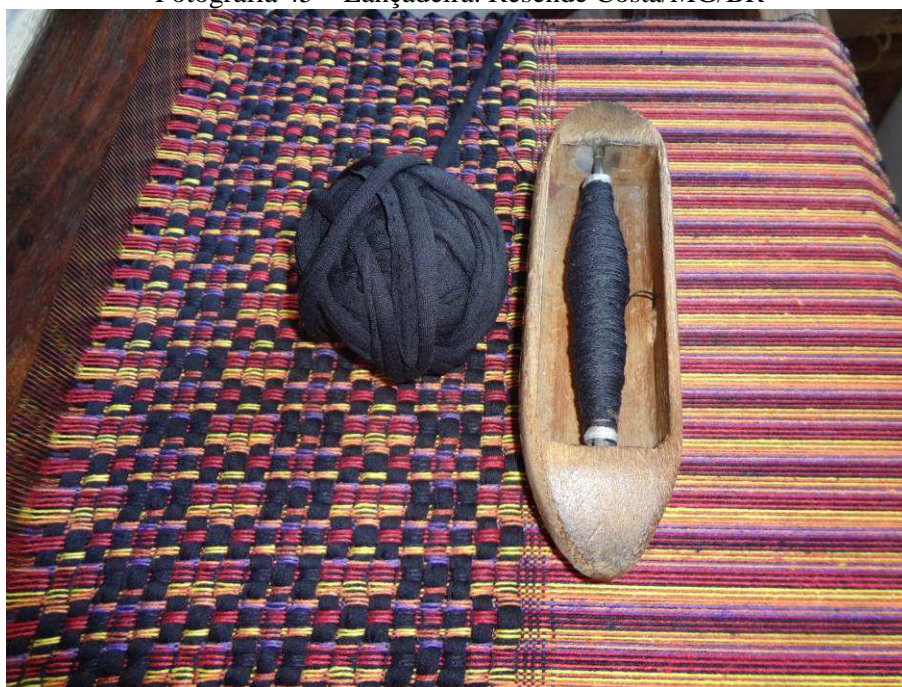
## 5 LANÇADEIRA: A CAMINHADA DAS MULHERES EM DIREÇÃO A LIBERDADE

Fotografia 44 – Explicação do que é lançadeira. Museu de Artes e Ofícios- Belo Horizonte/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

Fotografia 45 – Lançadeira. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Quem estuda a história das mulheres sabe que essa história foi e é marcada por lutas, deslocamentos, caminhadas. Nas poéticas palavras de Paul Salopek, temos:

Caminar es caer hacia adelante. Cada paso que damos es una caída detenida, un colapso que se evitó, un desastre frenado. Así caminar se convierte en un acto de fe. Lo realizamos a diario, un milagro en dos tiempos: un bamboleo yámbico, un sostenerse y dejarse ir...Estoy en una travesía. Voy en pos de una idea, una historia, una quimera, quizá un disparate. (SALOPEK, 2013, p 18).

Não há dúvida de que a caminhada feminista em grande medida é difícil, lenta e estreita. Contudo, também não temos dúvida de que as mulheres caminharam e mudaram o destino já traçado para nós pela sociedade patriarcal.

Para Gebara (2000), é uma caminhada utópica na direção de buscar politizar o privado e para que as mulheres avancem.

Neste capítulo, vamos trabalhar a caminhada das mulheres de conquista do direito de estarem na Educação formal. Também aqui abordaremos as Epistemologias do Sul, o cotidiano ordinário, a experiência que compõe a caminhada histórica das mulheres.



## 5.1 EPISTEMOLOGIAS DO SUL

*Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul. (SANTOS,1995).*

Fotografia 46 – Fios sendo tramados. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

O Norte - É comum as pessoas me perguntarem por que trabalho a partir da América Latina. Em geral, me indagam sobre a razão de eu ficar viajando para países pobres, violentos e com pouca cultura. Indagam ainda por que não vou para a Europa: os maiores pesquisadores e teóricos estão lá! Por que se vai para o Sul? O Norte é muito melhor! Muito mais museus, cultura e segurança. De fato, não tenho conta de quantas vezes fui indagada e aconselhada a ir buscar conhecimento no Norte.

Não pretendo afirmar que o Norte não tenha conhecimento nem cultura, nem segurança. Eu conheço o Norte e gosto dele. É inegável a contribuição histórica e intelectual, a cultura e o excelente transporte coletivo que existe nos países desenvolvidos, mas meu Norte principal é o Sul. Busco e tenho como opção epistemológica o Sul.

Atualmente, uma linguagem politicamente incorreta é chamar os *países em desenvolvimento* de *países de terceiro mundo*. Fiquei surpresa ao ir a uma palestra na Cidade do México, onde a professora e pesquisadora Sayak Valencia (2010, 2013)

utilizou tranquilamente a expressão *país de terceiro mundo*. Quando abriu a roda de perguntas, questionei-a sobre a expressão “país de terceiro mundo”, e ela respondeu:

Pois sim, muda o termo exatamente para quê? Sim, vivo na fronteira com os Estados Unidos, vivo no estado onde todas as pessoas falam que somos a última esquina na América Latina, dali, de onde vivo a expressão país de terceiro mundo cai muito bem, mudaram a linguagem, mas tudo permanece o mesmo. Somos do terceiro mundo e quero liberdade política e econômica para meu país. (VALENCIA, 2013).<sup>44</sup>

Freire (2003) utiliza o termo “sulear” para fazer uma crítica ao termo “nortear”. Segundo o autor, “nortear” está repleto de concepções políticas e ideológicas e traz consigo a dependência do “sul” para com o “norte”, dependência econômica e cultural, de poder e saber. Alias o Poeta e compositor brasileiro Vinicius de Moraes, em 1954, no seu poema *Poética*, busca o descolamento do Norte<sup>45</sup>. Segundo Telmo Adams (2008, p. 385), “Sulear, sem negar os elementos positivos da modernidade, implica assumir o movimento de construção endógeno e processual de outro mundo possível, desde ‘os condenados da terra’”.

Seguindo essa ideia, podemos pensar a partir do Sul. De acordo com Santos (2009), a epistemologia tradicional do Norte deixou de fora trabalhadores, mulheres, indígenas, afrodescendentes. Esses excluídos e excluídas estão, sobretudo, no conjunto de países e regiões submetidos ao colonialismo europeu. Desse modo, é indispensável pensar a partir do Sul, das epistemologias feitas nesse local.

Conforme discutido anteriormente (CASTRO, 2010; 2012), não é “privilegio” das mulheres a necessidade de uma metodologia que se insira numa epistemologia das margens, dos/as excluídos/as e dos/as invisibilizados/as. Em seu livro *Epistemologias do Sul*, Santos (2009) salienta a urgência de que o conhecimento sistematizado reconheça a existência epistemológica do Sul e aprenda com ele. No Sul, são desenvolvidos conhecimentos não reconhecidos “oficialmente”, ou seja, pela “epistemologia que conferiu à ciência a exclusividade do conhecimento válido”. (SANTOS, 2009, p. 11).

<sup>44</sup> A tradução é de minha autoria. VALENCIA, Sayak. Negación y utopia: 1.ª mostra nacional de performance. Cidade del Mexico, dia 20 de novembro de 2013 (Não publicado).

<sup>45</sup> Poética: De manhã escureço. De dia tardo. De tarde anoiteço. De noite ardo. A oeste a morte. Contra quem vivo. Do sul cativo. O este é meu norte. Outros que contem Passo por passo: Eu morro ontem. Nasço amanhã. Ando onde há espaço: — Meu tempo é quando. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/poetica>>.

Assim, caminhamos na direção da reflexão pertinente de Santos (2009) sobre as epistemologias desvalorizadas e não reconhecidas pelo conhecimento formal. Dentre essas epistemologias, está a epistemologia feminista, que pensa a partir do conhecimento produzido pelas mulheres. Não nos propomos “criar” uma nova epistemologia, mas, sim, revisitar a epistemologia feminista, elaborada e fundamentada a partir do movimento feminista e dos estudos feministas. Estes compreenderam a necessidade de uma epistemologia “alternativa” ao modelo androcêntrico do conhecimento formal. Nessa perspectiva, propomos ir ao Sul e reconhecer o conhecimento tramado pelas mulheres que, de acordo com os escritos de Perrot (2007), foram as mais silenciadas no processo histórico da humanidade. De acordo com Gebara (1997, p. 33): “Com o desenvolvimento do feminismo percebemos que a tarefa de conhecer de maneira ‘científica’ se desenvolveu mais através dos seres humanos do sexo masculino, que universalizaram o saber a partir de suas experiências de sabedoria e poder”.

Epistemologia vem do grego *episteme*, e sua definição ampla é de estudo do conhecimento, do ato de conhecer, sendo ainda sinônimo de teoria do conhecimento (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2008). Assim sendo, a epistemologia tem interesse voltado ao ato de conhecer, inclusive a relação entre a pessoa que conhece e o objeto do conhecimento (JOHNSON, 1995). Harding (2002) pontua que a epistemologia é uma teoria que tem como função principal responder à pergunta: Quem pode ser sujeito de conhecimento?

Com base no dicionário de filosofia (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2008), a epistemologia é a disciplina que tem a ciência como objeto de pesquisa, compreendendo a história da ciência e a crítica do conhecimento científico. Diante disso, fica a indagação: Como podemos pensar uma epistemologia, tramada pelas mulheres no campo do artesanato, que está longe do pensamento científico?

Retomo Santos (2009, p. 09) em sua definição de epistemologia:

Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre a condição do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social torna-se intencional e inteligível.

Desse modo, temos no cotidiano das mulheres uma epistemologia pouco reconhecida, pois vem na contramão do conhecimento sistematizado, validado e

inteligível. Para Gebara (1997, p. 33), “às mulheres e ao povo pobre restavam o conhecimento empírico, baseado na experiência cotidiana e que não era reconhecido como verdadeiro. A mesma autora segue afirmando que:

Pobres e mulheres eram associados a níveis mais baixos de abstração, de ciência e sabedoria. A hierarquização do saber corresponde à própria hierarquização social. Uma hierarquização fundada na exclusão das majorias em favor de uma elite masculina detentora do poder e do saber. Ela se refere à questão das classes sociais e também de gênero. (GEBARA, 1997, p. 34).

Frente a tais aspectos, se pensarmos sobre a pesquisa, cabe aqui uma pergunta: quais serão as consequências disso na pesquisa com mulheres? Segundo Perrot (2007), o pouco registro escrito deixado pelas mulheres ao longo da história, devido à sua exclusão das instituições formais de ensino, é um fator complicador na pesquisa sobre/com mulheres.

O movimento proposto por Santos (2009) – de irmos ao Sul e aprendermos com e a partir do Sul – sem dúvida nos leva a perceber a diversidade de conhecimento produzido nas “margens”. O feminismo tem produzido uma crítica ao modo androcêntrico de produção do conhecimento. Além dessa crítica, tem buscado operar e articular-se na esfera do conhecimento, pois faz (re)leituras e novas leituras, sabendo que a nossa construção como mulheres passa pelas nossas próprias histórias, marcadas pela diversidade. São essas experiências do cotidiano que nos permitem realizar nossa “leitura de mundo”, conforme ensina Freire (2001). Por meio dessa leitura, há novas descobertas, novas mulheres silenciadas através dos séculos e novos processos que propomos visibilizar.

A ida ao Sul é reveladora de culturas e tradições perdidas, onde é imenso o volume de produções culturais e de conhecimento que estão presentes neste lugar especial. O sul é, de fato, único e compõe parte importante dos saberes da humanidade.

A necessidade de olhar o conhecimento a partir do feminismo e do conhecimento das mulheres ocorre porque a pesquisa social tradicional tem marcado, no seu recorte epistemológico, a compreensão neutra do homem como referência do conhecimento. Nesse sentido, fomos ensinadas e ensinados, assim como Freire (2003), a pensar que os homens já englobavam/incluía as mulheres; nas palavras de Hierro (2007, p.16), “recientemente nos dimos cuenta que ‘hombres’ no significa ‘mujeres’; que la humanidad no éramos nosotras”. De acordo com Gebara (1997, p. 68), “O

masculino não pode mais ser sinônimo de humano”. Com esse modo de pensar, as Ciências e as Ciências Sociais subtraíram e, de certa forma, diminuíram o conhecimento das mulheres, pois não colocaram os dois sexos em pé de igualdade no campo do conhecimento científico (HARDING, 2002).

## 5.2 O COTIDIANO ORDINÁRIO E A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA

Fotografia 47 – Estante de produtos da tecelagem para venda. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

Fotografia 48 – Estante de livros da Pesquisadora. Porto Alegre/RS/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2014.

A freira brasileira Ivone Gebara<sup>46</sup> nasceu em 1944. Ela vive até hoje no nordeste brasileiro. Gebara é doutora em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e doutora em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Lovânia, na Bélgica.

Segundo a revista do IHU, na entrevista intitulada “*Uma clara opção pelos direitos das mulheres. Entrevista com Ivone Gebara*”, o sobrenome Gebara ecoa a revolução na América Latina (IHU, 2012).

Gebara lecionou durante 17 anos no Instituto de Teologia do Recife e, desde sempre, atacou com veemência a sociedade patriarcal, fazendo duras críticas à Igreja Católica e declarando-se publicamente a favor do aborto e pelos direitos das mulheres. Obviamente, isso não podia terminar bem. Uma freira pertencente à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho, uma brasileira, nordestina, desafiando o Papa?! Gebara teve seu silenciamento decretado pelo Vaticano em 1999, não podendo mais ministrar aulas nem falar em público. Gebara não obedeceu ao Papa e continuou falando e escrevendo mesmo sendo perseguida. Ao ser perguntada por que vezes como a dela são tão isoladas dentro da Igreja Católica, Gebara respondeu:

É que não nos dão nenhum espaço. O Vaticano fechou o Instituto de Teologia de Recife, onde eu trabalhava, porque diziam que éramos comunistas e não era uma instituição séria para a formação do clero. Depois do fechamento, e por defender a legalização do aborto, não tenho lugar na instituição como professora, embora com dois títulos de doutorado, com mais de 30 livros publicados e muitíssimos artigos, porque causo preocupação. E também existe outro problema que é muito sério: muito menos temos lugar nas paróquias, nos lugares onde as pessoas estão. Perto de minha casa, existe um convento de freiras de clausura e elas me convidavam para que fosse falar, para contar como as coisas estavam lá fora, e o bispo – não o atual, o anterior – telefonou para elas e disse que eu era uma mulher muito perigosa, que não me convidassem mais. Os espaços de reprodução deste pensamento são absolutamente escassos. (IHU, 2012)

Em 2008, Gebara escreveu o texto *As epistemologias teológicas e suas consequências*. Nesse texto, Gebara (2008) nos apresenta o conceito de epistemologia

---

<sup>46</sup> Enquanto esta Tese estava sendo escrita, sua saúde encontrava-se em estado delicado. Todas nós, feministas, principalmente da América Latina, estamos em uma rede de comunicação e desejo que sua saúde seja recuperada, pois sabemos que sua partida será uma perda imensurável para as pessoas que, por meio dos movimentos sociais buscam construir outro mundo para mulheres e homens. Ivone Gebara está neste capítulo em destaque, pois também ela (no campo educacional religioso) compõe a caminhada das mulheres que abordaremos neste capítulo.

da vida ordinária, que busca, a partir do cotidiano da vida das pessoas comuns, mostrar outras formas de conhecimento tecidas no cotidiano.

No dicionário de Língua Portuguesa, a palavra *ordinário* significa: 1. Vulgar; 2. de baixa condição; 3. grosseira; 4. mal-educada; 5. reles. Em substantivo feminino, encontramos a palavra *ordinário* como sendo: 1. de todos os dias; 2. frequente; 3. orações ditas pelos sacerdotes em todas as missas; 4. passo de marcha; 5. (música) composição destinada à marcha regular das tropas; 6. mulher malcriada.

De acordo com essas definições, podemos verificar que Gebara busca uma palavra que não tem qualquer *glamour*. Ela busca algo do dia a dia; palavra que às vezes é grosseira, vulgar ou de baixa condição. Sua intenção é criar o conceito da epistemologia da vida ordinária, que corresponde, segundo a autora, à epistemologia de todos/as nós, mortais. Entender e filtrar os conhecimentos ordinários, produzidos à margem das instituições formais, tem sido, até hoje, uma busca constante da epistemologia feminista.

Para Gebara (2000), com pouca história escrita pelas mulheres ao longo do tempo, o conhecimento passou a ser totalmente controlado pelos homens. Sendo assim, a autora afirma que “um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão” (GEBARA, 2000, p. 117). Evidentemente, o poder de contar a história e escrevê-la ficou na mão de homens. Cabe esclarecer que não nos referimos a todos os homens, mas, sim, a um padrão normativo androcêntrico, que domina e controla inclusive os homens.

Por consequência, quando discutimos o monopólio do conhecimento pelos homens, referimo-nos a um modelo de homem que, em sua maioria, é branco, heterossexual e com certo nível de poder. Em vista disso, podemos afirmar que tal monopólio também é excludente para outros homens. Decorrente dessas exclusões, na história recente, houve um período marcado por movimentos sociais de protesto, que lutaram para que essas desigualdades fossem questionadas, visibilizadas e transformadas. Nas palavras da mesma autora:

O feminismo levanta suspeitas quanto às aquisições tranquilas da tradição patriarcal, questiona a objetividade da ciência, seu caráter aparentemente a-sexual para reafirmar que o conhecimento humano é situado em nossa realidade social, cultural e sexual. (GEBARA, 1997, p 69)



No artigo intitulado “Epistemologia Feminista”, Helen Longino (2008) percorre a crítica feminista à epistemologia convencional, especialmente na filosofia. Conforme a autora, a noção clássica da epistemologia estava deturpada por ideologias masculinas que não apenas excluía como ridicularizavam a capacidade das mulheres. Um exemplo seria a noção de racionalidade: para a filosofia, a razão é masculina e, desta forma, o feminino não seria contemplado nesta razão, segundo a autora, que também pontua:

Acadêmicas feministas afirmam que teorias epistemológicas tradicionais serviram para legitimar, através do disfarce, o papel que as suposições sobre o gênero assumem na teorização científica e na construção de conceitos epistemológicos, como o de razão. (LONGINO, 2008, p. 536).

Ora, se a epistemologia convencional coloca as mulheres como cartas fora do baralho – e é a duras penas que está reconhecendo o trabalho acadêmico de filósofas feministas –, o que resta para o conhecimento realizado no cotidiano, longe da sistematização do conhecimento considerado válido e formal? De que modo, podemos reconhecer e valorizar o conhecimento tramado na invisibilidade de um cotidiano ordinário? Giard (2000, p. 217) indica alguns caminhos:

Aceitar como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias consideradas insignificantes. Aprender a olhar estes modos de fazer fugidios e modestos que muitas vezes são o único lugar de inventabilidade possível do sujeito. Invenções precárias sem nada capaz de consolidá-las, sem língua que possa articulá-las, sem reconhecimento para enaltecê-las.

A epistemologia tradicional, exercida pelas instituições formais de ensino, busca, em alguma medida, processar e filtrar o conhecimento. Frente a tais questões, a pesquisa com mulheres requer algumas abordagens peculiares, para além da epistemologia reflexiva ou científica. Consideramos que não podemos abandonar, de forma alguma, a epistemologia científica. Entretanto, precisamos de alternativas que levem em consideração o conhecimento tramado pelas mulheres na invisibilidade do cotidiano e reconheçam o conhecimento existente nestes lugares que estão à margem das instituições formais de ensino.

A epistemologia feminista tem denunciado e alertado sobre a supergeneralização, apontando que valores, experiências, objetivos e interpretações dos

grupos dominantes são apenas valores, experiências, objetivos e interpretações desses grupos, e não da humanidade como um todo. Sobre isso, Gebara (2008, p. 32) afirma:

Sem dúvida, o conhecimento produzido por uma elite a serviço dos detentores do poder é mais valorizado do que qualquer outro produzido, por exemplo, por um grupo de catadores de lixo. Não só a questão das classes sociais aparece de forma marcante em todos os processos epistemológicos, mas também a questão da raça, do gênero, das idades, e da orientação sexual. Nossa maneira de expressar nosso conhecimento do mundo é reveladora de nosso lugar social e cultural. E este lugar condiciona nossa confiança e desconfiança, nossa valoração maior ou menor em relação ao proposto como conhecimento.

Portanto, foi a partir das questões de classe social, gênero, raça, etnia, entre outras, que surgiu uma área da epistemologia dedicada a compreender a forma como o gênero influencia aquelas concepções e práticas e como elas têm sistematicamente colocado em desvantagem as mulheres e outros grupos subordinados. Por esse motivo, podemos afirmar que pesquisar mulheres numa perspectiva feminista é desafiar uma lógica dominante de um mundo hierárquico e patriarcal (GEBARA, 2000; 2008). A mesma autora afirma que: “[...] trabalhar a epistemologia é querer influir nos processos de transmissão do conhecimento e tentar mudar a estrutura hierárquica de poder que se reproduz nas bases de nossa sociedade e de nosso conhecimento (GEBARA, 1997, p. 29).

O olhar epistemológico feminista, tanto ordinário como científico, permite reler a história e, sem sombra de dúvida, os resultados das inúmeras perspectivas abertas têm sido dos mais criativos e instigantes. A epistemologia feminista aponta, como fonte principal, a experiência, conforme os escritos de Joan Scott (1999), aquela tecida no cotidiano (PEREIRA, 2009) e, por isso, experiências invisibilizadas (EGGERT, 2006, CASTRO, BECKER, EGGERT, 2010) ou negligenciadas (DEIFELT, 2002).

Harding (2002, p. 12) afirma que epistemologia é uma teoria sobre o conhecimento, sendo sua função principal responder quem pode ser “sujeito/a do conhecimento”. A epistemologia feminista responde que as mulheres são protagonistas de diversos conhecimentos e saberes, algumas sistematizadas e a maioria ainda academicamente clandestinas. (STRECK, 2006).

A busca pela valorização das epistemologias do Sul é desafiadora, e acreditamos serem inegáveis as conquistas das mulheres no campo científico nos poucos anos de epistemologia feminista. De acordo com Gebara (1997, p. 68), pensar e propor uma

epistemologia é “abalar os processos cognitivos tradicionais, e o feminismo é um dos movimentos sociais que mais contribui para provocar este abalo”. Para João Nunes (2009), a crítica feminista e a busca pelo reconhecimento da epistemologia feminista são essenciais para o conhecimento científico, pois a epistemologia feminista trabalha para minimizar as distorções masculinas produzidas por diferentes disciplinas, como a Biologia, Filosofia, História, Medicina e as Ciências Sociais.

### 5.3 A LUTA DAS MULHERES PARA CHEGAR À EDUCAÇÃO FORMAL

Em seu livro *Os filhos dos dias*, Eduardo Galeano (2012) propõe uma reflexão ou poesia para cada dia do ano. Sendo assim, Galeano fez um livro com 365 páginas, uma para cada dia do ano. Ironicamente, o autor, no dia 8 de março, Dia da Mulher, escreveu em seu livro o que segue:

Ao longo da história, vários pensadores, humanos e divinos, todos machos, cuidaram da mulher, por várias razões:

Pela sua anatomia:

Aristóteles: *A mulher é um homem incompleto.*

São Tomás de Aquino: *A mulher é um erro da natureza, nasce de um esperma em mau estado.*

Martinho Lutero: *Os homens têm ombros largos e cadeiras estreitas. São dotados de inteligência. As mulheres têm ombros estreitos e cadeiras largas, para ter filhos e ficar em casa.*

Pela natureza:

Francisco de Quevedo: *As galinhas botam ovos e suas mulheres, chifres.*

São João Damasceno: *A mulher é uma jumenta teimosa.*

Arthur Schopenhauer: *A mulher é um animal de cabelos longos e pensamentos curtos.*

Pelo seu destino:

Disse Yahvé à mulher, segundo a Bíblia: *Teu marido te dominará.*

Disse Alá a Maomé, segundo o Corão: *As mulheres são obedientes.* (GALEANO, 2012, p. 88).

Obviamente, hoje em dia, houve a superação de muitas das palavras ditas pelos pensadores citados por Galeano. Contudo, a superação das ideias implantadas na sociedade não é/foi fácil, sobretudo para a entrada das mulheres na Educação Formal. No que tange à Educação, um dos aspectos mais polêmicos durante séculos foi a educação das mulheres. Perguntas como para que e por que educar as mulheres geraram controvérsias (BOSCH, FERRER & GILI, 1999). Em seu livro *De la domesticación a la educación de las mexicanas*, Hierro (2007) afirma que a porta de entrada da

Educação Formal para as mulheres foi difícil, lenta e estreita. Ao longo da história, mulheres de vários lugares resistiram à “ordem” e procuraram formas para terem acesso aos locais de ensino, mesmo que isso exigisse a criação desses espaços. Dessa forma, o ingresso das mulheres no mundo da Educação Formal foi uma conquista árdua.

A primeira universidade do mundo está situada na Europa. Em 1088, na cidade de Bolonha, Itália, ergueu-se a primeira universidade na Europa medieval. No continente americano, a primeira universidade foi fundada no Peru, a Universidade Nacional de San Marcos, em 1551. Dessa forma, os homens iniciaram a vida acadêmica formal quase 800 anos antes das mulheres.

Hierro (2007) aponta que a luta das mulheres para conquistarem a Educação Formal decorreu da necessidade de romper com a lógica dominante de que a mulher necessitava apenas de uma educação informal, que deveria contribuir somente para ela ser prezada, boa dona de casa, boa esposa e conhecedora do amor. Além disso, poderia servir também para qualificar um trabalho feminino: o artesanato, o comércio, as técnicas agrícolas e a formação religiosa. Todos esses trabalhos eram aprendidos na informalidade, e as mulheres poderiam fazê-lo, desde que isso não ofuscasse a principal ocupação de uma mulher de bem: o matrimônio. Sendo assim, a Educação Formal das mulheres era considerada algo totalmente desnecessário (HIERRO, 2007).

A história das mulheres que desafiaram sua época para entrarem na escola e se apropriarem dos livros como um conhecimento também das mulheres está, em boa parte, esquecida. Bem pouco se fala sobre essa passagem delas, e o mais interessante é que nem nas escolas de Pedagogia se conhece quem são essas figuras protagonistas da possibilidade de hoje sermos maioria na Educação Formal.

Fotografia 49 – Safos de Lesbos. Museu Palazzo Massimo /Roma/IT



Fonte: acervo da pesquisadora, 2014.

Na Grécia, berço da democracia, a educação era destinada aos homens. Por esse motivo, Safo de Lesbos (593 a.C.) criou, na ilha de Lesbos, uma escola para mulheres. Invisibilizada pela História, ela entrou para os anais de outra forma: pela linguagem. Se pensarmos na origem das palavras “safada” e “lésbica”, até hoje pejorativas em nosso vocabulário, temos uma noção de como Safo era vista em sua época (MATOS, 2002).

Fotografia 51 – Sor Juana Inés de la Cruz. Cidade do México/MX



Fonte: acervo da pesquisadora, 2013.

Sor Juana Inés de la Cruz, freira mexicana e considerada a primeira feminista da América, nasceu em 1651 e morreu em 1695. Logo cedo, Juana cortou os cabelos para contradizer o filósofo Schopenhauer que falava ser a mulher um animal de cabelos longos e pensamentos curtos (HIERRO, 2007; 2003).

Sua trajetória é brilhante, sua imagem está estampada na nota de 200 pesos mexicanos e sua vida foi alvo de investigações e livros das autoras Graciela Hierro, Rosario Casteliano e Octavio Paz. Segundo Hierro (2007), Sor Juana superou as inúmeras barreiras do seu tempo devido à sua autoeducação. Sor Juana descobriu cedo a biblioteca do seu avô e aprendeu a ler sozinha; escreveu literatura centrada na liberdade, o que era um prodígio naquela época. Encontrou na religião um lugar onde podia continuar sua dedicação aos livros e à escrita.

No seu poema *Hombres Necios*, ela defende o direito da mulher de ser respeitada como ser humano e critica o sexismo da sociedade do seu tempo. Em uma passagem, Sor escreve: “Hombres necios que acusáis a la mujer sin razón, sin ver que sois la ocasión de lo mismo que culpáis” (CRUZ, 2010, p, 109).

Uma questão especial na obra de Juana é que ela não diminuía, tampouco desdenhava o conhecimento doméstico das mulheres. Aliás, a ironia sobre a desvalorização social dos “ditos femininos” sempre foi uma constante na sua obra, pois, para ela, a alma não tinha sexo (CORRÊA, 2004). No convento de São Francisco, onde Juana viveu, no centro histórico da Cidade do México, a cozinha onde ela trabalhava está preservada. Juana afirmava que, se grandes filósofos, como Aristóteles, tivessem cozinhado, muito mais teria escrito (PAZ, 2010; CORRÊA, 2004). A afirmação “dá o tom” da importância que a freira feminista dava aos serviços da vida diária das mulheres.

Figura 8 – Elena Lucrezia Cornaro Piscopia



Fonte: <<http://blogbcrp.blogspot.mx/2011/10/mulheres-na-ciencia-elena-lucrezia.html>>. Acesso em 2013>.

Elena Lucrezia Cornaro Piscopia viveu na Itália. Nasceu em Veneza, em 1646, e morreu em 1684. A Elena se atribui o lugar de primeira mulher a receber o título de doutora em Filosofia, em 1678. Era desejo de Elena receber título de doutora em Teologia<sup>47</sup>. Apesar do apoio de seu pai, San Marco Giovanni Baptista Cornaro, a igreja não permitiu tal título a uma mulher.

---

<sup>47</sup> A primeira mulher a receber o título de teóloga foi Catarina de Siena. Ela foi canonizada pelo Papa Pio II em 1461, na Cidade de Roma. Num decreto, em 13 de abril de 1866, Pio IX declarou Santa Catarina co-padroeira de Roma. Em 18 de junho de 1939, Pio XII declarou-a padroeira da Itália, juntamente com São Francisco de Assis. No dia 3 de outubro de 1970, Paulo VI proclamou-a Doutora da Igreja, título recebido apenas alguns dias antes por Santa Teresa de Ávila (27 de setembro), o que faz delas as primeiras mulheres a receberem a honraria. Em 1.º de outubro de 1999, São João Paulo II tornou Catarina de Siena também padroeira da Europa. Ver: NASCIMENTO, José do. **Catarina Benincasa de Siena: “a escrita de si”**. Tese (Doutorado em Literatura) - Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

Figura 9 – Matilde Montoya



Fonte: <<http://www.spps.gob.mx/noticias/164-dra-matilde-p-montoya-la-lucha-por-la-igualdad-en-salud.html>>.

No México, Matilde Montoya foi a primeira mulher médica graduada na Cidade do México, em 1887. A conquista de Matilde foi fundamental para a entrada das mulheres na Academia. Em 1904, o México contava com três mulheres estudando nas Escolas Superiores de Medicina. No mesmo ano, graduou-se em Direito a primeira mulher mexicana, María Sandoval Zarco. Sua conquista foi um grande escândalo para a época e sua formação, contestada (HIERRO, 2007).

Figura 10 – Olimpy de Gouges



Fonte <<http://www.linternaute.com/femmes/dossier/0704-femmes-histoire/images/gouges.jpg>>. Acesso em 2009.



Olimpy de Gouges foi apontada como a primeira pessoa a ter um texto com linguagem inclusiva. Em 1791, ela escreveu a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* e sempre manteve sua célebre frase: “Se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna” (EGGERT, 2006, p. 187). Sua luta continuou até o dia em que foi guilhotinada na capital francesa, em 3 de novembro de 1793.

Figura 11 – Nísia Floresta



Fonte: <<http://www.substantivoplural.com.br/wp-content/uploads/2010/05/nisia-floresta.jpg>>. Acesso em 2010.

Nísia Floresta, segundo Constancia Duarte (1995) e Eggert (2006) e Graziela Rinaldi (2012), é considerada a primeira feminista brasileira. Desafiou a legislação assinada por Dom Pedro I, que impedia as mulheres se matricularem em escolas avançadas. Ela investiu na educação sem distinção entre os sexos; lutou pela educação científica para mulheres e conseguiu a primeira escola exclusiva para meninas – o Colégio Augusto, no Rio de Janeiro – com métodos inovadores. O Colégio de Nísia investia numa educação com competência intelectual para as mulheres. Pioneira em sua época, ela esteve presente na luta pelos direitos da mulher e pela igualdade entre mulheres e homens, sobretudo no campo intelectual (CASTRO, ALBERTON, EGGERT, 2010).

A entrada das mulheres na universidade começou nos Estados Unidos, no ano de 1837, com a criação de universidades exclusivas para as mulheres, no estado de Ohio (FECLESC, 2010). Por sua vez, na Europa, o ingresso das mulheres na universidade

demorou mais ainda. De acordo com os escritos de Julián Marías (1981, p. 39), as grandes universidades, como Oxford e Cambridge, só abriram suas portas para as mulheres já no século XX. Conforme o autor, "As universidade inglesas abrem-se às mulheres em fins do século passado e não as principais, Oxford e Cambridge, já bem dentro do nosso século, e com conta-gotas".

Figura 12 – Maria Augusta Generoso Estrela



Disponível em: <<http://www.medicinaintensiva.com.br/medicina-bahia.htm>>.

No Brasil, o ensino superior feminino teve início no final do século XIX. Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1946) foi à primeira médica brasileira. De acordo com o Dicionário de Mulheres do Brasil (2002), Maria Augusta frequentou o Colégio Brasileiro como aluna interna. Seu pai, um comerciante português, proporcionou à filha uma educação formal exemplar e sempre incentivava suas iniciativas de estudo e trabalho. A estudante terminou o Ensino Médio e queria estudar medicina; entretanto, como ainda as universidades brasileiras estavam fechadas para as mulheres, a jovem partiu para os Estados Unidos. Em 1881, recebeu o diploma de doutora em Medicina do New York Medical College and Hospital for Women, na Association Hall of New York. Foi oradora da turma e recebeu uma medalha de ouro pelo melhor desempenho durante o curso. Em 1882, retornou para o Rio de Janeiro.

Naquele ano, juntamente com uma colega, publicou o jornal “A mulher”, uma publicação que visava aos interesses e direitos das mulheres brasileiras.

Maria Augusta Generoso Estrela faleceu subitamente, em 18 de abril de 1946, ao 86 anos, enquanto conversava com a família. Deixou um lugar na história pela luta na defesa das mulheres. Seu nome é honrado como patrona da cadeira 64 na Academia de Medicina de São Paulo<sup>48</sup>. Além disso, seu nome foi dado a uma rua na cidade de Poços de Caldas (MG) e a uma rua na cidade de Porto Alegre (RS). Hoje o Centro Municipal de Saúde de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, leva seu nome.

O reconhecimento pela formação e competência de Maria Augusta foram o estopim pela pressão social sobre o poder público para que as universidades brasileiras abrissem as portas para as mulheres.

Figura 13 – Rita Lobato Velho Lopes



Fonte: <[http://sbhm.org.br/index.asp?p=medicos\\_view&codigo=169](http://sbhm.org.br/index.asp?p=medicos_view&codigo=169)>. Acesso em 2013.

Dessa forma, em 1879, foi aprovado o Decreto n.º 7.247, de 19 de abril, onde se permitiu às mulheres o ingresso nos cursos superiores. Sendo assim, Rita Lobato Velho Lopes<sup>49</sup> iniciou seus estudos em medicina e formou-se em 10 de dezembro de 1887, com distinção, na Universidade da Bahia e tornou-se a primeira mulher médica a se

<sup>48</sup> Ver BEGLIOMINI, Helio. Cadeira n.º 64 – Patronesse. Disponível em: <<http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/biografias/91/BIOGRAFIA-MARIA-AUGUSTA-GENEROSO-ESTRELA.pdf>>. Acesso em: ago. 2014.

<sup>49</sup> Seu diploma encontra-se no museu da UFBA. Disponível em: <<http://www.medicinaintensiva.com.br/medicina-bahia.htm>>. Acesso em: ago. 2014.

formar em solo brasileiro. A estudante passou por diversas dificuldades, como falta de banheiro feminino na universidade, proibição de assistir aulas de anatomia e tendo que ir às aulas acompanhada do pai que a aguardava todos os dias no pátio da universidade, até o final das aulas (SCHMAHER & BRAZIL, 2000).

Após sua formatura, Rita voltou ao seu estado de origem: Rio Grande do Sul. Exerceu a medicina até seus 59 anos e, depois disso, dedicou-se à vida pública e elegeu-se vereadora em Rio Pardo, aos 70 anos, tornando-se assim a primeira vereadora do Rio Grande do Sul.<sup>50</sup> Morreu em 1954.

Figura 14 – Elizabeth Eckford



Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1150525-aos-70-dorothy-counts-relembra-a-experiencia-de-ser-a-1-menina-negra-em-um-colegio-de-charlotte.shtml>>.

Em 1941, Elizabeth Eckford entrou na universidade, nos Estados Unidos, onde só estudavam brancos/as. Elizabeth era filha de pastor protestante, professor da universidade para negros, Johnson C. Smith, no Estado de Arkansas. O pai apoiava seus estudos. Ela graduou-se em Psicologia e, em 1958, mudou-se para Missouri para fazer o curso de História. Após a faculdade, ela tornou-se a primeira mulher americana afro-descendente que, em St. Louis trabalhava em um banco, em uma função que não era dedicada a servir pessoas brancas no trabalho de limpeza e cozinha (COELHO, 2012, NASSIF, 2012).

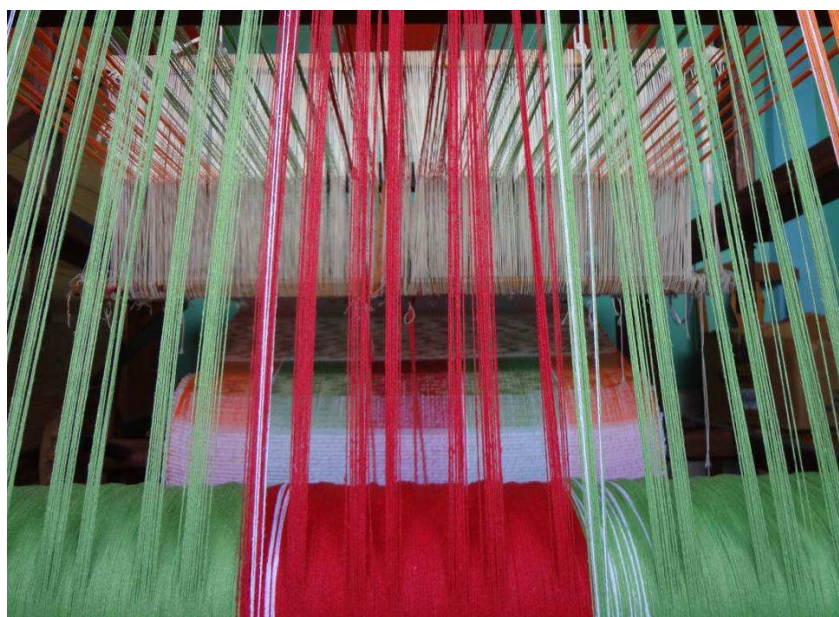
---

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www.medicinaintensiva.com.br/medicina-bahia.htm>>. Acesso em: ago. 2014.

Dessa forma, averiguamos que as mulheres estiveram longe da Educação Formal, na qual é sistematizado o conhecimento. Tramaram seus conhecimentos no privado, e os homens, no público. Sendo assim, o conhecimento das mulheres ficou perdido no espaço privado, enquanto o conhecimento dos homens reconhecido publicamente e sistematizado pela Educação Formal (HIERRO, 2007).

#### 5.4 COTIDIANO, EXPERIÊNCIA E AS LEITURAS FEMINISTAS

Fotografia 51 – Tapete no tear. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

Tanto o feminismo quanto a Educação Popular apontam para a importância da experiência, pois ambas a consideraram como desencadeadora da produção do conhecimento. Por esse motivo, o conceito de experiência, ainda e sempre em construção, tem para o nosso grupo de pesquisa um investimento de estudo e debate.

As mulheres têm uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina; contudo, nas margens onde as mulheres teceram suas experiências, encontramos experiências cruciais para a pesquisa com mulheres, o que nos leva a valorizar o conceito de experiência. Sobre esse aspecto, Eggert (2010, p. 07) afirma:

A apreensão da realidade é o retorno ao *ateórico*, ou seja, o nível da experiência. Nesse sentido, desde a década de setenta, as feministas tinham muita consciência da importância da experiência na luta pela defesa da liberdade e equidade na vida das mulheres. A questão é

transformar a experiência do cotidiano e das lutas em teoria não só para traduzi-las, mas para abrangê-las.

Percebemos que trazer o conhecimento *ateórico*, tecido em espaços do cotidiano, de onde surge a experiência das mulheres, tem sido uma luta feminista desde seu início, sobretudo no que tange a reconhecer as experiências das mulheres como conhecimento. Nesse sentido, a epistemologia feminista rompe paradigmas estabelecidos ao descobrir e reconhecer a vida e a produção das mulheres ao longo da história e de tantas outras que hoje fazem histórias e produzem, como as mulheres de nossa pesquisa. Em alguma medida, tentamos fazer com que suas produções saiam da invisibilidade, que se percebam como atuantes em sua própria história, porque esta não está dada. Como afirma Freire (1999, p.58),

Gosto de ser humano, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir.

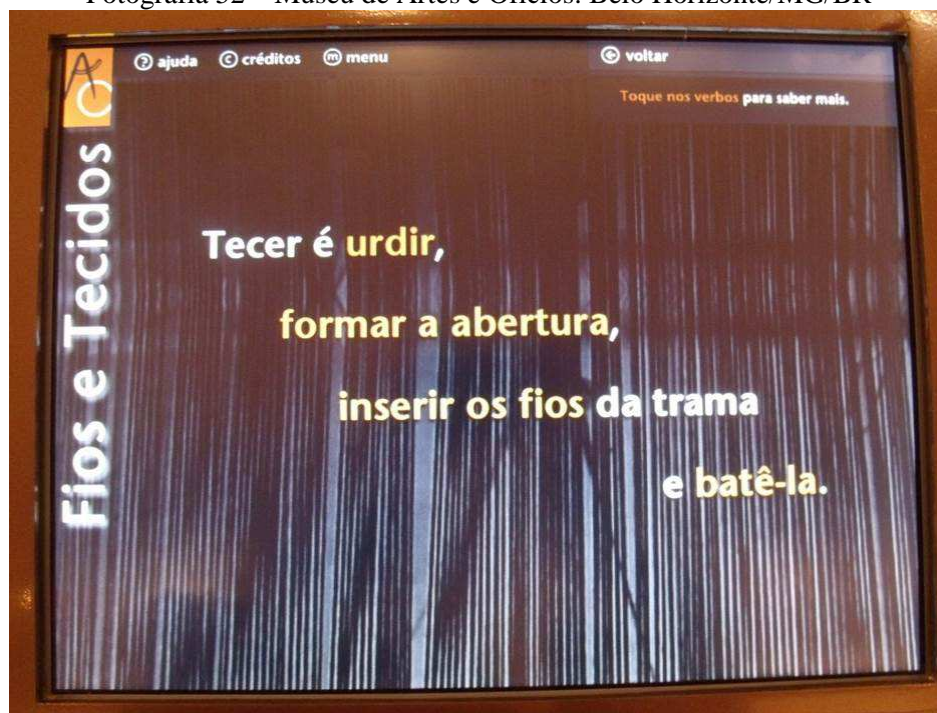
Essa busca por algo que precisa ser construído e que é de nossa responsabilidade requer alguns instrumentos, como afirma Eggert (2009, p. 32): “[...] buscar instrumentais de outros campos do conhecimento, para alimentar caminhos talvez inusitados; questionar as hierarquias; rever as margens onde as mulheres geralmente se encontram, no ato de produzir conhecimento [...]”.

Para Pereira (2003, p. 196), “experiência é entendida como uma operação interna – expressão do ser ou da consciência – que projeta uma subjetividade na forma de identidade essencial, de caráter universal, acessível a todos/as”. Portanto, a experiência é desenvolvida na vida cotidiana de mulheres, é parte da subjetividade de cada um/uma, e é essa experiência que será base para a epistemologia feminista, na visão de Deifelt (2002). Podemos conceber a experiência como base, haja vista que o conhecimento feminista é forjado, dentre outros elementos, no bojo da experiência. Evidentemente, trata-se de um conhecimento marginalizado durante séculos, pois o conhecimento das mulheres, devido à sua exclusão do mundo público, foi tecido em espaços privados, logo, espaços tidos como óbvios (EGGERT, 2002), espaços como o cotidiano artesanal e doméstico.



## 6 TRAMA: ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE TECELÃS DE RESENDE COSTA

Fotografia 52 – Museu de Artes e Ofícios. Belo Horizonte/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

Fotografia 53 – Tecelã tecendo em tear manual. Resende Costa//MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

A tecelã Klipper (2011, p. 04) explica a trama: “é o segundo conjunto de fios, passados no sentido transversal ou horizontal, com auxílio de uma agulha, conhecida por navete. A trama é passada entre os fios da urdidura por uma abertura denominada cala”. Em outras palavras, a trama compreende a preparação do fio escolhido para o trabalho de tecer.

Neste capítulo, apresentamos a trama que será realizada com os diversos fios que compõem os cinco capítulos desta Tese. Partindo da música do mineiro/carioca Milton Nascimento,<sup>51</sup> eternizada na voz de Elis Regina<sup>52</sup> e Mercedes Sosa<sup>53</sup>, iniciamos com as mulheres das Minas Gerais para situar de que mulher estamos falando e, a partir disso, faremos as análises tendo como ponto de partida os princípios teórico-metodológicos, as técnicas de pesquisa e o material coletado durante a pesquisa empírica que resultou em um vasto material. Da empiria temos 126 páginas digitadas em espaço simples de

---

<sup>51</sup> Segundo Maria Dolores (2006) e Márcio Borges (1996), esse cantor e compositor nasceu no ano de 1942, em uma favela da Tijuca, no Rio de Janeiro. Era filho da empregada doméstica Maria do Carmo do Nascimento, que foi abandonada grávida por seu primeiro namorado. Após os padrões descobrirem a gestação, a demitiram. Maria do Carmo registrou seu filho como mãe solteira e tentou criar Milton, com ajuda de sua mãe, uma pobre viúva, também empregada doméstica. Muito jovem, a mãe de Milton entrou em depressão e veio a falecer de tuberculose antes de Milton completar dois anos e ficou aos cuidados da avó. Uma das filhas do casal para o qual sua avó trabalhava, a professora de música Lília Silva Campos, era recém-casada e não estava conseguindo engravidar. Imediatamente, Lília apegou-se a Milton e, então, propôs adotá-lo. A avó concordou, desde que o trouxessem para ela vê-lo algumas vezes e que não tirassem o nome da mãe dele do registro. O casal concordou e Milton foi então adotado por Lília e seu marido Josino Campos, dono de uma estação de rádio. A família mudou-se para Três Pontas, em Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.miltonnascimento.com.br>>.

<sup>52</sup> Conforme Zeca Kiechalosk (1984), a cantora e intérprete brasileira Elis Regina Carvalho Costa nasceu em Porto Alegre, em 17 de março de 1945. Em 2013, foi eleita a segunda melhor voz da música brasileira pela revista Rolling Stone Brasil, superada apenas por Tim Maia. Elis foi citada também na lista dos/as maiores artistas da música brasileira, ficando na 14ª posição, sendo a mulher mais bem colocada. Elis teve um forte engajamento político e participou de uma série de movimentos de renovação política e cultural brasileira, com voz ativa da campanha pela Anistia de exilados/as brasileiros/as. O despertar de uma postura artística engajada e com excelente repercussão acompanharia toda a carreira, sendo enfatizada por interpretações consagradas de O bêbado e a Equilibrista, a qual vibrava como o hino da anistia, Elis se filia ao PT em 1981. Elis morreu bastante jovem, aos 36 anos, em São Paulo, no dia 19 de janeiro de 1982. O corpo de Elis encontra-se sepultado no Cemitério do Morumbi, em São Paulo. (ECHEVERRIA, 1994; GOÉS, 2007; OSNY, 1995).

<sup>53</sup> Para o autor Rodolfo Bracelii (2009), uma das mais importantes cantoras argentinas, Mercedes Sosa, nasceu em San Miguel de Tucumán, no dia 9 de julho de 1935. Sosa tem raízes na música folclórica argentina e teve uma forte relação com a música popular brasileira, tendo cantado diversas vezes com artistas brasileiros/as. Ela se tornou uma das expoentes do movimento conhecido como Nueva Canción. Apelidada de La Negra pelos fãs, devido à ascendência ameríndia (no exterior acreditava-se erroneamente que era devido a seus longos cabelos negros), ficou conhecida como a voz dos "sem voz", isso porque a cantora sempre foi ativa entre os movimentos de esquerda. Sosa morreu aos 74 anos de idade, em 4 de outubro de 2009, em Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.mercedessosa.com.ar>>.



entrevistas, 1 caderno de anotações da observação participante, além de 32 páginas de repassos.

## 6.1 “MARIA, MARIA”... AS MULHERES DAS MINAS GERAIS

*Maria, Maria*  
*É um dom, uma certa magia*  
*Uma força que nos alerta*  
*Uma mulher que merece*  
*Viver e amar*  
*Como outra qualquer*  
*Do planeta*  
*Maria, Maria*  
*É o som, é a cor, é o suor*  
*É a dose mais forte e lenta*  
*De uma gente que ri*  
*Quando deve chorar*  
*E não vive, apenas aguenta*  
*Mas é preciso ter força*  
*É preciso ter raça*  
*É preciso ter gana sempre*  
*Quem traz no corpo a marca*  
*Maria, Maria*  
*Mistura a dor e a alegria*  
*Mas é preciso ter manha*  
*É preciso ter graça*  
*É preciso ter sonho sempre*  
*Quem traz na pele essa marca*  
*Possui a estranha mania*  
*De ter fé na vida.*

(Música composta por Milton Nascimento, 1978)

Em 1978, Milton Nascimento, em parceria com Fernando Brant, compôs a música Maria, Maria. Em 1980, Elis Regina gravou a referida música, fazendo dela uma canção extremamente conhecida.

No livro de Rodrigo Faour, *História sexual da MPB* (2011), o autor explica:

A música Maria, Maria foi baseada na experiência de Fernando, criado em Diamantina, interior de Minas Gerais; ele conviveu com várias Marias, todas negras, que viraram suas amigas e o influenciaram muito. A força delas ficou guardada. E é sobre isso que expressa esse poema.” (FAOUR, 2011, p. 151).

Escolhi esta música para começar as análises desta Tese por alguns motivos específicos:

Primeiro porque, em Minas Gerais, um nome feminino muito comum é Maria, É impressionante a quantidade de Marias que participaram desta pesquisa. Somente Maria ou com nome composto Maria e um segundo nome próprio. As Minas Gerais esbanjam Marias, talvez pelo catolicismo muito forte ou apenas por um gosto pelo nome; isso de fato não se sabe.

O segundo motivo é que essa música fala sobre a singularidade da experiência da mulher, uma experiência que não é apenas individual, mas, infelizmente, compartilhada pelas mulheres, sobretudo as de classes populares: força, trabalho, dor e magia.

Em geral, o balanço do ritmo e melodia da música “mascara” sua letra. Não é incomum a gente dançar um bom samba de raiz e não se dar por conta que muitas vezes dançamos a violência e submissão das mulheres.

Mas esta música é de fato singular e consegue cantar a realidade de muitas mulheres brasileiras, em especial as de Resende Costa. A fé na vida está diariamente acompanhando as mulheres com as quais convivi no pequeno município mineiro. A dor de um trabalho desgastante, cansativo, a fala de uma das tecelãs reforça a poesia cantada:

Eu acho que o processo manual faz milagre viu?! Acho sim. Você pensa assim: ninguém vai sobreviver com isso não, que vê acha que não dá. Mas não é não, aqui eu e muita gente sobrevive disso aí, do tear. (Tecelã Dourada, durante entrevista em julho de 2011).

A região sudeste, onde está localizado o estado de Minas Gerais, registra a maior desigualdade entre os sexos. O censo de 2007 aponta que Minas Gerais tem 20.595.499 habitantes, sendo 8.851.587 homens e 9.039.907 mulheres.<sup>54</sup>

O eleitorado mineiro continua constituído, em sua maioria, por mulheres, tendo atingido, para as Eleições de 2014, o quantitativo de 7.860.103 (51,54%) mulheres que votaram, e os homens, 7.374.048 (48,35%). A diferença em relação à quantidade de homens chega a quase 500 mil eleitoras a mais. Os eleitores que não informaram o sexo somam 14.530 (0,11%).<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Fonte IBGE. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: junho 2014.

<sup>55</sup> Fonte: Tribunal regional eleitoral: disponível em <<http://www.tre-mg.jus.br/noticias-tre-mg/2014/Julho/eleitorado-mineiro-tem-quase-500-mil-mulheres-a-mais-que-homens>>. Acessado em maio de 2014.

Minas Gerais possui 2.935 mulheres presas, o que equivale a 6,1% da população carcerária estadual e 8,81% da população carcerária feminina nacional. No campo da violência contra a mulher, estamos mal, muito mal. O estado de Minas Gerais fica em segundo lugar no índice de mortes por feminicídio na região Sudeste do país, perdendo apenas para o Espírito Santo.

No Brasil, 11,77 mulheres são mortas por dia, Minas esta no 19º lugar em numero de feminicídios. De acordo com o conselho nacional de Justiça, tem para 3,9 de mortes de mulheres por violência em 100 mil<sup>56</sup>.

No primeiro semestre de 2014, houve, apenas na Região Metropolitana, 3.329 casos de violência física contra mulheres, 3.364 casos de violência psicológica, 71 de violência sexual, 286 de violência patrimonial e 89 de violência moral<sup>57</sup>. Esses dados são os que chegam até as delegacias e entram para as estatísticas.

Com tais dados, esta Tese é realizada em um lugar geográfico marcado pela desigualdade entre os sexos, com uma violência doméstica alta, onde as inúmeras Marias trabalham mais, ganham menos e vivem em constante perigo físico. São mulheres que, de fato, misturam a dor e a alegria.

---

<sup>56</sup> Disponível em: <[http://www.cnj.jus.br/images/programas/lei-maria-da-penha/cartilha\\_maria\\_da\\_penha.pdf](http://www.cnj.jus.br/images/programas/lei-maria-da-penha/cartilha_maria_da_penha.pdf)>; <<http://atualidadesdodireito.com.br/alicebianchini/2012/11/25/dia-internacional-pela-nao-violencia-contr-a-mulher-os-numeros-da-violencia-no-brasil/>>. Acesso em: jun. 2014.

<sup>57</sup> Secretaria de Estado de Defesa Social de Minas Gerais. Disponível em: <[https://www.seds.mg.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=2745&Itemid=503#](https://www.seds.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2745&Itemid=503#)>. Acesso em: maio 2014.

## 6.2 A SINGULARIDADE DA EXPERIÊNCIA DAS TECELÃS COMO FORMAÇÃO

Fotografia 54 – Tecelã tecendo em tear manual. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

As mulheres que compõem este estudo têm experiências e singularidade. Devido a essa experiência, muitas delas ensinaram pessoas, sustentaram suas famílias, estudaram seus filhos e filhas, lidaram com violência, pobreza, doenças, dores e são vencedoras. Elas têm suas próprias vozes; logo, essas análises não têm a pretensão de dar voz às mulheres que vivem, lutam e sobrevivem à adversidade cotidiana. O trabalho aqui é realizar o registro do que essas mulheres fazem e falam. Elas têm suas próprias vozes (MARICARMEN, 2014).<sup>58</sup>

As mulheres, por meio de suas experiências, criaram um processo de formação nos teares de Resende Costa, uma experiência vindo das mulheres de suas famílias. Na estada em Resende Costa, não vi o trabalho da tecelagem invisibilizado, mas o processo de ensinar e aprender desta técnica sim. Algumas vezes, durante as entrevistas, as pessoas respondiam à minha pergunta: Como você aprendeu a tecer”? A resposta

<sup>58</sup> Esta ideia é utilizada pela cineasta mexicana Maricarmen de Lara. Durante sua conferência intitulada “Las mujeres y el quehacer cinematográfico en México”, na UAM, em fevereiro de 2014, a cineasta falou muito sobre a questão da “voz” nos seus filmes e documentários. Ver: BARTRA, Eli. Género y feminismo en la obra cinematográfica de Maricarmen de Lara. *In*: revista Debates Feministas, 2008. Disponível em: <<http://www.debatefeminista.com/PDF/Articulos/genero133.pdf>>.

imediate era: “aprendi sozinha/o”; contudo, quando eu perguntava mais, se retomavam bonitas histórias das mulheres da família. Algumas já estavam mortas, outras tinham mais de 80 anos. O fato é que a experiência dessas mulheres foi fundamental para o que hoje é a principal fonte de renda do município: a tecelagem.

A maioria começou muito cedo a ver a experiência das mulheres, conforme fala da tecelã de 74 anos:

Ah, eu já vim de experiência da minha mãe, porque como ela já tem os antepassados dela que sempre mexeu com este trabalho, aí começou ela a me ensinar... eu tinha lá 13, 14 anos e ela dava como função tem que começar aprender. Aí nosso ganha pão e desde os meus 14 que eu também vim mexendo e até hoje eu estou neste ramo, minha vida foi né. Hoje eu teço pouco né, porque estou velha, mas ainda teco e também vendo aqui em casa. (tecelã Azul durante entrevista, julho de 2011).

Na obra de Freire, a experiência (assim como a utopia, o diálogo e a esperança), é uma categoria importante de análise, pois é a partir da experiência que se constroem saberes (MOLINA, 2008). A experiência das mulheres em Resende Costa desencadeou um processo de formação em massa; de fato, é impressionante a formação feita por essas mulheres. No início, elas realizavam todo o processo da tecelagem.

Eu aprendi assim com a minha mãe, ela fazia tudo do campo. Assim tinha uns no anil, tinha aqueles potes grandes sabe aí me empilhava aqueles grão um em cima do outro na água daí a cor era linda era azul marinho linda... e não desbotava e tinha umas folhas no campo que se chamavam cores minha aí nos banhava tudo e botava em saco as lã nós desfiávamos aí tingíamos de amarelinho e tem a tal ruiva também que nós largava no campo coxada planta a raiz botava lã e ficava vermelha nunca desbotava, até hoje, hoje tudo vem de fora, é tudo mais fácil. Hoje o povo do artesanato é um povo que sabe tecer, mas o povo sabe tecer colcha de retalho vai lá...Tudo, tudinho como nós fazíamos não se faz mais, mas eu ainda sei fazer. (Tecelã Azul Turquesa durante entrevista, julho de 2011).

Ao ser indagada sobre o processo de tecelagem hoje, no município, a tecelã Preta me disse: “a tecelagem acaba mesmo sendo das mulheres mais antigas; é das antigas porque as mulheres que começaram, as velhas aqui da cidade sabe fazer tudo! Urdi, fia, tingir, tecer! Sabem tudo, sabem muito!” (Tecelã Preta durante entrevista, julho de 2011).

Na fala das tecelãs, a experiência do início não mais existe; para elas, existe uma partilha de dor, tristeza e nostalgia dos tempos que não voltam mais, contudo, ao mesmo

tempo, elas compreendem visivelmente que hoje não é mais possível a realização de toda a experiência que têm, porque a vida hoje está mais cara. Há muita gente fazendo tecelagem; logo, o trabalho precisa ser mais rápido, porque tempo em Resende Costa é literalmente dinheiro.

Ah, eu fazia tecelagem de verdade, ó nós batia, guardava algodão e nós empalhava algodão, nós desfiava, e tecia com o próprio algodão, hoje não, hoje é muito mais fácil, hoje vem tudo pronto ai fora, e nos tinha que ir com o artesanato mesmo, a lã do carneiro, papai tinha carneiro nós desfiava, cortava a lã do carneiro, lavava, desfiava, guardava teia e depois que ia tecer, as coisa era artesanato mesmo de lã de carneiro. (Tecelã Azul durante entrevista, julho de 2011).

Todavia, com nostalgia, as tecelãs falam das experiências de fazer suas próprias coisas, do que, segundo elas, pouco ainda existe:

[...] lá onde que eu morava na roça, né e lá as minhas tias que sabia tecer...aí eu falava que queria aprender porque eu queria muito colcha na minha cama, né...aí eu falei assim...vou aprender a tecer porque eu quero muito colcha na minha cama, aí a minha tia me ensinou, que é casada com irmão do meu pai. Aprender, eu queria aprender a tecer pra fazer colcha pra mim. (Tecelã Verde Fosco durante entrevista, julho de 2012).

A tecelã Dourada comenta sobre a experiência de tecer quando ainda era jovem e o processo nos dias de hoje:

De primeiro a gente, hoje quem vai tecer você já acha tudo pronto no tear, você já leva ali chega aqui você só emenda. E nós já tínhamos que lavar lã de carneiro, suja, fedendo, tinha que lavar deixar de molho pisar em cima, lavar tudo depois por para secar depois você tinha que cardar aquelas coisas de cardar, depois tinha que enfiar na roda, ai depois você tinha que fazer até da uma bolha e fazer uma meada dela, depois você tinha que tingir para você tecer. Hoje é fácil, hoje... (Tecelã Dourada durante entrevista, julho de 2012).

Sobre a seriedade de um conhecimento vindo das margens (EGGERT, 2002), as tecelãs têm acordo de que o conhecimento que elas têm e dominam, que vem da experiência de uma vida longa e trabalhosa (DEIFELT, 2002), importa a muita pouca gente. Em entrevista, a tecelã Dourada conta:

Uma vez eu estive em São Paulo eu e mais duas pessoas, nós estivemos lá onze dias. Um colégio nos convidou, para explicar a

tecelagem. Ai lá neste colégio estudavam 20 mil alunos todos filhinhos de papai que gastam, ai cada professor foi buscar uma coisa em muitos estado. Ai em Minas Gerais foi o tear. Ai levamos tear e tudo, faz muitos anos isso aí, os alunos compraram e bateram fotos, mas ninguém ali quer aprender isso aqui que a gente sabe. Eles vão ser medico e advogado, não vão ficar batendo tear, então é bonito, mas ninguém quer saber fazer e ninguém quer conhecer muito bem, só comprar e deu. (Tecelã Dourada durante entrevista, julho de 2011).

Entretanto, mesmo não sendo algo socialmente “importante”, e as tecelãs da cidade têm a total compreensão disso, elas declaram que:

[...]é bom, é muito emocionante a gente ensinar assim as coisas que a gente sabe né?! Ai é bom passei para minha filha, minha neta eu tenho uma neta que está com dezessete anos ela já está começando a tear. (Tecelã Violeta durante entrevista, julho de 2011).

A singularidade da experiência das tecelãs como formação é percebida nos detalhes e nas histórias, nas cores e combinações que saem de Resende Costa, tanto para o estado de Minas Gerais como para o Brasil. E elas continuam formando, na improvisação de uma Educação pensada em outros espaços, criando possibilidades, inovando didáticas, adaptando teares e colocando Resende Costa na parada obrigatória para a compra de artesanato de boa qualidade. Muito pouco percebido é o fato de que, entre os fios e tramas no pequeno município, entre as montanhas de Minas Gerais, existe uma experiência de criação e formação.

### 6.3 O ENSINAR E APRENDER COMO FORMA DE PARTILHA DE SABERES

Durante a empiria, duas perguntas-chave suleavam esta pesquisa: a primeira era “*Como você aprendeu a tecer*”? E a segunda era: “*Como você se tornou tecelã?*” Ambas de cunho pedagógico, eu obtive várias respostas, como, em sua maioria: “não sei”, “não me lembro”, “hummmm...sei não”, “olhando”, “sozinha/o”. Mas a entrevista seguia e várias vezes eu retornava essas perguntas. Então obtinha algumas respostas:

A mamãe tecia, aprendi assim. Essa aqui foi à primeira lã que eu teci, é pura lã. Veio uma menina pra tecer pra mim, que aconteceu de eu não conseguir tecer mais, aí fico um ano na casa dela, aí fui busca minha lã. (Tecelã Lilás durante entrevista, julho de 2011).

O ensinar e aprender como forma de partilha de saberes faz acontecer, em Resende Costa, uma Educação que ultrapassa a família. A tecelã Azul contou-me que ensina todas as pessoas que pedem para aprender, e foi assim que já perdeu as contas do número de pessoas que ensinou. Durante uma das entrevistas, ela diz: “Eu ensinava muita gente, umas trezentas pessoas eu já ensinei a tecer”. (tecelã Azul durante entrevista, julho de 2011). Em uma manhã ensolarada, estava entrevistando mãe e filha, ambas tecelãs. Em um dado momento, perguntei: “*Mas a senhora está percebendo que você aprendeu com a sua mãe*”? Ela parou, olhou para a mãe e disse: “*Graças a Deus! Obrigada mãe!*” Este é o processo que Brandão (2007) teoriza ao afirmar que não se escapa da Educação, sendo ela formal ou não.

Minha filha, eu teço a 50 anos, minha avó tecia a minha bisavó tecia, a minha mãe que ensinou nós todos, eu aprendi com a minha mãe e ensinei minhas filhas, e agora minhas filhas estão ensinando os filhos delas, a gente desde, mãe para filha, sabe. (Tecelã Vermelha durante entrevista, julho de 2011).

Em um início de noite, cheguei à pousada em que fiquei hospedada durante a empiria, onde um rapaz jovem me esperava. Ele ouviu pela rua que havia uma moça do Sul fazendo entrevista sobre tecelagem. O rapaz, que foi caminhoneiro e, por esse motivo conhecia o Rio Grande do Sul, quis me conhecer e contar sua história.

[...] o pessoal perto da minha casa tecia, eu era menino e tinha curiosidade, ficava lá o dia todo vendo, pegando os fios que caia no chão, ajudando a limpar o tear. Aí um dia a mulher que era dona da loja perguntou se eu queria aprender, aí me colocou pra aprender a tecer... só que aí nossa Senhora, além de ser muito novo, não tinha paciência quando arrebentava os fios assim, aí tinha que emendar eu emendava errado, mas depois eu fui acostumando, mas no começo era só pra aprender porque eu estudava também. Depois fui aprendendo aí já fazia dez tapetes, daqui a pouco vinte, trinta, quarenta, aí fui levando a sério e fiz disso uma profissão. Então com treze anos de idade, eu ganhava no tear o que um pedreiro ganha. Com treze anos e fui até os dezoito anos, quando eu fiz dezoito aí parei com dezenove e fui viajar fui para o Rio Grande do Sul, pra o Brasil inteiro. Começou em Minas aí meu chefe começou expandir para o país todo. Aí um dois anos atrás eu cansei de viajar. Queria vim pra casa, voltei tem dois anos, aí comecei a tecer e vender. Foi muito bom a mulher ter me ensinado. (Tecelão Bege durante entrevista, julho de 2011).



Resende Costa tem escola de Educação Básica; as universidades ficam distantes 60km, na cidade de São João del Rei<sup>59</sup>. A Educação formal das pessoas que fizeram parte desta pesquisa é baixa, na maior parte das 45 entrevistas, 32 pessoas não terminaram o Ensino Fundamental, 9 pessoas terminaram o Ensino Médio e 4 pessoas estão no Ensino Superior. Em geral, perguntava nas entrevistas: “Você conhece alguma escola, algum curso que dê aula de tecelagem? De imediato, a resposta era: “uai, não!”, “tem, não”, ou ainda: “Não tem não, se você precisa de alguém pra tecer e se não sabe você ensina e ela vai trabalhando”. (tecelã Cinza Escuro durante entrevista, julho de 2011).

Durante a empiria, soube de uma iniciativa de educação formal que visava ao ensino da tecelagem: o projeto Mestre do Futuro<sup>60</sup>. Esse projeto buscava a qualificação de adolescentes de classes populares. Uma das tecelãs mais experientes do município foi chamada para ministrar aulas para os jovens.

O prefeito falou com eles, foi lá e falou, isso é um futuro, como o nome do nosso projeto é Mestre do Futuro, porque nós vamos passando a hora que eles vierem, é eles que têm que ficar nesse lugar. O problema é que eles não querem aprender isso aqui, deveria ter então um curso que ensinasse para quem quer aprender. (Tecelã Amarela durante entrevista, julho de 2012).

A tecelã deixa um recado para nós, da Educação: quando vamos pensar uma Educação que considere a experiência de vida das pessoas? Obviamente, isso já foi tema dos escritos de Freire (2001, 2003); entretanto, ainda não estamos fazendo isso. A Educação formal precisa urgentemente colocar na pauta, sobretudo dos cursos técnicos,

---

<sup>59</sup> São João del-Rei é a maior cidade setecentista do estado de Minas Gerais. Localiza-se na Bacia do Rio Grande e tem seu relevo formado pelas serras do complexo da Mantiqueira, extremamente propício ao ecoturismo. Seu índice de desenvolvimento humano (IDH) é classificado como elevado, com 0,758. A cidade também é conhecida por ser universitária devido aos centros de ensino, a alta variedade de cursos e a enorme expansão da UFSJ e pelo grande número de repúblicas estudantis espalhadas pela cidade. Fonte: <http://www.saojoaodelrei.mg.gov.br/> acessado em junho de 2014.

<sup>60</sup> O projeto “Mestres do Futuro – Estrada Real” teve aprovação do Ministério da Cultura através da Lei de Incentivo a Cultura, é uma realização da Kavantan – Projetos e Eventos Culturais, tem o patrocínio da TBE (Transmissoras Brasileiras de Energia) e apoio da Prefeitura Municipal de Conselheiro Lafaiete através da Secretaria Municipal de Cultura. O projeto selecionou 177 municípios que fazem parte do complexo de caminhos que compõe a Estrada Real, para oferecer oficina a jovens carentes, visando a transmissão de conhecimento. Fonte: <[http://www.conselheirolafaiete.mg.gov.br/noticias/2012/03/13\\_005.php#sthash.RkUEf7cH.dpuf](http://www.conselheirolafaiete.mg.gov.br/noticias/2012/03/13_005.php#sthash.RkUEf7cH.dpuf)> acessado em agosto de 2013.

a formação e qualificação do artesanato, pois temos inúmeras pessoas que vivem deste trabalho.

Durante a escuta junto às pessoas que trabalham na tecelagem, principalmente as mulheres gostariam de retomar seus estudos; entretanto, não veem sentido algum nos conteúdos da Escola. A tecelã Azul Escuro, de 32 anos, me explicou porque não pretende voltar para a escola: “ah não, estudar para que? Pra ter diploma e ficar guardado? A escola não ensina o que eu preciso” (entrevista em julho de 2012). Então continuei perguntando: “E se a escola ensinasse coisas da tecelagem: técnicas, criação, combinação de cores?” Ela mais que depressa me respondeu: Aí sim, com certeza, uai, aí era outro caso, aí tinha porque ir na escola, a escola ia me ajudar” (entrevista em julho de 2012).

Tenho acompanhado o movimento importante dos IFs<sup>61</sup>, sobretudo por intermédio do programa Mulheres Mil<sup>62</sup>, no sentido de propor cursos de artesanato. Talvez essas iniciativas abram novos horizontes na educação profissional, no campo do artesanato no Brasil.

---

<sup>61</sup> A história da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica começou em 1909, quando o então presidente da República, Nilo Peçanha, criou 19 escolas de Aprendizes e Artífices que, mais tarde, deram origem aos Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (Cefets). Tida no seu início como instrumento de política voltado para as 'classes desprovidas', a rede federal se configura hoje como importante estrutura para que todas as pessoas tenham efetivo acesso às conquistas científicas e tecnológicas. A partir desta realidade, em 2008, o então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, através da lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008, criou a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica em todos os estados brasileiros, oferecendo cursos técnicos, superiores de tecnologia, licenciaturas, mestrado e doutorado. As escolas que compõem a rede federal são referência nesta modalidade de ensino, prova de que seus alunos sempre estão entre as primeiras colocações em avaliações nacionais. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br>>; <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm)>. Acesso em: junho 2014.

<sup>62</sup> O programa Mulheres Mil está inserido no conjunto de prioridades das políticas públicas do Governo do Brasil, especialmente nos eixos promoção da equidade, igualdade entre sexos, combate à violência contra mulher e acesso à educação. O programa também contribuiu para o alcance das Metas do Milênio, promulgada pela ONU em 2000 e aprovada por 191 países. Entre as metas estabelecidas estão a erradicação da extrema pobreza e da fome, promoção da igualdade entre os sexos, autonomia das mulheres e garantia da sustentabilidade ambiental. Integrado a essas prioridades, o Mulheres Mil tem como objetivo promover, até 2010, a formação profissional e tecnológica de cerca de mil mulheres desfavorecidas das regiões Nordeste e Norte. A meta é garantir o acesso à educação profissional e à elevação da escolaridade, de acordo com as necessidades educacionais de cada comunidade e a vocação econômica das regiões. Estruturado em três eixos - educação, cidadania e desenvolvimento sustentável - o programa possibilitará a inclusão social por meio da oferta de formação focada na autonomia e na criação de alternativas para a inserção no mundo do trabalho, para que essas mulheres consigam melhorar a qualidade de suas vidas e das de suas comunidades. Disponível em: <<http://mulheresmil.mec.gov.br/>>. Acesso em: junho 2014.

#### 6.4 TRAMAR, DESTRAMAR E RETRAMAR: TRABALHO E DESENVOLVIMENTO

*A Mão Do Amor*  
*Eu queria que a mão do amor*  
*Um dia trançasse*  
*Os fios do nosso destino*  
*Bordadeira fazendo tricô*  
*Em cada ponto que desse*  
*Amarrasse a dor*  
*Como quem faz um crochê*  
*Uma renda, um filô*  
*Unisse as pontas do nosso querer*  
*E desse um nó*

(Música composta por Jorge Vercillo.  
interpretada por Maria Bethânia no disco A TUA, 2011)

Durante a empiria, o que mais aprendi com as tecelãs sobre o trabalho foi amarrar não a dor, como canta Maria Bethania<sup>63</sup>, mas as pontas dos tapetes. Ao final de um dia de trabalho, tanto para mim como para as tecelãs, lá estava eu em alguma parte de Resende Costa, ouvindo, falando, rindo e ajudando no arremate final dos tapetes realizado por elas. Em geral, os arremates eram feitos no horário da novela. Então era um pouco de tudo: conversa, comida, café e dar nó nos tapetes para que estes não desfiassem. Para mim, era um momento todo especial. Ali me sentia a própria tecelã, embora eu e todas que ali estavam sabiam que eu não era e, por isso, várias vezes, elas tinham que retomar e me ensinar: “*Amanda, um pouco mais de força*”; “*Amanda, um pouco mais fraco*”. De fato, foi um momento bem especial guardado na minha memória.

Em Resende Costa, o trabalho de tecer é visível. Quase o município inteiro está envolvido com este trabalho. As pessoas tecem até na rua e, nas lojas de artesanato, na maioria delas, há um tear para que turistas possam tirar fotos e ver o instrumento de trabalho mais comum em Resende Costa.

O poder público, nesse lugar, também está de olho na produção artesanal. Como Resende Costa não é uma das inúmeras cidades turísticas do Estado de Minas Gerais, quem está no poder tenta, de todas as formas, tornar visível esse trabalho, porque, sem a

---

<sup>63</sup> A intérprete brasileira Maria Bethania, na Bahia, em 1946. Bethania tem uma voz marcante e uma forte presença de palco. Ela foi eleita a 5.<sup>a</sup> Maior Voz da Música Brasileira de todos os tempos, pela revista Rolling Stone Brasil, ficando atrás somente de quatro cantores já falecidos em: Disponível em: <<http://www.mariabethania.com/>>. Acesso em: ago. 2014.

tecelagem, Resende Costa se complica, visto que, como já foi mencionado anteriormente, o município vive e é conhecido pelo trabalho com os fios.

Em comemoração aos 100 anos de emancipação política, a revista lançada pela Prefeitura, conforme imagem abaixo ilustrava, em sua capa, a tecelã Amarelo trabalhando.

Fotografia 55 – Revista em comemoração aos 100 anos de emancipação. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2013.

Além do trabalho que é visível, também é visível o desenvolvimento que Resende Costa teve depois dos anos 1980, ou seja: depois que as mulheres começaram a ensinar os homens a tecer. A tecelagem traz um enorme movimento para o município. Gente que chega de ônibus, de carro e em excursões movimentam as ruas de Resende Costa de segunda a segunda, sendo que, nos finais de semana, ainda há mais gente comprando. Se a tecelagem trouxe um desenvolvimento igualitário e democrático, há controvérsias: para a prefeitura, o desenvolvimento foi democrático e igualitário. Nas palavras de um político do município: “aqui só não ganha dinheiro quem não quer trabalhar, todos podem se beneficiar deste trabalho da mesma maneira.” (político Azul Marinho durante entrevista em julho de 2011. Já a tecelã Vermelho, que “bate tear” desde os 12 anos, discorda: “A tecelagem beneficiou a cidade, sim, claro que sim uai!!

Mas a verdade mesmo é que nós continuamos ganhando muito pouco e trabalhando muito para poder sobreviver.” (Tecelã Vermelho durante entrevista, em junho de 2011).

#### 6.4.1 Desvalorização e Precariedade no trabalho artesanal

Fotografia 56 – Tecelã tecendo em tear manual. Resende Costa//MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

É evidente que os fios trouxeram para Resende Costa trabalho e desenvolvimento. Como é comum dizer: *“aqui só não trabalha quem não quer, Amanda”*. Conforme as palavras do tecelão Bordo:

Pra Resende Costa é uma ótima coisa porque a cidade cresceu muito, ta crescendo muito através do artesanato porque se cair o artesanato aqui praticamente a cidade para que o forte aqui é artesanato. Você precisa de vir aqui quando tem um feriado que cai na sexta ou na segunda ou terça...o movimento que é essas rua aí, é uma coisa fora de serie, então você vê que isso aí puxa muita gente, então ajuda muito o povo daqui né. (entrevista com tecelão Bordo, julho de 2011).

De acordo com o dicionário brasileiro, trabalho é um conjunto de atividades realizadas, é o esforço feito por pessoas, com o objetivo de atingir uma meta. O trabalho também pode ser abordado de diversas maneiras e com enfoque em várias áreas, como

na economia, na física, na filosofia, e marca diversos estudos, inclusive nas Ciências Sociais.

Segundo Johnson (1995), trabalho é toda atividade que gere um produto ou serviço para uso imediato ou de troca.

Para Karl Marx (2008), o trabalho é essencial e um ato que se passa entre os seres humanos e a natureza. Para o autor, trabalho é tanto o processo quanto o produto de algo produtivo. Para a antropologia, o trabalho, de alguma forma, constitui uma característica geral da ação humana, sendo essa uma atividade pela qual o ser humano modifica o mundo e a natureza. Isso é realizado de forma voluntária e consciente, pois seres humanos precisam satisfazer suas necessidades básicas, como, por exemplo, as de alimentação, habitação, moradia, lazer e cultura. (HIRATA, 2008, 2010).

As feministas, sobretudo da América Latina, têm se debruçado para realizar estudos sobre o trabalho feminino. Isso porque o trabalho realizado pelas mulheres tem peculiaridades, e duas delas, sem dúvida, são a desvalorização e a precariedade. Obviamente, poderíamos agregar aqui muitas outras questões: exploração (SAFFIOTI, 1976), invisibilidade (BARTRA, 2008; EGGERT, 2010, 2011), divisão sexual do trabalho (HIRATA, 2008).

Contudo, numa tese é necessário delimitar as análises, mesmo que o material empírico lhe dê possibilidade de pensar em muitas outras questões. Sendo assim, nesta Tese propomos analisar o trabalho realizado em Resende Costa por meio de dois eixos: desvalorização e precariedade. Essa escolha ocorreu porque, durante a empiria, foram percebidos, por diversas vezes, esses dois eixos demarcando e acompanhando o trabalho artesanal.

Durante a pesquisa, quando a pergunta era sobre o trabalho da tecelagem, ou ainda, se gostariam de ter um outro trabalho, a resposta era imediata, sem precisar pensar muito: *“sim, é um trabalho bonito, gosto de fazer, mas a gente ganha muito pouco, é um trabalho que não tem valor.”* A tecelã Azul Turqueza diz:

O artesanato dá aquela sobrevivência de ter o que comer de existir uma coisa que menos tem, mas fazer a vida com artesanato não é possível, quem faz a vida com artesanato é aquele que está lá na loja. (entrevista com a tecelã Azul Turqueza. Julho de 2011).

O trabalho dos fios é cansativo, desgastante, e as pessoas que trabalham no lugar desta pesquisa sempre me respondiam: “eu queria trabalhar e ter meu salário todo mês,

poder contar e fazer as coisas que tenho para fazer; eu não sei se vou receber no final do mês, não sei quando”. (Tecelã Cinza Fosco, entrevista em junho de 2011).

A partir deste cenário, aqui propomos analisar o trabalho da tecelagem com todas essas dificuldades vindas de um trabalho desvalorizado e precário, feito, entretanto, com carinho e dor entre as montanhas mineiras.

É fato que, juntamente com a feminilização de uma profissão, vem junto a desvalorização e precariedade. Guacira Louro Lopes (2006) constata essa realidade em seus escritos desde seus estudos de doutorado. Em 1986, ela defendeu, na UNICAMP, a tese intitulada *Prendas e Antiprendas. Uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul*, sob a orientação de Dermeval Saviani. Louro Lopes trabalha com a questão da feminilização do magistério e as consequências disso, sobretudo no salário das professoras. Quem não lembra da declaração de Maluf<sup>64</sup>, em 1986: “Professora não é mal paga, é mal casada”.

Assim como o magistério, o artesanato dos fios foi, durante anos, em Resende Costa, um trabalho de mulher, reafirmando a teoria de Perrot (2007) e Saffioti (2014) que afirmam terem as mulheres sempre contribuído para o sustento das famílias e gerado riquezas. Assim, sempre estiveram trabalhando. Referente a isso, a tecelã Lilás pontua:

Quem manda nos teares são as mulheres uai, foram nós que começamos a tecer. Eu teço há 60 anos estou com 75, ensinei todas as minhas filhas a tecerem. Eu aprendi com a minha mãe, isso porque minha bisavó tecia, minha avó tecia, minha mãe tecia, eu teci muitos anos, mas agora não tenho mais força nas pernas. Mas minhas filhas tecem e agora elas têm lojas lá no asfalto. Todas as mulheres da família teceram, os homens não. Até hoje, aqui em Resende Costa, as mulheres tecem mais, eu não sei por que, mas as mulheres tecem mais. (Tecelã Lilás durante entrevista em julho de 2011).

Segundo o Tecelão Bordo, o trabalho está tão desvalorizado que ele não faz mais as contas de quanto ganha:

---

<sup>64</sup> Além desta frase, uma outra saiu de sua boca durante a campanha eleitoral de 1998: “Se está com desejo sexual, estupra, mas não mata” Maluf é político brasileiro nascido em São Paulo, em 1931. Marca a trajetória de Maluf inúmeras acusações de corrupção, desvio e lavagem de dinheiro. O político foi preso em 2005. Infelizmente, depois deste acontecimento, o político de direita voltou à cena política brasileira. Disponível em: <<http://xicosa.blogfolha.uol.com.br/2012/06/19/as-dez-melhores-piores-frases-de-maluf/>>. Acesso em: agosto 2014.

[...] mais ou menos, a gente não faz o cálculo certo porque se fizer aí pára até de trabalhar porque ganha muito pouco, em relação ganha muito pouco, mas é bom que a gente se diverte, esse aqui é um divertimento quase (entrevista com o Tecelão Bordo, julho de 2011).

Comenta-se também muito, durante a empiria, com palavras e histórias que reafirmam os escritos de Eggert (2004), sobre a função social da mulher ser a casa, a maternidade e o cuidado com os/as filhos/as:

Olha, a tecelagem já dá pouco, ainda nós temos que fazer todo o serviço da casa e de cuida de menino. Então é muita coisa, os homens ganham mais do que nós, porque não tem toda essa carga de trabalho além do tear. Se nos tivéssemos só o tear dava mais um pouco de dinheiro. (Tecelã Vermelho durante entrevista em julho de 2012).

Hoje os homens também tecem, mas a atividade continua principalmente nas mãos das pessoas mais pobres, confirmando assim os escritos de Bartra (2004, 2008).

A tecelagem está na mão dos populares. Existe uma... Não sei nem como colocar essa situação, mas existe assim grande diferença de concentração de recurso, está na mão de poucos, como é em todos os lugares. Mas o que acontece? Não se ganha mal. Todo mundo ganha, só fica à toa aqui quem quiser se quiser trabalhar tem aonde trabalhar. Às vezes essa diferença, mas aí que eu vejo que já não depende muito da questão social, a questão é a seguinte: tem gente que é empreendedor, que tem visão, que investe. Então, aquele que arrisca a cara, lógico, que quer crescer e que tem esse espírito empreendedor, ele vai correr mais esse risco, mas também a chance de obter sucesso é muito maior. Mas não dá pra todo mundo ser dono de loja, se não quem vai produzir né? E, às vezes, as pessoas não entendem muito essa questão. Agora, sim, tem muita gente que se sobressai, que ganha muito dinheiro com artesanato; tem gente que já ganha menos, mas é uma questão de investimento do que a pessoa quer. (Tecelão Azul Marinho, durante entrevista em julho de 2011).

É um trabalho de mulher, que foi ampliado pelos homens, sem certificação nem registro formal. As pessoas que sobrevivem deste trabalho contam a dificuldade de ganhar a vida em um trabalho desvalorizado:

O pessoal ainda trabalha porque vende muito, então na quantidade da pra tirar um pouco, mas a pessoa ganha cinquenta centavo no tapetinho, é muito pouco, se você tirar um dia aí de trinta reais, você tem que tecer sessenta tapetinhos, é muita braçada num dia todo. eu tenho um lucro maior eu não trabalho para os outros, tenho um lucro maior, eu tiro uns quarenta reais. (Tecelã Dourada, durante entrevista em julho de 2011).



A tecelã Dourada conta:

É um trabalho difícil, você não vai trabalhar poucas horas, tem que trabalhar muito para ganhar pouco, não dá para ganhar muito. Mas parece que ele é muito abençoado, é abençoado sim porque a Nossa senhora foi tecedeira (Tecelã Amarelo, durante entrevista em julho de 2011).

A dificuldade de trabalhar num espaço que não traz segurança de aposentadoria nem de doença tem um baixo ganho financeiro e traz problemas na saúde. É o cotidiano de mulheres e homens diariamente em Resende Costa, mas o tecelão Bordo explica: “o ganho da gente aqui é muito pouco...que muita gente não dá valor ao que a gente faz aqui, entendeu?” (entrevista com Tecelão Bordo, julho de 2011).

É comum ouvir das pessoas em Resende Costa que gostam de tecer, que consideram o trabalho terapêutico e bonito. Em geral, acredita-se que “entrar no tear é muito bom para a cabeça da gente, a gente se sente bem porque não tem tempo para pensar em tristeza nem em problema” (Tecelã Bronze durante pesquisa participante, 2012).

A preocupação em exercer um trabalho precário e desvalorizado sobressai em várias falas e sentimentos:

Eu gosto de trabalhar no tear, quando entro no tear não fico pensando em problemas, pra mim o tear é uma terapia que junto me dá um dinheiro, é um dinheirinho porque não é muito, é pouco. Tem muita gente que acha e pensa que para tecer não precisa nada só entrar no tear e bater e tudo está pronto, não é que eu ache que tecer é importante, eu não acho que não é muito sabe?! Porque é só tapete que eu teco, eu nem sô fichada<sup>65</sup>, é quase um trabalho de casa sabe? Mais tecer cansa, dá dor nas pernas e nos braços, a gente fica cansada e eu ganho cinquenta centavos para tecer um tapetinho, mais eu ganho um dinheirinho, é o que tem pra eu fazer. (Tecelã Dourada, durante entrevista em julho de 2011).

A preocupação com a aposentadoria, com a possibilidade de ter licença gestante e entrar no INSS, caso fique doente, é uma preocupação real e presente.

Fico preocupada, se eu fico doente? Se não consigo mais trabalhar? Aí eu faço o que? Por isso que eu sempre digo que não posso ficar doente, nem colocar atestado para não trabalhar, mesmo doente a

---

<sup>65</sup> Expressão utilizada pelas tecelãs referindo-se às lojas de artesanato localizadas no centro do município.

gente tem que vim. (Tecelã Cinza durante observação participante, 2012).

A preocupação da tecelã Cinza em não poder adoecer é verdadeira, e outras falas compartilham o mesmo sentimento:

Não adianta para entrar no tear tu tem que tecer muito, não tecer pouquinho, não tem ficar doente nem nada disso. Tem tear que tece muito ganha, que nem a minha mãe sustentou os filhos dela tudo com o tear, tudo a casa toda ela que pagava as despesas quase tudo com o tear. A minha mãe teve dez filhos aí morreu um ficaram nove filhos, foi tudo criado com tear, ela teceu desde novinha também então ela que sustentava. Só que naquela época ganhava mais porque naquela época pouca gente tecia, não era todo mundo que tecia sabe, e tecia colcha, tapete coisas que rendiam mais. Agora hoje, hoje todo mundo tece aí você ganha mais pouco né. A pessoa que entra no tear fica o dia inteiro no tear, sustenta a família. O tear como diz, sustenta sim, não é muito dinheiro, mas dá para você viver. (Tecelã Dourada, durante entrevista em julho de 2011).

Durante a escuta, foram muitas as pessoas que queriam deixar de tecer para ter outra ocupação mais valorizada, com salário fixo, carteira assinada, férias e 13.º salário, mas a pergunta é: o que fazer? Como fala a tecelã Cinza Claro, muito emocionada: “Pois é Amanda, eu não tenho condições de montar uma loja, não estudei muito, vivo aqui numa cidade pequena, quase perdida, o que mais posso fazer? (Tecelã Cinza Claro durante observação participante, 2012).

Dessa forma, a maioria fica ali nos teares e busca consolo:

Ah! porque eu acho que tecer é melhor que ser um servente de pedreiro ou ganhava quase a mesma coisa...só que o tear tinha que fazer muito, o dia todo, mas pelo menos saia limpinho de lá, né. (Tecelã Verde Fosco, durante entrevista em julho de 2011).

A precariedade deste trabalho nos salta aos olhos quando ouvimos a preocupação quase desesperada das mães em procurar que seus filhos e filhas não permaneçam toda vida no tear. Nas palavras da tecelã de 34 anos:

Aprendi sozinha, minha vó e minha mãe ficavam ali no tear tecendo, e eu ia vendo, até o dia que minha mãe disse T. entra no tear. Então, eu teci o primeiro tapetinho e nunca mais sai do tear. Hoje sustento meus filhos do tear. Mas não quero que meus filhos aprendam a tecer e fique aqui a vida toda, é um trabalho difícil. (Tecelã Azul Forte, durante entrevista em julho de 2012).

A Tecelã Violeta Claro tem 14 anos. Sonha em ir para a universidade em São João Del Rei, para ser médica. A menina trabalha no turno inverso ao da escola. Começou a tecer para poder comprar algumas coisas para ela, como batom, roupas e material escolar. O dinheiro também ajuda a mãe e a irmã, que são tecelãs.

Foi difícil conseguir falar com a tecelã Violeta Claro, isso porque o dono da loja que a contratou para tecer, sem carteira assinada, e a pagava por peça tecida, esteve quase todo o tempo por perto. Por vezes, respondi as perguntas pela menina. Explicou-me várias vezes que ela insistiu para trabalhar, que ele paga direitinho pela produção da menina e que, em dia de prova na escola, ela não precisa ir trabalhar, mas que, evidentemente, não recebe pagamento. A tecelã explica que:

Eu aprendi com minha mãe em casa, ela sempre trabalhou com tear, então ela ensinou eu e minha irmã, agora todas nós três tecemos. Eu trabalho só meio período porque quero ser médica. Aqui no tear a gente ganha pouco, mas eu gosto de tecer, foi o que minha mãe me ensinou e, com o tear, eu ganho meu próprio dinheiro e ajudo também nas despesas lá de casa. (Tecelã Violeta, observação participante em julho de 2012).

De todas as tecelãs entrevistadas ou com as quais conversei, durante a observação participante, nenhuma delas quer que seus filhos e filhas trabalhem na tecelagem.

Acho que meus filhos vão ter outros caminhos, eles vão estudar. A gente não estudou quase, eu quero que eles estudem, que formem, que arrumem qualquer coisa na vida e não fiquem igual nós batendo tear o dia inteiro quando dá [...] é um trabalho bonito sabe, eu gosto, mas é um trabalho dolorido. (Tecelã Azul Fosco durante entrevista em julho de 2012).

O incentivo para que os jovens estudem e larguem a tecelagem também vem de todas as partes. Durante as entrevistas, as tecelãs sempre incentivam jovens a trilhar outro caminho.

Muitos jovens aprendem e largam o artesanato. Largam e aí fica nós, que não tem como sair...Quem pode sair tem que sair...Tem que estudar, evoluir, porque tear não dá dinheiro não. Dá dinheiro para sobrevivência... (Tecelã Azul Turquesa durante entrevista em julho de 2011).

Segundo Eggert (2010), esta é a principal característica da precariedade do artesanato brasileiro. Não existe o menor interesse em que as próximas gerações trabalhem com o artesanato, e existe todo o esforço possível para a saída das pessoas desse trabalho. A tecelã Laranja, que tem 3 crianças: 2 meninos e uma menina, assim se expressa: “Amanda eu estou fazendo de tudo, batendo tear de segunda a segunda, todos os dias quase sem descanso, meus filhos vão ser doutor, todos, nenhum vai ficar fazendo tecelagem”. (Tecelã Laranja durante observação participante, 2012).

O desejo da não precariedade para filhos e filhas, amigos e amigas faz com que o anseio coletivo impulse os jovens a sair do trabalho da tecelagem:

Mas o pessoal de Resende Costa não trabalha com a perspectiva de ficar a vida toda num tear. Você vai ver muito adolescente tecendo aí, muita gente que faz faculdade, gente trabalha o dia inteiro, que acorda seis cinco horas da manhã, mas que não quer ficar, mas eles não têm a vontade de ficar a vida inteira no tear. (Tecelão Marfim durante entrevista em julho de 2011).

Em Resende Costa, a tecelagem é compreendida como um trabalho que potencializa o sustento financeiro das pessoas dessa comunidade; entretanto, na mesma medida, se compreende este trabalho como precário, desvalorizado e com um futuro cheio de inseguranças, sobretudo por não ser um trabalho com segurança trabalhista. Quem já está na tecelagem permanece. Várias vezes, nas falas, as pessoas se dizem gratas pelo trabalho que as sustenta, mas de forma alguma desejam tal insegurança e trabalho difícil e dolorido para as próximas gerações de suas famílias.

## 6.5 TENCIONANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO

**Pagu<sup>66</sup>**

*Mexo, remexo na inquisição  
Só quem já morreu na fogueira sabe o que é ser carvão  
Eu sou pau pra toda obra,  
Deus dá asas à minha cobra  
Minha força não é bruta,  
não sou freira nem sou puta*

---

<sup>66</sup> Patrícia Rehder Galvão, conhecida como Pagu, nasceu em São João da Boa Vista, no dia 9 de junho de 1910, e morreu aos 52 anos, na Cidade de Santos, em 1962. Escritora e jornalista, Pagu foi Militante comunista e a primeira mulher presa no Brasil por motivações políticas. Atualmente, a UNICAMP possui O Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_secao=11&id\\_noticia=132667](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=11&id_noticia=132667)>. Acesso em: junho 2014. Ver ainda: <<http://www.pagu.unicamp.br/>> e *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*, Rio de Janeiro, Agir, 2005.

*Porque nem toda feiticeira é corcunda,  
 nem toda brasileira é bunda  
 Meu peito não é de silicone,  
 sou mais macho que muito homem  
 Sou rainha do meu tanque,  
 sou Pagu indignada no palanque  
 Fama de porra-louca, tudo bem,  
 minha mãe é Maria ninguém  
 Não sou atriz, modelo, dançarina  
 Meu buraco é mais em cima.  
 (Música composta por Rita Lee, 2000)*

Como já citado anteriormente, as mulheres ensinaram os homens a tecer, e estes passaram então a fazer um trabalho que antes era quase que exclusivamente das mulheres. Fica a pergunta: homens e mulheres então tecem lado a lado? Compartilham da mesma dificuldade? A empiria nos mostrou que não: lendo, relendo e lendo novamente as entrevistas e o diário de campo, recordando todas as histórias contadas, existe uma distância entre a vida de homens e mulheres em Resende Costa, mesmo que ambos os sexos partilhem de um trabalho desvalorizado e precário.

Durante a empiria, a música de Rita Lee é encenada pelas mulheres: elas são pau para toda obra e têm uma força que não é bruta; vivem e lutam para tirar seus filhos e filhas deste trabalho árduo: “não, não Amanda, minhas filhas não! Bato tear dia e noite, elas vão pra universidade sim e vão ter renda fixa, vão sim...” (tecelã Púrpura). Enquanto a batalha das mulheres é travada, os homens, em grande maioria, trilham um caminho bem diferente. Aqui tencionaremos as relações entre os sexos na tecelagem manual.

### **6.5.1 Mulheres e Homens tecem lado a lado?**

Na primeira vista de Resende Costa, a gente literalmente tem a sensação de que o dito popular no município é correto e preciso: “Em Resende Costa não tem machismo, todo mundo tece igual, tanto os homens como as mulheres” (LIMA, 2010). De qualquer lado que olhamos, tem gente tecendo e barulho de tear. Por onde se passa, há poeira dos fios e mulheres sentadas nos muros baixos arrematando tapetes; vê-se homens e mulheres tecendo. Desse modo, olhando assim, à primeira vista, parece que tudo está indo muito bem, com relações de gênero justas e igualitárias. Contudo, quando começamos a ouvir as pessoas e a reparar o que não está dito nem é evidente aos olhos, percebemos uma outra história.

Fotografia 57 – Tecelão tecendo em tear manual. Resende Costa//MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Cinco coisas são bem distintas entre mulheres e homens na relação da tecelagem manual:

1. As mulheres trabalham conciliando tecelagem, trabalho doméstico e cuidado com os/as filhos/as e, na grande maioria, tecem em casa;
2. Tecelagem para os homens é profissão, coisa séria, e eles não gostam de ser importunados durante o processo de trabalho com os fios; a grande maioria dos homens tece no quintal de casa ou no fundo das lojas;
3. Todos os homens que entrevistei ou com os quais conversei durante a empiria são aposentados do primeiro trabalho, isso porque seguiram pagando o INSS para garantia de direitos trabalhistas;
4. Embora também teçam, em geral, os homens são os principais donos das lojas de artesanato ou trabalham com outros processos de comercialização de produtos para tecelagem, como a venda de retalhos vindos de Santa Catarina, fios e na fabricação e conserto dos teares;
5. Durante a empiria, encontrei inúmeras meninas que, a partir dos 12 anos, já estão trabalhando no tear no turno contrário do turno da escola. O trabalho,

segundo relato das meninas, é para comprar suas “coisinhas”. Por outro lado, durante a empiria, não vi nenhum menino da mesma idade das meninas no tear.

Essas questões fazem com que as relações de gênero no trabalho da tecelagem não sejam justas e igualitárias. As aparências de que tudo está muito bem nas relações de trabalho não é o que comprovamos quando contatamos com as pessoas imersas nesse cotidiano.

O que realmente ocorre é que as relações são desiguais e injustas às mulheres no sentido de permanecerem no tear, alternando o trabalho da tecelagem com o trabalho doméstico; dessa forma, se perpetuam no espaço privado. Por essa razão, as mulheres têm uma produção em geral menor do que a dos homens e, em consequência disso, ganham menos dinheiro.

Na maioria dos casos, existe uma grande tendência de que as meninas permaneçam no trabalho com os fios, isso porque, quando atingem cerca de 12 anos e querem ganhar um dinheirinho para comprar coisas para si ou ajudar nas despesas domésticas, elas veem no tear uma boa forma de ganhar um dinheirinho. Entretanto, dificilmente saem dali, ora porque pegam gosto pelos fios, ora porque não conseguem conciliar trabalho e estudo, ou ainda, porque se casam o que dificulta o processo de sair do município para estudar. É o que conta a tecelã de 22 anos:

Ah não dá pra culpar ninguém, minha mãe queria que eu fosse outra coisa na vida, que estudasse, mas comecei a tecer bem cedo para comprar minhas coisinhas, aí fui ficando aqui e quando vi já tô aqui a mais de 10 anos. (Tecelã Verde Forte durante observação participante, 2011).

A tecelã de 54 anos diz que briga com a filha para ela não tecer.

[...] não queria que ela tivesse a mesma vida que eu, trabalho muito, ganho muito pouco e não tenho nenhuma garantia, mas agora ela começou a tecer e está ganhando 20 reais por semana, aí eu acho que ela vai largar a escola porque daqui a pouco vai querer ganhar mais, (Tecelã Dourada, durante entrevista, 2012).

Na mesma entrevista, perguntei pelos filhos homens, ao que a tecelã Dourada respondeu:

Ah, eu ensinei eles também, ensinei todos, mas eles já são mais da rua mesmo, eles estão estudando, às vezes tecem uns tapetinhos pra ir na festa no sábado, mas acho que vão estudar, não fica enfiado em casa querendo tecer. (Tecerã Dourada, durante entrevista, 2012).

Em entrevista com a tecelã Fosco, que tece há 35 anos, a filha estava junto fazendo os arremates nos tapetes. Então lhe perguntei: e você? Como virou tecelã? Ela depressa respondeu: “Ah fui tecer pra fugir do trabalho de casa, não gosto de limpar e lavar louça, então vim prá cá tecer, me dei mal, porque a mulher sempre acaba tendo que lavar louça, quando é nova e quando fica velha, né mãe?” (filha da Tecelã Dourada, 2012).

Sendo assim, se perpetua, no mundo privado dos fios, as mulheres alternando simultaneamente o trabalho doméstico e o cuidado com os/as filhos/as e o marido. Elas trabalham como malabaristas para conseguir fazer todas as coisas que estão socialmente destinadas às mulheres: “Homem muito pouco mexe com coisa de casa, muito pouco ajuda. Eles mais é que trabalham mesmo, acho que a gente nasceu pra isso, fazer um pouco de tudo. (Tecerã Marrom, durante observação participante, 2011).

### **6.5.2 Mulheres permanecem no privado. Homens trilham o caminho público**

Mesmo sendo as protagonistas do processo de formação de quase uma cidade inteira, realizando, por meio disso, criação de trabalho para que os homens de Resende Costa possam ficar no município – atraindo turistas que compram nas lojas de artesanato e também consomem comida, bebida, abastecem carros, ônibus, que vão ao mercado, dormem nas pousadas, enfim, fazem girar a economia do município - as mulheres permanecem, em grande maioria, tecendo no privado das suas casas, conciliando vida doméstica e trabalho com os fios, com a simultaneidade da qual estão acostumadas.



Fotografia 58 – Peça pronta para ser tirada do tear. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora. 2012.

Nas palavras do tecelão Verde Limão: “Eu acho que a mulher tece mais, viu. Tece mais porque ela consegue conciliar as horas de dona de casa, cuidando do filho, arrumando o filho para ir para a escola e tudo e nas horas de folga ela está no tear”. (Tecelão Verde Limão em entrevista em julho de 2012).

Eu não sonho não em viver pra sempre aqui no tear. Não é meu sonho, queria estudar e ter um fixo. Faço isso porque me mantém né, dá pra manter, eu tiro aqui se trabalhar de segunda a sábado 800 reais por mês, e tem a vantagem que consigo cuidar das coisas de casa e também da minha filha. Faço almoço, janta, faço as tarefas de casa com ela e qualquer hora entrego no tear, é assim. (Tecelã Bronze, durante entrevista em julho de 2011).

Para os homens, tecelagem é profissão, coisa séria, e eles não gostam de ser importunados durante o processo de trabalho. As entrevistas com os homens foram mais difíceis, isso porque, quando estão trabalhando, não interrompem a produção. Era muito comum a frase “beleza moça, você que está fazendo perguntas de tecelagem é? Agora posso falar não, tô trabalhando, não posso parar, volta mais tarde, aí pelas 18h30 saio do tear, beleza?” (Tecelão Marfim durante tentativa de entrevista em junho de 2012). Frases como estas escutei várias vezes em que ia entrevistar os homens. Também não gostavam muito de observação. Mesmo eu falando que ia só olhar e perguntar umas coisas, a resposta era pra já: “moça, volta às 18h30, que é a hora que saio do tear, aí

você pode perguntar aí qualquer coisa que eu respondo, beleza!” (Tecelão Marfim durante tentativa de entrevista em junho de 2012).

Além disso, impressionantemente a maioria dos homens que entrevistei ou com os quais conversei durante a empiria são aposentados do primeiro trabalho, isso porque seguiram pagando o INSS para a garantia de direitos trabalhista; os que não são aposentados pagam o INSS ou tem algum amigo que possui loja que assinou a carteira deles com um salário mínimo para garantia de direitos. Um tecelão me pediu várias vezes para não identificá-lo e me disse: “meu amigo tem loja no asfalto, eu teço pra ele, ele me paga por produção e assina minha carteira com salário mínimo, coisa de amigo pra amigo, para poder ter garantia de futuro, mas é igual falei pra você não saio por ai falando isso ai. (Tecelão Verde Limão).

Outro tecelão me contou assim:

Eu voltei aqui pra cidade, era camioneiro em São Paulo, então voltei, mas continuei pagando meu INSS, para ter um pouco de dinheiro no futuro, ai então me aposentei. Agora eu e meu filho estamos com essa loja, eu já pago o INSS dele também isso é importante. (Tecelão Bordo, entrevista em julho de 2012).

Ao mesmo tecelão perguntei se ele tinha filhas trabalhando na tecelagem. Ele respondeu que sim, que tem duas. Então perguntei-lhe se ele também pagava INSS para as filhas, ao que me respondeu com um sorriso meio sem graça: “uai, a mulher tem uma vida diferente, já casam, cuida da família, se casam, não me preocupo muito com elas, então por isso ai que é diferente, pago não”. (Tecelão Bordo, entrevista em julho de 2012).

Ao fim, embora também teçam, em geral, os homens são donos das lojas de artesanato ou trabalham com processos de comercialização de produtos para tecelagem.

Aqui em Resende Costa assim, pra poder viver assim melhor tem que ter loja, eu tenho essa loja aqui e já estou fazendo outra lá bem na entrada. Sabe a rotula? Então, bem lá para pegar clientes que às vezes estão de passagem para São João Del Rei e não entram aqui na cidade. Tô bem confiante nos negócios vai ser beleza essa outra aí. (Tecelão Marfim, durante entrevista em junho de 2011).

Para esse tecelão, perguntei quem tecia para a loja dele.

Olha, eu teço, mais agora tô sem tempo porque é muita coisa assim de papelada e muita coisa, então eu pago tenho 10 tecelãs aí na cidade

que tece pra mim, pago por produção bem certinho, tudo certinho. (Tecerão Marfim, durante entrevista em junho de 2011).

Sendo assim, o trabalho dos fios trouxe desenvolvimento para o município, mas a divisão do público e privado está muito bem estabelecida: homens com o espaço público à frente dos negócios e tecendo de fato como um trabalho no qual é necessário foco, tempo e não ser “atrapalhado” durante o processo de produção. A maior parte das mulheres permanece no espaço privado, tecendo em casa, juntamente com os afazeres domésticos e o cuidado com as crianças, trabalhando no tear “como dá” e vendendo sua produção menor do que a dos homens para compradores (a maioria homens) que trabalham no comércio da venda dessa produção no município de Resende Costa e de Norte a Sul do Brasil.

## 7 ARREMATES FINAIS

Fotografia 59 – Peça pronta sendo tirada do tear Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2011.

Fotografia 60 – Tecelã fazendo arremate final em Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.



Em 1933, Fernando Pessoa escreve que “Há em tudo que fazemos uma razão singular” (PESSOA, 2003, p. 698), esta tese corrobora a poesia de Pessoa, porque não apenas a singularidade das tecelãs está presente nestes escritos, mas também a minha.

A conclusão de uma tese é o fim de quatro anos de trabalho. Quando este momento está próximo, existem diferentes sentimentos, e cada pessoa que passa por essa experiência descreve seu sentimento de formas distintas. Para mim, ao final deste trabalho árduo, meus sentimentos mais fortes são desejo e saudade: (a) desejo de continuar a pesquisa com mulheres que trabalham com o artesanato, de vivenciar relações sociais, raciais e de gênero mais justas e igualitárias; (b) anseio de permanecer na luta feminista, tanto na academia como na militância. O desejo moveu a realização do doutorado e a escrita desta Tese. Particularmente, desejo que este escrito auxiliará na qualificação da sororidade feminista da qual faço parte.

O outro sentimento é a saudade. Para Gebara (2010, p. 16), “a saudade recupera tempo, reinventa-os, modifica-os”. Sinto saudade de estar em Resende Costa, saudade da pesquisa empírica, da escuta, das inúmeras leituras, de cortar as montanhas de Minas Gerais com aquele verde tão bonito e poético, saudade de ajudar as tecelãs no início da noite no arremate final dos tapetes. Saudade da escrita desta Tese, feita, na maior parte do tempo, no meu escritório, ouvindo as entrevistas feitas com as tecelãs, alternando com as músicas das minhas cantoras favoritas: Nina Simone, Elis Regina, Mercedes Sosa, Maria Bethania e Amy Winehouse. São coisas que, com o passar do tempo, vou lembrar e ter saudades delas. Nas palavras de Gebara:

Saudade é uma palavra que evoca, com frequência, emoções positivas, embora marcadas por uma tristeza nostálgica. Muitas vezes achamos que ter saudade é algo bom, apesar daquela ponta dolorosa que fica no coração. É algo que nos remete ao reconhecimento de que algumas situações vividas ainda são capazes de nutrir as nossas aspirações e nossa vida presente. (GEBARA, 2010, p. 16)

Se esta Tese tivesse um nome e não um título, seguramente se chamaria Maria, nome forte e comum nas Minas Gerais. Se tivesse um cheiro seria do café que me foi servido inúmeras vezes com a hospitalidade das diversas pessoas que me contaram suas histórias de vida e abriram para mim suas casas, suas lembranças e seus corações. Se esta Tese tivesse um gosto certamente seria do queijo que foi oferecido a mim uma porção de vezes e geralmente tinha nome e endereço: “Amanda, esse queijo foi feito pela dona tal, que mora na rua tal”. Se esta Tese tivesse um barulho seria o dos teares já

batendo antes do dia amanhecer; se tivesse uma música seria Maria, Maria. Por fim, se tivesse cor, ela seria múltipla - todas as possíveis e imagináveis - pois a criatividade que está em Resende Costa tem muitas facetas e cores diferentes que compõem os produtos colocados esteticamente nas estantes para a venda.

Todavia, escrever uma tese não é nada fácil: noites mal dormidas, cansaço, desânimo, emoção, alegria e todas essas coisas que compõem um trabalho longo e difícil. Llosa (2012, p. 164) escreve que “Es fácil saber lo que quieres decir, pero no decirlo”. Penso que o mais difícil é isso: escrever o que se quer escrever. Esse é um exercício aprimorado na prática diária, assim como a tecelagem.

Durante o II Congresso Internacional da EST, o pesquisador Adilson Schultz iniciou a apresentação do seu trabalho<sup>67</sup> reforçando os escritos de Martha Nussbaun (2002). Schultz (2014) fala que: “de acordo com a ONU, as mulheres comem menos, ganham menos dinheiro, sofrem mais violência, têm menos direito de ir e vir têm menos prazer sexual e adoecem mais”. Com base nesses dados, reforçamos ainda mais os estudos sobre mulheres, principalmente na América Latina, pois não tem sido fácil a vida das mulheres, sobretudo para as mais pobres. Os dados em números realizados pelos organismos internacionais não são nada animadores e, na pesquisa diária, quem se debruça sobre a questão das mulheres como foi o objetivo desta Tese, verifica esses dados na prática, nas conversas, nas histórias, no dia a dia das mulheres. Elas trabalham muito e se esforçam para viver uma vida melhor e, além disso, buscam formas de dar uma vida melhor para seus filhos e filhas.

A pergunta que fiz e que gerou esta Tese foi: Como ocorre o processo pedagógico de ensinar e aprender a tecelagem manual em Resende Costa, realizado pelas mulheres? Consequentemente, o objetivo central, conforme citado na página 21, foi: Analisar o processo de ensinar e aprender da tecelagem manual em seu contexto histórico: o cotidiano das mulheres.

A suspeita central desta Tese é de que, entre os fios, existem processos, conhecimentos, técnica, estética e complexidade. Entretanto, a suspeita é de que, por ser uma produção feminina, sua complexidade dá lugar ao invisível e à desvalorização. Dessa forma, o artesanato dos fios passa a ser um processo pouco reconhecido e financeiramente desvalorizado. Esse processo, segundo Eggert (2004, 2010, 2011),

---

<sup>67</sup> Trabalho intitulado “Culpa e responsabilidade: aspectos sócio-teológicos do processo de responsabilização de homens que cometem atos de violência contra a mulher”. Apresentado no Congresso Internacional da EST em agosto de 2014. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso>>. Acesso em: setembro 2014.

torna o trabalho do artesanato dos fios precário, e a produção das mulheres fica à margem e desvalorizada, tanto para as mulheres como para os homens.

Nesse conjunto de questões, objetivos e suspeitas, posso dizer que as descrições que consegui produzir ao longo deste texto concretizam diversos aspectos pedagógicos que podem ser compreendidos como caminhos de ensinar e aprender a fazer.

Ao fim deste trabalho, concluo que o processo de ensinar e aprender da tecelagem manual é realizado pelas mulheres no cotidiano privado. Os ensinamentos sobre a tecelagem são passados de mãe para filha através das gerações, num processo de formação que é composto pelas experiências e pelo desejo de partilhar. Esse processo tem como ponto de partida a experiência adquirida ao longo da vida. O compartilhar do conhecimento das mulheres de Resende Costa foi além dos muros das casas, que geralmente, em Minas Gerais, são altos. Um dos principais papéis reservados à educação consiste em potencializar a humanidade da sua capacidade de traçar caminhos para o seu próprio desenvolvimento. Neste sentido, o estudo proposto em Minas Gerais contribuirá na visibilização do trabalho privado e público da mulher.

Jacques Dellors (2006) sinaliza que a educação, por si só, não serve apenas para qualificar as pessoas no mundo da economia, mas, sim, para promover e desenvolver talentos:

[...] desenvolver talentos e as aptidões de cada correspondente, ao mesmo tempo, à missão fundamentalmente humanista da educação, à exigência da equidade que deve orientar qualquer política educativa e às verdadeiras necessidades de um desenvolvimento endógeno, respeitador do meio ambiente humano e natural, e da diversidade de tradições e de culturas. (DELLORS, 2006, p. 85)

No aprender a fazer, a pessoa está mais estritamente ligada ao campo da formação, do saber e do saber-fazer que, juntos, compõem a competência e o conhecimento da técnica, como também a capacidade de comunicar-se, de trabalhar com os outros, de gerir sua vida privada e pública, de resolver conflitos e de tornar-se cada vez mais visível. Isso porque, mesmo a tecelagem sendo fundamental para Resende Costa e trazendo trabalho para a comunidade local, esta arte, rica em técnica e conhecimento, ainda é colocada à margem do conhecimento formal. Além disso, a tecelagem segue sendo um trabalho visto como “bico”, principalmente por ser um trabalho predominantemente feminino. As mulheres que fazem este trabalho o fazem

simultaneamente com todas as tarefas de cuidado com a casa e a família. Já os homens, não. Estes fazem com “exclusividade” o trabalho da tecelagem.

Quando os homens são ensinados pelas suas mulheres a tecer, em meados dos anos 1980, foi à falta de trabalho e as constantes saídas desses homens, muitos deles pais de família, que ocasionaram essa movimentação entre as mulheres de Resende Costa. Dessa forma, o processo de ensinar saiu da casa onde as mulheres ensinavam suas filhas. Por falta de trabalho para os homens, as mulheres literalmente ensinaram uma localidade quase que inteira a tecer e, por intermédio delas, se desencadeou um processo de desenvolvimento. Porém, este desenvolvimento, que fez o município crescer e que criou uma alta produção artesanal, trazendo emprego para muitas pessoas, não é o desenvolvimento proposto por Sen (2009, 2011).

A lógica do pensamento desse autor amplia a definição de desenvolvimento que contemplava apenas a renda *per capita* do país, muito mais ligada ao conceito de crescimento que em nada garantia a distribuição dos benefícios para a população. Dessa forma, o desenvolvimento deveria contemplar a distribuição de bens, e as pessoas deveriam ter a possibilidade de se beneficiar das riquezas produzidas no lugar onde vivem, lugar este em que as pessoas são protagonistas dessas riquezas. No entanto, o que vemos em Resende Costa é que as mulheres, em grande maioria, ainda permanecem as mais pobres, isso porque têm menos produção do que os homens e permanecem no espaço privado, conciliando o duplo trabalho: doméstico e têxtil.

O processo de ensinar é invisibilizado tanto pelas pessoas que vivem na *cidade dos teares* como pelas inúmeras pessoas que transitam por esse lugar para comprar.

Se o processo de ensinar da tecelagem é invisível, o processo de trabalho com os fios é visível. No trabalho diário da tecelagem, trabalham homens, mulheres e meninas adolescentes. É um trabalho que todo mundo vê e cujo produto todos compram. Porém é um trabalho mais desvalorizado quando feito por mulheres. Em nossas observações, vemos que, enquanto as mulheres trabalham conciliando tecelagem, trabalho doméstico e cuidado com os/as filhos/as e familiares em geral, elas tecem em casa, fazendo um movimento simultâneo, um movimento nada simples, que não é realizado pelos homens, esses mesmos homens que se dedicam exclusivamente para o trabalho de tecer.

A tecelagem para os homens é profissão, coisa séria, e eles não gostam de ser importunados durante o processo de trabalho com os fios. A grande maioria dos homens tece no quintal de casa ou no fundo das lojas. Todos os homens que entrevistei são



aposentados do primeiro trabalho, isso porque seguiram pagando o INSS para garantia de direitos trabalhistas.

Eles também tecem e são os principais donos das lojas de artesanato ou trabalham com outros processos de comercialização de produtos para tecelagem, como a venda de retalhos vindos de Santa Catarina, que são transformados em fios e com os quais se fabricam os tapetes. Os homens também são os responsáveis pelo conserto dos teares.

A precariedade do trabalho artesanal pode ser verificada na força com que as mulheres do lugar desta pesquisa buscam tirar, principalmente suas filhas, deste trabalho. Todas as entrevistadas afirmaram que gostam da tecelagem, que gostam de tecer e que acham bonito e útil que as filhas aprendam a tecer, contudo não querem que permaneçam no tear porque, segundo elas, é um ofício em que se trabalha muito, se ganha pouco dinheiro e se adoce bastante.

Entretanto, mesmo na precariedade de uma formação invisível e desvalorizada (incluindo aqui a Educação Formal) as mulheres nas montanhas das Minas Gerais criam a partir de uma inventabilidade estética, fios, tramas, cores e repassos. Os desenhos tramados nos tapetes trazem a singularidade e experiência da vida cotidiana das mulheres. Os repassos podem ser um sinônimo de diário, pois ali temos as mulheres desenhando suas vidas. As tecelãs criam cada um deles, e é tradição guarda-los e repassá-los às próximas gerações. A tecelã que criou o repasso o batiza com um nome significativo. Temos, em Resende Costa, mais de 50 repassos que vêm, através dos anos, sendo mantidos nas famílias pelas mulheres, uma estética cheia de inventabilidade criada pelas mãos das mulheres.

Para Bartra (2008), é preciso reverter à dupla marginalização intelectual da arte popular. Para essa autora, “El arte popular es considerado de segunda, elaborada por gente también de segunda” (BARTRA, 2008, p. 12). A autora argumenta ainda que a atividade criativa desenvolvida pelas mulheres na arte popular é apenas mais uma das muitas produções das mulheres que ficam invisíveis. Afirma que a arte desenvolvida pelas mulheres é tão invisível quanto o trabalho doméstico realizado diariamente por elas no cotidiano ordinário (GEBARA, 2008).

Para o feminismo, o privado é político e o trabalho diário de fazer esse movimento - politizar o privado – é uma das formas de reverter à marginalização do trabalho desenvolvido pelas mulheres. Sobre isso, Richard Sennet (2009) aponta que a

maior parte dos ofícios e de quem os exerce nos espaços privados produzem um caráter distinto do que é feito fora de casa.

Nancy Pereira registra: “A contribuição ética do feminismo se dá na insistência de que o pessoal é político, o cotidiano é histórico, a reprodução é produtiva, a produção é distributiva, o consumo criativo” (PEREIRA, 2009, p. 232). Em vista disso, o feminismo contribui para visibilizar o invisível, destacando que o que é tecido no cotidiano da casa, na vida privada das mulheres, é político, histórico e produtivo, e por meio da denúncia de que a sociedade patriarcal inferioriza o conhecimento das mulheres vem reconhecer que, entre os fios, existe conhecimento.

A partir desse reconhecimento, podemos afirmar que, “a lo largo de la historia de la humanidad las mujeres estábamos ahí, inteligentes, activas, compasivas y creativas”. (HIERRO, 2007, p. 15). Essas mulheres continuam realizando suas criações, mesmo que o trabalho delas fique na total invisibilidade, desvalorização e precariedade.

No seu livro *El eterno Feminino*, Rosario Castelhanos (2012, p. 07) afirma que: “Debe haber otro modo...otro modo de ser humano y libre. Otro modo de ser”. Lagarde enfatiza que “las feministas sintetizan la experiencia colectiva, critican y proponen a la sociedad en su sociedad, en su conjunto pactos sociales (LAGARDE, 2011, p. 779). 2011). Desse modo, entendo que os deslocamentos realizados nesta Tese, além de sistematizarem o processo de formação das mulheres de Resende Costa, contribuem para sair da priorização do sexo masculino para a igualdade entre homem e mulher.

Nesse conjunto de retomadas conclusivas, é fundamental remeter que a trama é mais complexa do que simplesmente concluir por concluir. O caminho invisível trilhado pelas mulheres no campo do artesanato e sistematizado por pesquisadoras tanto dos Estudos Feministas como da Educação Popular vem fazendo uma retomada encantadora e com muitos desafios no qual esta Tese esta incluída.

Desta forma, com base neste dialogo – Educação Popular e Estudos Feministas – realizado nessa investigação entendeu-se que não existem saberes maiores, mais importantes ou significativos, mas saberes diferentes (Freire, 2001, 2003) e que sua hierarquização foi construída socialmente deixando à margem grupos “menos” “importantes” na hierárquica social, entre estes grupos estão as mulheres, suas produções e seus processos de ensinar e aprender.

Desta forma, o desejo é que esta investigação possa em alguma medida mover outros escritos e reflexões de luta, pois sabemos que o escrito aqui posto foi movido por

muitos outros realizados em toda América Latina. Isto posto, a luta continua em todos os espaços, incluindo o acadêmico.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. Sulear. *In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

AGUIAR, Neuma. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo**. Sociedade e Estado, Brasília, v.15, n. 2, jun.-dez. 2000.

ALHEITI Peter; DAUSIEN Bettina . Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. *In: Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 1, jan./abr. 2006.

ALVES, Branca & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo. Brasiliense, 2003.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith&GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ANDRADE, José Cristóvão de. **Reestruturação Produtiva e Condições de Trabalho - um estudo dos trabalhadores da indústria de fiação e tecelagem de algodão de Campina Grande - Paraíba**. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2001.

APARO, Ermanno; POMBO, Fátima; LAUDA, Giovanni . A Cerâmica e a Joalheria: O design como agente de sobrevivência de duas culturas materiais. *In: Revista de comunicação e Cultura Caleidoscópio*. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2285>. Acesso em: mar. 2014.

BAPTISTA, Elza Hirata. **O ensino da tecelagem manual sob ótica sociocultural - um estudo desenvolvido com mulheres presidiárias como alternativa para inclusão social**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação. Santa Maria-RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

BARDINI, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 1995.

BARTRA, Eli (org.). **Criatividade invisible. Mujeres e arte popular en América Latina e Caribe**. Universidade Autônoma Metropolitana. Xochimilco, 2004.

BARTRA, Eli. **Mosaicos de criatividade: Experiências de Arte Popular**. Universidade Autônoma Metropolitana. Xochimilco, 2013.

BARTRA, Eli. Reflexiones metodológicas. *In*: BARTRA, Eli (org.). **Debates en torno a una metodología feminista**. Universidade Autônoma Metropolitana. Xochimilco, 2002.

BARTRA, Elí. **Rumiando en torno a lo escrito sobre mujeres y arte popular**. La ventana [online], Guadalajara, vol. 3, n. 28, p. 7-23, 2008.

BARTRA, Elí. **Mujeres en el Arte Popular: de promesas, tradiciones, monstruos y celebridades**. Universidade Autônoma Metropolitana. Xochimilco, 2005.

BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, Martin & GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENSUSAN, Hilan. Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan.-abr. 2004.

BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem**: Histórias do Clube da Esquina. Editorial Geração. Rio de Janeiro, 1996.

BOSCH, Esperanza; FERRER, Victoria & GILI, Margarita. **Historia de la misoginia**. Barcelona: Anthropos Editorial, 1999.

BOTTI, Mariana Meloni Vieira. Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher. *In: Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21, 2003.

BRACELI, Rodolfo. **Mercedes Sosa, La Negra**. Editora Sudamerica, Buenos Aires: 2009.

BRANDAO, C. R. **Saber e ensinar**: três estudos de educação popular. Campinas: Papyrus, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Em campo aberto**: escritos sobre educação popular. São Paulo: Cortez, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos** – a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura Popular. *In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo. **Pesquisa participante**. O saber da Partilha. São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

BRITES, Olga. Crianças de revista (1930-1950). *In: Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n.1, jan./jun. 2000.

BUENO, Luçany Sila. **As técnicas tradicionais das fiandeiras e tecedeiras de hidrolândia – Goiás**. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural). Programa de Pós-Graduação do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Universidade Católica de Goiás, 2005.

CANO, Laura Alonso. Marcela Lagarde y de Los Rios. *In: 1325 Mures tejiendo la paz*. Madri, Fundación Cultura de Paz, 2009.

CASTELLANOS, Rosario. *El Eterno Femenino*. Fondo de Cultura Económica. Cidade do México, 2012.

CASTRO, Amanda Motta. EGGERT, E. Apontamentos sobre a epistemologia feminista. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 26, jul.-dez. 2012.

CASTRO, Amanda Motta; ALBERTON, M. ; EGGERT, Edla . Nísia Florestan, a mulher que ousou desafiar sua época: Educação e Feminismo. **POIÉISIS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação** (Unisul), v. 3, 2010.

CASTRO, Amanda Motta. **A pedagogia das feminilidades aprendida na Assembléia de Deus e as implicações no cotidiano "ordinário" de mulheres tecelãs**. Dissertação de mestrado. Centro de Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2011.

CASTRO, Amanda Motta; BECKER, M. R; EGGERT, E. Técnica e Arte: Trabalho artesanal produzido por mulheres e sua (in)visibilidade social. *In: VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero*, 2010, Curitiba. Curitiba: UTFPR, 2010.

CASTRO, Amanda Motta. **Reafirmações do feminino no Movimento Pentecostal: implicações no cotidiano “ordinário” de tecelãs**. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

CAZUZA. **O tempo não para**. Gravadora: Universal Music Group. 1988.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CIRILO, Aparecido José. **Meninos de fibra: um estudo da arte como elemento na formação psicossocial do grupo de tecelagem do Orfanato Cristo Rei**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1999.

COELHO, Luciana. **Aos 70, Dorothy Counts relembra a experiência de ser a 1.<sup>a</sup> menina negra em um colégio de Charlotte**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1150525-aos-70-dorothy-counts-relembra-a-experiencia-de-ser-a-1-menina-negra-em-um-colegio-de-charlotte.shtml>>. Acesso em: 2013.

CORREA, Mariza. **Trampas do traje**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000100008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 2011.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Disponível em [www.agende.org.br/.../EmpoderamGuadalajaraento%20-%20Ana%20Alice.pdf](http://www.agende.org.br/.../EmpoderamGuadalajaraento%20-%20Ana%20Alice.pdf). Acesso em 21 de setembro de 2010.

CRUZ, Sor Juana Inés de la. **Obras Completas**. Cidade do México. Editorial Porrúa, 2010.

CUNHA, Aline Lemos. **Histórias em múltiplos fios: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fé – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

CUNHA, Elisa Ribeiro Alvares da. **Famílias do ramo de rede: tecelagem, negócios e viagem no sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte**. 2006. Dissertação

(Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

DEIFET, Vanda. O corpo e o cosmo. *In*: TIBIRI, Marcia; MENEZES, Magali; EGGERT, Edla. **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. São Paulo: C. E. Nacional, 1976.

DÍAS, Laura Mota. **Instituições do estado e a produção e reprodução da desigualdade na América Latina**. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/clacso/crop/cattapt/06mota.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

DOLORES, Maria. **Biografia. Travessia: A Vida de Milton Nascimento**. Editora RCB. Rio de Janeiro. 2006.

DORLIN, Elsa. **Sexo, género y sexualidades: introducción a la teoría feminista**. Buenos Aires: Claves, 2009.

DUARTE, Claudia Renata. **A tecelagem manual no Triângulo Mineiro – história e cultura material**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

DUARTE, Claudia Renata. **História e cultura material: a tecelagem manual no Triângulo Mineiro**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: Vida e Obra**. Natal: UFRN, Editora Universitária, 1995.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba, v. 24, n. 24, 2004.



ECHEVERRIA, Regina. **Furacão Elis**. Inclui cronologia e discografia por Maria Luiza Kfoury. Rio de Janeiro: 1994.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo, Perspectiva. 2012.

EGGERT, Edla (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

EGGERT, Edla. (Org.). **(Re)Leituras de Frida Kahlo: Por uma ética da diversidade machucada**. Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2008.

EGGERT, Edla. A graça do mundo do lado de baixo do equador. *In*: PEREIRA, Nancy; EGGERT, Edla; MUSSKOPF, André S. **A graça do mundo transforma Deus**. Porto Alegre: Ed. Metodista, 2006.

EGGERT, Edla. A mulher e a educação: possibilidades de uma releitura criativa a partir da hermenêutica feminista. **Estudos Leopoldenses – série Educação**, São Leopoldo, v. 3, n. 5, jul./dez. 1999.

EGGERT, Edla. domÉSTICO, Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. *In*: STRÖHER, Marga J. (Org.). **À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

EGGERT, Edla. **Educação popular e teologia das margens**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003.

EGGERT, Edla. **Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcrita)**. 1998. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade de Teologia. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1998.

EGGERT, Edla. **Narrar processos: Tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

EGGERT, Edla. Narrativas: uma filosofia a partir da experiência das mulheres? *In*: TIBIRI, Macia, MENEZES, Magali e EGGERT, Elda. **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

EGGERT, Edla. SILVA, Marcia Alves da (Orgs.). **A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes**. Pelotas: UFPel, 2009.

EGGERT, Edla. Trabalho Manual e Debate Temático: tramando conhecimentos na simultaneidade. *In*: NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). *In*: **Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

EGGERT, Edla. Trabalho precário x profissionalização de tecelãs: um desafio para a formação educacional no campo do artesanato gaúcho. *In*: **Anais do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. Curitiba: UFTPR, 2010.

FAOUR, Rodrigo. **História sexual da MPB: A evolução do amor e do sexo na canção brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FECLESC, Nathalia Bezerra. **Mulher e universidade: a grande luta contra a invisibilidade**. Disponível em:

<<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/420-07082010-184618.pdf>>.

Acesso em: fev. 2013.

FERRARI, Terezinha. **Ensaio de classes: o centro das indústrias de fiação e tecelagem de São Paulo (1919-1931) - Estudo sobre a organização do empresariado têxtil durante os vinte anos**. 1988. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.

FERRE, Rosário. **Sítio a eros**. México, Joaquín Mortiz, 1980.

FERREIRA, Jorge Augusto. **Competitividade da indústria brasileira de fiação e tecelagem: o caso cedro cachoeira**. 2005. Dissertação (Mestrado Profissional em

Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdade de Educação. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2005.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. **As origens cristãs da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. **Caminhos da sabedoria**: uma introdução à interpretação Bíblica feminista. São Bernardo do Campo: Nhauduti, 2009.

FISCHER, Beatriz T. Daudt . Memórias do Ensino em Novo Hamburgo: documentos e acervos (1940-2009). NH na escola – **Caderno mensal do Jornal NH**, Novo Hamburgo-RS, p. 2 - 2, 29 out. 2012.

FRANK, Otto H. & PRESSLER, Mirjam. **O diário de Anne Frank**: edição definitiva. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. Cortez Editora; 1991

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo, editora Cortês, 2001.

GAJARDO, M. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GALEANO, Eduardo. **Os filhos dos dias**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GALLIANO, Guilherme. O método científico e suas aplicações. *In: O método científico: teoria e prática.* São Paulo, Ed. Harbra, 1986.

GEBARA, Ivone. **As águas do meu poço.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. *In: NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). In: Epistemologia, violência, sexualidade: olhares, do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.* São Leopoldo: Sinodal, 2008.

GEBARA, Ivone. **La trama de la vida:** Algunos hilos cristianos filisóficos y feministas. Montevideo: Doble Clic, 2011.

GEBARA, Ivone. **O que é saúde.** São Paulo: Brasiliense, 2010.

GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio:** Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista.** São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GEBARA, Ivone. **Trindade:** palavra sobre coisas velhas e novas. Uma perspectiva ecofeminista. São Paulo: Paulinas, 1994.

GERGEN, Mary McCanney. **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento.** Brasília. 1999.

GIARD, Cozinhar. *In: A invenção do cotidiano 2.* Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOÉS, Ludenbergue. **Mulher brasileira em primeiro lugar:** o exemplo e as lições de vida de 130 brasileiras consagradas no exterior, Ediouro, 2007.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor.** São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In:* MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

GONDIM, Maria Stela da Costa. **A inter-relação entre saberes científicos e saberes populares na escola: uma proposta interdisciplinar baseada em saberes das artesãs do Triângulo Mineiro.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Faculdade UnB Planaltina. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

GOSS, Karine Pereira. Trajetórias militantes: análises de entrevistas narrativas com professores e integrantes do movimento negro. *In:* WELLER, Wivian & PFAFF, Nicolle. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação teoria e prática.** Petrópolis: Vozes, 2010.

HADLER, Leila. **Tecelagem artesanal com lã: da cultura popular ao campo da moda uma experiência vivenciada pelo núcleo de produção da tecelagem em Pelotas - RS.** 1995. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Faculdade de Economia. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 1995.

HARDING, Sandra. ?Existe uno método feminista? *In:* BARTRA, Elí (org). **Debates em torno a una metodología feminista.** UAM. Cidade do México, 2002.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum: Ensaio sobre Educação ético-estética.** Editora UNIJUÍ, Ijuí, 2010.

HESS, Remi. Momento do diário e diário do momento. *In:* ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** EDIPUCRS, Porto Alegre, 2006.

HIERRO, Graciella. **De la domesticación a la educación de las Mexicanas**. Torres Asociados, 2007.

HIERRO, Graciella. **Ética de la Libertad**. Cidade do México. Torres Asociados, 2003.

HIERRO, Graciella. **La violencia moral contra las mujeres mayores**. Disponível em: <[http://www.creatividadfeminista.org/articulos/violencia\\_viejas.htm](http://www.creatividadfeminista.org/articulos/violencia_viejas.htm)>. Acesso em: nov. 2013.

HIERRO, Graciella. **Me confieso mujer**. Cidade do México: DEMAC, 2004.

HIRATA, Helana. **Dicionário crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 1010.

HIRATA, Helana. **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2008.

HUBBARD, Ruth. Algumas idéias sobre a masculinidade das Ciências Naturais. *In:* IHU. **Uma clara opção pelos direitos das mulheres**. Entrevista com Ivone Gebara. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/511796>>. Acesso em: 2012.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

JOHNSON, Allan. **Dicionário de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo: Um autorretrato íntimo**. Rio de Janeiro: José Olympio. 2012.

KERGOAT, Prisca. Ofício. *In:* HIRATA, Helena; LABORIE, Franloise (org). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2011.

KIECHALOSKI, Zeca. Elis Regina. **Col. Esses Gaúchos**, Porto Alegre, 1984.

KIPPER, Áquila. **Tecelagem manual.** Disponível em: <http://www.tecelagemmanual.com.br/paginal4.htm>. Acesso em: jun. 2012.

LAGARDE, Marcela. **Claves feministas.** Madri: Horas & Horas, 2005.

LAGARDE, Marcela. **Gênero y feminismo - desarrollo humano y democracia.** Madrid: Horas & Horas, 1996.

LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas.** 4. ed. Ciudad del México: UNAM, 2011.

LAGARDE, Marcela. **El feminismo en mi vida.** Hitos, claves y topías. Ciudad del México: Gobierno del Distrito Federal, 2012.

LAMAS, Marta. **Cuerpo: diferencia sexual y género.** Ciudad del México: Taurus, 2002.

LANZELOTTI, Gilberto. **História da tecelagem artesanal no Brasil.** Disponível em: <<http://guiadecorar.com.br/posts/visualiza/1493>>. Acesso em: 10 out. 2009.

LAU, Liége Pires do Rosário. **Mulheres tecelãs e as novas tecnologias de produção: estudo de caso em uma empresa têxtil do Rio Grande do Sul.** 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artes Médicas, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LIBBY, Douglas. Notas sobre a produção têxtil brasileira no final do século XVIII: novas evidências em Minas Gerais. **Estudos econômicos**, v. 27, n. 1, jan./abr. 1997.

LIMA, Maria Alice Silverio. **Arte Popular in Natura - Artesanato Em Pedra - Fios - Barro - Fibras** – Rio de Janeiro Madeira. RÉPTIL, 2010.

LIMEIRA, Ana Cristina Santos. **Currículo integrado do PROEJA: um estudo dos (des)encontros de várias práticas e saberes**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, 2010.

LLOSA, Mario Vargas. **La ciudad y los perros**. Cidade do Mexico: Prisa Ediciones, 2012.

LODY, Raul Giovanni. **Artesanato brasileiro: Tecelagem**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

LONGINO, Helen. Epistemologia Feminista. *In*: GRECO, Jonh & SOSA, Ernest. **Compêndio de epistemologia**. São Paulo: Loyola, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: PRIORE, Mary del (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Costexto, 2006.

MACEDO, Concessa Vaz de. A indústria têxtil suas trabalhadoras e os censos da população de Minas Gerais do século XIX: uma reavaliação. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 35, jan/jun. 2006.

MACEDO, Concessa Vaz de. A produção têxtil de fios e tecidos em Minas Gerais. 2003. Disponível em: <[http://www.mao.org.br/fotos/pdf/biblioteca/macedo\\_01.pdf](http://www.mao.org.br/fotos/pdf/biblioteca/macedo_01.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2012.

MAGNANI, José Guilherme C. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. *In*: CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MARCH, Aleida. **Evocación mi vida al lado del Che. Los recuerdos de la compañera de lucha y de vida de Ernesto Che Guevara**. Cuba: Ocean Sur. 2012.

MARÍAS, Júlian. **A mulher no século XX**. São Paulo: Convívio, 1981.



MARX, Kal. **O capital crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MATOS, Olgária. Benjamin e o feminino: um nome, o nome. *In*: TIBIRI, Marcia;

MATTOS, Maria Ilzada & BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. *In*: PINSKY, Carla & PEDRO, Joana. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MAX-NEEF, Manfred. **“Empoderamento” de comunidade e desenvolvimento alternativo. Pedagogia Social – Artigos. Associação de Pedagogia Social de Base Antroposófica do Brasil**, Boletim n. 17, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.pedagogiasocial.com.br>>. Acesso em: 09 set. 2011.

MAZZARINO, Jane Márcia. **A cidadania na tecelagem das interações comunicacionais-midiáticas do movimento socioambiental**: um estudo de caso do Centro de educação Ambiental da Vila Pinto em Porto Alegre. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Centro de Comunicação, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

MEDEIROS, Mitiko Kodaira. **O segredo da trama: desvendando a comunicação na tecelagem popular brasileira**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, São Paulo: Universidade Paulista, 2002.

MELO NETO, José Francisco de. **EDUCAÇÃO POPULAR - sistema de teorias intercomunicantes**. *In*: José Francisco de Melo Neto; Agostinho da Silva Rosas. (Org.). **EDUCAÇÃO POPULAR - enunciados teóricos**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2008.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**. Espanha, vol. 62-93, 2002.

MENEZES, Magali; EGGERT, Elda. **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. *In*: Maria Cecília de Souza Minayo (org.). **Introdução**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MISTRAL, Gabriela. **Bendita mi lengua sea**: diario íntimo de Gabriela Mistral. Santiago de Chile: Planeta Chilena, 2002.

MOLINA, Rosane. Experiência. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MONTIEL, Amiée. Por la visibilidad de las amas de casa: rompendo la invisibilidad del trabajo doméstico. *In*: **Política y Cultura**, México, n. 28, 2007.

MURIÀ, Anna. **Crónica de la vida de Agustí Bartra**. Cidade do México: Fondo de Cultura Economico, 2013.

NASCIMENTO, José do. **Catarina Benincasa de Siena: “a escrita de si”**. 2011. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós- Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

NASSIF, Luiz. **Elizabeth Eckford, a mulher que desafiou o racismo americano**. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/elizabeth-eckford-a-mulher-que-desafiou-o-racismo-americano>>. Acesso em: 2012.

NEUENFELDT, Eliane. **Práticas e experiências religiosas de mulheres no Antigo Testamento: considerações metodológicas**. Disponível em: [http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4601\\_2006/et2006-1f\\_eneuenfeldt.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4601_2006/et2006-1f_eneuenfeldt.pdf). Acesso em: outubro 2012.

NEUENFELDT, Eliane. **Diálogo entre a leitura popular e a leitura feminista da Bíblia.** Disponível em:

[http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4502\\_2005/et2005-2i\\_eneuenfeldt.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4502_2005/et2005-2i_eneuenfeldt.pdf). Acesso em: outubro 2012.

NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). Epistemologia, violência, sexualidade: olhares. **II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.** São Leopoldo: Sinodal, 2008.

NUNES, João Arriscado. O Resgate da Epistemologia. *In:* SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** Coimbra: CES, 2009.

NUSSBAUM. Martha. **Las mujeres y el desarrollo humano.** Barcelona. Herder. 2000.

OLIVEIRA, Alessandra Barbosa de. **A reestruturação produtiva em um cluster da tecelagem Artesanal e os impactos no conteúdo do trabalho:** elementos para compreensão da relação saúde-trabalho. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Faculdade de Engenharia de Produção. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

OLIVEIRA. Rosiska Darcy de. Igualdade, desenvolvimento e paz. *In:* **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, 1995.

OLIVEIRA. Rosiska Darcy de. **Painel Políticas de protección social, economia del cuidado y equidad de género.** Disponível em: [http://www.eclac.cl/mujer/reuniones/mesa38/R\\_Darcy.pdf](http://www.eclac.cl/mujer/reuniones/mesa38/R_Darcy.pdf). Acesso em: dez. 2012.

OLIVEIRA. Rosiska Darcy de. **Reengenharia do tempo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

OSNY, Arashiro. **Elis Regina por ela mesma.** M. Claret, Rio de Janeiro: 1995.

PAIXÃO, Marcia; EGGERT, Edla. A Hermenêutica Feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. *In:* Edla Eggert (Org.). **Processos Educativos no**

**fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul.** Edunisc, Santa Cruz do Sul, 2011.

PAIXÃO, Marcia; EGGERT, Edla. **A retomada do conceito de opressão por meio dos cativeiros das mulheres de Marcela Lagarde:** questões para debate. Labrys (Edição em Português, *Online*), 2012.

PALUDO, Conceição. Educação Popular. *In:* STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PASSOS, Luiz Augusto. Leitura do Mundo. *In:* STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAZ, Octavio. **Sor Juana Ines de la Cruz o las trampas de la fé.** Cidade do México: FCE, 2012.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Fragmentos e Cacos de Experiência1- Relações sociais de poder e gênero na teologia wesleyana. *In:* **Revista Caminhando**, v. 8, n. 2, 2003.

PEREIRA, Nancy Cardoso. O papel é paciente, a história não é: cotidiano sagrado, educação e diversidade religiosa no Brasil. *In:* OLIVEIRA, Lilian, CECCHETTI, Elcio; CESARO, Rosa Assunta de (Org.). *In:* **Cultura e diversidade religiosa na América Latina - Pesquisas e perspectivas pedagógicas.** Blunemau: Edifurb, 2009.

PEREIRA, Milena. **O Ponto de Vista do Trabalho dos Artesãos Diante das Exigências competitivas em um Cluster de Tecelagem de Base artesanal.** 2008. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Faculdade de Engenharia de Produção. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

PERROT, Michelle & DUBY, Georges. **História das Mulheres.** Coimbra: Afrontamentos, 1990.

PERROT, Michelle. **Minha história sobre as mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Florianópolis: Edusc, 2005.

PESSOA, Fernando. **Obras completas**. Editora Nova Aguiar. Rio de Janeiro: 2003.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: História, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Editora SENAC. 2008.

PISANO, Margarita. El triunfo de la masculinidad. Disponível em: <http://webs.uvigo.es/pmayobre/pdf/pisano.pdf>. Acesso em: mar. 2012.

RESENDE, José Augusto de. **Livro de pálidas reminiscência da antiga lage**. Resende Costa: Amirco, 2010.

RESENDE, Vera Cruz. **Trilhas do passado**. Barbacena, 1996.

ROMÃO, José. Educação. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROSA, Graziela Rinaldi da. **Transgressão e moralidade na formação de uma matrona esclarecida: contradições na filosofia de educação nisiana**. Tese de Doutorado (doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2012.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. Gênero e patriarcado. *In*: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALGADO, Sebastião. **Êxodos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SALOPEK, Paul. Fuera del Edén. *In*: **National Geographic: Nuestro Êxodo**. Cidade del Mexico, v. 33, 2013.

SANTONI RUGIU, Antonio. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo. Cortez, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Towards a New Common Sense: Law, Science and politics in the paradigmatic Transition**. Nova Iorque: Routledge, 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: CES, 2009.

SANTOS, M. C. L.; SILVA, G. M.; MORETTI, A. R. **Artesanato: contando teares**. São João del Rei: Universidade Federal de São João del Rei, 1998.

SANTOS, M. C. L.; SILVA, Gustavo Melo da. **Tear: arte de Resende Costa, MG**. São João del Rei: Universidade Federal de São João del Rei, 1997.

SANTOS, Raquel. **História da programação: Como tudo começou!** Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/platb/desenvolvimento/category/historia/>>. Acesso em: 2013.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCOTT, Joan. Experiência. *In*: SILVA, Alcione (org). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1999.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SEN, Amartya. **Desigualdade reexaminada**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SENAC. **Fios e Fibras Oficina de artesanato**. Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2002.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SHIVA, Vandana. O empobrecimento do ambiente: as mulheres e as crianças para o fim. *In*: MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SILVA, Gustavo Melo da. **Mercados como Construções Sociais: Divisão do Trabalho, Organização e Estrutura Social de um Mercado em um Território Municipal**. 2010. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdade de Administração. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SILVA, Tisa Devincenzi. **O Artesanato e o Turismo no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://amigonerd.net/trabalho/24735-o-artesanato-e-o-turismo>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. **Educação não formal: cenários da criação**. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001.

SOARES, Vera. O feminismo e o machismo na percepção das mulheres brasileiras. *In*: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA, Sandra Duarte de. **A casa, as mulheres e a igreja: Gênero e a religião no contexto familiar**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

SOUZA, Debora Gerlane. **Salário e Qualidade do Emprego Feminino na Indústria Têxtil e Tecelagem do Algodão na Paraíba**. 1998. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Faculdade de Economia. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1998.

STRECK, Danilo (org). **Dizer a sua palavra: educação cidadã, pesquisa participante, orçamento público**. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

STRECK, Danilo. A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, maio/ago.2006.

STRECK, Danilo. Pedagogias. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STRECK, Danilo. Entre emancipação e regulação: (des)encontros entre educação popular e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, maio/ago. 2010.

SCHULTZ, Adilson. Culpa e responsabilidade: aspectos sócio-teológicos do processo de responsabilização de homens que cometem atos de violência contra a mulher. **Anais do II Congresso Internacional da EST**. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso>>. Acesso em: setembro 2014.

TEUBAL, Miguel. **Apuntes sobre el desarrollo**. Disponível em: <<http://otrosbicentenarios.blogspot.com.br/2008/12/otros-bicentenarioscabos-sueltos-de-un.html>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** – Historia oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOLSTÓI, Sofia. **Diários (1862-1919)**. Espanha: Colección Alba Clásica, 2011.



TORRES, Carlos Alberto. **A política da educação não formal na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRINDADE, Ana Paula Pires & TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Desafio das primeiras medicas brasileiras**. Disponível em: <[revistas.pucsp.br/index.php/hcensino/article/download/6435/5767](http://revistas.pucsp.br/index.php/hcensino/article/download/6435/5767)>. Acesso em: dez. 2012.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUCCI, Adriana de Mello. **Estudo de melhoria das condições de trabalho e layout na indústria de artefatos de vidro**. 2006. Dissertação de mestrado profissional. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

TWARDOKUS, Rolf Guenter. **Reuso de Água no Processo de Tingimento da Indústria Têxtil**. 2004. Dissertação (Mestrado em Engenharia Química) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química, Centro Tecnológico. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

VALENCIA, Sayak. **Negación y utopia: 1.ª mostra nacional de performance**. Cidade del Mexico, 2013 (não publicado).

VALENCIA, Sayak. **Capitalismo Gore**. Espanha: Melusina, 2010.

VELOSO, Caetano. **Dom de iludir**. Totalmente Demais - ao vivo - LP/CD Philips/Polygram, 1986.

VIANA, Hernaldo Marelin. **Pesquisa em Educação – a observação**. Brasília: Liber Livros, 2007.

VIRGENS, Rosaura Oliveira Vargas das. **Tecelagem Artesanal em Minaçu: ideias para um Projeto de Gestão**. 2003. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2003.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, dez. 2009.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, maio/ago. 2006.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. (Org.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação: Teoria e Prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

WELLER, Wivian. **Minha voz é tudo o que eu tenho** - Manifestações juvenis em Berlim e São Paulo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

WOOLF, Virginia. **Un cuarto propio**. Cidade do Mexico: Colofon, 2012.